

V CONFERÊNCIA GERAL
DO EPISCOPADO LATINO-AMERICANO E DO CARIBE
APARECIDA, 13-31 DE MAIO DE 2007
DOCUMENTO FINAL

SIGLAS

| | |
|------|---|
| AA | Apostolicam Actuositatem |
| AG | Ad Gentes |
| CIC | Catecismo da Igreja Católica |
| CDSI | Compêndio da Doutrina Social da Igreja |
| CDC | Código de Direito Canônico |
| ChD | Decreto Christus Dominus |
| ChL | Christifideles Laici |
| DCE | Deus Caritas est |
| DI | Discurso Inaugural de S.S. Bento XVI na V Conferência Geral do Episcopado Latino-americano. |
| DP | Documento de Puebla |
| DV | Dei Verbum |
| EAm | Exortação Apostólica Ecclesia in América. |
| ECE | Ex Corde Ecclesiae |
| EMCC | Instrução Erga Migrantes Caritas Christi |
| EN | Evangelii Nuntiandi |
| EV | Evangelium Vitae |
| FC | Familiaris Consortio |
| FR | Fides et Ratio |
| GE | Gravissimum Educationis |
| GS | Gaudium et Spes |
| HV | Humanae vitae |
| IM | Decreto Inter Mirifica |
| LÊ | Laborem Exercens |
| LG | Lumen Gentium |
| NAe | Declaración Nostra Aetate |
| NMI | Novo millennio ineunte |
| OT | Optatam Totius |
| PC | Perfectae Caritatis |
| PDV | Pastores Dabo Vobis |
| PG | Pastores gregis |

| | |
|-----|----------------------------|
| PP | Populorum Progressio |
| PO | Presbyterorum Ordinis |
| RM | Redemptoris Missio |
| RVM | Rosarium Virginis Mariae |
| SC | Sacrosanctum Concilium |
| SCa | Sacramentum caritatis |
| SD | Documento de Santo Domingo |
| SRS | Sollicitudo Rei Socialis |
| TMA | Tertio millenio adveniente |
| UR | Unitatis Redintegratio |
| UUS | Ut unum sint |
| VC | Vita consecrata |



Carta de S.S. Bento XVI aos irmãos
no Episcopado da América Latina e Caribe

Em 13 de maio passado, aos pés da Santíssima Virgem Nossa Senhora Aparecida, no Brasil, inaugurei com grande alegria a V Conferência Geral do Episcopado Latino-americano e do Caribe.

Conservo viva a grata recordação desse encontro, no qual estive unido a vocês no mesmo afeto por seus queridos povos e na mesma solicitude por ajudá-los a serem discípulos e missionários de Jesus Cristo, para que nEle tenham vida.

Ao mesmo tempo que expresso meu reconhecimento pelo amor a Cristo e à Igreja, e pelo espírito de comunhão que caracterizou a Conferência Geral, autorizo a publicação do Documento Conclusivo, pedindo ao Senhor que, em comunhão com a Santa Sé e com o devido respeito pela responsabilidade de cada Bispo em sua própria Igreja local, ele seja luz e alento para um rico trabalho pastoral e evangelizador nos anos vindouros.

Neste documento há numerosas e oportunas indicações pastorais, motivadas por ricas reflexões à luz da fé e do atual contexto social. Entre outras, li com particular apreço as palavras que exortam a dar prioridade à Eucaristia e à santificação do Dia do Senhor nos programas pastorais (cf. n. 251-252), assim como as que expressam o desejo de reforçar a formação cristã dos fiéis, em geral, e dos agentes de pastoral, em particular. Neste sentido, para *mim* foi motivo de alegria conhecer o desejo de realizar uma “Missão Continental” que as Conferências Episcopais e cada dio-

cese são chamadas a estudar e a realizar, convocando para isso todas as forças vivas, de modo que, caminhando a partir de Cristo, busque-se sua face (cf. *Novo millenio ineunte*, 29).

Ao mesmo tempo em que invoco a proteção da Santíssima Virgem em sua invocação de Aparecida, Patrona do Brasil, e também em sua advocação de Nossa Senhora de Guadalupe, Patrona da América e Estrela da Evangelização, com afeto invoco sobre vocês a Bênção Apostólica.

Vaticano, 29 de junho de 2007, solenidade dos santos Apóstolos Pedro e Paulo.

A handwritten signature in black ink on a white background. The text reads "Benedictus PP XVI" with a small flourish at the end.

INTRODUÇÃO

1. Com a luz do Senhor ressuscitado e com a força do Espírito Santo, nós os bispos da América nos reunimos em Aparecida, Brasil, para celebrar a V Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano e do Caribe. Fizemos isso como pastores que querem seguir estimulando a ação evangelizadora da Igreja, chamada a fazer de todos os seus membros discípulos e missionários de Cristo, Caminho, Verdade e Vida, para que nossos povos tenham vida nEle. Fazemos isso em comunhão com todas as Igrejas locais presentes na América. Maria, Mãe de Jesus Cristo e de seus discípulos, tem estado muito perto de nós, tem-nos acolhido, tem cuidado de nós e de nossos trabalhos, amparando-nos, como a João Diego e a nossos povos, na dobra de seu manto, sob sua maternal proteção. Temos pedido a ela, como mãe, perfeita discípula e pedagoga da evangelização, que nos ensine a ser filhos em seu Filho e a fazer o que Ele nos disser (cf. Jo 2,5).

2. Com alegria estivemos reunidos com o Sucessor de Pedro, Cabeça do Colégio Episcopal. Sua Santidade Bento XVI confirmou-nos no primado da fé em Deus, de sua verdade e amor, para o bem das pessoas e dos povos. Agradecemos a todos os seus ensinamentos, que foram iluminação e guia seguro para nossos trabalhos, especialmente seu Discurso inaugural. A lembrança agradecida dos últimos Papas, e em especial do seu rico Magistério que tem estado também presente em nossos trabalhos, merece especial memória e gratidão.

3. Sentimo-nos acompanhados pela oração de nosso povo católico, representado visivelmente pela companhia do Pastor e dos fiéis da Igreja de Deus em Aparecida, e pela multidão de peregrinos de todo o Brasil e de outros países da América ao Santuário, que nos edificaram e evangelizaram. Na comunhão dos santos, tivemos presentes todos aqueles que nos antecederam como discípulos e missionários na vinha do Senhor e especialmente a nossos santos latino-americanos, entre eles Santo Toribio de Mogrovejo, patrono do Episcopado latino-americano.

4. O Evangelho chegou a nossas terras em meio a um dramático e desigual encontro de povos e culturas. As “sementes do Verbo”¹ presentes nas culturas autóctones, facilitaram a nossos irmãos indígenas encontrarem no Evangelho respostas vitais às suas aspirações mais profundas: “Cristo era o Salvador que esperavam silenciosamente”.² A visitação de Nossa Senhora de Guadalupe foi acontecimento decisivo para o anúncio e reconhecimento de seu Filho, pedagogia e sinal de inculturação da fé, manifestação e renovado ímpeto missionário de propagação do Evangelho.³

5. Desde a primeira evangelização até os tempos recentes, a Igreja tem experimentado luzes e sombras.⁴ Ela escreveu páginas de nossa história com grande sabedoria e santidade. Sofreu também tempos difíceis, tanto por torturas e perseguições como pelas debilidades, compromissos mundanos e incoerências, em outras palavras, pelo pecado de seus filhos, que desfiguraram a novidade do Evangelho, a luminosidade da verdade e a prática

¹ Cf. Puebla, 401.

² Bento XVI, Discurso Inaugural da V Conferência, Aparecida, n. 1. Será citado como DI.

³ Cf. SD 15.

⁴ Bento XVI, Audiência Geral, quarta-feira 23 de maio de 2007. “Certamente que a recordação de um passado glorioso não pode ignorar as sombras que acompanharam a obra de evangelização do continente latino-americano: não é possível esquecer os sofrimentos e as injustiças que infligiram os colonizadores às populações indígenas, pisoteadas em seus direitos humanos fundamentais. Mas, a obrigatória menção desses crimes injustificáveis – já condenados por missionários como Bartolomeu de las Casas e por teólogos como Francisco de Vitória, da Universidade de Salamanca – não deve impedir de reconhecer com gratidão a admirável obra realizada pela graça divina entre essas populações ao longo destes séculos”.

da justiça e da caridade. No entanto, o mais decisivo na Igreja é sempre a ação santa de seu Senhor.

6. Por isso, diante de tudo damos graças a Deus e o louvamos por tudo o que nos tem sido dado. Acolhemos toda a realidade do Continente como dom: a beleza e fecundidade de suas terras, a riqueza de humanidade que se expressa nas pessoas, famílias, povos e culturas do Continente. Sobretudo nos tem sido dado Jesus Cristo, a plenitude da revelação de Deus, um tesouro incalculável, a “pérola preciosa” (cf. Mt 13,45-46), o Verbo de Deus feito carne, Caminho, Verdade e Vida dos homens e das mulheres, aos quais abre um destino de plena justiça e felicidade. Ele é o único Libertador e Salvador que, com sua morte e ressurreição, rompeu as cadeias opressivas do pecado e da morte, revelando o amor misericordioso do Pai e a vocação, dignidade e destino da pessoa humana.

7. As maiores riquezas de nossos povos são a fé no Deus amor e a tradição católica na vida e na cultura. Manifesta-se na fé madura de muitos batizados e na piedade popular que expressa “o amor a Cristo sofredor, o Deus da compaixão, do perdão e da reconciliação (...), o amor ao Senhor presente na Eucaristia (...), – o Deus próximo dos pobres e dos que sofrem, – a profunda devoção à Santíssima Virgem de Guadalupe, de Aparecida ou dos diversos títulos nacionais e locais”.⁵ Expressa-se também na caridade que em qualquer lugar anima gestos, obras e caminhos de solidariedade para com os mais necessitados e desamparados. Está presente também na consciência da dignidade da pessoa, na sabedoria diante da vida, na paixão pela justiça, na esperança contra toda esperança e na alegria de viver que move o coração de nossos povos, ainda que em condições muito difíceis. As raízes católicas permanecem na sua arte, linguagem, tradições e estilo de vida, ao mesmo tempo dramático e festivo, e no enfrentamento da realidade. Por isso, o Santo Padre nos responsa-

⁵ DI 1.

bilizou ainda mais, como Igreja, na “grande tarefa de proteger e alimentar a fé do povo de Deus”.⁶

8. O dom da tradição católica é um cimento fundamental de identidade, originalidade e unidade da América Latina e do Caribe: uma realidade histórico-cultural, marcada pelo Evangelho de Cristo, realidade na qual é grande o pecado – abandono de Deus, comportamentos viciosos, opressão, violência, ingratidões e misérias – porém, onde é bem maior a graça da vitória pascal. Nossa Igreja goza, não obstante as debilidades e misérias humanas, de alto índice de confiança e de credibilidade por parte do povo. A Igreja é morada de povos irmãos e casa dos pobres.

9. A V Conferência do Episcopado Latino-americano e Caribenho é novo passo no caminho da Igreja, especialmente a partir do Concílio Ecumênico Vaticano II. Ela dá continuidade e, ao mesmo tempo, recapitula o caminho de fidelidade, renovação e evangelização da Igreja latino-americana ao serviço de seus povos, que se expressou oportunamente nas Conferências Gerais anteriores do Episcopado (Rio, 1955; Medellín, 1968; Puebla, 1979; Santo Domingo, 1992). Em todas elas reconhecemos a ação do Espírito. Também nos lembramos da Assembléia Especial do Sínodo dos Bispos para a América (1997).

10. Esta V Conferência se propõe “a grande tarefa de proteger e alimentar a fé do povo de Deus e recordar também aos fiéis deste Continente que, em virtude de seu batismo, são chamados a ser discípulos e missionários de Jesus Cristo”.⁷ Com desafios e exigências, abre-se a passagem para um novo período da história, caracterizado pela desordem generalizada que se propaga por novas turbulências sociais e políticas, pela difusão de uma cultura distante e hostil à tradição cristã e pela emergência de variadas ofertas religiosas que tratam de responder, à sua maneira, à sede de Deus que nossos povos manifestam.

⁶ Ibid. 3.

⁷ Ibid. 3.

11. A Igreja é chamada a repensar profundamente e a relançar com fidelidade e audácia sua missão nas novas circunstâncias latino-americanas e mundiais. Ela não pode fechar-se frente àqueles que só vêem confusão, perigos e ameaças ou àqueles que pretendem cobrir a variedade e complexidade das situações com uma capa de ideologias gastas ou de agressões irresponsáveis. Trata-se de confirmar, renovar e revitalizar a novidade do Evangelho arraigada em nossa história, a partir de um encontro pessoal e comunitário com Jesus Cristo, que desperte discípulos e missionários. Isso não depende tanto de grandes programas e estruturas, mas de homens e mulheres novos que encarnem essa tradição e novidade, como discípulos de Jesus Cristo e missionários de seu Reino, protagonistas de uma vida nova para uma América Latina que deseja reconhecer-se com a luz e a força do Espírito.

12. Não resistiria aos embates do tempo uma fé católica reduzida a uma bagagem, a um elenco de algumas normas e de proibições, a práticas de devoção fragmentadas, a adesões seletivas e parciais das verdades da fé, a uma participação ocasional em alguns sacramentos, à repetição de princípios doutrinários, a moralismos brandos ou crispados que não convertem a vida dos batizados. Nossa maior ameaça “é o medíocre pragmatismo da vida cotidiana da Igreja, no qual, aparentemente, tudo procede com normalidade, mas na verdade a fé vai se desgastando e degenerando em mesquinhez”.⁸ A todos nos toca recomeçar a partir de Cristo,⁹ reconhecendo que “não se começa a ser cristão por uma decisão ética ou uma grande idéia, mas pelo encontro com um acontecimento, com uma Pessoa, que dá um novo horizonte à vida e, com isso, uma orientação decisiva”.¹⁰

⁸ RATZINGER, J. *Situação atual da fé e da teologia*. Conferência pronunciada no Encontro de Presidentes de Comissões Episcopais da América Latina para a doutrina da fé, celebrado em Guadalajara, México, 1996. Publicado em *L'Osservatore Romano*, em 1º de novembro de 1996.

⁹ Cf. NMI 28-29.

¹⁰ DCE 1.

13. Na América Latina e no Caribe, quando muitos de nossos povos se preparam para celebrar o bi-centenário de sua independência, encontramos-nos diante do desafio de revitalizar nosso modo de ser católico e nossas opções pessoais pelo Senhor, para que a fé cristã se enraíze mais profundamente no coração das pessoas e dos povos latino-americanos como acontecimento fundante e encontro vivificante com Cristo. Ele se manifesta como novidade de vida e missão em todas as dimensões da existência pessoal e social. Isso requer, a partir de nossa identidade católica, uma evangelização muito mais missionária, em diálogo com todos os cristãos e a serviço de todos os homens. Do contrário, “o rico tesouro do Continente Americano... seu patrimônio mais valioso: a fé no Deus de amor...”¹¹ corre o risco de seguir desgastando-se e diluindo-se de maneira crescente em diversos setores da população. Hoje se propõe escolher entre caminhos que conduzem à vida ou caminhos que conduzem à morte (cf. Dt 30,15). Caminhos de morte são os que levam a dilapidar os bens que recebemos de Deus através daqueles que nos precederam na fé. São caminhos que traçam uma cultura sem Deus e sem seus mandamentos ou inclusive contra Deus, animada pelos ídolos do poder, da riqueza e do prazer efêmero, a qual termina sendo uma cultura contra o ser humano e contra o bem dos povos latino-americanos. Caminhos de vida verdadeira e plena para todos, caminhos de vida eterna, são aqueles abertos pela fé que conduzem à “plenitude de vida que Cristo nos trouxe: com esta vida divina também se desenvolve em plenitude a existência humana, em sua dimensão pessoal, familiar, social e cultural”.¹² Essa é a vida que Deus nos partilha por seu amor gratuito, porque “é o amor que dá a vida”.¹³ Esses caminhos frutificam nos dons de verdade e amor que nos foram dados em Cristo, na comunhão dos discípulos e missionários do Senhor, para que a América La-

¹¹ Bento XVI, Homilia na Eucaristia de inauguração da V Conferência Geral do Episcopado Latino-americano, 13 de maio de 2007, Aparecida, Brasil.

¹² DI 4.

¹³ Bento XVI, Homilia na Eucaristia de inauguração da V Conferência Geral do Episcopado Latino-americano, 13 de maio de 2007, Aparecida, Brasil.

tina e o Caribe sejam efetivamente um continente no qual a fé, a esperança e o amor renovem a vida das pessoas e transformem as culturas dos povos.

14. O Senhor nos diz: “Não tenham medo” (Mt 28,5). Como às mulheres na manhã da Ressurreição ele nos repete: “Por que buscam entre os mortos aquele que está vivo?” (Lc 24,5). Os sinais da vitória de Cristo ressuscitado nos estimulam enquanto suplicamos a graça da conversão e mantemos viva a esperança que não engana. O que nos define não são as circunstâncias dramáticas da vida, nem os desafios da sociedade ou as tarefas que devemos empreender, mas acima de tudo o amor recebido do Pai graças a Jesus Cristo pela unção do Espírito Santo. Essa prioridade fundamental é a que tem presidido todos os nossos trabalhos, que oferecemos a Deus, à nossa Igreja, ao nosso povo, a cada um dos latino-americanos, enquanto elevamos ao Espírito Santo nossa confiante súplica para redescobrir a beleza e alegria de ser cristãos. Aqui está o desafio fundamental que afrontamos: mostrar a capacidade da Igreja para promover e formar discípulos e missionários que respondam à vocação recebida e comuniquem por toda parte, transbordando de gratidão e alegria, o dom do encontro com Jesus Cristo. Não temos outro tesouro a não ser este. Não temos outra felicidade nem outra prioridade senão a de sermos instrumentos do Espírito de Deus na Igreja, para que Jesus Cristo seja encontrado, seguido, amado, adorado, anunciado e comunicado a todos, não obstante todas as dificuldades e resistências. Este é o melhor serviço – o seu serviço! – que a Igreja deve oferecer às pessoas e nações.¹⁴

15. Nesta hora em que renovamos a esperança, queremos fazer nossas as palavras de SS. Bento XVI no início de seu Pontificado, fazendo eco a seu predecessor, o Servo de Deus, João Paulo II, e proclamá-las para toda a América Latina: Não temam! Abram, abram de par em par as portas a Cristo!... Quem

¹⁴ Cf. EN 1.

deixa Cristo entrar não perde nada, nada – absolutamente nada – do que faz a vida livre, bela e grande. Não! Só com esta amizade abrem-se as portas da vida. Só com esta amizade abrem-se realmente as grandes potencialidades da condição humana. Só com esta amizade experimentamos o que é belo e o que nos liberta... Não tenham medo de Cristo! Ele não tira nada e dá tudo. Quem se dá a Ele, recebe cem por um. Sim, abram, abram de par em par as portas a Cristo e encontrarão a verdadeira vida.¹⁵

16. “Esta V Conferência Geral se celebra em continuidade com as outras quatro que a precederam no Rio de Janeiro, Medellín, Puebla e Santo Domingo. Com o mesmo espírito que as animou, os pastores querem dar agora novo impulso à evangelização, a fim de que estes povos sigam crescendo e amadurecendo em sua fé, para serem luz do mundo e testemunhas de Jesus Cristo com a própria vida”.¹⁶ Como pastores da Igreja, estamos conscientes de que, “depois da IV Conferência Geral, em Santo Domingo, muitas coisas mudaram na sociedade. A Igreja, que participa dos gozos e esperanças, das tristezas e alegrias de seus filhos, quer caminhar ao seu lado neste período de tantos desafios, para infundir-lhes sempre esperança e consolo”.¹⁷

17. Nossa alegria, portanto, baseia-se no amor do Pai, na participação no mistério pascal de Jesus Cristo que, pelo Espírito Santo, nos faz passar da morte para a vida, da tristeza para a alegria, do absurdo para o sentido profundo da existência, do desalento para a esperança que não engana. Esta alegria não é sentimento artificialmente provocado nem estado de ânimo passageiro. O amor do Pai nos foi revelado em Cristo que nos convidou a entrar em seu reino. Ele nos ensinou a orar dizendo “Abba, Pai” (Rm 8,15; cf. Mt 6,9).

¹⁵ Cf. Bento XVI, Homilia no solene início do Ministério Petrino do Bispo de Roma, 24 de abril de 2005.

¹⁶ DI 2.

¹⁷ Ibid.

18. Conhecer a Jesus Cristo pela fé é nossa alegria; segui-lo é uma graça, e transmitir este tesouro aos demais é uma tarefa que o Senhor nos confiou ao nos chamar e nos escolher. Com os olhos iluminados pela luz de Jesus Cristo ressuscitado, podemos e queremos contemplar o mundo, a história, os nossos povos da América Latina e do Caribe, e cada um de seus habitantes.

PRIMEIRA PARTE

A VIDA DE NOSSOS POVOS HOJE

19. Em continuidade com as Conferências Gerais anteriores do Episcopado Latino-americano, este documento faz uso do método “ver, julgar e agir”. Este método implica em contemplar a Deus com os olhos da fé através de sua Palavra revelada e o contato vivificador dos Sacramentos, a fim de que, na vida cotidiana, vejamos a realidade que nos circunda à luz de sua providência e a julguemos segundo Jesus Cristo, Caminho, Verdade e Vida, e atuemos a partir da Igreja, Corpo Místico de Cristo e Sacramento universal de salvação, na propagação do Reino de Deus, que se semeia nesta terra e que frutifica plenamente no Céu. Muitas vozes, vindas de todo o Continente, ofereceram contribuições e sugestões nesse sentido, afirmando que este método tem colaborado para que vivamos mais intensamente nossa vocação e missão na Igreja: tem enriquecido nosso trabalho teológico e pastoral e, em geral, tem-nos motivado a assumir nossas responsabilidades diante das situações concretas de nosso continente. Este método nos permite articular, de modo sistemático, a perspectiva cristã de ver a realidade; a assunção de

critérios que provêm da fé e da razão para seu discernimento e valorização com sentido crítico; e, em consequência, a projeção do agir como discípulos missionários de Jesus Cristo. A adesão crente, alegre e confiante em Deus Pai, Filho e Espírito Santo e a inserção eclesial, são pressupostos indispensáveis que garantem a eficácia deste método.¹⁸

¹⁸ Cf. CELAM, Síntese das contribuições recebidas para a V Conferência Geral do Episcopado Latino-americano, 34-35.

Capítulo I

OS DISCÍPULOS MISSIONÁRIOS

20. Nossa reflexão a respeito do caminho das Igrejas da América Latina e do Caribe tem lugar em meio a luzes e sombras de nosso tempo. Afligem-nos, mas não nos confundem, as grandes mudanças que experimentamos. Temos recebido dons incalculáveis, que nos ajudam a olhar a realidade como discípulos missionários de Jesus Cristo.

21. A presença cotidiana e cheia de esperança de incontáveis peregrinos nos lembra os primeiros seguidores de Jesus Cristo que foram ao Jordão, onde João batizava, com a esperança de encontrar o Messias (cf. Mc 1,5). Eles se sentiram atraídos pela sabedoria das palavras de Jesus, pela bondade de seu trato e pelo poder de seus milagres. E pelo assombro inusitado que a pessoa de Jesus despertava, acolheram o dom da fé e vieram a ser discípulos de Jesus. Ao sair das trevas e das sombras de morte (cf. Lc 1,79), a vida deles adquiriu plenitude extraordinária: a de haver sido enriquecida com o dom do Pai. Viveram a história de seu povo e de seu tempo e passaram pelos caminhos do Império Romano, sem esquecer o encontro mais importante e decisivo de sua vida que os havia preenchido de luz, força e esperança: o encontro com Jesus, sua rocha, sua paz, sua vida.

22. Assim ocorre também a nós olhar a realidade de nossos povos e de nossa Igreja, com seus valores, suas limitações,

suas angústias e esperanças. Enquanto sofremos e nos alegrarmos, permanecemos no amor de Cristo, vendo nosso mundo e procurando discernir seus caminhos com a alegre esperança e a indizível gratidão de crer em Jesus Cristo. Ele é o Filho de Deus verdadeiro, o único Salvador da humanidade. A importância única e insubstituível de Cristo para nós, para a humanidade, consiste em que Cristo é o Caminho, a Verdade e a Vida. “Se não conhecemos a Deus em Cristo e com Cristo, toda a realidade se torna um enigma indecifrável; não há caminho e, não havendo caminho, não há vida nem verdade”.¹⁹ No clima cultural relativista que nos circunda se faz sempre mais importante e urgente enraizar e fazer amadurecer em todo o corpo eclesial a certeza de que Cristo, o Deus de rosto humano, é nosso verdadeiro e único salvador.

1.1. Ação de graças a Deus

23. Bendito seja Deus, Pai de nosso Senhor Jesus Cristo, que nos abençoou com toda sorte de bênçãos na pessoa de Cristo (cf. Ef 1,3). O Deus da Aliança, rico em misericórdia, nos amou primeiro; imerecidamente amou a cada um de nós; por isso o bendizemos, animados pelo Espírito Santo, Espírito vivificador, alma e vida da Igreja. Ele, que foi derramado em nossos corações, geme e intercede por nós e com seus dons nos fortalece em nosso caminho de discípulos e missionários.

24. Bendizemos a Deus com ânimo agradecido, porque nos chamou para sermos instrumentos de seu reino de amor e vida, de justiça e paz, pelo qual tantos se sacrificaram. Ele mesmo nos encomendou a obra de suas mãos para que cuidemos dela e a coloquemos a serviço de todos. Agradecemos a Deus porque nos faz colaboradores seus para que sejamos solidários com sua criação pela qual somos responsáveis. Bendizemos a Deus que nos deu a natureza criada que é seu primeiro livro,

¹⁹ Cf. DI 3.

para que possamos conhecer a Ele e viver nela como em nossa casa.

25. Damos graças a Deus que nos deu o dom da palavra, com a qual podemos comunicar-nos com Ele por meio de seu Filho, que é sua Palavra (cf. Jo 1,1), e entre nós. Damos graças a Ele que por seu grande amor fala a nós como a amigos (cf. Jo 15,14-15). Bendizemos a Deus que se nos dá na celebração da fé, especialmente na Eucaristia, pão de vida eterna. A ação de graças a Deus pelos numerosos e admiráveis dons que nos outorgou culmina com a celebração central da Igreja, que é a Eucaristia, alimento substancial dos discípulos e missionários. Também pelo Sacramento do Perdão que Cristo nos alcançou na cruz. Louvamos ao Senhor Jesus pelo presente de sua Mãe Santíssima, Mãe de Deus e Mãe da Igreja na América Latina e no Caribe, estrela da evangelização renovada, primeira discípula e grande missionária de nossos povos.

26. Iluminados pelo Cristo, o sofrimento, a injustiça e a cruz nos desafiam a viver como Igreja samaritana (cf. Lc 10,25-37), recordando que “a evangelização vai unida sempre à promoção humana e à autêntica libertação cristã”.²⁰ Damos graças a Deus e nos alegramos pela fé, solidariedade e alegria características de nossos povos, transmitidas ao longo do tempo pelas avós e avôs, as mães e pais, os catequistas, os rezadores e tantas pessoas anônimas, cuja caridade mantém viva a esperança em meio às injustiças e adversidades.

27. A Bíblia mostra reiteradamente que, quando Deus criou o mundo com sua Palavra, expressou satisfação, dizendo que era “bom” (Gn 1,21), e quando criou o ser humano, homem e mulher, disse que “era muito bom” (Gn 1,31). O mundo criado por Deus é belo. Procedemos de um desígnio divino de sabedoria e amor. Mas, através do pecado essa beleza originária foi desonrada e essa bondade ferida. Deus, por nosso Senhor Jesus Cris-

²⁰ DI 3.

to em seu mistério pascal, recriou o homem fazendo-o filho e dando-lhe a garantia de novos céus e de uma nova terra (cf. Ap 21,1). Levamos a imagem do primeiro Adão, mas somos chamados também, desde o princípio, a produzir a imagem de Jesus Cristo, novo Adão (cf. 1 Cor 15,45). A criação leva a marca do Criador e deseja ser libertada e “participar da gloriosa liberdade dos filhos de Deus” (Rm 8,21).

1.2. A alegria de ser discípulos e missionários de Jesus Cristo

28. Neste encontro, queremos expressar a alegria de sermos discípulos do Senhor e de termos sido enviados com o tesouro do Evangelho. Ser cristão não é uma carga, mas um dom: Deus Pai nos abençoou em Jesus Cristo seu Filho, Salvador do mundo.

29. Desejamos que a alegria que recebemos no encontro com Jesus Cristo, a quem reconhecemos como o Filho de Deus encarnado e redentor, chegue a todos os homens e mulheres feridos pelas adversidades; desejamos que a alegria da boa nova do Reino de Deus, de Jesus Cristo vencedor do pecado e da morte, chegue a todos quantos jazem à beira do caminho, pedindo esmola e compaixão (cf. Lc 10,29-37; 18,25-43). A alegria do discípulo é antídoto frente a um mundo atemorizado pelo futuro e oprimido pela violência e pelo ódio. A alegria do discípulo não é um sentimento de bem-estar egoísta, mas uma certeza que brota da fé, que serena o coração e capacita para anunciar a boa nova do amor de Deus. Conhecer a Jesus é o melhor presente que qualquer pessoa pode receber; tê-lo encontrado foi o melhor que ocorreu em nossas vidas, e fazê-lo conhecido com nossa palavra e obras é nossa alegria.

1.3. A missão da Igreja é evangelizar

30. A história da humanidade, história que Deus nunca abandona, transcorre sob seu olhar compassivo. Deus amou

tanto nosso mundo que nos deu o seu Filho. Ele anuncia a boa nova do Reino aos pobres e aos pecadores. Por isso, nós, como discípulos e missionários de Jesus, queremos e devemos proclamar o Evangelho, que é o próprio Cristo. Anunciamos a nossos povos que Deus nos ama, que sua existência não é ameaça para o homem, que Ele está perto com o poder salvador e libertador de seu Reino, que Ele nos acompanha na tribulação, que alenta incessantemente nossa esperança em meio a todas as provas. Os cristãos somos portadores de boas novas para a humanidade, não profetas de desventuras.

31. A Igreja deve cumprir sua missão seguindo os passos de Jesus e adotando suas atitudes (cf. Mt 9,35-36). Ele, sendo o Senhor, se fez servidor e obediente até à morte de cruz (cf. Fl 2,8); sendo rico, escolheu ser pobre por nós (cf. 2 Cor 8,9), ensinando-nos o caminho de nossa vocação de discípulos e missionários. No Evangelho aprendemos a sublime lição de ser pobres seguindo a Jesus pobre (cf. Lc 6,20; 9,58), e a de anunciar o Evangelho da paz sem bolsa ou alforje, sem colocar nossa confiança no dinheiro nem no poder deste mundo (cf. Lc 10,4 ss). Na generosidade dos missionários se manifesta a generosidade de Deus, na gratuidade dos apóstolos aparece a gratuidade do Evangelho.

32. No rosto de Jesus Cristo, morto e ressuscitado, maltratado por nossos pecados e glorificado pelo Pai, nesse rosto doente e glorioso,²¹ com o olhar da fé podemos ver o rosto humilhado de tantos homens e mulheres de nossos povos e, ao mesmo tempo, sua vocação à liberdade dos filhos de Deus, à plena realização de sua dignidade pessoal e à fraternidade entre todos. A Igreja está a serviço de todos os seres humanos, filhos e filhas de Deus.

²¹ Cf. NMI 25 e 28.

Capítulo II

OLHAR DOS DISCÍPULOS MISSIONÁRIOS SOBRE A REALIDADE

2.1 A realidade que nos desafia como discípulos e missionários

33. Os povos da América Latina e do Caribe vivem hoje uma realidade marcada por grandes mudanças que afetam profundamente suas vidas. Como discípulos de Jesus Cristo, sentimo-nos desafiados a discernir os “sinais dos tempos”, à luz do Espírito Santo, para nos colocar a serviço do Reino, anunciado por Jesus, que veio para que todos tenham vida e “para que a tenham em plenitude” (Jo 10,10).

34. A novidade dessas mudanças, diferentemente do ocorrido em outras épocas, é que elas têm alcance global que, com diferenças e matizes, afetam o mundo inteiro. Habitualmente são caracterizadas como o fenômeno da globalização. Um fator determinante dessas mudanças é a ciência e a tecnologia, com sua capacidade de manipular geneticamente a própria vida dos seres vivos, e com sua capacidade de criar uma rede de comunicações de alcance mundial, tanto pública como privada, para interagir em tempo real, ou seja, com simultaneidade, não obstante as distâncias geográficas. Como se costuma dizer, a história se acelerou e as próprias mudanças se tornam vertiginosas, visto que se comunica com grande velocidade a todos os cantos do planeta.

35. Essa nova escala mundial do fenômeno humano traz conseqüências em todos os campos de atividade da vida social, impactando a cultura, a economia, a política, as ciências, a educação, o esporte, as artes e também, naturalmente, a religião. Interessa-nos, como pastores da Igreja, saber como esse fenômeno afeta a vida de nossos povos e o sentido religioso e ético de nossos irmãos que buscam infatigavelmente o rosto de Deus, e que, no entanto, devem fazê-lo agora desafiados por novas linguagens do domínio técnico, que nem sempre revelam, mas que também ocultam o sentido divino da vida humana redimida em Cristo. Sem uma clara percepção do mistério de Deus, torna-se opaco também o desígnio amoroso e paternal de uma vida digna para todos os seres humanos.

36. Nesse novo contexto social, a realidade para o ser humano se tornou cada vez mais sem brilho e complexa. Isso quer dizer que qualquer pessoa individual necessita sempre mais informação, se deseja exercer sobre a realidade o senhorio a que, por vocação, está chamada. Isso nos tem ensinado a olhar a realidade com mais humildade, sabendo que ela é maior e mais complexa que as simplificações com que costumávamos vê-la em passado ainda não muito distante e que, em muitos casos, introduziram conflitos na sociedade, deixando muitas feridas que ainda não chegaram a cicatrizar. Também se tornou difícil perceber a unidade de todos os fragmentos dispersos que resultam da informação que reunimos. É freqüente que alguns queiram olhar a realidade unilateralmente a partir da informação econômica, outros a partir da informação política ou científica, outros a partir do entretenimento ou do espetáculo. No entanto, nenhum desses critérios parciais consegue propor-nos um significado coerente para tudo o que existe. Quando as pessoas percebem essa fragmentação e limitação, costumam sentir-se frustradas, ansiosas, angustiadas. A realidade social parece muito grande para uma consciência que, levando em consideração sua falta de saber e informação, facilmente se crê insignificante, sem ingerência alguma nos acontecimentos, mesmo

quando soma sua voz a outras vozes que procuram ajudar-se reciprocamente.

37. Essa é a razão pela qual muitos estudiosos de nossa época sustentam que a realidade traz inseparavelmente uma crise do sentido. Eles não se referem aos múltiplos sentidos parciais que cada um pode encontrar nas ações cotidianas que realiza, mas ao sentido que dá unidade a tudo o que existe e nos sucede na experiência, e que os cristãos chamam de sentido religioso. Habitualmente, este sentido se coloca à nossa disposição através de nossas tradições culturais que representam a hipótese de realidade com que cada ser humano pode olhar o mundo em que vive. Em nossa cultura latino-americana e caribenha conhecemos o papel tão nobre e orientador que a religiosidade popular desempenha, especialmente a devoção mariana, que contribuiu para nos tornar mais conscientes de nossa comum condição de filhos de Deus e de nossa comum dignidade perante seus olhos, não obstante as diferenças sociais, étnicas ou de qualquer outro tipo.

38. No entanto, devemos admitir que essa preciosa tradição começa a diluir-se. A maioria dos meios de comunicação de massa nos apresentam agora novas imagens, atrativas e cheias de fantasia. Ainda que todos saibam que elas não podem mostrar o sentido unitário de todos os fatores da realidade, oferecem ao menos o consolo de ser transmitidas em tempo real, ao vivo e diretamente, com atualidade. Longe de preencher o vazio produzido em nossa consciência pela falta de um sentido unitário da vida, em muitas ocasiões a informação transmitida pelos meios só nos distrai. A falta de informação só se resolve com mais informação, retro-alimentando a ansiedade de quem percebe que está em um mundo opaco e que não compreende.

39. Esse fenômeno talvez explique um dos fatos mais desconcertantes e originais que vivemos no presente. Nossas tradições culturais já não se transmitem de uma geração à outra com a mesma fluidez que no passado. Isso afeta, inclusive, esse nú-

cleo mais profundo de cada cultura, constituído pela experiência religiosa, que se torna agora igualmente difícil de ser transmitido através da educação e da beleza das expressões culturais, alcançando inclusive a própria família que, como lugar do diálogo e da solidariedade inter-geracional, havia sido um dos veículos mais importantes da transmissão da fé. Os meios de comunicação invadiram todos os espaços e todas as conversas, introduzindo-se também na intimidade do lar. Ao lado da sabedoria das tradições, localizam-se agora, em competição, a informação de último minuto, a distração, o entretenimento, as imagens dos vencedores que souberam usar a seu favor as ferramentas tecnológicas e as expectativas de prestígio e estima social. Isso faz com que as pessoas busquem denodadamente uma experiência de sentido que preencha as exigências de sua vocação, ali onde nunca poderão encontrá-la.

40. Entre os pressupostos que enfraquecem e menosprezam a vida familiar, encontramos a ideologia de gênero, segundo a qual cada um pode escolher sua orientação sexual, sem levar em consideração as diferenças dadas pela natureza humana. Isso tem provocado modificações legais que ferem gravemente a dignidade do matrimônio, o respeito ao direito à vida e a identidade da família.²²

41. Por essa razão, os cristãos precisam recomeçar a partir de Cristo, a partir da contemplação de quem nos revelou em seu mistério a plenitude do cumprimento da vocação humana e de seu sentido. Necessitamos fazer-nos discípulos dóceis, para aprendermos dEle, em seu seguimento, a dignidade e a plenitude da vida. E necessitamos, ao mesmo tempo, que o zelo missionário nos consuma para levar ao coração da cultura de nosso tempo aquele sentido unitário e completo da vida humana que

²² Cf. Congregação para a Doutrina da Fé, *Carta aos Bispos da Igreja Católica sobre a colaboração do homem e da mulher na Igreja e no mundo*, n. 2, 31 de maio de 2004, que cita o Pontifício Conselho para a Família, *Família, matrimônio e "uniões de fato"*, n. 8, 21 de novembro de 2000.

nem a ciência, nem a política, nem a economia nem os meios de comunicação poderão proporcionar-lhe. Em Cristo Palavra, Sabedoria de Deus (cf. 1 Cor 1,30), a cultura pode voltar a encontrar seu centro e sua profundidade, a partir de onde é possível olhar a realidade no conjunto de todos seus fatores, discernindo-os à luz do Evangelho e dando a cada um seu lugar e sua dimensão adequada.

42. Como nos disse o Papa em seu discurso inaugural: “só quem reconhece a Deus, conhece a realidade e pode responder a ela de modo adequado e realmente humano”.²³ A sociedade que coordena suas atividades só mediante múltiplas informações, acredita que pode agir de fato como se Deus não existisse. Mas a eficácia dos procedimentos conseguida mediante a informação, ainda que com as tecnologias mais desenvolvidas, não consegue satisfazer o desejo de dignidade inscrito no mais profundo da vocação humana. Por isso, não basta supor que a mera diversidade de pontos de vista, de opções e, finalmente, de informações, que costuma receber o nome de pluri ou multiculturalidade, resolverá a ausência de um significado unitário para tudo o que existe. A pessoa humana é, em sua própria essência, o lugar da natureza para onde converge a variedade dos significados em uma única vocação de sentido. As pessoas não se assustam com a diversidade. O que de fato as assusta é não conseguirem reunir o conjunto de todos esses significados da realidade em uma compreensão unitária que lhes permita exercer sua liberdade com discernimento e responsabilidade. A pessoa sempre procura a verdade de seu ser, visto que é esta verdade que ilumina a realidade de tal modo que possa nela se desenvolver com liberdade e alegria, com prazer e esperança.

2.1.1 Situação sócio-cultural

43. Portanto, a realidade social que em sua dinâmica atual descrevemos com a palavra globalização, antes que qualquer ou-

²³ DI 3.

tra dimensão, impacta a nossa cultura e o modo como nos inserimos e nos apropriamos dela. A variedade e riqueza das culturas latino-americanas, desde as mais originárias até aquelas que com a passagem da história e a mestiçagem de seus povos foram se sedimentando nas nações, nas famílias, nos grupos sociais, nas instituições educativas e na convivência cívica, constitui um dado bastante evidente para nós e que valorizamos como riqueza singular. O que hoje em dia está em jogo não é a diversidade que os meios de comunicação são capazes de individualizar e registrar. O que ninguém esquece é, pelo contrário, a possibilidade de que essa diversidade possa convergir em uma síntese que, envolvendo a variedade de sentidos, seja capaz de projetá-la em um destino histórico comum. Nisso reside o valor incomparável do ânimo mariano de nossa religiosidade popular que, sob distintos nomes, tem sido capaz de fundir as diversas histórias latino-americanas em uma história compartilhada: aquela que conduz a Cristo, Senhor da vida, em quem se realiza a mais alta dignidade de nossa vocação humana.

44. Vivemos uma mudança de época, e seu nível mais profundo é o cultural. Dissolve-se a concepção integral do ser humano, sua relação com o mundo e com Deus; “aqui está precisamente o grande erro das tendências dominantes do último século... Quem exclui Deus de seu horizonte, falsifica o conceito da realidade e só pode terminar em caminhos equivocados e com receitas destrutivas.”²⁴ Surge hoje, com grande força, uma sobrevalorização da subjetividade individual. Independentemente de sua forma, a liberdade e a dignidade da pessoa são reconhecidas. O individualismo enfraquece os vínculos comunitários e propõe uma radical transformação do tempo e do espaço, dando papel primordial à imaginação. Os fenômenos sociais, econômicos e tecnológicos estão na base da profunda vivência do tempo, o qual se concebe fixado no próprio presente, trazendo concepções de inconsistência e instabilidade. Deixa-se de lado a preo-

²⁴ Ibid.

cupação pelo bem comum para dar lugar à realização imediata dos desejos dos indivíduos, à criação de novos e muitas vezes arbitrários direitos individuais, aos problemas da sexualidade, da família, das enfermidades e da morte.

45. A ciência e a técnica quando colocadas exclusivamente a serviço do mercado, com os critérios únicos da eficácia, da rentabilidade e do funcional, criam uma nova visão da realidade. A utilização dos meios de comunicação de massa está introduzindo na sociedade um sentido estético, uma visão a respeito da felicidade, uma percepção da realidade e até uma linguagem, que querem impor-se como autêntica cultura. Desse modo, termina-se por destruir o que de verdadeiramente humano há nos processos de construção cultural, que nascem do intercâmbio pessoal e coletivo.

46. Verifica-se, em nível massivo, uma espécie de nova colonização cultural pela imposição de culturas artificiais, desprezando as culturas locais e com tendências a impor uma cultura homogeneizada em todos os setores. Essa cultura se caracteriza pela auto-referência do indivíduo, que conduz à indiferença pelo outro, de quem não necessita e por quem não se sente responsável. Prefere-se viver o dia-a-dia, sem programas a longo prazo nem apegos pessoais, familiares e comunitários. As relações humanas estão sendo consideradas objetos de consumo, conduzindo a relações afetivas sem compromisso responsável e definitivo.

47. Também se verifica uma tendência para a afirmação exasperada de direitos individuais e subjetivos. Essa busca é pragmática e imediatista, sem preocupação com critérios éticos. A afirmação dos direitos individuais e subjetivos, sem um esforço semelhante para garantir os direitos sociais culturais e solidários, resulta em prejuízo da dignidade de todos, especialmente daqueles que são mais pobres e vulneráveis.

48. Nesta hora da América Latina e do Caribe, é imperativo tomar consciência da situação precária que afeta a dignidade

de muitas mulheres. Algumas, desde crianças e adolescentes, são submetidas a múltiplas formas de violência dentro e fora de casa: tráfico, violação, escravização e assédio sexual; desigualdades na esfera do trabalho, da política e da economia; exploração publicitária por parte de muitos meios de comunicação social que as tratam como objeto de lucro.

49. As mudanças culturais modificaram os papéis tradicionais de homens e mulheres, que procuram desenvolver novas atitudes e estilos de suas respectivas identidades, potencializando todas as suas dimensões humanas na convivência cotidiana, na família e na sociedade, às vezes por vias equivocadas.

50. A avidez do mercado descontrola o desejo de crianças, jovens e adultos. A publicidade conduz ilusoriamente a mundos distantes e maravilhosos, onde todo desejo pode ser satisfeito pelos produtos que têm caráter eficaz, efêmero e até messiânico. Legitima-se que os desejos se tornem felicidade. Como só se necessita do imediato, a felicidade se pretende alcançar através do bem-estar econômico e da satisfação hedonista.

51. As novas gerações são as mais afetadas por essa cultura do consumo em suas aspirações pessoais profundas. Crescem na lógica do individualismo pragmático e narcisista, que desperta nelas mundos imaginários especiais de liberdade e igualdade. Afirmam o presente porque o passado perdeu relevância diante de tantas exclusões sociais, políticas e econômicas. Para elas o futuro é incerto. Assim mesmo, participam da lógica da vida como espetáculo, considerando o corpo como ponto de referência de sua realidade presente. Têm nova atração pelas sensações e crescem na grande maioria sem referência aos valores e instâncias religiosas. Em meio à realidade de mudança cultural, emergem novos sujeitos, com novos estilos de vida, maneiras de pensar, de sentir, de perceber e com novas formas de se relacionar. São produtores e atores da nova cultura.

52. Entre os aspectos positivos dessa mudança cultural aparece o valor fundamental da pessoa, de sua consciência e experiência, a busca do sentido da vida e da transcendência. Para dar resposta à busca mais profunda do significado da vida, o fracasso das ideologias dominantes permitiu que a simplicidade e o reconhecimento do fraco e do pequeno na existência surgissem como valor, com grande capacidade e potencial que não podem ser desvalorizados. Essa ênfase na apreciação da pessoa abre novos horizontes, onde a tradição cristã adquire renovado valor, sobretudo quando a pessoa se reconhece no Verbo encarnado que nasce em um estábulo e assume uma condição humilde, de pobre.

53. A necessidade de construir o próprio destino e o desejo de encontrar razões para a existência podem colocar em movimento o desejo de se encontrar com outros e compartilhar o vivido, como maneira de dar a si uma resposta. Trata-se de uma afirmação da liberdade pessoal e, por isso, da necessidade de questionar em profundidade as próprias convicções e opções.

54. Porém, junto com a ênfase na responsabilidade individual em meio a sociedades que promovem o acesso aos bens através dos meios, paradoxalmente, se nega às grandes maiorias o acesso aos mesmos bens que constituem elementos básicos e essenciais para viverem como pessoas.

55. A ênfase na experiência pessoal e no vivencial nos leva a considerar o testemunho como componente chave na vivência da fé. Os fatos são valorizados quando são significativos para a pessoa. Na linguagem testemunhal podemos encontrar um ponto de contato com as pessoas que compõem a sociedade e delas entre si.

56. Por outro lado, a riqueza e a diversidade cultural dos povos da América Latina e do Caribe se tornam evidentes. Existem em nossa região diversas culturas indígenas, afro-americanas, mestiças, camponesas, urbanas e suburbanas. As culturas

indígenas se caracterizam sobretudo por seu apego profundo à terra, pela vida comunitária e por uma certa procura de Deus. Os afro-americanos se caracterizam, entre outros elementos, pela expressividade corporal, o enraizamento familiar e o sentido de Deus. A cultura camponesa se relaciona ao ciclo agrário. A cultura mestiça, que é a mais extensa entre muitos povos da região, tem buscado em meio às contradições sintetizar ao longo da história essas múltiplas fontes culturais originárias, facilitando o diálogo das respectivas cosmovisões e permitindo sua convergência em uma história compartilhada. A essa complexidade cultural se deveria acrescentar também a de tantos imigrantes europeus que se estabeleceram nos países de nossa região.

57. Essas culturas coexistem em condições desiguais com a chamada cultura globalizada. Elas exigem reconhecimento e oferecem valores que constituem uma resposta aos anti-valores da cultura que se impõem através dos meios de comunicação de massas: comunitarismo, valorização da família, abertura à transcendência e solidariedade. Essas culturas são dinâmicas e estão em interação permanente entre si e com as diferentes propostas culturais.

58. A cultura urbana é híbrida, dinâmica e mutável, pois amalgama múltiplas formas, valores e estilos de vida e afeta todas as coletividades. A cultura suburbana é fruto de grandes migrações de população, em sua maioria pobre, que se estabeleceu ao redor das cidades nos cinturões de miséria. Nessas culturas os problemas de identidade e pertença, relação, espaço vital e lar são cada vez mais complexos.

59. Existem também comunidades de migrantes que deixaram as culturas e tradições trazidas de suas terras de origem, sejam cristãs ou de outras religiões. Por sua vez, essa diversidade inclui comunidades que se foram formando com a chegada de diferentes denominações cristãs e outros grupos religiosos. Assumir a diversidade cultural, que é imperativo do momento,

envolve superar os discursos que pretendem uniformizar a cultura, com enfoques baseados em modelos únicos.

2.1.2 Situação econômica

60. O Papa, em seu Discurso Inaugural, vê a globalização como um fenômeno “de relações de nível planetário”, considerando-o “uma conquista da família humana”, porque favorece o acesso a novas tecnologias, mercados e finanças. As altas taxas de crescimento de nossa economia regional e, particularmente, seu desenvolvimento urbano, não seriam possíveis sem a abertura ao comércio internacional, sem acesso às tecnologias de última geração, sem a participação de nossos cientistas e técnicos no desenvolvimento internacional do conhecimento e sem o alto investimento registrado nos meios eletrônicos de comunicação. Tudo isso leva também consigo o surgimento de uma classe média tecnologicamente letrada. Ao mesmo tempo, a globalização se manifesta como a profunda aspiração do gênero humano à unidade. Não obstante esses avanços, o Papa também assinala que a globalização “comporta o risco dos grandes monopólios e de converter o lucro em valor supremo”. Por isso, Bento XVI enfatiza que “como em todos os campos da atividade humana, a globalização deve reger-se também pela ética, colocando tudo a serviço da pessoa humana, criada à imagem e semelhança de Deus”.²⁵

61. A globalização é um fenômeno complexo que possui diversas dimensões (econômicas, políticas, culturais, comunicacionais, etc). Para sua justa valorização, é necessária uma compreensão analítica e diferenciada que permita detectar tanto seus aspectos positivos quanto os negativos. Lamentavelmente, a face mais difundida e de êxito da globalização é sua dimensão econômica, que se sobrepõe e condiciona as outras dimensões da vida humana. Na globalização, a dinâmica do mercado absolutiza com facilidade a eficácia e a produtividade

²⁵ DI 2.

como valores reguladores de todas as relações humanas. Esse caráter peculiar faz da globalização um processo promotor de iniquidades e injustiças múltiplas. A globalização, tal como está configurada atualmente, não é capaz de interpretar e reagir em função de valores objetivos que se encontram além do mercado e que constituem o mais importante da vida humana: a verdade, a justiça, o amor, e muito especialmente a dignidade e os direitos de todos, inclusive daqueles que vivem à margem do próprio mercado.

62. Conduzida por uma tendência que privilegia o lucro e estimula a concorrência, a globalização segue uma dinâmica de concentração de poder e de riqueza em mãos de poucos. Concentração não só dos recursos físicos e monetários, mas sobretudo da informação e dos recursos humanos, o que produz a exclusão de todos aqueles não suficientemente capacitados e informados, aumentando as desigualdades que marcam tristemente nosso continente e que mantêm na pobreza uma multidão de pessoas. O que existe hoje é a pobreza de conhecimento e do uso e acesso a novas tecnologias. Por isso, é necessário que os empresários assumam sua responsabilidade de criar mais fontes de trabalho e de investir na superação dessa nova pobreza.

63. Não se pode negar que o predomínio dessa tendência não elimina a possibilidade de se formarem pequenas e médias empresas. Elas se associam ao dinamismo exportador da economia, prestam-lhe serviços colaterais ou aproveitam nichos específicos do mercado interno. No entanto, sua fragilidade econômica e financeira e a pequena escala em que se desenvolvem, as tornam extremamente vulneráveis frente às taxas de juros, ao risco do câmbio, aos custos previsíveis e à variação nos preços de seus insumos. A debilidade dessas empresas se associa à precariedade do emprego que estão em condições de oferecer. Sem uma política de proteção específica dos Estados frente a elas, corre-se o risco de que as economias de escala dos grandes con-

sórcios termine por se impor como única forma determinante do dinamismo econômico.

64. Por isso, frente a essa forma de globalização, sentimos forte chamado para promover uma globalização diferente, que esteja marcada pela solidariedade, pela justiça e pelo respeito aos direitos humanos, fazendo da América Latina e do Caribe não só o Continente da esperança, mas também o Continente do amor, como propôs SS. Bento XVI no Discurso Inaugural desta Conferência.

65. Isso nos deveria levar a contemplar os rostos daqueles que sofrem. Entre eles, estão as comunidades indígenas e afro-americanas que, em muitas ocasiões, não são tratadas com dignidade e igualdade de condições; muitas mulheres são excluídas, em razão de seu sexo, raça ou situação sócio-econômica; jovens que recebem uma educação de baixa qualidade e não têm oportunidades de progredir em seus estudos nem de entrar no mercado de trabalho para se desenvolver e constituir uma família; muitos pobres, desempregados, migrantes, deslocados, agricultores sem terra, aqueles que procuram sobreviver na economia informal; meninos e meninas submetidos à prostituição infantil, ligada muitas vezes ao turismo sexual; também as crianças vítimas do aborto. Milhões de pessoas e famílias vivem na miséria e inclusive passam fome. Preocupam-nos também os dependentes das drogas, as pessoas com limitações físicas, os portadores e vítimas de enfermidades graves como a malária, a tuberculose e HIV-AIDS, que sofrem a solidão e se vêem excluídos da convivência familiar e social. Não esqueçamos também os seqüestrados e os que são vítimas da violência, do terrorismo, de conflitos armados e da insegurança na cidade. Também os anciãos que, além de se sentirem excluídos do sistema produtivo, vêem-se muitas vezes recusados por sua família como pessoas incômodas e inúteis. Sentimos as dores, enfim, da situação desumana em que vive a grande maioria dos presos, que também necessitam de nossa presença solidária e de nossa ajuda fraterna. Uma

globalização sem solidariedade afeta negativamente os setores mais pobres. Já não se trata simplesmente do fenômeno da exploração e opressão, mas de algo novo: a exclusão social. Com ela a pertença à sociedade na qual se vive fica afetada na raiz, pois já não está abaixo, na periferia ou sem poder, mas está fora. Os excluídos não são somente “explorados”, mas “supérfluos” e “descartáveis”.

66. As instituições financeiras e as empresas transnacionais se fortalecem ao ponto de subordinar as economias locais, sobretudo debilitando os Estados, que aparecem cada vez mais impotentes para levar adiante projetos de desenvolvimento a serviço de suas populações, especialmente quando se trata de investimentos de longo prazo e sem retorno imediato. As indústrias extrativistas internacionais e a agroindústria, muitas vezes, não respeitam os direitos econômicos, sociais, culturais e ambientais das populações locais e não assumem suas responsabilidades. Com muita frequência se subordina a preservação da natureza ao desenvolvimento econômico, com danos à biodiversidade, com o esgotamento das reservas de água e de outros recursos naturais, com a contaminação do ar e a mudança climática. As possibilidades e eventuais problemas da produção de agrocombustíveis devem ser estudadas, de tal maneira que prevaleça o valor da pessoa humana e de suas necessidades de sobrevivência. A América Latina possui os aquíferos mais abundantes do planeta, junto com grandes extensões de território selvagem, que são pulmões da humanidade. Assim se dão gratuitamente ao mundo serviços ambientais que não são reconhecidos economicamente. A região se vê afetada pelo aquecimento da terra e a mudança climática provocada principalmente pelo estilo de vida não sustentável dos países industrializados.

67. A globalização tem celebrado freqüentes Tratados de Livre Comércio entre países com economias assimétricas, que nem sempre beneficiam os países mais pobres. Ao mesmo tempo, pressiona-se aos países da região com exigências desmedidas

em matéria de propriedade intelectual, a tal ponto que se permitem direitos de patente sobre a vida em todas as suas formas. Além disso, a utilização de organismos geneticamente manipulados tem mostrado que nem sempre a globalização contribui para o combate contra a fome, nem para o desenvolvimento rural sustentável.

68. Ainda que se tenha progredido muitíssimo no controle da inflação e na estabilidade macro-econômica dos países da região, muitos governos se encontram severamente limitados para o financiamento de seu orçamento público pelos elevados serviços da dívida externa²⁶ e interna, enquanto, por outro lado, não contam com sistemas tributários verdadeiramente eficientes, progressivos e eqüitativos.

69. A atual concentração de renda e riqueza acontece principalmente pelos mecanismos do sistema financeiro. A liberdade concedida aos investimentos financeiros favorecem o capital especulativo, que não tem incentivos para fazer investimentos produtivos de longo prazo, mas busca o lucro imediato nos negócios com títulos públicos, moedas e derivados. No entanto, segundo a Doutrina Social da Igreja, “o objeto da economia é a formação da riqueza e seu incremento progressivo, em termos não só quantitativos, mas qualitativos: tudo é moralmente correto se está orientado para o desenvolvimento global e solidário do homem e da sociedade na qual vive e trabalha. O desenvolvimento, na verdade, não se pode reduzir a mero processo de acumulação de bens e serviços. Ao contrário, a pura acumulação, ainda que para o bem comum, não é condição suficiente para a realização de uma autêntica felicidade humana”.²⁷ A empresa é chamada a prestar uma contribuição maior na sociedade, assumindo a chamada responsabilidade social-empresarial, a partir dessa perspectiva.

²⁶ Cf. TMA 51; Bento XVI, Carta à Chanceler da República Federal da Alemanha, Ângela Merkel, 12 de dezembro de 2006.

²⁷ Compêndio da Doutrina Social da Igreja, 334.

70. É também alarmante o nível de corrupção nas economias, envolvendo tanto o setor público quanto o setor privado, ao que se soma notável falta de transparência e prestação de contas à cidadania. Em muitas ocasiões, a corrupção está vinculada ao flagelo do narcotráfico ou do narconegócio, e por outro lado vem destruindo o tecido social e econômico em regiões inteiras.

71. A população economicamente ativa da região é afetada pelo subemprego (42%) e pelo desemprego (9%), e quase a metade está empregada no trabalho informal. O trabalho formal, por sua vez, se vê submetido à precariedade das condições de emprego e à pressão constante da subcontratação, que traz consigo salários mais baixos e falta de proteção na área da seguridade social, não permitindo a muitos o desenvolvimento de uma vida digna. Nesse contexto, os sindicatos perdem a possibilidade de defender os direitos dos trabalhadores. Por outro lado, é possível destacar fenômenos positivos e criativos para enfrentar tal situação por parte dos afetados, que vêm estimulando diversas experiências, como por exemplo micro-finanças, economia local e solidária e comércio justo.

72. Os homens do campo, em sua maioria, sofrem por causa da pobreza, agravada por não terem acesso à terra própria. No entanto, existem grandes latifúndios em mãos de poucos. Em alguns países, essa situação tem levado a população a exigir uma Reforma Agrária, estando atentos aos males que lhes podem ocasionar os Tratados de Livre Comércio, a manipulação da droga e outros fatores.

73. Um dos fenômenos mais importantes em nossos países é o processo de mobilidade humana, em sua dupla expressão de migração e itinerância, em que milhões de pessoas migram ou se vêem forçadas a migrar dentro e fora de seus respectivos países. As causas são diversas e estão relacionadas com a situação econômica, a violência em suas diversas formas, a pobreza que afeta as pessoas e a falta de oportunidades para a pesquisa e o de-

envolvimento profissional. Em muitos casos, as conseqüências são de enorme gravidade em nível pessoal, familiar e cultural. A perda do capital humano de milhões de pessoas, de profissionais qualificados, de pesquisadores e amplos setores camponeses, vai nos empobrecendo cada vez mais. A exploração do trabalho chega, em alguns casos, a gerar condições de verdadeira escravidão. Acontece também um vergonhoso tráfico de pessoas, que inclui a prostituição, inclusive de menores. Merece especial menção a situação dos refugiados, que questiona a capacidade de acolhida da sociedade e das igrejas. Por outro lado, no entanto, a remessa de divisas dos emigrados a seus países de origem se tem tornado uma importante e, às vezes, insubstituível fonte de recursos para diversos países da região, ajudando o bem-estar e a mobilidade social ascendente daqueles que conseguem participar com êxito nesse processo.

2.1.3 Dimensão sócio-política

74. Constatamos um certo progresso democrático que se demonstra em diversos processos eleitorais. No entanto, vemos com preocupação o acelerado avanço de diversas formas de regressão autoritária por via democrática que, em certas ocasiões, resultam em regimes de corte neo-populista. Isso indica que não basta uma democracia puramente formal, fundada em procedimentos eleitorais honestos, mas que é necessária uma democracia participativa e baseada na promoção e respeito dos direitos humanos. Uma democracia sem valores como os mencionados torna-se facilmente ditadura e termina traindo o povo.

75. Com a presença da Sociedade Civil assumindo uma atitude mais protagonista e a irrupção de novos atores sociais como os indígenas, os afro-americanos, as mulheres, os profissionais, uma extensa classe média e os setores marginalizados organizados, vem se fortalecendo a democracia participativa e estão se criando maiores espaços de participação política. Esses grupos estão tomando consciência do poder que têm

nas mãos e da possibilidade de gerarem mudanças importantes para a conquista de políticas públicas mais justas, que revertam sua situação de exclusão. Nesse plano, percebe-se também uma crescente influência de organismos das Nações Unidas e de Organizações Não-Governamentais de caráter internacional, que nem sempre ajustam suas recomendações a critérios éticos. Não faltam também atuações que radicalizam as posições, fomentam a conflitividade e a polarização extremas e colocam esse potencial a serviço de interesses alheios aos seus, o que ao final pode frustrar e reverter negativamente suas esperanças.

76. Depois de uma época de enfraquecimento dos Estados devido à aplicação de ajustes estruturais na economia, por recomendação de organismos financeiros internacionais, vê-se atualmente com bons olhos um esforço dos Estados em definir e aplicar políticas públicas nos campos da saúde, educação, segurança alimentar, previdência social, acesso à terra e à moradia, promoção eficaz da economia para a criação de empregos e leis que favorecem as organizações solidárias. Tudo isso mostra que não pode existir democracia verdadeira e estável sem justiça social, sem divisão real de poderes e sem a vigência do Estado de direito.²⁸

77. Cabe assinalar, como grande fator negativo em boa parte da região, o recrudescimento da corrupção na sociedade e no Estado, envolvendo os poderes legislativos e executivos em todos os níveis, alcançando também o sistema judiciário que, muitas vezes, inclina seu juízo a favor dos poderosos e gera impunidade, o que coloca em sério risco a credibilidade das instituições públicas e aumenta a desconfiança do povo, fenômeno que se une a um profundo desprezo pela legalidade. Em amplos setores da população, e especialmente entre os jovens, cresce o desencanto pela política e particularmente pela democracia,

²⁸ Cf. EAm 56.

pois as promessas de uma vida melhor e mais justa não se cumpriram ou se cumpriram só pela metade. Nesse sentido, esquece-se de que a democracia e a participação política são fruto da formação que se faz realidade somente quando os cidadãos são conscientes de seus direitos fundamentais e de seus deveres correspondentes.

78. A vida social em convivência harmônica e pacífica está se deteriorando gravemente em muitos países da América Latina e do Caribe pelo crescimento da violência, que se manifesta em roubos, assaltos, seqüestros, e o que é mais grave, em assassinatos que a cada dia destroem mais vidas humanas e encham de dor as famílias e a sociedade inteira. A violência se reveste de várias formas e tem diversos agentes: o crime organizado e o narcotráfico, grupos paramilitares, violência comum sobretudo na periferia das grandes cidades, violência de grupos juvenis e crescente violência intra-familiar. Suas causas são múltiplas: a idolatria do dinheiro, o avanço de uma ideologia individualista e utilitarista, a falta de respeito pela dignidade de cada pessoa, a deterioração do tecido social, a corrupção inclusive nas forças da ordem e a falta de políticas públicas de equidade social.

79. Alguns parlamentos ou assembléias legislativas aprovam leis injustas contra os direitos humanos e a vontade popular, precisamente por não estarem perto de seus representados, nem saberem escutar e dialogar com os cidadãos, mas também por ignorância, por falta de acompanhamento e porque muitos cidadãos abdicam de seu dever de participar na vida pública.

80. Em alguns países tem aumentado a repressão, a violação dos direitos humanos, inclusive o direito à liberdade religiosa, a liberdade de expressão e a liberdade de ensino, assim como o desprezo à objeção de consciência.

81. Ainda que alguns países tenham conseguido acordos de paz superando dessa forma conflitos antigos, em outros conti-

nua a luta armada com todas as suas seqüelas (mortes violentas, violações dos Direitos Humanos, ameaças, crianças na guerra, seqüestros etc.), sem que se possam prever soluções a curto prazo. A influência do narconegócio nesses grupos dificulta ainda mais as possíveis soluções.

82. Na América Latina e no Caribe vê-se com bons olhos uma crescente vontade de integração regional mediante acordos multilaterais, envolvendo crescente número de países que geram suas próprias regras no campo do comércio, dos serviços e das patentes. À origem comum unem-se a cultura, a língua e a religião, que podem contribuir para que a integração não seja só de mercados, mas de instituições civis e sobretudo de pessoas. Também é positiva a globalização da justiça, no campo dos direitos humanos e dos crimes contra a humanidade, que permitirá a todos viver progressivamente sob normas iguais chamadas a proteger sua dignidade, sua integridade e sua vida.

2.1.4 Biodiversidade, ecologia, Amazônia e Antártida

83. A América Latina é o Continente que possui uma das maiores biodiversidades do planeta e uma rica sócio-diversidade, representada por seus povos e culturas. Estes possuem grande acervo de conhecimentos tradicionais sobre a utilização dos recursos naturais, assim como sobre o valor medicinal de plantas e outros organismos vivos, muitos dos quais formam a base de sua economia. Tais conhecimentos são atualmente objeto de apropriação intelectual ilícita, sendo patenteados por indústrias farmacêuticas e de biogenética, gerando vulnerabilidade dos agricultores e suas famílias que dependem desses recursos para sua sobrevivência.

84. Nas decisões sobre as riquezas da biodiversidade e da natureza, as populações tradicionais têm sido praticamente excluídas. A natureza foi e continua sendo agredida. A terra foi depredada. As águas estão sendo tratadas como se fossem mercadoria negociável pelas empresas, além de terem sido transfor-

madras num bem disputado pelas grandes potências. Exemplo muito importante nessa situação é a Amazônia.²⁹

85. Em seu discurso aos jovens, no Estádio do Pacaembu, em São Paulo, o Papa Bento XVI chamou a atenção sobre a “devastação ambiental da Amazônia e as ameaças à dignidade humana de seus povos”³⁰ e pediu aos jovens “um maior compromisso nos mais diversos espaços de ação”.³¹

86. A crescente agressão ao meio-ambiente pode servir de pretexto para propostas de internacionalização da Amazônia, que só servem aos interesses econômicos das corporações internacionais. A sociedade panamazônica é pluriétnica, pluricultural e plurirreligiosa. Nela, cada vez mais, se intensifica a disputa pela ocupação do território. As populações tradicionais da região querem que seus territórios sejam reconhecidos e legalizados.

87. Além disso, constatamos o retrocesso das geleiras em todo o mundo: o degelo do Ártico, cujo impacto já está se vendo na flora e fauna desse ecossistema; também o aquecimento global se faz sentir no estrondoso crepitar dos blocos de gelo ártico que reduzem a cobertura glacial do Continente e que regula o clima do mundo. Profeticamente, há 20 anos, desde a fronteira das Américas, João Paulo II assinalou: “Desde o Cone Sul do Continente Americano e frente aos ilimitados espaços da Antártida, lanço um chamado a todos os responsáveis de nosso planeta para proteger e conservar a natureza criada por Deus: não permitamos que nosso mundo seja uma terra cada vez mais degradada e degradante”.³²

²⁹ A Amazônia pan-americana ocupa uma área de 7,01 milhões de quilômetros quadrados e corresponde a 5% da superfície da terra, 40% da América do Sul. Contém 20% da disponibilidade mundial de água doce não congelada. Abriga 34% das reservas mundiais de florestas e gigantesca reserva de minerais. Sua diversidade biológica de eco-sistemas é a mais rica do planeta. Nessa região se encontram cerca de 30% de todas as espécies da fauna e flora do mundo.

³⁰ Bento XVI, *Mensagem aos jovens no Pacaembu* 2; Brasil, 10 de maio de 2007.

³¹ *Ibid.*

³² João Paulo II, *Homilia na Celebração da Palavra para os fiéis da Zona Austral do Chile* 7; Punta Arenas, 4 de abril de 1987.

2.1.5 *Presença dos povos indígenas e afro-americanos na Igreja*

88. Os indígenas constituem a população mais antiga do Continente. Estão na raiz primeira da identidade latino-americana e caribenha. Os afro-americanos constituem outra raiz que foi arrancada da África e trazida para cá como gente escravizada. A terceira raiz é a população pobre que migrou da Europa a partir do século XVI, em busca de melhores condições de vida, e o grande fluxo de imigrantes de todo o mundo a partir de meados do século XIX. De todos esses grupos e de suas correspondentes culturas se formou a mestiçagem que é a base social e cultural de nossos povos latino-americanos e caribenhos, como já o reconheceu a III Conferência Geral do Episcopado Latino-americano celebrada em Puebla, México.³³

89. Os indígenas e afro-americanos são, sobretudo, “outros” diferentes que exigem respeito e reconhecimento. A sociedade tende a menosprezá-los, desconhecendo o porquê de suas diferenças. Sua situação social está marcada pela exclusão e pela pobreza. A Igreja acompanha os indígenas e afro-americanos nas lutas por seus legítimos direitos.

90. Hoje, os povos indígenas e afros estão ameaçados em sua existência física, cultural e espiritual; em seus modos de vida; em suas identidades; em sua diversidade; em seus territórios e projetos. Algumas comunidades indígenas se encontram fora de suas terras porque estas foram invadidas e degradadas, ou não têm terras suficientes para desenvolver suas culturas. Sofrem graves ataques à sua identidade e sobrevivência, pois a globalização econômica e cultural coloca em perigo sua própria existência como povo diferentes. Sua progressiva transformação cultural provoca o rápido desaparecimento de algumas línguas e culturas. A migração, forçada pela pobreza, está influenciando profundamente na mudança de costumes, de relacionamentos e inclusive de religião.

³³ DP 307, 409.

91. Os indígenas e afro-americanos emergem agora na sociedade e na Igreja. Este é um “kairós” para aprofundar o encontro da Igreja com esses setores humanos que reivindicam o reconhecimento pleno de seus direitos individuais e coletivos, serem levados em consideração na catolicidade com sua cosmovisão, seus valores e suas identidades particulares, para viverem um novo Pentecostes eclesial.

92. Já, em Santo Domingo, os pastores reconhecíamos que “os povos indígenas cultivam valores humanos de grande significado”;³⁴ valores que “a Igreja defende... diante da força dominadora das estruturas de pecado manifestas na sociedade moderna”;³⁵ “são possuidores de inumeráveis riquezas culturais, que estão na base de nossa identidade atual”;³⁶ e, a partir da perspectiva da fé, “esses valores e convicções são fruto de ‘sementes do Verbo’, que já estavam presentes e operavam em seus antepassados”.³⁷

93. Entre eles podemos assinalar: “abertura à ação de Deus pelos frutos da terra, o caráter sagrado da vida humana, a valorização da família, o sentido de solidariedade e a co-responsabilidade no trabalho comum, a importância do cultural, a crença em uma vida ultra-terrena”.³⁸ Atualmente, o povo tem enriquecido amplamente esses valores através da evangelização e os tem desenvolvido em múltiplas formas de autêntica religiosidade popular.

94. Como Igreja que assume a causa dos pobres, estimulamos a participação dos indígenas e afro-americanos na vida eclesial. Vemos com esperança o processo de inculturação discernido à luz do magistério. É prioritário fazer traduções católicas da Bíblia e dos textos litúrgicos nos idiomas desses povos. Necesita-se, igualmente, promover mais as vocações e os ministérios ordenados procedentes dessas culturas.

³⁴ SD 245.

³⁵ Ibid. 243.

³⁶ Mensagem da IV Conferência aos Povos da América Latina e do Caribe, 38.

³⁷ SD 245.

³⁸ Ibid. 17.

95. Nosso serviço pastoral à vida plena dos povos indígenas exige que anunciemos Jesus Cristo e a Boa Nova do Reino de Deus, denunciemos as situações de pecado, as estruturas de morte, a violência e as injustiças internas e externas e fomentemos o diálogo intercultural, interreligioso e ecumênico. Jesus Cristo é a plenitude da revelação para todos os povos e o centro fundamental de referência para discernir os valores e as deficiências de todas as culturas, incluindo as indígenas. Por isso, o maior tesouro que podemos oferecer a eles é que cheguem ao encontro com Jesus Cristo ressuscitado, nosso Salvador. Os indígenas que já receberam o Evangelho, como discípulos e missionários de Jesus Cristo, são chamados a viver com imensa alegria sua realidade cristã, a explicar a razão de sua fé em meio a suas comunidades e a colaborar ativamente para que nenhum povo indígena da América Latina renegue sua fé cristã, mas ao contrário, sintam que em Cristo encontram o sentido pleno de sua existência.

96. A história dos afro-americanos tem sido atravessada por uma exclusão social, econômica, política e sobretudo racial, onde a identidade étnica é fator de subordinação social. Atualmente, são discriminados na inserção do trabalho, na qualidade e conteúdo da formação escolar, nas relações cotidianas e, além disso, existe um processo de ocultamento sistemático de seus valores, história, cultura e expressões religiosas. Permanece, em alguns casos, uma mentalidade e um certo olhar de menor respeito em relação aos indígenas e afro-americanos. Desse modo, descolonizar as mentes, o conhecimento, recuperar a memória histórica, fortalecer os espaços e relacionamentos inter-culturais, são condições para a afirmação da plena cidadania desses povos.

97. A realidade latino-americana conta com comunidades afro-americanas muito vivas que participam ativa e criativamente na construção deste continente. Os movimentos pela recuperação das identidades, dos direitos dos cidadãos e con-

tra o racismo e os grupos alternativos de economias solidárias, fazem das mulheres e homens negros sujeitos construtores de sua história e de uma nova história que se vai desenhando na atualidade latino-americana e caribenha. Essa nova realidade se baseia em relações inter-culturais onde a diversidade não significa ameaça, não justifica hierarquias de um poder sobre outros, mas sim diálogo a partir de visões culturais diferentes, de celebração, de inter-relacionamento e de reavivamento da esperança.

2.2 Situação de nossa Igreja nesta hora histórica de desafios

98. A Igreja Católica na América Latina e no Caribe, apesar das deficiências e ambigüidades de alguns de seus membros, tem dado testemunho de Cristo, anunciado seu Evangelho e oferecido seu serviço de caridade principalmente aos mais pobres, no esforço por promover sua dignidade e também no empenho de promoção humana nos campos da saúde, da economia solidária, da educação, do trabalho, do acesso à terra, da cultura, da habitação e assistência, entre outros. Com sua voz, unida à de outras instituições nacionais e mundiais, tem ajudado a dar orientações prudentes e a promover a justiça, os direitos humanos e a reconciliação dos povos. Isso tem permitido que a Igreja seja reconhecida socialmente em muitas ocasiões como instância de confiança e credibilidade. Seu empenho a favor dos mais pobres e sua luta pela dignidade de cada ser humano tem ocasionado, em muitos casos, a perseguição e inclusive a morte de alguns de seus membros, os quais consideramos testemunhas da fé. Queremos recordar o testemunho valente de nossos santos e santas, e aqueles que, inclusive sem terem sido canonizados, viveram com radicalidade o Evangelho e ofereceram sua vida por Cristo, pela Igreja e por seu povo.

99. Os esforços pastorais orientados para o encontro com Jesus Cristo vivo deram e continuam dando frutos. Entre outros, destacamos os seguintes:

- a) Devido à animação bíblica da pastoral, aumenta o conhecimento da Palavra de Deus e do amor por ela. Graças à assimilação do Magistério da Igreja e à formação melhor de generosos catequistas, a renovação da Catequese tem produzido fecundos resultados em todo o Continente, chegando inclusive a países da América do Norte, Europa e Ásia, para onde muitos latino-americanos e caribenhos têm emigrado.
- b) A renovação litúrgica acentuou a dimensão celebrativa e festiva da fé cristã centrada no mistério pascal de Cristo Salvador, em particular na Eucaristia. Crescem as manifestações da religiosidade popular, especialmente a piedade eucarística e a devoção mariana. Esforços têm sido realizados para inculturar a liturgia nos povos indígenas e afro-americanos. Estão sendo superados os riscos de reduzir a Igreja a sujeito político, com melhor discernimento dos impactos sedutores das ideologias. Têm-se fortalecido a responsabilidade e a vigilância com relação às verdades da Fé, ganhando em profundidade e serenidade de comunhão.
- c) Nosso povo tem grande estima pelos sacerdotes. Reconhece a santidade de muitos deles, como também seu testemunho de vida, seu trabalho missionário e sua criatividade pastoral, particularmente daqueles que estão em lugares distantes ou em contextos de maior dificuldade. Muitas de nossas Igrejas contam com uma pastoral sacerdotal e com experiências concretas de vida em comum e de uma retribuição do clero mais justa. Em algumas Igrejas desenvolve-se o diaconato permanente. Contam também com ministérios confiados aos leigos e outros serviços pastorais, como ministros da Palavra, animadores de assembléia e de pequenas comunidades, entre elas as comunidades eclesiais de base, os movimentos eclesiais e um grande número de pastorais específicas. Grande esforço se faz para a formação em nossos Seminários, nas

casas de formação para a vida consagrada e nas escolas para o diaconato permanente. É significativo o testemunho da vida consagrada, sua participação na ação pastoral e sua presença em situações de pobreza, de risco e de fronteira. Estimula a esperança o incremento de vocações para a vida contemplativa masculina e feminina.

- d) Ressalta-se a abnegada entrega de tantos missionários e missionárias que, até o dia de hoje, têm desenvolvido valiosa obra evangelizadora e de promoção humana em todos os nossos povos, com multiplicidade de obras e serviços. Desse modo se reconhece o trabalho de numerosos sacerdotes, consagradas e consagrados, leigos e leigas que, a partir do nosso Continente, participam da missão *ad gentes*.
- e) Crescem os esforços de renovação pastoral nas paróquias, favorecendo o encontro com Cristo vivo, mediante diversos métodos de nova evangelização que se transformam em comunidade de comunidades evangelizadas e missionárias. Contata-se em alguns lugares um florescimento de comunidades eclesiais de base, segundo o critério das Conferências Gerais anteriores, em comunhão com os Bispos e fiéis ao Magistério da Igreja.³⁹ Valoriza-se a presença e o crescimento dos movimentos eclesiais e novas comunidades que difundem sua riqueza carismática, educativa e evangelizadora. Tem-se tomado consciência da importância da pastoral Familiar, da Infância e Juvenil.
- f) A Doutrina Social da Igreja constitui uma riqueza sem preço, que tem animado o testemunho e a ação solidária dos leigos e leigas, que se interessam cada vez mais por sua formação teológica como verdadeiros missionários da caridade, e se esforçam por transformar de maneira efetiva o mundo segundo Cristo. Hoje, inumeráveis iniciativas

³⁹ Cf. Puebla, 261, 617, 638, 731 e 940; Santo Domingo, 62.

leigas no âmbito social, cultural, econômico e político deixam-se inspirar pelos princípios permanentes, pelos critérios de juízo e pelas diretrizes de ação provenientes da Doutrina Social da Igreja. Valoriza-se o desenvolvimento que tem tido a Pastoral Social, como também a ação da Cáritas em seus vários níveis, e a riqueza do voluntariado nos mais diversos apostolados com incidência social. Tem-se desenvolvido a pastoral da comunicação social, e mais do que nunca a Igreja tem contado com mais meios de comunicação para a evangelização da cultura, resistindo em parte a outros grupos religiosos que ganham constantemente adeptos usando com perspicácia o rádio e a televisão. Temos rádios, televisão, cinema, jornais, internet, páginas de web e a RIIAL que nos enchem de esperança.

- g) A diversificação da organização eclesial, com a criação de muitas comunidades, novas jurisdições e organismos pastorais, permitiu que muitas Igrejas locais avançassem na estruturação de uma Pastoral Orgânica, para servir melhor às necessidades dos fiéis. Não com a mesma intensidade em todas as Igrejas, tem-se desenvolvido o diálogo ecumênico. Também o diálogo interreligioso, quando segue as normas do Magistério, pode enriquecer os participantes em diversos encontros.⁴⁰ Em outros lugares, têm-se criado escolas de ecumenismo ou de colaboração ecumênica em assuntos sociais e outras iniciativas. Manifesta-se, como reação ao materialismo, uma busca de espiritualidade, de oração e de mística que expressa fome e sede de Deus. Por outro lado, a valorização da ética é um sinal dos tempos que indica a necessidade de superar o hedonismo, a corrupção e o vazio dos valores. Alegra-nos, além disso, o profundo sentimento de solidariedade que

⁴⁰ Cf. Congregação para a Doutrina da Fé, artigo de comentário à Notificação a propósito do livro do Pe. Jacques Dupuis “*Hacia una teología del pluralismo religioso*”, 12 de março de 2001.

caracteriza nossos povos e a prática de compartilhar e de ajuda mútua.

100. Apesar dos aspectos positivos que nos alegram na esperança, observamos sombras, entre as quais mencionamos as seguintes:

- a) Para a Igreja Católica, a América Latina e o Caribe são de grande importância, por seu dinamismo eclesial, por sua criatividade e porque 43% de todos os seus fiéis vivem nesses locais; no entanto, observamos que o crescimento percentual da Igreja não segue o mesmo ritmo que o crescimento populacional. Na média, o aumento do clero, e sobretudo das religiosas, distancia-se cada vez mais do crescimento populacional em nossa região.⁴¹
- b) Lamentamos, seja algumas tentativas de voltar a um certo tipo de eclesiologia e espiritualidade contrárias à renovação do Concílio Vaticano II,⁴² seja algumas leituras e aplicações reducionistas da renovação conciliar; lamentamos a ausência de uma autêntica obediência e do exercício evangélico da autoridade, das infidelidades à doutrina, à moral e à comunhão, nossas débeis vivências da opção preferencial pelos pobres, não poucas recaídas secularizantes na vida consagrada influenciada por uma antropologia meramente sociológica e não evangélica. Tal como manifestou o Santo Padre no Discurso Inaugural de nossa Conferência: *“percebe-se um certo enfraquecimento da vida cristã no conjunto da sociedade e da própria pertença à Igreja Católica”*.⁴³
- c) Constatamos o escasso acompanhamento dado aos fiéis leigos em suas tarefas de serviço à sociedade, particular-

⁴¹ Enquanto no período 1974 a 2004 a população latino-americana cresceu quase 80%, os sacerdotes cresceram 44,1% e as religiosas só 8%. Cf. *Annuario Statisticum Ecclesiae*.

⁴² Cf. Bento XVI, “Discurso aos Cardeais, Arcebispos, Bispos e Prelados superiores da Cúria Romana”, quinta-feira, 22 de dezembro de 2005.

⁴³ DI 2.

mente quando assumem responsabilidades nas diversas estruturas de ordem temporal. Percebemos uma evangelização com pouco ardor e sem novos métodos e expressões, uma ênfase no ritualismo sem o conveniente caminho de formação, descuidando outras tarefas pastorais. De igual forma, preocupa-nos uma espiritualidade individualista. Verificamos, desse modo, uma mentalidade relativista no ético e no religioso, a falta de aplicação criativa do rico patrimônio que contém a Doutrina Social da Igreja e, em certas ocasiões, uma compreensão limitada do caráter secular que constitui a identidade própria e específica dos fiéis leigos.

- d) Na evangelização, na catequese e, em geral, na pastoral, persistem também linguagens pouco significativas para a cultura atual e em particular para os jovens. Muitas vezes as linguagens utilizadas parecem não levar em consideração a mutação dos códigos existencialmente relevantes nas sociedades influenciadas pela pós-modernidade e marcadas por amplo pluralismo social e cultural. As mudanças culturais dificultam a transmissão da Fé por parte da família e da sociedade. Frente a isso, não se vê uma presença importante da Igreja na geração de cultura, de modo especial no mundo universitário e nos meios de comunicação social.
- e) O número insuficiente de sacerdotes e sua não equitativa distribuição impossibilitam que muitíssimas comunidades possam participar regularmente na celebração da Eucaristia. Recordando que a Eucaristia faz Igreja, preocupamos a situação de milhares dessas comunidades privadas da Eucaristia dominical por longos períodos de tempo. A isso se acrescenta a relativa escassez de vocações ao ministério e à vida consagrada. Falta espírito missionário em membros do clero, inclusive em sua formação. Muitos católicos vivem e morrem sem assistência da Igreja, à qual pertencem pelo batismo. Enfrentam-se dificulda-

des para assumir a sustentação econômica das estruturas pastorais. Falta solidariedade na comunhão de bens no interior das igrejas locais e entre elas. Em muitas das nossas Igrejas locais não se assume suficientemente a pastoral penitenciaría, nem a pastoral de menores infratores e em situações de risco. É insuficiente o acompanhamento pastoral para os migrantes e itinerantes. Alguns movimentos eclesiais nem sempre se integram adequadamente na pastoral paroquial e diocesana; por sua vez, algumas estruturas eclesiais não são suficientemente abertas para acolhê-los.

- f) Nas últimas décadas, vemos com preocupação, por um lado, que numerosas pessoas perdem o sentido transcendental de suas vidas e abandonam as práticas religiosas; e, por outro lado, que significativo número de católicos estão abandonando a Igreja para entrar em outros grupos religiosos. Ainda que este seja um problema real em todos os países latino-americanos e caribenhos, não existe homogeneidade no que se refere a suas dimensões e sua diversidade.
- g) Dentro do novo pluralismo religioso em nosso continente, não se tem diferenciado suficientemente os cristãos que pertencem a outras igrejas ou comunidades eclesiais, tanto por sua doutrina como por suas atitudes, dos que fazem parte da grande diversidade de grupos cristãos (inclusive pseudo-cristãos) que se têm instalado entre nós. Isso porque não é adequado englobar a todos em uma só categoria de análise. Muitas vezes não é fácil o diálogo ecumênico com grupos cristãos que atacam a Igreja Católica com insistência.
- h) Reconhecemos que, ocasionalmente, alguns católicos se têm afastado do Evangelho, o qual requer um estilo de vida mais simples, austero e solidário, mais fiel à verdade e à caridade, como também nos tem faltado valentia, persistência e docilidade à graça de prosseguir, fiel à Igreja

de sempre, a renovação iniciada pelo Concílio Vaticano II, impulsionada pelas Conferências Gerais anteriores, e para assegurar o rosto latino-americano e caribenho de nossa Igreja. Reconhecemo-nos como comunidade de pobres pecadores, mendicantes da misericórdia de Deus, congregada, reconciliada, unida e enviada pela força da Ressurreição de seu Filho e pela graça de conversão do Espírito Santo.

SEGUNDA PARTE

A VIDA DE JESUS CRISTO

NOS DISCÍPULOS MISSIONÁRIOS

Capítulo III

A ALEGRIA DE SER DISCÍPULOS MISSIONÁRIOS PARA ANUNCIAR O EVANGELHO DE JESUS CRISTO

101. Neste momento, com incertezas no coração, perguntamos com Tomé: “Como vamos saber o caminho?” (Jo 14,5). Jesus nos responde com uma proposta provocadora: “Eu sou o Caminho, a Verdade e a Vida” (Jo 14,6). Ele é o verdadeiro caminho para o Pai, o qual tanto amou ao mundo que lhe deu o seu Filho único, para que todo aquele que nele crer tenha a vida eterna (cf. Jo 3,16). Esta é a vida eterna: “que te conheçam a ti, o único Deus verdadeiro, e a Jesus Cristo teu enviado” (Jo 17,3). A fé em Jesus como o Filho do Pai é a porta de entrada para a Vida. Como discípulos de Jesus, confessamos nossa fé com as palavras de Pedro: “Tuas palavras dão Vida eterna” (Jo 6,68). “Tu és o Messias, o Filho do Deus vivo” (Mt 16,16).

102. Jesus é o Filho de Deus, a Palavra feita carne (cf. Jo 1,14), verdadeiro Deus e verdadeiro homem, prova do amor de Deus aos homens. Sua vida é uma entrega radical de si mesmo a favor de todas as pessoas, consumada definitivamente em sua morte e ressurreição. Por ser o Cordeiro de Deus, Ele é o Salvador. Sua paixão, morte e ressurreição possibilita a superação

do pecado e a vida nova para toda a humanidade. NEle, o Pai se faz presente, porque quem conhece o Filho conhece o Pai (cf. Jo 14,7).

103. Como discípulos de Jesus reconhecemos que Ele é o primeiro e maior evangelizador enviado por Deus (cf. Lc 4,44) e ao mesmo tempo o Evangelho de Deus (cf. Rm 1,3). cremos e anunciamos “a boa nova de Jesus, Messias, Filho de Deus” (Mc 1,1). Como filhos obedientes à voz do Pai, queremos escutar a Jesus (cf. Lc 9,35) porque Ele é o único Mestre (cf. Mt 23,8). Como seus discípulos, sabemos que suas palavras são Espírito e Vida (cf. Jo 6,63.68). Com a alegria da fé, somos missionários para proclamar o Evangelho de Jesus Cristo e, nEle, a boa nova da dignidade humana, da vida, da família, do trabalho, da ciência e da solidariedade com a criação.

3.1. A boa nova da dignidade humana

104. Bendizemos a Deus pela dignidade da pessoa humana, criada à sua imagem e semelhança. Ele nos criou livres e nos fez sujeitos de direitos e deveres em meio à criação. Agradecemos a Ele ter-nos associado ao aperfeiçoamento do mundo, dando-nos inteligência e capacidade para amar; e lhe agradecemos a dignidade, que recebemos também como tarefa que devemos proteger, cultivar e promover. Bendizemos a Deus pelo dom da fé que nos permite viver em aliança com Ele até o momento de compartilhar a vida eterna. Bendizemos a Deus por nos fazer suas filhas e filhos em Cristo, por nos haver redimido com o preço de seu sangue e pelo relacionamento permanente que estabelece conosco, que é fonte de nossa dignidade absoluta, inegociável e inviolável. Se o pecado deteriorou a imagem de Deus no homem e feriu sua condição, a boa nova, que é Cristo, o redimiu e o restabeleceu na graça (cf. Rm 5,12-21).

105. Louvamos a Deus pelos homens e mulheres da América Latina e do Caribe que, movidos por sua fé, têm trabalhado incansavelmente na defesa da dignidade da pessoa humana,

especialmente dos pobres e marginalizados. Em seu testemunho, levado até à entrega total, resplandece a dignidade do ser humano.

3.2 A boa nova da vida

106. Louvamos a Deus pelo dom maravilhoso da vida e por aqueles que a honram e a dignificam ao colocá-la a serviço dos demais; pelo espírito alegre de nossos povos que amam a música, a dança, a poesia, a arte, o esporte e cultivam uma firme esperança em meio a problemas e lutas. Louvamos a Deus porque, sendo nós pecadores, Ele nos mostrou seu amor reconciliando-nos consigo pela morte de seu Filho na cruz. Louvamos a Deus porque Ele continua derramando seu amor em nós pelo Espírito Santo e nos alimentando com a Eucaristia, pão da vida (cf. Jo 6,35). A Encíclica “Evangelho da Vida”, de João Paulo II, ilumina o grande valor da vida humana, da qual devemos cuidar e pela qual continuamente devemos louvar a Deus.

107. Bendizemos ao Pai pelo dom de seu Filho Jesus Cristo, “rosto humano de Deus e rosto divino do homem”.⁴⁴ “Na realidade, tão só o mistério do Verbo encarnado explica verdadeiramente o mistério do homem. Cristo, na própria revelação do mistério do Pai e de seu amor, manifesta plenamente o homem ao próprio homem e lhe descobre sua altíssima vocação”.⁴⁵

108. Bendizemos ao Pai porque, mesmo entre dificuldades e incertezas, todo homem aberto sinceramente à verdade e ao bem comum pode chegar a descobrir, na lei natural escrita em seu coração (cf. Rm 2,14-15), o valor sagrado da vida humana desde seu início até seu fim natural, e afirmar o direito de cada ser humano de ver respeitado totalmente este seu bem primário. “A convivência humana e a própria comunidade política”⁴⁶ se fundamenta no reconhecimento desse direito.

⁴⁴ Bento XVI, Oração pela V Conferência.

⁴⁵ GS 22.

⁴⁶ EV 2.

109. Diante de uma vida sem sentido, Jesus nos revela a vida íntima de Deus em seu mistério mais elevado, a comunhão trinitária. É tal o amor de Deus, que faz do homem, peregrino neste mundo, sua morada: “Viremos a ele e viveremos nele” (Jo 14,23). Diante do desespero de um mundo sem Deus, que só vê na morte o final definitivo da existência, Jesus nos oferece a ressurreição e a vida eterna na qual Deus será tudo em todos (cf. 1 Cor 15,28). Diante da idolatria dos bens terrenos, Jesus apresenta a vida em Deus como valor supremo: “De que vale alguém ganhar o mundo e perder a própria vida?” (Mc 8,36).⁴⁷

110. Diante do subjetivismo hedonista, Jesus propõe entregar a vida para ganhá-la, porque “quem aprecia sua vida terrena, a perderá” (Jo 12,25). É próprio do discípulo de Jesus gastar a vida como sal da terra e luz do mundo. Diante do individualismo, Jesus convoca a viver e caminhar juntos. A vida cristã só se aprofunda e se desenvolve na comunhão fraterna. Jesus nos diz: “Um é o seu Mestre, e todos vocês são irmãos” (Mt 23,8). Diante da despersonalização, Jesus ajuda a construir identidades integradas.

111. A própria vocação, a própria liberdade e a própria originalidade são dons de Deus para a plenitude e o serviço ao mundo.

112. Diante da exclusão, Jesus defende os direitos dos fracos e a vida digna de todo ser humano. De seu Mestre, o discípulo tem aprendido a lutar contra toda forma de desprezo da vida e de exploração da pessoa humana.⁴⁸ Só o Senhor é autor e dono da vida. O ser humano, sua imagem vivente, é sempre sagrado, desde a sua concepção até a sua morte natural, em todas as circunstâncias e condições de sua vida. Diante das estruturas de morte, Jesus faz presente a vida plena. “Eu vim para dar vida aos homens e para que a tenham em plenitude” (Jo 10,10). Por isso,

⁴⁷ Cf. EN 8.

⁴⁸ Cf. Bento XVI, Mensagem para a Quaresma, 2007.

cura os enfermos, expulsa os demônios e compromete os discípulos na promoção da dignidade humana e de relacionamentos sociais fundados na justiça.

113. Diante da natureza ameaçada, Jesus, que conhecia o cuidado do Pai pelas criaturas que Ele alimenta e embeleza (cf Lc 12,28), convoca-nos a cuidar da terra para que ela ofereça abrigo e sustento a todos os homens (cf. Gn 1,29; 2,15).

3.3 A boa nova da família

114. Proclamamos com alegria o valor da família na América Latina e no Caribe. O Papa Bento XVI afirma que a família, “patrimônio da humanidade, constitui um dos tesouros mais importantes dos povos latino-americanos e caribenhos. Ela tem sido e é escola da fé, palestra de valores humanos e cívicos, lar em que a vida humana nasce e se acolhe generosa e responsabilmente... A família é insubstituível para a serenidade pessoal e para a educação de seus filhos”.⁴⁹

115. Agradecemos a Cristo que nos revela que “Deus é amor e vive em si mesmo um mistério pessoal de amor”⁵⁰ e, optando por viver em família em meio a nós, a eleva à dignidade de ‘Igreja Doméstica’.

116. Bendizemos a Deus por haver criado o ser humano, homem e mulher, ainda que hoje se queira confundir esta verdade: “Criou Deus os seres humanos à sua imagem; à imagem de Deus os criou, homem e mulher os criou” (Gn 1,27). Pertence à natureza humana que o homem e a mulher busquem um no outro sua reciprocidade e complementaridade.⁵¹

117. O fato de sermos amados por Deus enche-nos de alegria. O amor humano encontra sua plenitude quando participa

⁴⁹ DI 5.

⁵⁰ Cf. FC 11.

⁵¹ Cf. Congregação para a Doutrina da Fé, *Carta aos Bispos da Igreja Católica sobre a colaboração do homem e da mulher na Igreja e no mundo*, 31 de maio de 2004.

do amor divino, do amor de Jesus que se entrega solidariamente por nós em seu amor pleno até o fim (cf. Jo 13,1; 15,9). O amor conjugal é a doação recíproca entre um homem e uma mulher, os esposos: é fiel e exclusivo até à morte e fecundo, aberto à vida e à educação dos filhos, assemelhando-se ao amor fecundo da Santíssima Trindade.⁵² O amor conjugal é assumido no Sacramento do Matrimônio para significar a união de Cristo com sua Igreja. Por isso, na graça de Jesus Cristo encontra sua purificação, alimento e plenitude (Ef 5,23-33).

118. No seio de uma família, a pessoa descobre os motivos e o caminho para pertencer à família de Deus. Dela recebemos a vida que é a primeira experiência do amor e da fé. O grande tesouro da educação dos filhos na fé consiste na experiência de uma vida familiar que recebe a fé, a conserva, a celebra, a transmite e dá testemunho dela. Os pais devem tomar nova consciência de sua alegre e irrenunciável responsabilidade na formação integral dos filhos.

119. Deus ama nossas famílias, apesar de tantas feridas e divisões. A presença invocada de Cristo através da oração em família nos ajuda a superar os problemas, a curar as feridas e abre caminhos de esperança. Muitos vazios de lar podem ser atenuados através de serviços prestados pela comunidade eclesial, família de famílias.

3.4 A boa nova da atividade humana

3.4.1 O trabalho

120. Louvamos a Deus porque na beleza da criação, que é obra de suas mãos, resplandece o sentido do trabalho como participação na sua tarefa criadora e como serviço aos irmãos e irmãs. Jesus, o carpinteiro (cf. Mc 6,3), dignificou o trabalho e o trabalhador e recorda que o trabalho não é mero apêndice

⁵² HV 9.

da vida, mas que “constitui uma dimensão fundamental da existência do homem na terra”,⁵³ pela qual o homem e a mulher se realizam como seres humanos.⁵⁴ O trabalho garante a dignidade e a liberdade do homem, e é provavelmente “a chave essencial de toda ‘a questão social’”.⁵⁵

121. Damos graças a Deus porque sua palavra nos ensina que, apesar do cansaço que muitas vezes acompanha o trabalho, o cristão sabe que este, unido à oração, serve não só para o progresso terreno, mas também para a santificação pessoal e a construção do Reino de Deus.⁵⁶ O desemprego, a injusta remuneração pelo trabalho e o viver sem querer trabalhar são contrários ao desígnio de Deus. O discípulo e o missionário, respondendo a esse desígnio, promovem a dignidade do trabalhador e do trabalho, o justo reconhecimento de seus direitos e de seus deveres, desenvolvem a cultura do trabalho e denunciam toda injustiça. A salvaguarda do domingo, como dia de descanso, de família e de culto ao Senhor, garante o equilíbrio entre trabalho e repouso. Cabe à comunidade criar estruturas que ofereçam trabalho às pessoas deficientes, segundo suas possibilidades.⁵⁷

122. Louvamos a Deus pelos talentos, estudo e decisão de homens e mulheres para promover iniciativas e projetos geradores de trabalho e produção, que elevam a condição humana e o bem-estar da sociedade. A atividade empresarial é boa e necessária quando respeita a dignidade do trabalhador, o cuidado do meio-ambiente e se orienta para o bem comum. Perverte-se quando, buscando só o lucro, atenta contra os direitos dos trabalhadores e a justiça.

3.4.2 A ciência e a tecnologia

123. Louvamos a Deus por aqueles que cultivam as ciências e a tecnologia, oferecendo imensa quantidade de bens e valores

⁵³ LE 4.

⁵⁴ Cf. LE 9.

⁵⁵ Cf. Ibid. 3.

⁵⁶ Cf. Ibid. 27; 2 Ts 3,10.

⁵⁷ Ibid. 22.

culturais que têm contribuído, entre outras coisas, para prolongar a expectativa de vida e sua qualidade. No entanto, a ciência e a tecnologia não têm as respostas às grandes interrogações da vida humana. A resposta última às questões fundamentais do homem só pode vir de uma razão e ética integrais, iluminadas pela revelação de Deus. Quando a verdade, o bem e a beleza se separam; quando a pessoa humana e suas exigências fundamentais não constituem o critério ético, a ciência e a tecnologia voltam-se contra o homem que as criou.

124. Hoje em dia as fronteiras traçadas entre as ciências se desvanecem. Com este modo de compreender o diálogo, sugere-se a idéia de que nenhum conhecimento é completamente autônomo. Esta situação abre um terreno de oportunidades à teologia para interagir com as ciências sociais.

3.5. A boa nova do destino universal dos bens e da ecologia

125. Junto com os povos originários da América, louvamos ao Senhor que criou o universo como espaço para a vida e a convivência de todos os seus filhos e filhas e no-los deixou como sinal de sua bondade e de sua beleza. A criação também é manifestação do amor providente de Deus; foi-nos entregue para que cuidemos dela e a transformemos em fonte de vida digna para todos. Ainda que hoje se tenha generalizado maior valorização da natureza, percebemos claramente de quantas maneiras o homem ameaça e inclusive destrói seu 'hábitat'. "Nossa irmã a mãe terra"⁵⁸ é nossa casa comum e o lugar da aliança de Deus com os seres humanos e com toda a criação. Desatender as mútuas relações e o equilíbrio que o próprio Deus estabeleceu entre as realidades criadas, é uma ofensa ao Criador, um atentado contra a biodiversidade e, definitivamente, contra a vida. O discípulo missionário, a quem Deus confiou a criação, deve contemplá-la, cuidar dela e utilizá-la, respeitando sempre a ordem dada pelo Criador.

⁵⁸ Francisco de Assis, *Cântico das Criaturas* 9.

126. A melhor forma de respeitar a natureza é promover uma ecologia humana aberta à transcendência que, respeitando a pessoa e a família, os ambientes e as cidades, segue a indicação paulina de recapitular as coisas em Cristo e de louvar com Ele ao Pai (cf. 1 Cor 3,21-23). O Senhor entregou o mundo para todos, para os das gerações presentes e futuras. O destino universal dos bens exige a solidariedade com as gerações presentes e as futuras. Visto que os recursos são cada vez mais limitados, seu uso deve estar regulado segundo um princípio de justiça distributiva, respeitando o desenvolvimento sustentável.

3.6 O Continente da esperança e do amor

127. Como discípulos e missionários agradecemos a Deus porque a maioria dos latino-americanos e caribenhos estão batizados. A providência de Deus nos confiou o precioso patrimônio de pertencer à Igreja pelo dom do batismo que nos tem feito membros do Corpo de Cristo, povo de Deus peregrino em terras americanas há mais de quinhentos anos. Alenta nossa esperança a multidão de nossas crianças, os ideais de nossos jovens e o heroísmo de muitas de nossas famílias que, apesar das crescentes dificuldades, seguem sendo fiéis ao amor. Agradecemos a Deus a religiosidade de nossos povos que resplandece na devoção ao Cristo sofredor e à sua Mãe bendita, na veneração aos Santos com suas festas patronais, no amor ao Papa e aos demais pastores, no amor à Igreja universal como grande família de Deus que nunca pode nem deve deixar seus próprios filhos a sós ou na miséria.⁵⁹

128. Reconhecemos o dom da vitalidade da Igreja que peregrina na América Latina e no Caribe, sua opção pelos pobres, suas paróquias, suas comunidades, suas associações, seus movimentos eclesiais, novas comunidades e seus múltiplos serviços sociais e educativos. Louvamos ao Senhor por ter feito deste continente um espaço de comunhão e comunicação de povos e

⁵⁹ DI 1.

culturas indígenas. Também agradecemos o protagonismo que vão adquirindo setores que foram deslocados: mulheres, indígenas, afro-americanos, homens do campo e habitantes de áreas marginais das grandes cidades. Toda a vida de nossos povos fundada em Cristo e redimida por Ele, pode olhar para o futuro com esperança e alegria, acolhendo o chamado do Papa Bento XVI: “Só da Eucaristia brotará a civilização do amor que transformará a América latina e o Caribe para que, além de ser o Continente da esperança, seja também o Continente do amor!”⁶⁰

⁶⁰ DI 4.

Capítulo IV

A VOCAÇÃO DOS DISCÍPULOS MISSIONÁRIOS À SANTIDADE

4.1 Chamados ao seguimento de Jesus Cristo

129. Por assim dizer, Deus Pai sai de si para nos chamar a participar de sua vida e de sua glória. Mediante Israel, povo que fez seu, Deus nos revela seu projeto de vida. Cada vez que Israel procurou e necessitou de seu Deus, sobretudo nas desgraças nacionais, teve singular experiência de comunhão com Ele, que o fazia partícipe de sua verdade, sua vida e sua santidade. Por isso, não demorou em testemunhar que seu Deus – diferentemente dos ídolos – é o “Deus vivo” (Dt 5,26) que o liberta dos opressores (cf. Ex 3,7-10), que perdoa incansavelmente (cf. Ex 34,6; Eclo 2,11) e que restitui a salvação perdida quando o povo, envolvido “nas redes da morte” (Sl 116,3), suplicante a Ele se dirige (Cf. Is 38,16). Deste Deus – que é seu Pai – Jesus afirmará que “não é um Deus de mortos, mas de vivos” (Mc 12,27).

130. Nestes últimos tempos, Ele nos tem falado por meio de seu Filho Jesus (Hb 1,1ss), com quem chega a plenitude dos tempos (cf. Gl 4,4). Deus, que é Santo e nos ama, nos chama por meio de Jesus a sermos santos (cf. Ef 1,4-5).

131. O chamado que Jesus Mestre faz, implica uma grande novidade. Na antiguidade, os mestres convidavam seus dis-

cípulos a se vincular com algo transcendente e os mestres da Lei propunham a adesão à Lei de Moisés. Jesus convida a nos encontrar com Ele e a que nos vinculemos estreitamente a Ele, porque é a fonte da vida (cf. Jo 15,1-5) e só Ele tem palavras de vida eterna (cf. Jo 6,68). Na convivência cotidiana com Jesus e na confrontação com os seguidores de outros mestres, os discípulos logo descobrem duas coisas bem originais no relacionamento com Jesus. Por um lado, não foram eles que escolheram seu mestre, foi Cristo quem os escolheu. E por outro lado, eles não foram convocados para algo (purificar-se, aprender a Lei...), mas para Alguém, escolhidos para se vincularem intimamente à Pessoa dele (cf. Mc 1,17; 2,14). Jesus os escolheu para “que estivessem com Ele e para enviá-los a pregar” (Mc 3,14), para que o seguissem com a finalidade de “ser dEle” e fazer parte “dos seus” e participar de sua missão. O discípulo experimenta que a vinculação íntima com Jesus no grupo dos seus é participação da Vida saída das entranhas do Pai, é formar-se para assumir seu estilo de vida e suas motivações (cf. Lc 6,40b), correr sua mesma sorte e assumir sua missão de fazer novas todas as coisas.

132. Com a parábola da Videira e dos Ramos (cf. Jo 15,1-8), Jesus revela o tipo de vínculo que Ele oferece e que espera dos seus. Não quer um vínculo como “servos” (cf. Jo 8,33-36), porque “o servo não conhece o que seu senhor faz” (Jo 15,15). O servo não tem entrada na casa de seu amo, muito menos em sua vida. Jesus quer que seu discípulo se vincule a Ele como “amigo” e como “irmão”. O “amigo” ingressa em sua Vida, fazendo-a própria. O amigo escuta a Jesus, conhece ao Pai e faz fluir sua Vida (Jesus Cristo) na própria existência (cf. Jo 15,14), marcando o relacionamento com todos (cf. Jo 15,12). O “irmão” de Jesus (cf. Jo 20,17) participa da vida do Ressuscitado, Filho do Pai celestial, porque Jesus e seu discípulo compartilham a mesma vida que procede do Pai: o próprio Jesus, por natureza (cf. Jo 5,26; 10,30) e o discípulo por participação (cf. Jo 10,10). A consequência imediata desse tipo de vínculo é a condição de irmãos que os membros de sua comunidade adquirem.

133. Jesus faz dos discípulos seus familiares, porque compartilha com eles a mesma vida que procede do Pai e lhes pede, como discípulos, uma união íntima com Ele, obediência à Palavra do Pai, para produzirem frutos de amor em abundância. Desta forma o testemunha São João no prólogo de seu Evangelho: “A todos aqueles que crêem em seu nome, deu-lhes a capacidade de serem filhos de Deus”, e são filhos de Deus que “não nascem por via de geração humana, nem porque o homem o deseje, mas sim nascem de Deus” (Jo 1,12-13).

134. Como discípulos e missionários, somos chamados a intensificar nossa resposta de fé e anunciar que Cristo redimiu todos os pecados e males da humanidade, “no aspecto mais paradoxal de seu mistério, a hora da cruz. O grito de Jesus: “Deus, meu, Deus meu, por que me abandonaste?” (Mc 15,34) não revela a angústia de um desesperado, mas a oração do Filho que oferece a sua vida ao Pai no amor para a salvação de todos”.⁶¹

135. A resposta a seu chamado exige entrar na dinâmica do Bom Samaritano (cf. Lc 10,29-37), que nos dá o imperativo de nos fazer próximos, especialmente com quem sofre, e gerar uma sociedade sem excluídos, seguindo a prática de Jesus que come com publicanos e pecadores (cf. Lc 5,29-32), que acolhe os pequenos e as crianças (cf. Mc 10,13-16), que cura os leprosos (cf. Mc 1,40-45), que perdoa e liberta a mulher pecadora (cf. Lc 7,36-49; Jo 8,1-11), que fala com a Samaritana (cf. Jo 4,1-26).

4.2 Parecidos com o Mestre

136. A admiração pela pessoa de Jesus, seu chamado e seu olhar de amor despertam uma resposta consciente e livre desde o mais íntimo do coração do discípulo, uma adesão a toda a sua pessoa ao saber que Cristo o chama pelo nome (cf. Jo 10,3). É um “sim” que compromete radicalmente a liberdade do discípulo a se entregar a Jesus, Caminho, Verdade e Vida (cf. Jo 14,6). É

⁶¹NMI, 25-26.

uma resposta de amor a quem o amou primeiro “até o extremo” (cf. Jo 13,1). A resposta do discípulo amadurece neste amor de Jesus: “Eu te seguirei por onde quer que vás” (Lc 9,57).

137. O Espírito Santo, que o Pai nos presenteia, identifica-nos com Jesus-Caminho, abrindo-nos a seu mistério de salvação para que sejamos filhos seus e irmãos uns dos outros; identifica-nos com Jesus-Verdade, ensinando-nos a renunciar a nossas mentiras e ambições pessoais; e nos identifica com Jesus-Vida, permitindo-nos abraçar seu plano de amor e nos entregar para que outros “tenham vida nEle”.

138. Para ficar verdadeiramente parecido com o Mestre, é necessário assumir a centralidade do Mandamento do amor, que Ele quis chamar seu e novo: “Amem-se uns aos outros, como eu os amei” (Jo 15,12). Este amor, com a medida de Jesus, com total dom de si, além de ser o diferencial de cada cristão, não pode deixar de ser a característica de sua Igreja, comunidade discípula de Cristo, cujo testemunho de caridade fraterna será o primeiro e principal anúncio: “Todos reconhecerão que sois meus discípulos” (Jo 13,35).

139. No seguimento de Jesus Cristo, aprendemos e praticamos as bem-aventuranças do Reino, o estilo de vida do próprio Jesus: seu amor e obediência filial ao Pai, sua compaixão entranhável frente à dor humana, sua proximidade aos pobres e aos pequenos, sua fidelidade à missão encomendada, seu amor serviçal até à doação de sua vida. Hoje, contemplamos a Jesus Cristo tal como os Evangelhos nos transmitem para conhecermos o que Ele fez e para discernirmos o que nós devemos fazer nas atuais circunstâncias.

140. Identificar-se com Jesus Cristo é também compartilhar seu destino: “Onde eu estiver, aí estará também o meu servo” (Jo 12,26). O cristão vive o mesmo destino do Senhor, inclusive até a cruz: “Se alguém quer vir após mim, negue-se a si mesmo, carregue a sua cruz e me siga” (Mc 8,34). Estimula-nos

o testemunho de tantos missionários e mártires de ontem e de hoje em nossos povos que têm chegado a compartilhar a cruz de Cristo até à entrega da própria vida.

141. A Virgem Maria é a imagem esplêndida da conformação ao projeto trinitário que se cumpre em Cristo. Desde a sua Conceção Imaculada até sua Assunção, recorda-nos que a beleza do ser humano está toda no vínculo do amor com a Trindade, e que a plenitude de nossa liberdade está na resposta positiva que lhe damos.

142. Na América Latina e no Caribe, inumeráveis cristãos procuram buscar a semelhança do Senhor ao encontrá-lo na escuta orante da Palavra, no receber seu perdão no Sacramento da Reconciliação, e sua vida na celebração da Eucaristia e dos demais sacramentos, na entrega solidária aos irmãos mais necessitados e na vida de muitas comunidades que reconhecem com alegria o Senhor em meio a eles.

4.3 Enviados a anunciar o Evangelho do Reino da vida

143. Jesus Cristo, verdadeiro homem e verdadeiro Deus, com palavras e ações e com sua morte e ressurreição, inaugura no meio de nós o Reino de vida do Pai, que alcançará sua plenitude lá onde não haverá mais “nem morte, nem luto, nem pranto, nem dor, porque tudo o que é antigo terá desaparecido” (Ap 21,4). Durante sua vida e com sua morte na cruz, Jesus permanece fiel a seu Pai e à sua vontade (cf. Lc 22,42). Durante o ministério dele, os discípulos não foram capazes de compreender que o sentido de sua vida selava o sentido de sua morte. Muito menos podiam compreender que, segundo o desígnio do Pai, a morte do Filho era fonte de vida fecunda para todos (cf. Jo 12,23-24). O mistério pascal de Jesus é o ato de obediência e amor ao Pai e de entrega por todos seus irmãos. Com esse ato, o Messias doa plenamente aquela vida que oferecia nos caminhos e aldeias da Palestina. Por seu sacrifício voluntário, o Cordeiro de Deus oferece sua vida nas mãos do Pai (cf. Lc 23,46), que o faz

salvação “para nós” (1 Cor 1,30). Pelo mistério pascal, o Pai sela a nova aliança e gera um novo povo que tem por fundamento seu amor gratuito de Pai que salva.

144. Ao chamar os seus para que o sigam, Jesus lhes dá uma missão muito precisa: anunciar o evangelho do Reino a todas as nações (cf. Mt 28,19; Lc 24,46-48). Por isso, todo discípulo é missionário, pois Jesus o faz partícipe de sua missão, ao mesmo tempo que o vincula a Ele como amigo e irmão. Dessa maneira, como Ele é testemunha do mistério do Pai, assim os discípulos são testemunhas da morte e ressurreição do Senhor até que Ele retorne. Cumprir essa missão não é tarefa opcional, mas parte integrante da identidade cristã, porque é a extensão testemunhal da vocação mesma.

145. Quando cresce no cristão a consciência de pertencer a Cristo, em razão da gratuidade e alegria que produz, cresce também o ímpeto de comunicar a todos o dom desse encontro. A missão não se limita a um programa ou projeto, mas é compartilhar a experiência do acontecimento do encontro com Cristo, testemunhá-lo e anunciá-lo de pessoa a pessoa, de comunidade a comunidade e da Igreja a todos os confins do mundo (cf. At 1,8).

146. Bento XVI nos recorda que “o discípulo, fundamentado assim na rocha da Palavra de Deus, sente-se motivado a levar a Boa Nova da salvação a seus irmãos. Discipulado e missão são como as duas faces da mesma moeda: quando o discípulo está apaixonado por Cristo, não pode deixar de anunciar ao mundo que só Ele nos salva (cf. At 4,12). De fato, o discípulo sabe que sem Cristo não há luz, não há esperança, não há amor, não há futuro”.⁶² Essa é a tarefa essencial da evangelização, que inclui a opção preferencial pelos pobres, a promoção humana integral e a autêntica libertação cristã.

⁶² DI 3.

147. Jesus saiu ao encontro de pessoas em situações muito diferentes: homens e mulheres, pobres e ricos, judeus e estrangeiros, justos e pecadores... convidando-os a segui-lo. Hoje, continua convidando a encontrar nEle o amor do Pai. Por isso mesmo, o discípulo missionário há de ser um homem ou uma mulher que torna visível o amor misericordioso do Pai, especialmente para com os pobres e pecadores.

148. Ao participar dessa missão, o discípulo caminha para a santidade. Vivê-la na missão o conduz ao coração do mundo. Por isso, a santidade não é fuga para o intimismo ou para o individualismo religioso, tampouco abandono da realidade urgente dos grandes problemas econômicos, sociais e políticos da América Latina e do mundo, e muito menos fuga da realidade para um mundo exclusivamente espiritual.⁶³

4.4 Animados pelo Espírito Santo

149. No começo de sua vida pública, depois de seu batismo, Jesus foi conduzido pelo Espírito Santo ao deserto para se preparar para a sua missão (cf. Mc 1,12-13) e, através da oração e do jejum, discerniu a vontade do Pai e venceu as tentações de seguir outros caminhos. Esse mesmo Espírito acompanhou Jesus durante toda sua vida (cf. At 10,38). Uma vez ressuscitado, Ele comunicou seu Espírito vivificador aos seus (cf. At 2,33).

150. A partir de Pentecostes, a Igreja experimenta de imediato fecundas irrupções do Espírito, vitalidade divina que se expressa em diversos dons e carismas (cf. 1 Cor 12,1-11) e variados ofícios que edificam a Igreja e servem à evangelização (cf. 1 Cor 12,28-29). Através desses dons, a Igreja propaga o ministério salvífico do Senhor até que Ele de novo se manifeste no final dos tempos (cf. 1 Cor 1,6-7). O Espírito na Igreja forja missioná-

⁶³ Cf. DI 3.

rios decididos e valentes como Pedro (cf. At 4,13) e Paulo (cf. At 13,9), indica os lugares que devem ser evangelizados e escolhe aqueles que devem fazê-lo (cf. At 13,2).

151. A Igreja, enquanto marcada e selada “com Espírito Santo e fogo” (Mt 3,11), continua a obra do Messias, abrindo para o crente as portas da salvação (cf. 1 Cor 6,11). Paulo o afirma deste modo: “São vocês uma carta de Cristo redigida por nosso ministério e escrita não com tinta, mas com o Espírito do Deus vivo” (2Cor 3,3). O mesmo e único Espírito guia e fortalece a Igreja no anúncio da Palavra, na celebração da fé e no serviço da caridade, até que o Corpo de Cristo alcance a estatura de sua Cabeça (cf. Ef 4,15-16). Desse modo, pela presença eficaz de seu Espírito, Deus assegura até à parusia sua proposta de vida para homens e mulheres de todos os tempos e lugares, impulsionando a transformação da história e seus dinamismos. Portanto, o Senhor continua derramando hoje a sua Vida pelo trabalho da Igreja que, com “a força do Espírito Santo enviado do céu” (1Pd 1,12), continua a missão que Jesus Cristo recebeu de seu Pai (cf. Jo 20,21).

152. Jesus nos transmitiu as palavras de seu Pai e é o Espírito quem recorda à Igreja as palavras de Cristo (cf. Jo 14,26). Desde o princípio, os discípulos haviam sido formados por Jesus no Espírito Santo (cf. At 1,2); é, na Igreja, o Mestre interior que conduz ao conhecimento da verdade total, formando discípulos e missionários. Essa é a razão pela qual os seguidores de Jesus devem deixar-se guiar constantemente pelo Espírito (cf. Gl 5,25), e tornar a paixão pelo Pai e pelo Reino sua própria paixão: anunciar a Boa Nova aos pobres, curar os enfermos, consolar os tristes, libertar os cativos e anunciar a todos o ano da graça do Senhor (cf. Lc 4,18-19).

153. Essa realidade se faz presente em nossa vida por obra do Espírito Santo, o qual também nos ilumina e vivifica através dos sacramentos. Em virtude do Batismo e da Confirmação, somos chamados a ser discípulos missionários de Jesus Cristo e

entramos na comunhão trinitária na Igreja. Esta tem seu ponto alto na Eucaristia, que é princípio e projeto da missão do cristão. “Assim, pois, a Santíssima Eucaristia conduz a iniciação cristã à sua plenitude e é como o centro e fim de toda a vida sacramental”.⁶⁴

⁶⁴ SC 17.

Capítulo V

A COMUNHÃO DOS DISCÍPULOS MISSIONÁRIOS NA IGREJA

5.1 Chamados a viver em comunhão

154. Jesus, no início de seu ministério, escolhe os doze para viver em comunhão com Ele (cf. Mc 3,14). Para favorecer a comunhão e avaliar a missão, Jesus lhes pede: “Venham só vocês a um lugar desabitado, para descansar um pouco” (Mc 6,31-32). Em outras oportunidades, Jesus se encontrará com eles para lhes explicar o mistério do Reino (cf. Mc 4,11.33-34). Jesus age da mesma forma com o grupo dos setenta e dois discípulos (cf. Lc 10,17-20). Ao que parece, o encontro a sós indica que Jesus quer falar-lhes ao coração (cf. Os 2,14). Também hoje o encontro dos discípulos com Jesus na intimidade é indispensável para alimentar a vida comunitária e a atividade missionária.

155. Os discípulos de Jesus são chamados a viver em comunhão com o Pai (1 Jo 1,3) e com seu Filho morto e ressuscitado, na “comunhão no Espírito Santo” (1 Cor 13,13). O mistério da Trindade é a fonte, o modelo e a meta do mistério da Igreja: “um povo reunido pela unidade do Pai, do Filho e do Espírito”, chamado em Cristo “como sacramento ou sinal e instrumento da íntima união com Deus e da unidade de todo o gênero huma-

no”.⁶⁵ A comunhão dos fiéis e das Igrejas locais do Povo de Deus se sustenta na comunhão com a Trindade.

156. A vocação ao discipulado missionário é con-vocação à comunhão em sua Igreja. Não há discipulado sem comunhão. Diante da tentação, muito presente na cultura atual, de ser cristãos sem Igreja e das novas buscas espirituais individualistas, afirmamos que a fé em Jesus Cristo nos chegou através da comunidade eclesial e ela “nos dá uma família, a família universal de Deus na Igreja Católica. A fé nos liberta do isolamento do eu, porque nos conduz à comunhão”.⁶⁶ Isso significa que uma dimensão constitutiva do acontecimento cristão é o fato de pertencer a uma comunidade concreta na qual podemos viver uma experiência permanente de discipulado e de comunhão com os sucessores dos Apóstolos e com o Papa.

157. Ao receber a fé e o batismo, os cristãos acolhem a ação do Espírito Santo que leva a confessar a Jesus como Filho de Deus e a chamar Deus “Abba”. Todos os batizados e batizadas da América Latina e do Caribe, “através do sacerdócio comum do Povo de Deus”,⁶⁷ somos chamados a viver e a transmitir a comunhão com a Trindade, pois “a evangelização é um chamado à participação da comunhão trinitária”.⁶⁸

158. Igual às primeiras comunidades de cristãos, hoje nos reunimos assiduamente para “escutar o ensinamento dos apóstolos, viver unidos e tomar parte no partir do pão e nas orações” (At 2,42). A comunhão da Igreja se nutre com o Pão da Palavra de Deus e com o Pão do Corpo de Cristo. A Eucaristia, participação de todos no mesmo Pão de Vida e no mesmo Cálice de Salvação, nos faz membros do mesmo Corpo (cf. 1 Cor 10,17). Ela é a fonte e o ponto mais alto da vida cristã,⁶⁹ sua expressão

⁶⁵ LG 1.

⁶⁶ DI 3.

⁶⁷ Ibid. 5.

⁶⁸ DP 218.

⁶⁹ Cf. LG 11.

mais perfeita e o alimento da vida em comunhão. Na Eucaristia, nutrem-se as novas relações evangélicas que surgem do fato de sermos filhos e filhas do Pai e irmãos e irmãs em Cristo. A Igreja que a celebra é “casa e escola de comunhão”⁷⁰, onde os discípulos compartilham a mesma fé, esperança e amor a serviço da missão evangelizadora.

159. A Igreja, como “comunidade de amor”⁷¹ é chamada a refletir a glória do amor de Deus, que é comunhão, e assim atrair as pessoas e os povos para Cristo. No exercício da unidade desejada por Jesus, os homens e mulheres de nosso tempo se sentem convocados e recorrem à formosa aventura da fé. “Que também eles vivam unidos a nós para que o mundo creia” (Jo 17,21). A Igreja cresce, não por proselitismo mas “por ‘atração’: como Cristo ‘atrai tudo para si’ com a força do seu amor”.⁷² A Igreja “atrai” quando vive em comunhão, pois os discípulos de Jesus serão reconhecidos se amarem uns aos outros como Ele nos amou (cf. Rm 12,4-13; Jo 13,34).

160. A Igreja peregrina vive antecipadamente a beleza do amor que se realizará no final dos tempos na perfeita comunhão com Deus e com os homens.⁷³ Sua riqueza consiste em viver, já neste tempo, a “comunhão dos santos”, ou seja, a comunhão nos bens divinos entre todos os membros da Igreja, em particular entre os que peregrinam e os que já gozam da glória.⁷⁴ Constatamos que em nossa Igreja existem numerosos católicos que expressam sua fé e sua pertença de forma esporádica, especialmente através da piedade a Jesus Cristo, à Virgem e sua devoção aos santos. Convidamos esses a aprofundarem sua fé e participarem mais plenamente na vida da Igreja recordando-lhes que,

⁷⁰ NMI 43.

⁷¹ DCE 19.

⁷² Bento XVI, Homilia na Eucaristia de inauguração da V Conferência Geral do Episcopado Latino-americano, 13 de maio de 2007, Aparecida, Brasil.

⁷³ Cf. *ibid.*

⁷⁴ Cf. LG 49.

“em virtude do batismo, são chamados a ser discípulos e missionários de Jesus Cristo”.⁷⁵

161. A Igreja é comunhão no amor. Esta é sua essência e o sinal através do qual é chamada a ser reconhecida como seguidora de Cristo e servidora da humanidade. O novo mandamento é o que une os discípulos entre si, reconhecendo-se como irmãos e irmãs, obedientes ao mesmo Mestre, membros unidos à mesma Cabeça e, por isso, chamados a cuidarem uns dos outros (1Cor 13; Cl 3,12-14).

162. A diversidade de carismas, ministérios e serviços, abre o horizonte para o exercício cotidiano da comunhão através da qual os dons do Espírito são colocados à disposição dos demais para que circule a caridade (cf. 1Cor 12,4-12). De fato, cada batizado é portador de dons que deve desenvolver em unidade e complementaridade com os dons dos outros, a fim de formar o único Corpo de Cristo, entregue para a vida do mundo. O reconhecimento prático da unidade orgânica e da diversidade de funções assegurará maior vitalidade missionária e será sinal e instrumento de reconciliação e paz para nossos povos. Cada comunidade é chamada a descobrir e integrar os talentos escondidos e silenciosos que o Espírito presenteia aos fiéis.

163. No povo de Deus, “a comunhão e a missão estão profundamente unidas entre si... A comunhão é missionária e a missão é para a comunhão”.⁷⁶ Nas Igrejas particulares, todos os membros do povo de Deus, segundo suas vocações específicas, somos convocados à santidade na comunhão e na missão.

5.2 Lugares eclesiais para a comunhão

5.2.1 A diocese, lugar privilegiado da comunhão

164. A vida em comunidade é essencial à vocação cristã. O discipulado e a missão sempre supõem a pertença a uma comu-

⁷⁵ DI 3.

⁷⁶ ChL 32.

nidade. Deus não quis salvar-nos isoladamente, mas formando um Povo.⁷⁷ Este é um aspecto que distingue a experiência da vocação cristã de um simples sentimento religioso individual. Por isso, a experiência de fé é sempre vivida em uma Igreja Particular.

165. Reunida e alimentada pela Palavra e pela Eucaristia, a Igreja Católica existe e se manifesta em cada Igreja particular, em comunhão com o Bispo de Roma.⁷⁸ Esta é, como afirma o Concílio, “uma porção do povo de Deus confiada a um bispo para que a apascente com seu presbitério”.⁷⁹

166. A Igreja particular é totalmente Igreja, mas não é toda a Igreja. É a realização concreta do mistério da Igreja Universal em determinado lugar e tempo. Para isso, ela deve estar em comunhão com as outras Igrejas particulares e sob o pastoreio supremo do Papa, Bispo de Roma, que preside a todas as Igrejas.

167. O amadurecimento no seguimento de Jesus e a paixão por anunciá-lo requerem que a Igreja particular se renove constantemente em sua vida e ardor missionário. Só assim pode ser, para todos os batizados, casa e escola de comunhão, de participação e solidariedade. Em sua realidade social concreta, o discípulo tem a experiência do encontro com Jesus Cristo vivo, amadurece sua vocação cristã, descobre a riqueza e a graça de ser missionário e anuncia a Palavra com alegria.

168. A Diocese, em todas as suas comunidades e estruturas, é chamada a ser “comunidade missionária”.⁸⁰ Cada Diocese necessita fortalecer sua consciência missionária, saindo ao encontro dos que ainda não crêem em Cristo no espaço de seu próprio território e responder adequadamente aos grandes problemas da sociedade na qual está inserida. Mas tam-

⁷⁷ LG 9.

⁷⁸ ChL 85.

⁷⁹ ChD 11.

⁸⁰ Cf. ChL 32.

bém, com espírito materno, é chamada a sair em busca de todos os batizados que não participam na vida das comunidades cristãs.

169. A Diocese, presidida pelo Bispo, é o primeiro espaço da comunhão e da missão. Ele deve estimular e conduzir uma ação pastoral orgânica renovada e vigorosa, de maneira que a variedade de carismas, ministérios, serviços e organizações se orientem no mesmo projeto missionário para comunicar vida no próprio território. Esse projeto, que surge de um caminho de variada participação, torna possível a pastoral orgânica, capaz de dar resposta aos novos desafios. Porque um projeto só é eficiente se cada comunidade cristã, cada paróquia, cada comunidade educativa, cada comunidade de vida consagrada, cada associação ou movimento e cada pequena comunidade se inserem ativamente na pastoral orgânica de cada diocese. Cada uma é chamada a evangelizar de modo harmônico e integrado no projeto pastoral da Diocese.

5.2.2 A paróquia, comunidade de comunidades

170. Entre as comunidades eclesiais, nas quais vivem e se formam os discípulos e missionários de Jesus Cristo, sobressaem as Paróquias. São células vivas da Igreja⁸¹ e o lugar privilegiado no qual a maioria dos fiéis tem uma experiência concreta de Cristo e a comunhão eclesial.⁸² São chamadas a ser casas e escolas de comunhão. Um dos maiores desejos que se têm expressado nas Igrejas da América Latina e do Caribe, motivando a preparação da V Conferência Geral, é o de uma valente ação renovadora das Paróquias, a fim de que sejam de verdade “espaços da iniciação cristã, da educação e celebração da fé, abertas à diversidade de carismas, serviços e ministérios, organizadas de modo comunitário e responsável, integradoras de movimentos de apostolado já existentes, atentas à diversidade cultural de seus habitantes,

⁸¹ AA 10; SD 55.

⁸² EAm 41.

abertas aos projetos pastorais e supra-paroquiais e às realidades circundantes”.⁸³

171. Todos os membros da comunidade paroquial são responsáveis pela evangelização dos homens e mulheres em cada ambiente. O Espírito Santo, que atua em Jesus Cristo, é também enviado a todos enquanto membros da comunidade, porque sua ação não se limita ao âmbito individual. A tarefa missionária se abre sempre às comunidades, assim como ocorreu em Pentecostes (cf. At 2,1-13).

172. A renovação das paróquias no início do terceiro milênio exige a reformulação de suas estruturas, para que seja uma rede de comunidades e grupos, capazes de se articular conseguindo que seus membros se sintam realmente discípulos e missionários de Jesus Cristo em comunhão. A partir da paróquia, é necessário anunciar o que Jesus Cristo “fez e ensinou” (At 1,1) enquanto esteve entre nós. Sua pessoa e sua obra são a boa nova de salvação anunciada pelos ministros e testemunhas da Palavra que o Espírito desperta e inspira. A palavra acolhida é salvífica e reveladora do mistério de Deus e de sua vontade. Toda paróquia é chamada a ser o espaço onde se recebe e se acolhe a Palavra, onde se celebra e se expressa na adoração do Corpo de Cristo, e assim é a fonte dinâmica do discipulado missionário. Sua própria renovação exige que se deixe iluminar de novo e sempre pela Palavra viva e eficaz.

173. A V Conferência Geral é uma oportunidade para que todas as nossas paróquias se tornem missionárias. O número de católicos que chegam à nossa celebração dominical é limitado; é imenso o número dos distanciados, assim como o número daqueles que não conhecem a Cristo. A renovação missionária das paróquias se impõe, tanto na evangelização das grandes cidades como do mundo rural de nosso Continente, que está exigindo de nós imaginação e criatividade para chegar às multidões que de-

⁸³ Ibid.

sejam o Evangelho de Jesus Cristo. Particularmente no mundo urbano, é urgente a criação de novas estruturas pastorais, visto que muitas delas nasceram em outras épocas para responder às necessidades do âmbito rural.

174. Os melhores esforços das paróquias neste início do terceiro milênio devem estar na convocação e na formação de leigos missionários. Só através da multiplicação deles poderemos chegar a responder às exigências missionárias do momento atual. Também é importante recordar que o campo específico da atividade evangelizadora leiga é o complexo mundo do trabalho, da cultura, das ciências e das artes, da política, dos meios de comunicação e da economia, assim como as esferas da família, da educação, da vida profissional, sobretudo nos contextos onde a Igreja se faz presente somente por eles⁸⁴.

175. Seguindo o exemplo da primeira comunidade cristã (cf At 2,46-47), a comunidade paroquial se reúne para partir o pão da Palavra e da Eucaristia e perseverar na catequese, na vida sacramental e na prática da caridade⁸⁵. Na celebração eucarística, ela renova sua vida em Cristo. A Eucaristia, na qual se fortalece a comunidade dos discípulos, é para a Paróquia uma escola de vida cristã. Nela, juntamente com a adoração eucarística e com a prática do sacramento da reconciliação para comungar dignamente, seus membros são preparados para dar frutos permanentes de caridade, reconciliação e justiça para a vida do mundo.

- a) A Eucaristia, fonte e ponto alto da vida cristã, faz com que nossas paróquias sejam sempre comunidades eucarísticas que vivem sacramentalmente o encontro com o Cristo Salvador. Elas também celebram com alegria:
- b) No batismo: a incorporação de um novo membro a Cristo e a seu corpo que é a Igreja.

⁸⁴ LG 31.33; GS 43; AA 2.

⁸⁵ Bento XVI, Audiência Geral, Viagem Apostólica ao Brasil, 23 de maio de 2007.

- c) Na Confirmação: a perfeição do caráter batismal e o fortalecimento da pertença eclesial e da maturidade apostólica.
- d) Na Penitência ou Reconciliação: a conversão que todos necessitamos para combater o pecado que nos faz incoerentes com os compromissos batismais.
- e) Na Unção dos Enfermos; o sentido evangélico dos membros da comunidade, seriamente enfermos ou em perigo de morte.
- f) No sacramento da Ordem: o dom do ministério apostólico que continua sendo exercido na Igreja para o serviço pastoral a todos os fiéis.
- g) No Matrimônio: o amor entre o casal que como graça de Deus germina e cresce até a maturidade, tornando efetiva na vida cotidiana a doação total que mutuamente fizeram ao se casar.

176. A Eucaristia, sinal da unidade com todos, que prolonga e faz presente o mistério do Filho de Deus feito homem (cf. Fl 2,6-8), nos propõe a exigência de uma evangelização integral. A imensa maioria dos católicos de nosso continente vive sob o flagelo da pobreza. Esta tem diversas expressões: econômica, física, espiritual, moral etc. Se Jesus veio para que todos tenhamos vida em abundância, a paróquia tem a maravilhosa ocasião de responder às grandes necessidades de nossos povos. Para isso, tem que seguir o caminho de Jesus e chegar a ser a boa samaritana como Ele. Cada paróquia deve chegar a concretizar em sinais solidários seu compromisso social nos diversos meios em que se move, com toda “a imaginação da caridade”.⁸⁶ Não pode ser alheia aos grandes sofrimentos que a maioria de nossa gente vive e que com muita freqüência são pobreza escondidas. Toda autêntica missão unifica a preocupação pela dimensão transcen-

⁸⁶ NMI 50.

dente do ser humano e por todas as suas necessidades concretas, para que todos alcancem a plenitude que Jesus Cristo oferece.

177. Bento XVI nos recorda que “o amor à Eucaristia leva também a apreciar cada vez mais o Sacramento da Reconciliação”.⁸⁷ Vivemos numa cultura marcada por forte relativismo e perda do sentido do pecado que nos leva a esquecer a necessidade do sacramento da Reconciliação para nos aproximarmos dignamente a fim de recebermos a Eucaristia. Como pastores, somos chamados a fomentar a confissão freqüente. Convidamos nossos presbíteros a dedicar tempo suficiente para oferecer o sacramento da reconciliação com zelo pastoral e entranhas de misericórdia, a preparar dignamente os lugares da celebração, de maneira que sejam expressão do significado deste sacramento. Igualmente, pedimos a nossos fiéis que valorizem esse presente maravilhoso de Deus e se aproximem dele para renovar a graça batismal e viver, com maior autenticidade, o chamado de Jesus a serem seus discípulos e missionários. Nós, bispos e presbíteros, ministros da reconciliação, somos chamados a viver, de maneira particular, na intimidade com o Mestre. Somos conscientes de nossa fraqueza e da necessidade de sermos purificados pela graça do sacramento, que se nos oferece para nos identificarmos, cada vez mais, com Cristo, Bom Pastor e missionário do Pai. Simultaneamente, com plena disponibilidade, temos a alegria de ser ministros da reconciliação, e também nós temos de nos aproximar freqüentemente, em caminho penitencial, do Sacramento da Reconciliação.

5.2.3 Comunidades Eclesiais de Base e Pequenas Comunidades

178. Na experiência eclesial de algumas Igrejas da América Latina e do Caribe, as Comunidades Eclesiais de Base têm sido escolas que têm ajudado a formar cristãos comprometidos com sua fé, discípulos e missionários do Senhor, como o testemunha a entrega generosa, até derramar o sangue, de muitos de seus

⁸⁷ SC 20.

membros. Elas abraçam a experiência das primeiras comunidades, como estão descritas nos Atos dos Apóstolos (At 2,42-47). Medellín reconheceu nelas uma célula inicial de estruturação eclesial e foco de fé e evangelização.⁸⁸ Puebla constatou que as pequenas comunidades, sobretudo as comunidades eclesiais de base, permitiram ao povo chegar a um conhecimento maior da Palavra de Deus, ao compromisso social em nome do Evangelho, ao surgimento de novos serviços leigos e à educação da fé dos adultos;⁸⁹ no entanto, também constatou “que não têm faltado membros de comunidade ou comunidades inteiras que, atraídas por instituições puramente leigas ou radicalizadas ideologicamente, foram perdendo o sentido eclesial”.⁹⁰

179. As comunidades eclesiais de base, no seguimento missionário de Jesus, têm a Palavra de Deus como fonte de sua espiritualidade e a orientação de seus pastores como guia que assegura a comunhão eclesial. Demonstram seu compromisso evangelizador e missionário entre os mais simples e afastados, e são expressão visível da opção preferencial pelos pobres. São fonte e semente de variados serviços e ministérios a favor da vida na sociedade e na Igreja. Mantendo-se em comunhão com seu bispo e inserindo-se no projeto de pastoral diocesana, as CEBs se convertem em sinal de vitalidade na Igreja particular. Atuando dessa forma, juntamente com os grupos paroquiais, associações e movimentos eclesiais, podem contribuir para revitalizar as paróquias, fazendo delas uma comunidade de comunidades. Em seu esforço de corresponder aos desafios dos tempos atuais, as comunidades eclesiais de base terão o cuidado de não alterar o tesouro precioso da Tradição e do Magistério da Igreja.

180. Como resposta às exigências da evangelização, junto com as comunidades eclesiais de base, existem outras formas válidas de pequenas comunidades, inclusive redes de comunida-

⁸⁸ Cf. Medellín 15.

⁸⁹ Cf. Puebla 629.

⁹⁰ Ibid. 630.

des, de movimentos, grupos de vida, de oração e de reflexão da palavra de Deus. Todas as comunidades e grupos eclesiais darão fruto na medida em que a Eucaristia for o centro de sua vida e a Palavra de Deus for o farol de seu caminho e de sua atuação na única Igreja de Cristo.

5.2.4 As Conferências Episcopais e a comunhão entre as Igrejas

181. Os bispos, além do serviço à comunhão que prestam em suas Igrejas particulares, exercem este ofício junto com as outras Igrejas diocesanas. Desse modo, realizam e manifestam o vínculo de comunhão que as une entre si. Esta experiência de comunhão episcopal, sobretudo após o Concílio Vaticano II, deve ser entendida como encontro com o Cristo vivo, presente nos irmãos que estão reunidos em seu nome.⁹¹ Para crescer nessa fraternidade e na co-responsabilidade pastoral, os bispos devem cultivar a espiritualidade da comunhão, a fim de acrescentar os vínculos de colegialidade que os unem aos demais bispos de sua própria Conferência, e também a todo o Colégio Episcopal e à Igreja de Roma, presidida pelo sucessor de Pedro: *cum Petro et sub Petro*.⁹² Na Conferência Episcopal, os bispos encontram seu espaço de discernimento solidário sobre os grandes problemas da sociedade e da Igreja, e o estímulo para oferecer orientações pastorais que animem os membros do Povo de Deus a assumirem com fidelidade e decisão sua vocação de ser discípulos missionários.

182. O Povo de Deus se constrói como comunhão de Igrejas particulares, e através delas como intercâmbio entre as culturas. Nesse marco, os bispos e as Igrejas locais expressam sua solicitude para com todas as Igrejas, especialmente para com as mais próximas, reunidas nas províncias eclesiásticas, nas conferências regionais e em outras formas de associação interdiocesana no interior de cada Nação ou entre países da mesma Região ou

⁹¹ Cf. EAm 37.

⁹² Cf. João Paulo II, *Apostolos suos*.

Continente. Essas várias formas de comunhão estimulam com vigor as “relações de irmandade entre as dioceses e as paróquias”⁹³ e fomentam “maior cooperação entre as Igrejas irmãs”.⁹⁴

183. O CELAM é um organismo eclesial de fraterna ajuda episcopal, cuja preocupação fundamental é colaborar para a evangelização do Continente. Ao longo de seus 50 anos, tem oferecido serviços muito importantes às Conferências Episcopais e às nossas Igrejas particulares, entre os quais destacamos as Conferências Gerais, os Encontros Regionais, os Seminários de estudo, em seus diversos organismos e instituições. O resultado de todo esse esforço é uma sentida fraternidade entre os bispos do Continente e uma reflexão teológica e uma linguagem pastoral comuns que favorecem a comunhão e o intercâmbio entre as Igrejas.

5.3. Discípulos missionários com vocações específicas

184. A condição do discípulo brota de Jesus Cristo como de sua fonte, pela fé e pelo batismo, e cresce na Igreja, comunidade onde todos os seus membros adquirem igual dignidade e participam de diversos ministérios e carismas. Desse modo, realiza-se na Igreja a forma própria e específica de viver a santidade batismal a serviço do Reino de Deus.

185. No fiel cumprimento de sua vocação batismal, o discípulo deve levar em consideração os desafios que o mundo de hoje apresenta à Igreja de Jesus, entre outros: o êxodo de fiéis para seitas e outros grupos religiosos; as correntes culturais contrárias a Cristo e à Igreja; a desmotivação de sacerdotes frente ao vasto trabalho pastoral; a escassez de sacerdotes em muitos lugares; a mudança de paradigmas culturais; o fenômeno da globalização e a secularização; os graves problemas de violência, pobreza e injustiça; a crescente cultura da morte que afeta a vida em todas as suas formas.

⁹³ Ibid. 33.

⁹⁴ Ibid. 74.

5.3.1 *Os bispos, discípulos missionários de Jesus Sumo Sacerdote*

186. Os bispos, como sucessores dos apóstolos, junto com o Sumo Pontífice e sob sua autoridade,⁹⁵ com fé e esperança aceitamos a vocação de servir ao Povo de Deus, conforme o coração de Cristo Bom Pastor. Junto com todos os fiéis e em virtude do batismo somos, antes de mais nada, discípulos e membros do Povo de Deus. Como todos os batizados e, junto com eles, queremos seguir a Jesus, Mestre de vida e verdade, na comunhão da Igreja. Como Pastores, servidores do Evangelho, somos conscientes de termos sido chamados a viver o amor a Jesus Cristo e à Igreja na intimidade da oração e da doação de nós mesmos aos irmãos e irmãs, a quem presidimos na caridade. É como disse santo Agostinho: com vocês sou cristão, para vocês sou bispo.

187. O Senhor nos chama a promover por todos os meios a caridade e a santidade dos fiéis. Empenhamo-nos para que o povo de Deus cresça na graça mediante os sacramentos presididos por nós mesmos e pelos demais ministros ordenados. Somos chamados a ser mestres da fé e, portanto, a anunciar a Boa Nova, que é fonte de esperança para todos, e a velar e promover com solicitude e coragem a fé católica. Em virtude da íntima fraternidade que provém do sacramento da Ordem, temos o dever de cultivar de maneira especial os vínculos que nos unem a nossos presbíteros e diáconos. Servimos a Cristo e à Igreja mediante o discernimento da vontade do Pai, para refletir o Senhor em nosso modo de pensar, de sentir, de falar e de se comportar em meio aos homens. Em síntese, os bispos têm de ser testemunhas próximas e alegres de Jesus Cristo, Bom Pastor (cf. Jo 10,1-18).

188. Os bispos, como pastores e guias espirituais das comunidades a nós encomendadas, somos chamados a “fazer da

⁹⁵ Cf. ChD 2.

Igreja uma casa e escola de comunhão”.⁹⁶ Como animadores da comunhão, temos a missão de acolher, discernir e animar carismas, ministérios e serviços na Igreja. Como pais e centro de unidade, nos esforçamos por apresentar ao mundo o rosto de uma Igreja na qual todos se sintam acolhidos como em sua própria casa. Para todo o Povo de Deus, em especial para os presbíteros, procuramos ser pais, amigos e irmãos, sempre abertos ao diálogo.

189. Para crescer nessas atitudes, os bispos precisamos procurar a união constante com o Senhor, cultivar a espiritualidade da comunhão com todos os que crêem em Cristo e promover os vínculos de colegialidade que os unem ao Colégio Episcopal, particularmente com sua Cabeça, o Bispo de Roma. Não podemos esquecer que o bispo é princípio e construtor da unidade de sua Igreja particular e santificador de seu povo, testemunha de esperança e pai dos fiéis, especialmente dos pobres, e que sua principal tarefa é ser mestres da fé, anunciadores da Palavra de Deus e da administração dos sacramentos, como servidores da grei.

190. Todo o Povo de Deus deve agradecer aos Bispos eméritos que como pastores têm entregue sua vida a serviço do Reino de Deus, sendo discípulos e missionários. A eles acolhemos com carinho e aproveitamos sua vasta experiência apostólica que ainda pode produzir muitos frutos. Eles mantêm profundos vínculos com as dioceses que lhes foram confiadas e às quais estão unidos por sua caridade e sua oração.

5.3.2 Os presbíteros, discípulos missionários de Jesus Bom Pastor

5.3.2.1 Identidade e missão dos presbíteros

191. Valorizamos e agradecemos com alegria porque na imensa maioria os presbíteros vivem seu ministério com fidelidade e são modelo para os demais, que reservam tempo para sua formação permanente, porque cultivam uma vida espiritual

⁹⁶ NMI 43.

que incentiva os demais presbíteros, centrada que está na escuta da Palavra de Deus e na celebração diária da Eucaristia: “Minha Missa é minha vida e minha vida é uma Missa prolongada!”⁹⁷ Agradecemos também àqueles que foram enviados a outras Igrejas motivados por autêntico sentido missionário.

192. Um olhar ao nosso momento atual nos mostra situações que afetam e desafiam a vida e o ministério de nossos presbíteros. Entre outras coisas, a identidade teológica do ministério presbiteral, sua inserção na cultura atual e situações que incidem sobre a existência deles.

193. O primeiro desafio tem relação com a identidade teológica do ministério presbiteral. O Concílio Vaticano II estabelece o sacerdócio ministerial a serviço do sacerdócio comum dos fiéis, e cada um, ainda que de maneira qualitativamente diferente, participa do único sacerdócio de Cristo.⁹⁸ Cristo, Sumo e Eterno Sacerdote, nos remiu e nos partilhou sua vida divina. NEle, somos todos filhos do mesmo Pai e irmãos entre nós. O sacerdote não pode cair na tentação de se considerar somente mero delegado ou apenas representante da comunidade, mas sim um dom para ela, pela unção do Espírito e por sua especial união com Cristo. “Todo Sumo Sacerdote é tomado dentre os homens e colocado para intervir a favor dos homens em tudo o que se refere ao serviço de Deus” (Hb 5,1).

194. O segundo desafio se refere ao ministério do presbítero inserido na cultura atual. O presbítero é chamado a conhecê-la para semear nela a semente do Evangelho, ou seja, para que a mensagem de Jesus chegue a ser uma interpelação válida, compreensível, cheia de esperança e relevante para a vida do homem e da mulher de hoje, especialmente para os jovens. Esse desafio inclui a necessidade de potencializar adequadamente a formação inicial e permanente dos presbíteros,

⁹⁷ HURTADO, Alberto. *Um fuego que enciende otros fuegos*, pp. 69-70.

⁹⁸ Cf. LG 10.

em suas quatro dimensões: humana, espiritual, intelectual e pastoral.⁹⁹

195. O terceiro desafio se refere aos aspectos vitais e afetivos, ao celibato e a uma vida espiritual intensa fundada na caridade pastoral, que se nutre na experiência pessoal com Deus e na comunhão com os irmãos; também ao cultivo de relações fraternas com o Bispo, com os demais presbíteros da diocese e com os leigos. Para que o ministério do presbítero seja coerente e testemunhal, ele deve amar e realizar sua tarefa pastoral em comunhão com o bispo e com os demais presbíteros da diocese. O ministério sacerdotal que brota da Ordem Sagrada tem “radical forma comunitária” e só pode desenvolver-se como “tarefa coletiva”.¹⁰⁰ O sacerdote deve ser homem de oração, maduro em sua opção de vida por Deus, fazer uso dos meios de perseverança, como o Sacramento da Confissão, da devoção à Santíssima Virgem, da mortificação e da entrega apaixonada por sua missão pastoral.

196. Em particular, o presbítero é convidado a valorizar como dom de Deus o celibato, que lhe possibilita especial configuração com o estilo de vida do próprio Cristo e o faz sinal de sua caridade pastoral na entrega a Deus e aos homens com o coração pleno e indivisível. “Na verdade, esta opção do sacerdote é uma expressão singular da entrega que o configura com Cristo e da entrega de si mesmo pelo Reino de Deus”.¹⁰¹ O celibato solicita assumir com maturidade a própria afetividade e sexualidade, vivendo-as com serenidade e alegria no caminho comunitário.¹⁰²

197. Outros desafios são de caráter estrutural, como por exemplo a existência de paróquias muito grandes, que dificultam o exercício de uma pastoral adequada: paróquias muito pobres que fazem com que os pastores se dediquem a outras ta-

⁹⁹ Cf. PDV 72.

¹⁰⁰ Ibid. 17.

¹⁰¹ SCa 24.

¹⁰² Cf. PDV 44.

refas para poderem subsistir; paróquias situadas em regiões de extrema violência e insegurança, e a falta e má distribuição de presbíteros nas Igrejas do Continente.

198. O presbítero, à imagem do Bom Pastor, é chamado a ser homem de misericórdia e compaixão, próximo a seu povo e servidor de todos, particularmente dos que sofrem grandes necessidades. A caridade pastoral, fonte da espiritualidade sacerdotal, anima e unifica sua vida e ministério. Consciente de suas limitações, ele valoriza a pastoral orgânica e se insere com gosto em seu presbitério.

199. O Povo de Deus sente a necessidade de presbíteros-discípulos: que tenham profunda experiência de Deus, configurados com o coração do Bom Pastor, dóceis às orientações do Espírito, que se nutram da Palavra de Deus, da Eucaristia e da oração; de presbíteros-missionários: movidos pela caridade pastoral que os leve a cuidar do rebanho a eles confiado e a procurar os mais distantes, pregando a Palavra de Deus, sempre em profunda comunhão com seu Bispo, com os presbíteros, diáconos, religiosos, religiosas e leigos; de presbíteros-servidores da vida: que estejam atentos às necessidades dos mais pobres, comprometidos na defesa dos direitos dos mais fracos, e promotores da cultura da solidariedade. Também de presbíteros cheios de misericórdia, disponíveis para administrar o sacramento da reconciliação.

200. Tudo isso exige que as Dioceses e as Conferências Episcopais desenvolvam uma pastoral presbiteral que privilegie a espiritualidade específica e a formação permanente e integral dos sacerdotes. A Exortação Apostólica *Pastores Dabo Vobis* enfatiza que: “A formação permanente, precisamente porque é “permanente”, deve acompanhar os sacerdotes *sempre*, isto é, em qualquer período e situação de sua vida, assim como nos diversos cargos de responsabilidade eclesial que sejam confiados a eles; tudo isso levando em consideração, naturalmente, as possibilidades e características próprias da idade, condições de vida

e tarefas confiadas”.¹⁰³ Levando em consideração o número de presbíteros que abandonaram o ministério, cada Igreja particular procure estabelecer com eles relações de fraternidade e mútua colaboração conforme as normas prescritas pela Igreja.

5.3.2.2 *Os párocos, animadores de uma comunidade de discípulos missionários*

201. A renovação da paróquia exige atitudes novas dos párocos e dos sacerdotes que estão a serviço dela. A primeira exigência é que o pároco seja autêntico discípulo de Jesus Cristo, porque só um sacerdote apaixonado pelo Senhor pode renovar uma paróquia. Mas, ao mesmo tempo, deve ser ardoroso missionário que vive o constante desejo de buscar os afastados e não se contenta com a simples administração.

202. Mas, sem dúvida, não basta a entrega generosa do sacerdote e das comunidades de religiosos. Requer-se que todos os leigos se sintam co-responsáveis na formação dos discípulos e na missão. Isso supõe que os párocos sejam promotores e animadores da diversidade missionária e que dediquem tempo generosamente ao sacramento da reconciliação. Uma paróquia renovada multiplica as pessoas que realizam serviços e acrescenta os ministérios. Igualmente, nesse campo, se requer imaginação para encontrar resposta aos muitos e sempre mutáveis desafios que a realidade coloca, exigindo novos serviços e ministérios. A integração de todos eles na unidade de um único projeto evangelizador é essencial para assegurar uma comunhão missionária.

203. Uma paróquia, comunidade de discípulos missionários, requer organismos que superem qualquer tipo de burocracia. Os Conselhos Pastorais Paroquiais terão de estar formados por discípulos missionários constantemente preocupados em chegar a todos. O Conselho de Assuntos Econômicos junto a toda a comunidade paroquial, trabalhará para obter os recursos

¹⁰³ PDV 76.

necessários, de maneira que a missão avance e se faça realidade em todos os ambientes. Estes e todos os organismos precisam estar animados por uma espiritualidade de comunhão missionária: “Sem este caminho espiritual, de pouco serviriam os instrumentos externos da comunhão. Mais do que modos de expressão e crescimento, esses instrumentos se tornariam meios sem alma, máscaras de comunhão”.¹⁰⁴

204. Dentro do território paroquial, a família cristã é a primeira e mais básica comunidade eclesial. Nela se vivem e se transmitem os valores fundamentais da vida cristã. Ela se chama “Igreja Doméstica”.¹⁰⁵ Aí, os pais desempenham o papel de primeiros transmissores da fé a seus filhos, ensinando-lhes através do exemplo e da palavra, a serem verdadeiros discípulos missionários. Ao mesmo tempo, quando essa experiência de discipulado missionário é autêntica, “uma família se faz evangelizadora de muitas outras famílias e do ambiente em que ela vive”.¹⁰⁶ Isso age na vida diária “dentro e através dos atos, das dificuldades, dos acontecimentos da existência de cada dia”.¹⁰⁷ O Espírito, que faz tudo novo, atua inclusive dentro de situações irregulares, nas quais se realiza um processo de transmissão da fé, mas temos de reconhecer que, nas atuais circunstâncias, às vezes esse processo se encontra com muitas dificuldades. Não se propõe que a Paróquia chegue só a sujeitos afastados, mas à vida de todas as famílias, para fortalecer nelas a dimensão missionária.

5.3.3 Os diáconos permanentes, discípulos missionários de Jesus Servidor

205. Alguns discípulos e missionários do Senhor são chamados a servir à Igreja como diáconos permanentes, fortalecidos, em sua maioria, pela dupla sacramentalidade do matrimônio e da Ordem. São ordenados para o serviço da Palavra, da caridade

¹⁰⁴ NMI 43.

¹⁰⁵ LG 11.

¹⁰⁶ FC 52; CCE 1655-1658, 2204-2206, 2685.

¹⁰⁷ FC 51.

e da liturgia, especialmente para os sacramentos do Batismo e do Matrimônio; também para acompanhar a formação de novas comunidades eclesiais, especialmente nas fronteiras geográficas e culturais, onde ordinariamente não chega a ação evangelizadora da Igreja.

206. Cada diácono permanente deve cultivar esmeradamente sua inserção no corpo diaconal, em fiel comunhão com seu bispo e em estreita unidade com os presbíteros e os demais membros do povo de Deus. Quando estão a serviço de uma paróquia, é necessário que os diáconos e presbíteros procurem o diálogo e trabalhem em comunhão.

207. Eles devem receber adequada formação humana, espiritual, doutrinal e pastoral com programas adequados que levem em consideração – no caso dos que estão casados – a esposa e a família. Sua formação os habilitará a exercer seu ministério com fruto nos campos da evangelização, da vida das comunidades, da liturgia e da ação social, especialmente com os mais necessitados, dando assim testemunho de Cristo servidor ao lado dos enfermos, dos que sofrem, dos migrantes e refugiados, dos excluídos e das vítimas da violência e encarcerados.

208. A V Conferência espera dos diáconos um testemunho evangélico e impulso missionário para que sejam apóstolos em suas famílias, em seus trabalhos, em suas comunidades e nas novas fronteiras da missão. Não é necessário criar nos candidatos ao diaconato expectativas permanentes que superem a natureza própria que corresponde ao grau do diaconato.

5.3.4 *Os fiéis leigos e leigas, discípulos e missionários de Jesus, Luz do Mundo*

209. Os fiéis leigos são “os cristãos que estão incorporados a Cristo pelo batismo, que formam o povo de Deus e participam das funções de Cristo: sacerdote, profeta e rei. Realizam, segundo sua condição, a missão de todo o povo cristão na Igreja e no

mundo”¹⁰⁸. São “homens da Igreja no coração do mundo, e homens do mundo no coração da Igreja”¹⁰⁹.

210. Sua missão própria e específica se realiza no mundo, de tal modo que, com seu testemunho e sua atividade, contribuam para a transformação das realidades e para a criação de estruturas justas segundo os critérios do Evangelho. “O espaço próprio de sua atividade evangelizadora é o mundo vasto e complexo da política, da realidade social e da economia, como também da cultura, das ciências e das artes, da vida internacional, dos ‘mass media’, e outras realidades abertas à evangelização, como o amor, a família, a educação das crianças e adolescentes, o trabalho profissional e o sofrimento”¹¹⁰. Além disso, eles têm o dever de fazer crível a fé que professam, mostrando autenticidade e coerência em sua conduta.

211. Os leigos também são chamados a participar na ação pastoral da Igreja, primeiro com o testemunho de vida e, em segundo lugar, com ações no campo da evangelização, da vida litúrgica e outras formas de apostolado, segundo as necessidades locais sob a guia de seus pastores. Estes estarão dispostos a abrir para eles espaços de participação e confiar-lhes ministérios e responsabilidades em uma Igreja onde todos vivam de maneira responsável seu compromisso cristão. Aos catequistas, ministros da Palavra e animadores de comunidades que cumprem magnífica tarefa dentro da Igreja,¹¹¹ os reconhecemos e animamos a continuarem o compromisso que adquiriram no batismo e na confirmação.

212. Para cumprir sua missão com responsabilidade pessoal, os leigos necessitam de sólida formação doutrinal, pastoral, espiritual e adequado acompanhamento para darem testemunho de Cristo e dos valores do Reino no âmbito da vida social, econômica, política e cultural.

¹⁰⁸ Cf. LG 31.

¹⁰⁹ DP 786.

¹¹⁰ EN 70.

¹¹¹ Cf. LG 31.33; GS 43; AA 2.

213. Hoje, toda a Igreja na América Latina e no Caribe querem colocar-se em estado de missão. A evangelização do Continente, dizia-nos o papa João Paulo II, não pode realizar-se hoje sem a colaboração dos fiéis leigos.¹¹² Hão de ser parte ativa e criativa na elaboração e execução de projetos pastorais a favor da comunidade. Isso exige, da parte dos pastores, maior abertura de mentalidade para que entendam e acolham o “ser” e o “fazer” do leigo na Igreja, que por seu batismo e sua confirmação é discípulo e missionário de Jesus Cristo. Em outras palavras, é necessário que o leigo seja levado em consideração com espírito de comunhão e participação¹¹³.

214. Nesse contexto, é um sinal de esperança o fortalecimento de várias associações leigas, movimentos apostólicos eclesiais e caminhos de formação cristã, comunidades eclesiais e novas comunidades, que devem ser apoiados pelos pastores. Estes ajudam muitos batizados e muitos grupos missionários a assumir com maior responsabilidade sua identidade cristã e colaborar mais ativamente na missão evangelizadora. Nas últimas décadas, várias associações e movimentos apostólicos leigos desenvolveram forte protagonismo. Por isso, um adequado discernimento, incentivo, coordenação e condução pastoral, sobretudo da parte dos sucessores dos Apóstolos, contribuirá para ordenar esse dom para a edificação da única Igreja¹¹⁴.

215. Reconhecemos o valor e a eficácia dos Conselhos paroquiais, Conselhos diocesanos e nacionais de fiéis leigos, porque incentivam a comunhão e a participação na Igreja e sua presença ativa no mundo. A construção da cidadania, no sentido mais amplo, e a construção de eclesialidade nos leigos, é um só e único movimento.

¹¹² Cf. EAm 44.

¹¹³ Cf. PG 11.

¹¹⁴ Cf. Bento XVI, Homilia na Celebração das primeiras vésperas na Vigília de Pentecostes. Encontro com os movimentos e novas comunidades eclesiais, 3 de junho de 2006.

5.3.5 *Os consagrados e consagradas, discípulos missionários de Jesus Testemunha do Pai*

216. A vida consagrada é um dom do Pai, por meio do Espírito, à sua Igreja,¹¹⁵ e constitui elemento decisivo para sua missão.¹¹⁶ Expressa-se na vida monástica, contemplativa e ativa, nos institutos seculares, naqueles que se inserem nas sociedades de vida apostólica e outras novas formas. É um caminho de especial seguimento de Cristo, para dedicar-se a Ele com coração indiviso e colocar-se, como Ele, a serviço de Deus e da humanidade, assumindo a forma de vida que Cristo escolheu para vir a este mundo: vida virginal, pobre e obediente.¹¹⁷

217. Em comunhão com os Pastores, os consagrados e consagradas são chamados a fazer de seus lugares de presença, de sua vida fraterna em comunhão e de suas obras, lugares de anúncio explícito do Evangelho, principalmente aos mais pobres, como tem sido em nosso continente desde o início da evangelização. Desse modo, segundo seus carismas fundacionais, colaboram com a gestação de uma nova geração de cristãos discípulos e missionários e de uma sociedade onde se respeite a justiça e a dignidade da pessoa humana.

218. A partir do seu ser, a vida consagrada é chamada a ser especialista em comunhão, no interior tanto da Igreja quanto da sociedade. A vida e missão dos consagrados devem estar inseridas na Igreja particular e em comunhão com o Bispo. Para isso, é necessário criar meios comuns e iniciativas de colaboração que levem a um conhecimento e valorização mútuos e a um compartilhar da missão com todos os chamados a seguir a Jesus.

219. Num continente onde se manifestam sérias tendências de secularização, também na vida consagrada, os religiosos

¹¹⁵ VC 1.

¹¹⁶ Ibid. 3.

¹¹⁷ Ibid. 14, 16 e 18.

são chamados a dar testemunho da absoluta primazia de Deus e de seu Reino. A vida consagrada se converte em testemunha do Deus da vida em uma realidade que relativiza seu valor (obediência), é testemunha de liberdade frente ao mercado e às riquezas que valorizam as pessoas pelo ter (pobreza), e é testemunha de uma entrega no amor radical e livre a Deus e à humanidade frente à erotização e banalização das relações (castidade).

220. Na atualidade da América Latina e do Caribe, a vida consagrada é chamada a ser uma vida discipular, apaixonada por Jesus-caminho ao Pai misericordioso, e por isso, de caráter profundamente místico e comunitário. É chamada a ser uma vida missionária, apaixonada pelo anúncio de Jesus-verdade do Pai, por isso mesmo radicalmente profética, capaz de mostrar à luz de Cristo as sombras do mundo atual e os caminhos de uma vida nova, para o que se requer um profetismo que aspire até à entrega da vida em continuidade com a tradição de santidade e martírio de tantas e tantos consagrados ao longo da história do Continente. E, a serviço do mundo, uma vida apaixonada por Jesus-vida do Pai, que se faz presente nos mais pequeninos e nos últimos, a quem serve a partir do próprio carisma e espiritualidade.

221. De maneira especial, a América Latina e o Caribe necessitam da vida contemplativa, testemunha de que somente Deus basta para preencher a vida de sentido e de alegria. “Em um mundo que continua perdendo o sentido do divino, diante da supervalorização do material, vocês, queridas religiosas, comprometidas desde seus claustros a serem testemunhas dos valores pelos quais vivem, sejam testemunhas do Senhor para o mundo de hoje, infundam com sua oração um novo sopro de vida na Igreja e no homem atual”.¹¹⁸

¹¹⁸ João Paulo II, Discurso às Religiosas de Clausura na catedral de Guadalajara, México, 30 de janeiro de 1979.

222. O Espírito Santo continua despertando novas formas de vida consagrada nas Igrejas, as quais precisam ser acolhidas e acompanhadas em seu crescimento e desenvolvimento no interior das Igrejas locais. O Bispo precisa usar discernimento sério e ponderado sobre seu sentido, necessidade e autenticidade. Os Pastores valorizam como inestimável dom a virgindade consagrada, daqueles que se entregam a Cristo e à sua Igreja com generosidade e coração indiviso, e se propõem velar por sua formação inicial e permanente.

223. As Confederações de Institutos Seculares (CISAL) e de religiosas e religiosos (CLAR) e as Conferências Nacionais são estruturas de serviço e animação que, em autêntica comunhão com os Pastores e sob sua orientação, em diálogo fecundo e amistoso,¹¹⁹ estão convocadas a estimular seus membros a realizarem a missão como discípulos e missionários a serviço do Reino de Deus.¹²⁰

224. Os povos latino-americanos e caribenhos esperam muito da vida consagrada, especialmente do testemunho e contribuição das religiosas contemplativas e de vida apostólica que, junto aos demais irmãos religiosos, membros de Institutos Seculares e Sociedades de Vida Apostólica, mostram o rosto materno da Igreja. Seu desejo de escuta, acolhida e serviço, e seu testemunho dos valores alternativos do Reino, mostram que uma nova sociedade latino-americana e caribenha, fundada em Cristo, é possível.¹²¹

5.4 Os que deixaram a Igreja para se unir a outros grupos religiosos

225. Segundo nossa experiência pastoral, muitas vezes, a pessoa sincera que sai de nossa Igreja não o faz pelo que os grupos “não católicos” crêem, mas fundamentalmente por causa de como eles vivem; não por razões doutrinárias, mas vivenciais; não

¹¹⁹ Cf. PC 23; CIC 708.

¹²⁰ Cf. VC 50-53.

¹²¹ Cf. DI 5.

por motivos estritamente dogmáticos, mas pastorais; não por problemas teológicos, mas metodológicos de nossa Igreja. Esperam encontrar respostas a suas inquietações. Procuram, não sem sérios perigos, responder a algumas aspirações que, quem sabe, não têm encontrado, como deveria ser, na Igreja.

226. Em nossa Igreja temos de reforçar quatro eixos:

- a) *A experiência religiosa.* Em nossa Igreja devemos oferecer a todos os nossos fiéis um “encontro pessoal com Jesus Cristo”, uma experiência religiosa profunda e intensa, um anúncio *querigmático* e o testemunho pessoal dos evangelizadores, que leve a uma conversão pessoal e a uma mudança de vida integral.
- b) *A vivência comunitária.* Nossos fiéis procuram comunidades cristãs, onde sejam acolhidos fraternalmente e se sintam valorizados, visíveis e eclesialmente incluídos. É necessário que nossos fiéis se sintam realmente membros de uma comunidade eclesial e co-responsáveis em seu desenvolvimento. Isso permitirá maior compromisso e entrega em e pela Igreja.
- c) *A formação bíblico-doutrinal.* Junto a uma forte experiência religiosa e uma destacada convivência comunitária, nossos fiéis precisam aprofundar o conhecimento da Palavra de Deus e os conteúdos da fé, visto que esta é a única maneira de amadurecer sua experiência religiosa. Nesse caminho, acentuadamente vivencial e comunitário, a formação doutrinal não se experimenta como conhecimento teórico e frio, mas como ferramenta fundamental e necessária no crescimento espiritual, pessoal e comunitário.
- d) *O compromisso missionário de toda a comunidade.* Ela sai ao encontro dos afastados, interessa-se por sua situação, a fim de reencantá-los com a Igreja e convidá-los a retornarem para ela.

5.5 Diálogo ecumênico e interreligioso

5.5.1 Diálogo ecumênico para que o mundo creia

227. A compreensão e a prática da eclesiologia de comunhão nos conduz ao diálogo ecumênico. A relação com os irmãos e irmãs batizados de outras Igrejas e comunidades eclesiais é um caminho irrenunciável para o discípulo e missionário,¹²² pois a falta de unidade representa um escândalo, um pecado e um atraso do cumprimento do desejo de Cristo: “Que todos sejam um, como tu, Pai, estás em mim e eu em ti. E para que também eles estejam em nós, a fim de que o mundo acredite que tu me enviaste” (Jo 17,21).

228. O ecumenismo não se justifica por uma exigência simplesmente sociológica mas evangélica, trinitária e batismal: “expressa a comunhão real, ainda que imperfeita” que já existe entre “os que foram regenerados pelo batismo” e o testemunho concreto de fraternidade.¹²³ O Magistério insiste no caráter trinitário e batismal do esforço ecumênico, onde o diálogo emerge como atitude espiritual e prática, em um caminho de conversão e reconciliação. Só assim chegará “o dia em que poderemos celebrar, junto com todos os que crêem em Cristo, a divina Eucaristia”.¹²⁴ Uma via fecunda para avançar para a comunhão é recuperar em nossas comunidades o sentido do compromisso do Batismo.

229. Hoje se faz necessário reabilitar a autêntica apologética que faziam os pais da Igreja como explicação da fé. A apologética não tem por que ser negativa ou meramente defensiva *per se*. Implica, na verdade, a capacidade de dizer o que está em nossas mentes e corações de forma clara e convincente, como disse São Paulo, “fazendo a verdade na caridade” (Ef 4,15). Mais do que nunca os discípulos e missionários de Cristo de hoje ne-

¹²² Cf. UUS 3.

¹²³ Ibid. 96.

¹²⁴ SC 56.

cessitam de uma apologética renovada para que todos possam ter vida nEle.

230. Às vezes esquecemos que a unidade é, antes de tudo, um dom do Espírito Santo, e oramos pouco por essa intenção. “Esta conversão do coração e esta santidade de vida, juntamente com as orações particulares e públicas pela unidade dos cristãos, hão de se considerar como a alma de todo o movimento ecumênico e com razão pode chamar-se ecumenismo espiritual”.¹²⁵

231. Faz mais de quarenta anos que o Concílio Vaticano II reconheceu a ação do Espírito Santo no movimento pela unidade dos cristãos. Desde então, temos colhido muitos frutos. Neste campo, necessitamos de mais agentes de diálogo e mais bem qualificados. É bom tornar mais conhecidas as declarações que a própria Igreja Católica tem subscrito no campo do ecumenismo desde o Concílio. Os diálogos bilaterais e multilaterais têm produzido bons frutos. Também é oportuno estudar o *Directório ecumênico* e suas indicações em relação à catequese, à liturgia, à formação presbiteral e à pastoral.¹²⁶ A mobilidade humana, característica do mundo atual, pode ser ocasião propícia para o diálogo ecumênico da vida.¹²⁷

232. Em nosso contexto, o surgimento de novos grupos religiosos, além da tendência a confundir o ecumenismo com o diálogo interreligioso, tem causado obstáculos na conquista de maiores frutos no diálogo ecumênico. Por isso mesmo, incentivamos os ministros ordenados, aos leigos e à vida consagrada a participarem de organismos ecumênicos com cuidadosa preparação e esmerado seguimento dos pastores, e realizarem ações conjuntas nos diversos campos da vida eclesial, pastoral e social. Na verdade, o contato ecumênico favorece a estima recíproca,

¹²⁵ UR 8.

¹²⁶ Cf. Pontifício Conselho para a Promoção da Unidade dos Cristãos. *A dimensão ecumênica na formação dos que trabalham no ministério pastoral*, n. 3-5.

¹²⁷ Cf. Pontifício Conselho para a Pastoral dos Imigrantes e Itinerantes. *Instrução Erga migrantes caritas Christi*, 56-58.

convoca à escuta comum da palavra de Deus e chama à conversão aqueles que se declaram discípulos e missionários de Jesus Cristo. Esperamos que a promoção da unidade dos cristãos, assumida pelas Conferências Episcopais, se consolide e frutifique sob a luz do Espírito Santo.

233. Nesta nova etapa evangelizadora, queremos que o diálogo e a cooperação ecumênica se encaminhem para despertar novas formas de discipulado e missão em comunhão. Cabe observar que, onde se estabelece o diálogo, diminui o proselitismo, crescem o conhecimento recíproco e o respeito, e se abrem possibilidades de testemunho comum.

234. Como resposta generosa à oração do Senhor “para que todos sejam um” (Jo 17,21), os Papas nos têm incentivado a avançar pacientemente no caminho da unidade. João Paulo II nos exorta: “No corajoso caminho para a unidade, a clareza e prudência da fé nos conduzem a evitar o falso irenismo e o desinteresse pelas normas da Igreja. Inversamente, a mesma clareza e a mesma prudência nos recomendam evitar a indiferença na busca da unidade e, mais ainda, a posição pré-concebida ou o derrotismo que tende a ver tudo como negativo”¹²⁸. Bento XVI abriu seu pontificado dizendo: “Não bastam as manifestações de bons sentimentos. Fazem falta gestos concretos que penetrem nos espíritos e sacudam as consciências, impulsionando cada um à conversão interior, que é o fundamento de todo progresso no caminho do ecumenismo”.¹²⁹

5.5.2 Relação com o judaísmo e diálogo interreligioso

235. Reconhecemos com gratidão os laços que nos relacionam com o povo judeu, que nos une na fé no único Deus e sua palavra revelada no Antigo Testamento.¹³⁰ São nossos “irmãos

¹²⁸ UUS 79.

¹²⁹ Bento XVI, Primeira mensagem no final da celebração eucarística com os cardeais eleitores na Capela Sistina, quarta-feira, 20 de abril de 2005.

¹³⁰ Cf. NAe 4.

maiores” na fé de Abraão, Isaac e Jacó. Dói em nós a história de desencontros que eles têm sofrido, também em nossos países. São muitas as causas comuns que na atualidade exigem maior colaboração e respeito mútuo.

236. Pelo sopro do Espírito Santo e outros meios conhecidos de Deus, a graça de Cristo pode alcançar a todos os que Ele redimiu, para além da comunidade eclesial, porém de modos diferentes¹³¹. Explicitar e promover esta salvação já operante no mundo é uma das tarefas da Igreja com respeito às palavras do Senhor: “Sejam minhas testemunhas até os extremos da terra” (At 1,8).

237. O diálogo interreligioso, em especial com as religiões monoteístas, fundamenta-se justamente na missão que Cristo nos confiou, solicitando a sábia articulação entre o anúncio e o diálogo como elementos constitutivos da evangelização.¹³² Com tal atitude, a Igreja, “sacramento universal de salvação”,¹³³ reflete a luz de Cristo que “ilumina a todo homem” (Jo 1,9). A presença da Igreja entre as religiões não cristãs é feita de empenho, discernimento e testemunho, apoiados na fé, esperança e caridade teológicas.¹³⁴

238. Mesmo quando o subjetivismo e a identidade pouco definida de certas propostas dificultam os contatos, isso não nos permite abandonar o compromisso e a graça do diálogo.¹³⁵ Em lugar de desistir, é necessário investir no conhecimento das religiões, no discernimento teológico-pastoral e na formação de agentes competentes para o diálogo interreligioso, atendendo às diferentes visões religiosas presentes nas culturas de nosso continente. O diálogo interreligioso não significa que se deixe de

¹³¹ Cf. Pontifício Conselho para o Diálogo Inter-religioso e Congregação para a Evangelização dos Povos, *Diálogo e Anúncio*, 1991, 29.

¹³² Cf. NMI 55.

¹³³ LG 1.

¹³⁴ Cf. Pontifício Conselho para o Diálogo Inter-religioso e Congregação para a Evangelização dos Povos, *Diálogo e Anúncio*, 1991, 40.

¹³⁵ *Ibid.* 89.

anunciar a Boa Nova de Jesus Cristo aos povos não cristãos, mas com mansidão e respeito por suas convicções religiosas.

239. O diálogo interreligioso, além de seu caráter teológico, tem significado especial na construção da nova humanidade: abre caminhos inéditos de testemunho cristão, promove a liberdade e dignidade dos povos, estimula a colaboração para o bem comum, supera a violência motivada por atitudes religiosas fundamentalistas, educa para a paz e para a convivência cidadã; é um campo de bem-aventuranças que são assumidas pela Doutrina Social da Igreja.

Capítulo VI

O CAMINHO DE FORMAÇÃO DOS DISCÍPULOS MISSIONÁRIOS

6.1 Uma espiritualidade trinitária do encontro com Jesus Cristo

240. Uma autêntica proposta de encontro com Jesus Cristo deve estabelecer-se sobre o sólido fundamento da Trindade-Amor. A experiência de um Deus uno e trino, que é unidade e comunhão inseparável, permite-nos superar o egoísmo para nos encontrarmos plenamente no serviço para com o outro. A experiência batismal é o ponto de início de toda espiritualidade cristã que se funda na Trindade.

241. É Deus Pai quem nos atrai por meio da entrega eucarística de seu Filho (cf. Jo 6,44), dom de amor com o qual saiu ao encontro de seus filhos, para que, renovados pela força do Espírito, possamos chamá-lo de Pai: “Quando chegou a plenitude dos tempos, Deus enviou seu próprio Filho, nascido de uma mulher, nascido sob o domínio da lei, para nos libertar do domínio da lei e fazer com que recebêssemos a condição de filhos adotivos de Deus. E porque já somos filhos, Deus enviou o Espírito de seu Filho a nossos corações, e o Espírito clama: Abbá! Pai!” (Gl 4,4-5). Trata-se de uma nova criação, onde o amor do Pai, do Filho e do Espírito Santo renova a vida das criaturas.

242. Na história do amor trinitário, Jesus de Nazaré, homem como nós e Deus conosco, morto e ressuscitado, nos é dado como Caminho, Verdade e Vida. No encontro de fé com o inaudito realismo de sua Encarnação, podemos ouvir, ver com nossos olhos, contemplar e tocar com nossas mãos a Palavra de vida (cf. 1 Jo 1,1), experimentamos que “o próprio Deus vai atrás da ovelha perdida, a humanidade doente e extraviada. Quando em suas parábolas Jesus fala do pastor que vai atrás da ovelha desgarrada, da mulher que procura a dracma, do pai que sai ao encontro de seu filho pródigo e o abraça, não se trata só de meras palavras, mas da explicação de seu próprio ser e agir”.¹³⁶ Essa prova definitiva de amor tem o caráter de um esvaziamento radical (*kénosis*), porque Cristo “se humilhou a si mesmo fazendo-se obediente até à morte e morte de cruz” (Fl 2,8).

6.1.1 O encontro com Jesus Cristo

243. O acontecimento de Cristo é, portanto, o início desse sujeito novo que surge na história e a quem chamamos discípulo: “Não se começa a ser cristão por uma decisão ética ou uma grande idéia, mas através do encontro com um acontecimento, com uma Pessoa, que dá um novo horizonte à vida e, com isso, uma orientação decisiva”.¹³⁷ Isso é justamente o que, com apresentações diferentes, todos os evangelhos nos têm conservado como sendo o início do cristianismo: um encontro de fé com a pessoa de Jesus (cf. Jo 1,35-39).

244. A própria natureza do cristianismo consiste, portanto, em reconhecer a presença de Jesus Cristo e segui-lo. Essa foi a maravilhosa experiência daqueles primeiros discípulos que, encontrando Jesus, ficaram fascinados e cheios de assombro frente à excepcionalidade de quem lhes falava, diante da maneira como os tratava, coincidindo com a fome e sede de vida que havia em seus corações. O evangelista João nos deixou plasmado o impac-

¹³⁶ DCE 12.

¹³⁷ *Ibid.* 1.

to que a pessoa de Jesus produziu nos primeiros discípulos que o encontraram, João e André. Tudo começa com uma pergunta: “O que procuram?” (Jo 1,38). A essa pergunta seguiu o convite a viver uma experiência: “Venham e verão” (Jo 1,39). Essa narração permanecerá na história como síntese única do método cristão.

245. No hoje do nosso continente latino-americano, levanta-se a mesma pergunta cheia de expectativa: “Mestre, onde vives?” (Jo 1,38), onde te encontramos de maneira adequada para “abrir um autêntico processo de conversão, comunhão e solidariedade?”¹³⁸ Quais são os lugares, as pessoas, os dons que nos falam de ti, que nos colocam em comunhão contigo e nos permitem ser discípulos e missionários teus?

6.1.2 Lugares de encontro com Jesus Cristo

246. O encontro com Cristo, graças à ação invisível do Espírito Santo, realiza-se na fé recebida e vivida na Igreja. Com as palavras do papa Bento XVI, repetimos com certeza: “A Igreja é nossa casa! Esta é nossa casa! Na Igreja Católica temos tudo o que é bom, tudo o que é motivo de segurança e de consolo! Quem aceita a Cristo: Caminho, Verdade e Vida, em sua totalidade, tem garantida a paz e a felicidade, nesta e na outra vida!”¹³⁹

247. Encontramos Jesus na Sagrada Escritura, lida na Igreja. A Sagrada Escritura, “Palavra de Deus escrita por inspiração do Espírito Santo”,¹⁴⁰ é, com a Tradição, fonte de vida para a Igreja e alma de sua ação evangelizadora. Desconhecer a Escritura é desconhecer Jesus Cristo e renunciar a anunciá-lo. Daí o convite de Bento XVI: “Ao iniciar a nova etapa que a Igreja missionária da América Latina e do Caribe se dispõe a empreender, a partir desta V Conferência em Aparecida, é condição indispensável o

¹³⁸ EAm 8.

¹³⁹ Bento XVI, Discurso no final do santo Rosário no Santuário de Nossa Senhora Aparecida, 12 de maio de 2007.

¹⁴⁰ DV 9.

conhecimento profundo e vivencial da Palavra de Deus, Por isso, é necessário educar o povo na leitura e na meditação da Palavra: que ela se converta em seu alimento para que, por experiência própria, vejam que as palavras de Jesus são espírito e vida (cf. Jo 6,63). Do contrário, como vão anunciar uma mensagem cujo conteúdo e espírito não conhecem profundamente? É preciso fundamentar nosso compromisso missionário e toda a nossa vida na rocha da Palavra de Deus”.¹⁴¹

248. Faz-se, pois, necessário propor aos fiéis a Palavra de Deus como dom do Pai para o encontro com Jesus Cristo vivo, caminho de “autêntica conversão e de renovada comunhão e solidariedade”.¹⁴² Essa proposta será mediação de encontro com o Senhor se for apresentada a Palavra revelada, contida na Escritura, como fonte de evangelização. Os discípulos de Jesus desejam alimentar-se com o Pão da Palavra: querem chegar à interpretação adequada dos textos bíblicos, empregá-los como mediação de diálogo com Jesus Cristo, e a que sejam alma da própria evangelização e do anúncio de Jesus a todos. Por isso, a importância de uma “pastoral bíblica”, entendida como animação bíblica da pastoral, que seja escola de interpretação ou conhecimento da Palavra, de comunhão com Jesus ou oração com a Palavra, e de evangelização inculturada ou de proclamação da Palavra. Isso exige, da parte dos bispos, presbíteros, diáconos e ministros leigos da Palavra, uma aproximação à Sagrada Escritura que não seja só intelectual e instrumental, mas com coração “faminto de ouvir a Palavra do Senhor” (Am 8,11).

249. Entre as muitas formas de se aproximar da Sagrada Escritura existe uma privilegiada à qual todos somos convidados: a *Lectio divina* ou exercício de leitura orante da Sagrada Escritura. Essa leitura orante, bem praticada, conduz ao encontro com Jesus-Mestre, ao conhecimento do mistério de Jesus-Messias, à comunhão com Jesus-Filho de Deus e ao testemunho de

¹⁴¹ DI 3.

¹⁴² EAm 12.

Jesus-Senhor do universo. Com seus quatro momentos (leitura, meditação, oração, contemplação), a leitura orante favorece o encontro pessoal com Jesus Cristo semelhante ao modo de tantos personagens do evangelho: Nicodemos e sua ânsia de vida eterna (cf. Jo 3,1-21), a Samaritana e seu desejo de culto verdadeiro (cf. Jo 4,1-42), o cego de nascimento e seu desejo de luz interior (cf. Jo 9), Zaqueu e sua vontade de ser diferente (cf. Lc 19,1-10)... Todos eles, graças a esse encontro, foram iluminados e recriados porque se abriram à experiência da misericórdia do Pai que se oferece por sua Palavra de verdade e vida. Não abriram o coração para algo do Messias, mas ao próprio Messias, caminho de crescimento na “maturidade conforme a sua plenitude” (Ef 4,13), processo de discipulado, de comunhão com os irmãos e de compromisso com a sociedade.

250. Encontramos Jesus Cristo, de modo admirável, na Sagrada Liturgia. Ao vivê-la, celebrando o mistério pascal, os discípulos de Cristo penetram mais nos mistérios do Reino e expressam de modo sacramental sua vocação de discípulos e missionários. A Constituição sobre a Sagrada Liturgia do Vaticano II nos mostra o lugar e a função da liturgia no seguimento de Cristo, na ação missionária dos cristãos, na vida nova em Cristo e na vida de nossos povos nEle.¹⁴³

251. A Eucaristia é o lugar privilegiado do encontro do discípulo com Jesus Cristo. Com este Sacramento, Jesus nos atrai para si e nos faz entrar em seu dinamismo em relação a Deus e ao próximo. Existe estreito vínculo entre as três dimensões da vocação cristã: crer, celebrar e viver o mistério de Jesus Cristo, de tal modo que a existência cristã adquira verdadeiramente forma eucarística. Em cada Eucaristia, os cristãos celebram e assumem o mistério pascal, participando nEle. Portanto, os fiéis devem viver sua fé na centralidade do mistério pascal de Cristo através da Eucaristia, de maneira que toda a sua vida seja cada

¹⁴³ Cf. SC 7.

vez mais vida eucarística. A Eucaristia, fonte inesgotável da vocação cristã é, ao mesmo tempo, fonte inextinguível do impulso missionário. Aí, o Espírito Santo fortalece a identidade do discípulo e desperta nele a decidida vontade de anunciar com audácia aos demais o que tem escutado e vivido.

252. Entende-se, assim, a grande importância do preceito dominical de “viver segundo o domingo”, como necessidade interior do cristão, da família cristã, da comunidade paroquial. Sem uma participação ativa na celebração eucarística dominical e nas festas de preceito, não existirá um discípulo missionário maduro. Cada grande reforma na Igreja está vinculada ao redescobrimento da fé na Eucaristia.¹⁴⁴ Por causa disso, é importante promover a “pastoral do domingo” e dar a ela “prioridade nos programas pastorais”,¹⁴⁵ para novo impulso na evangelização do povo de Deus no Continente latino-americano.

253. Com profundo afeto pastoral, queremos dizer às milhares de comunidades com seus milhões de membros, que não têm a oportunidade de participar da Eucaristia dominical, que também elas podem e devem viver “segundo o domingo”. Podem alimentar seu já admirável espírito missionário participando da “celebração dominical da Palavra”, que faz presente o Mistério Pascal no amor que congrega (cf. 1 Jo 3,14), na Palavra acolhida (cf. Jo 5,24-25) e na oração comunitária (cf. Mt 18,20). Sem dúvida, os fiéis devem desejar a participação plena na Eucaristia dominical, pela qual também os motivamos a orar pelas vocações sacerdotais.

254. O sacramento da reconciliação é o lugar onde o pecador experimenta de maneira singular o encontro com Jesus Cristo, que se compadece de nós e nos dá o dom de seu perdão misericordioso, nos faz sentir que o amor é mais forte que o pecado cometido, nos liberta de tudo o que nos impede de perma-

¹⁴⁴ Cf. *Ibid.* 6.

¹⁴⁵ DI 4.

necer em seu amor, e nos devolve a alegria e o entusiasmo de anunciá-lo aos demais de coração aberto e generoso.

255. A oração pessoal e comunitária é o lugar onde o discípulo, alimentado pela Palavra e pela Eucaristia, cultiva uma relação de profunda amizade com Jesus Cristo e procura assumir a vontade do Pai. A oração diária é sinal do primado da graça no caminho do discípulo missionário. Por isso, “é necessário aprender a orar, voltando sempre a aprender essa arte dos lábios do Mestre”.¹⁴⁶

256. Jesus está presente em meio a uma comunidade viva na fé e no amor fraterno. Aí Ele cumpre sua promessa: “Onde estão dois ou três reunidos em meu nome, aí estou eu no meio deles” (Mt 18,20). Ele está em todos os discípulos que procuram fazer sua existência de Jesus, e viver sua própria vida escondida na vida de Cristo (cf. Cl 3,3). Eles experimentam a força da ressurreição de Cristo até se identificar profundamente com Ele: “Já não vivo eu, mas é Cristo que vive em mim” (Gl 2,20). Cristo mesmo está nos Pastores, que o representam (cf. Mt 10,40; Lc 10,16). “Os Bispos têm sucedido, por instituição divina, aos Apóstolos, como Pastores da Igreja, de modo que quem os escuta, escuta a Cristo, e quem os despreza, despreza a Cristo e a quem o enviou” (Lumen Gentium, 20). Está naqueles que dão testemunho de luta pela justiça, pela paz e pelo bem comum, algumas vezes chegando a entregar a própria vida em todos os acontecimentos da vida de nossos povos, que nos convidam a procurar um mundo mais justo e mais fraterno, em toda realidade humana, cujos limites às vezes causam dor e nos agoniam.

257. Também o encontramos de modo especial nos pobres, aflitos e enfermos (cf. Mt 25,37-40), que exigem nosso compromisso e nos dão testemunho de fé, paciência no sofrimento e constante luta para continuar vivendo. Quantas vezes os pobres e os que sofrem nos evangelizam realmente! No

¹⁴⁶ NMI 33.

reconhecimento dessa presença e proximidade e na defesa dos direitos dos excluídos encontra-se a fidelidade da Igreja a Jesus Cristo.¹⁴⁷ O encontro com Jesus Cristo através dos pobres é uma dimensão constitutiva de nossa fé em Jesus Cristo. Da contemplação do rosto sofredor de Cristo neles¹⁴⁸ e do encontro com Ele nos aflitos e marginalizados, cuja imensa dignidade Ele mesmo nos revela, surge nossa opção por eles. A mesma união a Jesus Cristo é a que nos faz amigos dos pobres e solidários com seu destino.

6.1.3 A piedade popular como lugar de encontro com Jesus Cristo

258. O Santo Padre destacou a “rica e profunda religiosidade popular, na qual aparece a alma dos povos latino-americanos”, e a apresentou como “o precioso tesouro da Igreja Católica na América Latina”.¹⁴⁹ Convidou a promovê-la e a protegê-la. Essa maneira de expressar a fé está presente de diversas formas em todos os setores sociais, em uma multidão que merece nosso respeito e carinho, porque sua piedade “reflete uma sede de Deus que somente os pobres e simples podem conhecer”.¹⁵⁰ A “religião do povo latino-americano é expressão da fé católica. É um catolicismo popular”,¹⁵¹ profundamente inculturado, que contém a dimensão mais valiosa da cultura latino-americana.

259. Entre as expressões dessa espiritualidade contam-se: as festas patronais, as novenas, os rosários e *via-sacras*, as procissões, as danças e os cânticos do folclore religioso, o carinho aos santos e aos anjos, as promessas, as orações em família. Destacamos as peregrinações onde é possível reconhecer o Povo de Deus a caminho. Aí o cristão celebra a alegria de se sentir imerso em meio a tantos irmãos, caminhando juntos para Deus que os espera. O próprio Cristo se faz peregrino e caminha ressuscitado

¹⁴⁷ Ibid. 49.

¹⁴⁸ Cf. Ibid 25.

¹⁴⁹ DI 1.

¹⁵⁰ EN 48.

¹⁵¹ DP 444.

entre os pobres. A decisão de caminhar em direção ao santuário já é uma confissão de fé, o caminhar é um verdadeiro canto de esperança e a chegada é um encontro de amor. O olhar do peregrino se deposita sobre uma imagem que simboliza a ternura e a proximidade de Deus. O amor se detém, contempla o mistério, desfruta dele em silêncio. Também se comove, derramando todo o peso de sua dor e de seus sonhos. A súplica sincera, que flui confiante, é a melhor expressão de um coração que renunciou à auto-suficiência, reconhecendo que sozinho nada pode. Um breve instante condensa uma viva experiência espiritual.¹⁵²

260. Aí, o peregrino vive a experiência de um mistério que o supera, não só da transcendência de Deus, mas também da Igreja, que transcende sua família e seu bairro. Nos santuários, muitos peregrinos tomam decisões que marcam suas vidas. As paredes dos santuários contêm muitas histórias de conversão, de perdão e de dons recebidos que milhões poderiam contar.

261. A piedade popular penetra delicadamente a existência pessoal de cada fiel e, ainda que se viva em uma multidão, não é uma “espiritualidade de massas”. Nos diferentes momentos da luta cotidiana, muitos recorrem a algum pequeno sinal do amor de Deus: um crucifixo, um rosário, uma vela que se acende para acompanhar um filho em sua enfermidade, um Pai Nosso recitado entre lágrimas, um olhar entranhável a uma imagem querida de Maria, um sorriso dirigido ao Céu em meio a uma alegria singela.

262. É verdade que a fé que se encarnou na cultura pode ser aprofundada e penetrar cada vez mais na forma de viver de nossos povos. Mas isso só pode acontecer se valorizarmos positivamente o que o Espírito Santo já semeou. A piedade popular é “imprescindível ponto de partida para conseguir que a fé do

¹⁵² “El Santuario, presencia y profecía del Dios vivo”, *L'Osservatore*, Ed. em espanhol, 22, de 28 de maio de 1999.

povo amadureça e se faça mais fecunda”.¹⁵³ Por isso, o discípulo missionário precisa ser “sensível a ela, saber perceber suas dimensões interiores e seus valores inegáveis”.¹⁵⁴ Quando afirmamos que é necessário evangelizá-la ou purificá-la, não queremos dizer que esteja privada de riqueza evangélica. Simplesmente desejamos que todos os membros do povo fiel, reconhecendo o testemunho de Maria e também dos santos, procurem imitá-los cada dia mais. Assim procurarão contato mais direto com a Bíblia e maior participação nos sacramentos, chegarão a desfrutar da celebração dominical da Eucaristia e viverão ainda melhor o serviço do amor solidário. Por esse caminho será possível aproveitar ainda mais o rico potencial de santidade e justiça social que a mística popular encerra.

263. Não podemos desvalorizar a espiritualidade popular ou considerá-la como modo secundário da vida cristã, porque seria esquecer o primado da ação do Espírito e a iniciativa gratuita do amor de Deus. A piedade popular contém e expressa um intenso sentido da transcendência, uma capacidade espontânea de se apoiar em Deus e uma verdadeira experiência de amor teológico. É também uma expressão de sabedoria sobrenatural, porque a sabedoria do amor não depende diretamente da ilustração da mente, mas da ação interna da graça. Por isso, a chamamos de espiritualidade popular. Ou seja, uma espiritualidade cristã que, sendo um encontro pessoal com o Senhor, integra muito o corpóreo, o sensível, o simbólico e as necessidades mais concretas das pessoas. É uma espiritualidade encarnada na cultura dos simples, que nem por isso é menos espiritual, mas que o é de outra maneira.

264. A piedade popular é uma maneira legítima de viver a fé, um modo de se sentir parte da Igreja e uma forma de ser missionários, onde se recolhem as mais profundas vibrações da

¹⁵³ Congregação para o Culto Divino e a Disciplina dos Sacramentos, *Diretório sobre a piedade popular e a Liturgia*, n. 64.

¹⁵⁴ EN 48.

América Latina. É parte de uma “originalidade histórica cultural”¹⁵⁵ dos pobres deste Continente, e fruto de “uma síntese entre as culturas e a fé cristã”.¹⁵⁶ No ambiente de secularização que vivem nossos povos, continua sendo uma poderosa confissão do Deus vivo que atua na história e um canal de transmissão da fé. O caminhar juntos para os santuários e o participar em outras manifestações da piedade popular, levando também os filhos ou convidando a outras pessoas, é em si mesmo um gesto evangelizador pelo qual o povo cristão evangeliza a si mesmo e cumpre a vocação missionária da Igreja.

265. Nossos povos se identificam particularmente com o Cristo sofredor, olham-no, beijam-no ou tocam seus pés machucados, como se dissessem: Este é “o que me amou e se entregou por mim” (Gl 2,20). Muitos deles golpeados, ignorados, despojados, não abaixam os braços. Com sua religiosidade característica se agarram no imenso amor que Deus tem por eles e que lhes recorda permanentemente sua própria dignidade. Também encontram a ternura e o amor de Deus no rosto de Maria. Nela vêem refletida a mensagem essencial do Evangelho. Nossa Mãe querida, desde o santuário de Guadalupe, faz sentir a seus filhos menores que eles estão na dobra de seu manto. Agora, desde Aparecida, convida-os a lançar as redes ao mundo, para tirar do anonimato aqueles que estão submersos no esquecimento e aproximá-los da luz da fé. Ela, reunindo os filhos, integra nossos povos ao redor de Jesus Cristo.

6.1.4 Maria, discípula e missionária

266. A máxima realização da existência cristã como um viver trinitário de “filhos no Filho” nos é dada na Virgem Maria que, através de sua fé (cf. Lc 1,45) e obediência à vontade de Deus (cf. Lc 1,38), assim como por sua constante meditação da Palavra e das ações de Jesus (cf. Lc 2,19.51), é a discípula mais

¹⁵⁵ DP 448.

¹⁵⁶ DI 1.

perfeita do Senhor.¹⁵⁷ Interlocutora do Pai em seu projeto de enviar seu Verbo ao mundo para a salvação humana, com sua fé Maria chega a ser o primeiro membro da comunidade dos crentes em Cristo, e também se faz colaboradora no renascimento espiritual dos discípulos. Sua figura de mulher livre e forte, emerge do Evangelho conscientemente orientada para o verdadeiro seguimento de Cristo. Ela viveu completamente toda a peregrinação da fé como mãe de Cristo e depois dos discípulos, sem estar livre da incompreensão e da busca constante do projeto do Pai. Alcançou, dessa forma, o fato de estar ao pé da cruz em comunhão profunda, para entrar plenamente no mistério da Aliança.

267. Com ela, providencialmente unida à plenitude dos tempos (cf. Gl 4,4), chega a cumprimento a esperança dos pobres e o desejo de salvação. A Virgem de Nazaré teve uma missão única na história da salvação, concebendo, educando e acompanhando seu Filho até seu sacrifício definitivo. Do alto da cruz, Jesus Cristo confiou a seus discípulos, representados por João, o dom da maternidade de Maria, que brota diretamente da hora pascal de Cristo: “E desse momento em diante, o discípulo a recebeu em sua casa” (Jo 19,27). Perseverando junto aos apóstolos à espera do Espírito (cf. At 1,13-14), ela cooperou com o nascimento da Igreja missionária, imprimindo-lhe um selo mariano que a identifica profundamente. Como mãe de tantos, fortalece os vínculos fraternos entre todos, estimula a reconciliação e o perdão e ajuda os discípulos de Jesus Cristo a se experimentarem como família, a família de Deus. Em Maria, encontramos com Cristo, com o Pai e com o Espírito Santo, e da mesma forma com os irmãos.

268. Como na família humana, a Igreja-família é gerada ao redor de uma mãe, que confere “alma” e ternura à convivência familiar.¹⁵⁸ Maria, Mãe da Igreja, além de modelo e paradigma da humanidade, é artífice de comunhão. Um dos eventos fundamentais da Igreja é quando o “sim” brotou de Maria. Ela atrai multi-

¹⁵⁷ Cf. LG 53.

¹⁵⁸ Cf. DP 295.

dões à comunhão com Jesus e sua Igreja, como experimentamos muitas vezes nos santuários marianos. Por isso, como a Virgem Maria, a Igreja é mãe. Esta visão mariana da Igreja é o melhor remédio para uma Igreja meramente funcional ou burocrática.

269. Maria é a grande missionária, continuadora da missão de seu Filho e formadora de missionários. Ela, da mesma forma como deu à luz o Salvador do mundo, trouxe o Evangelho à nossa América. No acontecimento em Guadalupe, presidiu, junto com o humilde João Diego, o Pentecostes que nos abriu aos dons do Espírito. A partir desse momento, são incontáveis as comunidades que encontraram nela a inspiração mais próxima para aprenderem como ser discípulos e missionários de Jesus. Com alegria constatamos que ela tem feito parte do caminhar de cada um de nossos povos, entrando profundamente no tecido de sua história e acolhendo as ações mais nobres e significativas de sua gente. Os diversos títulos e os santuários espalhados por todo o Continente testemunham a presença próxima de Maria às pessoas, e ao mesmo tempo manifestam a fé e a confiança que os devotos sentem por ela. Ela pertence a eles e eles a sentem como mãe e irmã.

270. Hoje, quando em nosso continente latino-americano e caribenho se quer enfatizar o discipulado e a missão, é ela quem brilha diante de nossos olhos como imagem acabada e fidelíssima do seguimento de Cristo. Esta é a hora da seguidora mais radical de Cristo, de seu magistério discipular e missionário ao qual nos envia o Papa Bento XVI: “Maria Santíssima, a Virgem pura e sem mancha, é para nós escola de fé destinada a nos conduzir e a nos fortalecer no caminho que conduz ao encontro com o Criador do céu e da terra. O Papa veio a Aparecida com viva alegria para nos dizer em primeiro lugar: Permaneçam na escola de Maria. Inspirem-se em seus ensinamentos. Procurem acolher e guardar dentro do coração as luzes que ela, por mandato divino, envia a vocês a partir do alto”¹⁵⁹.

¹⁵⁹ Bento XVI, Discurso no final do Santo Rosário no Santuário de Nossa Senhora Aparecida, 12 de maio de 2007.

271. Ela, que “conservava todas estas recordações e as meditava no coração” (Lc 2,19; cf. 2,51), ensina-nos o primado da escuta da Palavra na vida do discípulo e missionário. O *Magnificat* “está inteiramente tecido pelos fios da Sagrada Escritura, os fios tomados da Palavra de Deus. Assim, revela-se que nela a Palavra de Deus se encontra de verdade em sua casa, de onde sai e entra com naturalidade. Ela fala e pensa com a Palavra de Deus; a Palavra de Deus se faz a sua palavra e sua palavra nasce da Palavra de Deus. Além disso, assim se revela que seus pensamentos estão em sintonia com os pensamentos de Deus, que seu querer é um querer junto com Deus. Estando intimamente penetrada pela Palavra de Deus, Ela pode chegar a ser mãe da Palavra encarnada”.¹⁶⁰ Essa familiaridade com o mistério de Jesus é facilitada pela reza do Rosário, onde: “o povo cristão aprende de Maria a contemplar a beleza do rosto de Cristo e a experimentar a profundidade de seu amor. Mediante o Rosário, o cristão obtém abundantes graças, como recebendo-as das próprias mãos da mãe do Redentor”.¹⁶¹

272. Com os olhos postos em seus filhos e em suas necessidades, como em Caná da Galiléia, Maria ajuda a manter vivas as atitudes de atenção, de serviço, de entrega e de gratuidade que devem distinguir os discípulos de seu Filho. Indica, além do mais, qual é a pedagogia para que os pobres, em cada comunidade cristã, “sintam-se como em casa”.¹⁶² Cria comunhão e educa para um estilo de vida compartilhada e solidária, em fraternidade, na atenção e acolhida do outro, especialmente se é pobre ou necessitado. Em nossas comunidades, sua forte presença tem enriquecido e continuará enriquecendo a dimensão materna da Igreja e sua atitude acolhedora, que a converte em “casa e escola da comunhão”¹⁶³ e em espaço espiritual que prepara para a missão.

¹⁶⁰ DCE 41.

¹⁶¹ RVM 1.

¹⁶² NMI 50.

¹⁶³ Ibid. 43.

6.1.5 *Os apóstolos e os santos*

273. Também os apóstolos de Jesus e os santos marcaram a espiritualidade e o estilo de vida de nossas Igrejas. Suas vidas são lugares privilegiados de encontro com Jesus Cristo. Seu testemunho se mantém vigente e seus ensinamentos inspiram o ser e ação das comunidades cristãs do Continente. Entre eles, Pedro o apóstolo, a quem Jesus confiou a missão de confirmar a fé de seus irmãos (cf. Lc 22,31-32), os ajuda a estreitar o vínculo de comunhão com o Papa, seu sucessor, e a buscar em Jesus as palavras de vida eterna. Paulo, o evangelizador incansável, lhes indicou o caminho da audácia missionária e a vontade de se aproximar de cada realidade cultural com a Boa Nova da salvação. João, o discípulo amado do Senhor, lhes revelou a força transformadora do mandamento novo e a fecundidade de permanecer em seu amor.

274. Nossos povos nutrem carinho e especial devoção por José, esposo de Maria, homem justo, fiel e generoso que sabe perder-se para se achar no mistério do Filho. São José, o silencioso mestre, fascina, atrai e ensina, não com palavras mas com o resplandecente testemunho de suas virtudes e de sua firme simplicidade.

275. Nossas comunidades levam o selo dos apóstolos e, além disso, reconhecem o testemunho cristão de tantos homens e mulheres que espalharam em nossa geografia as sementes do Evangelho, vivendo valentemente sua fé, inclusive derramando seu sangue como mártires. Seu exemplo de vida e santidade constitui um presente precioso para o caminho cristão dos latino-americanos e, simultaneamente, um estímulo para imitar suas virtudes nas novas expressões culturais da história. Com a paixão de seu amor a Jesus Cristo, foram membros ativos e missionários em sua comunidade eclesial. Com valentia, perseveraram na promoção dos direitos das pessoas, foram perspicazes no discernimento crítico da realidade à luz do ensino social da Igreja e críveis pelo testemunho coerente de suas vidas. Nós,

cristãos de hoje, acolhemos sua herança e nos sentimos chamados a continuar com renovado ardor apostólico e missionário o estilo evangélico de vida que nos transmitiram.

6.2 O processo de formação dos discípulos missionários

276. A vocação e o compromisso de ser hoje discípulos e missionários de Jesus Cristo na América Latina e no Caribe, requerem clara e decidida opção pela formação dos membros de nossas comunidades, a favor de todos os batizados, qualquer que seja a função que desenvolvem na Igreja. Olhamos para Jesus, o Mestre que formou pessoalmente a seus apóstolos e discípulos. Cristo nos dá o método: “Venham e vejam” (Jo 1, 39). “Eu sou o Caminho, a Verdade e a Vida” (Jo 14,6). Com Ele podemos desenvolver as potencialidades que há nas pessoas e formar discípulos missionários. Com perseverante paciência e sabedoria, Jesus convidou a todos para que o seguissem. Àqueles que aceitaram segui-lo, os introduziu no mistério do Reino de Deus, e depois de sua morte e ressurreição os enviou a pregar a Boa Nova na força do Espírito. Seu estilo se torna emblemático para os formadores e adquire especial relevância quando pensamos na paciente tarefa formativa que a Igreja deve empreender no novo contexto sócio-cultural da América Latina.

277. O caminho de formação do seguidor de Jesus lança suas raízes na natureza dinâmica da pessoa e no convite pessoal de Jesus Cristo, que chama os seus pelo nome e estes o seguem porque lhe conhecem a voz. O Senhor despertava as aspirações profundas de seus discípulos e os atraía a si, maravilhados. O seguimento é fruto de uma fascinação que responde ao desejo de realização humana, ao desejo de vida plena. O discípulo é alguém apaixonado por Cristo, a quem reconhece como o mestre que o conduz e acompanha.

6.2.1 Aspectos do processo

278. No processo de formação de discípulos missionários, destacamos cinco aspectos fundamentais que aparecem de ma-

neira diversa em cada etapa do caminho, mas que se complementam intimamente e se alimentam entre si:

- a) *O Encontro com Jesus Cristo*: Aqueles que serão seus discípulos já o buscam (cf. Jo 1,38), mas é o Senhor quem os chama: “Segue-me” (Mc 1,14; Mt 9,9). É necessário descobrir o sentido mais profundo da busca, assim como é necessário propiciar o encontro com Cristo que dá origem à iniciação cristã. Esse encontro deve renovar-se constantemente pelo testemunho pessoal, pelo anúncio do *querigma* e pela ação missionária da comunidade. O *querigma* não é somente uma etapa, mas o fio condutor de um processo que culmina na maturidade do discípulo de Jesus Cristo. Sem o *querigma*, os demais aspectos desse processo estão condenados à esterilidade, sem corações verdadeiramente convertidos ao Senhor. Só a partir do *querigma* acontece a possibilidade de uma iniciação cristã verdadeira. Por isso, a Igreja precisa tê-lo presente em todas as suas ações.
- b) *A Conversão*: É a resposta inicial de quem escutou o Senhor com admiração, crê nEle pela ação do Espírito, decide ser seu amigo e ir após Ele, mudando sua forma de pensar e de viver, aceitando a cruz de Cristo, consciente de que morrer para o pecado é alcançar a vida. No Batismo e no sacramento da Reconciliação se atualiza para nós a redenção de Cristo.
- c) *O Discipulado*: A pessoa amadurece constantemente no conhecimento, amor e seguimento de Jesus Mestre, se aprofunda no mistério de sua pessoa, de seu exemplo e de sua doutrina. Para esse passo são de fundamental importância a catequese permanente e a vida sacramental, que fortalecem a conversão inicial e permitem que os discípulos missionários possam perseverar na vida cristã e na missão em meio ao mundo que os desafia.
- d) *A Comunhão*: Não pode existir vida cristã fora da comunidade: nas famílias, nas paróquias, nas comunidades

de vida consagrada, nas comunidades de base, nas outras pequenas comunidades e movimentos. Como os primeiros cristãos, que se reuniam em comunidade, o discípulo participa na vida da Igreja e no encontro com os irmãos, vivendo o amor de Cristo na vida fraterna solidária. É também acompanhado e estimulado pela comunidade e por seus pastores para amadurecer na vida do Espírito.

- e) *A Missão*: O discípulo, à medida que conhece e ama o seu Senhor, experimenta a necessidade de compartilhar com outros a sua alegria de ser enviado, de ir ao mundo para anunciar Jesus Cristo, morto e ressuscitado, e tornar realidade o amor e o serviço na pessoa dos mais necessitados, em uma palavra, a construir o Reino de Deus. A missão é inseparável do discipulado, o qual não deve ser entendido como etapa posterior à formação, ainda que esta seja realizada de diversas maneiras de acordo com a própria vocação e com o momento da maturidade humana e cristã em que se encontre a pessoa.

6.2.2 Critérios gerais

6.2.2.1 *Uma formação integral, querigmática e permanente*

279. Missão principal da formação é ajudar os membros da Igreja a se encontrar sempre com Cristo, e assim reconhecer, acolher, interiorizar e desenvolver a experiência e os valores que constituem a própria identidade e missão cristã no mundo. Por isso, a formação obedece a um processo integral, ou seja, compreende várias dimensões, todas harmonizadas entre si em unidade vital. Na base dessas dimensões está a força do anúncio *querigmático*. O poder do Espírito e da Palavra contagia as pessoas e as leva a escutar Jesus Cristo, a crer nEle como seu Salvador, a reconhecê-lo como quem dá pleno significado a suas vidas e a seguir seus passos. O anúncio se fundamenta no fato da presença de Cristo Ressuscitado hoje na Igreja, e é fator imprescindível do processo de formação de discípulos e missionários.

rios. Ao mesmo tempo, a formação é permanente e dinâmica, de acordo com o desenvolvimento das pessoas e como serviço que são chamadas a prestar, em meio às exigências da história.

6.2.2.2 *Uma formação atenta a dimensões diversas*

280. A formação abrange diversas dimensões que deverão integrar-se harmonicamente ao longo de todo o processo de formação. Trata-se da dimensão humana comunitária, espiritual, intelectual, comunitária e pastoral-missionária.

- a) *A Dimensão Humana e Comunitária.* Tende a acompanhar processos de formação que levem a pessoa a assumir a própria história e a curá-la, com o objetivo de se tornar capaz de viver como cristão em um mundo plural, com equilíbrio, fortaleza, serenidade e liberdade interior. Trata-se de desenvolver personalidades que amadureçam em contato com a realidade e abertas ao Mistério.
- b) *A Dimensão Espiritual:* É a dimensão formativa que funda o ser cristão na experiência de Deus manifestado em Jesus e que o conduz pelo Espírito através dos caminhos de profundo amadurecimento. Por meio dos diversos carismas, a pessoa se fundamenta no caminho da vida e do serviço proposto por Cristo, com estilo pessoal. Assim como a Virgem Maria, essa dimensão permite ao cristão aderir de coração e pela fé aos caminhos alegres, luminosos, dolorosos e gloriosos de seu Mestre e Senhor.
- c) *A Dimensão Intelectual:* O encontro com Cristo, Palavra feita carne, potencializa o dinamismo da razão que procura o significado da realidade e se abre para o Mistério. Ela se expressa em uma reflexão séria, posta diariamente em dia através do estudo que, com a luz da fé, abre a inteligência para a verdade. Também capacita para o discernimento, o juízo crítico e o diálogo sobre a realidade e a cultura. Assegura de maneira especial o conhecimento bíblico-teológico e das ciências humanas para adquirir a necessária

competência em vista dos serviços eclesiais que se requeiram e para a adequada presença na vida secular.

d) *A dimensão Pastoral e Missionária*: Um autêntico caminho cristão preenche de alegria e esperança o coração e leva o cristão a anunciar Cristo de maneira constante na própria vida e ambiente. Projeta para a missão de formar discípulos missionários para o serviço ao mundo. Habilita a propor projetos e estilos de vida cristã atraentes, com intervenções orgânicas e de colaboração fraterna com todos os membros da comunidade. Contribui para integrar evangelização e pedagogia, comunicando vida e oferecendo itinerários pastorais de acordo com a maturidade cristã, a idade e outras condições próprias das pessoas ou dos grupos. Incentiva a responsabilidade dos leigos no mundo para construir o Reino de Deus. Desperta constante inquietude pelos distanciados e pelos que ignoram o Senhor em suas vidas.

6.2.2.3 *Uma formação respeitosa dos processos*

281. Chegar à altura da vida nova em Cristo, identificando-se profundamente com Ele¹⁶⁴ e sua missão, é um caminho longo que requer itinerários diversificados, respeitosos dos processos pessoais e dos ritmos comunitários, contínuos e graduais. Na diocese, o eixo central deverá ser um projeto orgânico de formação, aprovado pelo Bispo e elaborado com os organismos diocesanos competentes, levando em consideração todas as forças vivas da Igreja particular: associações, serviços e movimentos, comunidades religiosas, pequenas comunidades, comissões de pastoral social e diversos organismos eclesiais que ofereçam a visão de conjunto e a convergência das diversas iniciativas. Requerem-se também equipes de formação convenientemente preparadas que assegurem a eficácia do próprio processo e que acompanhem as pessoas com pedagogias dinâmicas, ativas e abertas. A presença e contribuição de leigos e leigas nas equipes

¹⁶⁴ Cf EN 19.

de formação traz uma riqueza original, pois, a partir de suas experiências e competências, eles oferecem critérios, conteúdos e testemunhos valiosos para aqueles que estão se formando.

6.2.2.4 *Uma formação que contempla o acompanhamento dos discípulos*

282. Cada setor do Povo de Deus pede que a pessoa seja acompanhada e formada de acordo com a peculiar vocação e ministério para o qual tenha sido chamada: o bispo é o princípio da unidade na diocese mediante o seu tríplice ministério de ensinar, santificar e governar; os presbíteros cooperam com o ministério do bispo, no cuidado do povo de Deus que lhes foi confiado; os diáconos permanentes no serviço vivificante, humilde e perseverante como ajuda valiosa para os bispos e presbíteros; os consagrados e consagradas no seguimento radical do Mestre; os leigos e leigas cumprem sua responsabilidade evangelizadora colaborando na formação de comunidades cristãs e na construção do Reino de Deus no mundo. Requer-se, portanto, capacitar aqueles que possam acompanhar espiritual e pastoralmente a outros.

283. Destacamos que a formação dos leigos e leigas deve contribuir, antes de mais nada, para sua atuação como discípulos missionários no mundo, na perspectiva do diálogo e da transformação da sociedade. É urgente uma formação específica para que possam ter incidência significativa nos diferentes campos, sobretudo “no vasto mundo da política, da realidade social e da economia, como também da cultura, das ciências e das artes, da vida internacional, dos meios de comunicação e de outras realidades abertas à evangelização”.¹⁶⁵

6.2.2.5 *Uma formação na espiritualidade da ação missionária*

284. É necessário formar os discípulos numa espiritualidade da ação missionária, que se baseia na docilidade ao impulso do Espírito, à sua potência de vida que mobiliza e transfigura

¹⁶⁵ EN 70.

todas as dimensões da existência. Não é uma experiência que se limita aos espaços privados da devoção, mas que procura penetrá-los completamente com seu fogo e sua vida. O discípulo e missionário, movido pelo estímulo e ardor que provêm do Espírito, aprende a expressá-lo no trabalho, no diálogo, no serviço e na missão cotidiana.

285. Quando o impulso do Espírito impregna e motiva todas as áreas da existência, então penetra também e configura a vocação específica de cada pessoa. Assim se forma e se desenvolve a espiritualidade própria de presbíteros, de religiosos e religiosas, de pais de família, de empresários, de catequistas etc. Cada uma das vocações tem um modo concreto e diferente de viver a espiritualidade, que dá profundidade e entusiasmo para o exercício concreto de suas tarefas. Dessa forma, a vida no Espírito não nos fecha em intimidade cômoda e fechada, mas sim nos torna pessoas generosas e criativas, felizes no anúncio e no serviço missionário. Torna-nos comprometidos com os reclamos da realidade e capazes de encontrar nela profundo significado em tudo o que nos cabe fazer pela Igreja e pelo mundo.

6.3 Iniciação à vida cristã e catequese permanente

6.3.1 Iniciação à vida cristã

286. São muitos os cristãos que não participam na Eucaristia dominical nem recebem com regularidade os sacramentos, nem se inserem ativamente na comunidade eclesial. Sem esquecer a importância da família na iniciação cristã, esse fenômeno nos desafia profundamente a imaginar e organizar novas formas de nos aproximar deles para ajudá-los a valorizar o sentido da vida sacramental, da participação comunitária e do compromisso cidadão. Temos alta porcentagem de católicos sem a consciência de sua missão de ser sal e fermento no mundo, com identidade cristã fraca e vulnerável.

287. Isso constitui grande desafio que questiona a fundo a maneira como estamos educando na fé e como estamos ali-

mentando a experiência cristã; desafio que devemos encarar com decisão, coragem e criatividade, visto que em muitas partes a iniciação cristã tem sido pobre ou fragmentada. Ou educamos na fé, colocando as pessoas realmente em contato com Jesus Cristo e convidando-as para segui-lo, ou não cumpriremos nossa missão evangelizadora. Impõe-se a tarefa irrenunciável de oferecer modalidade de iniciação cristã, que além de marcar o quê, também dê elementos para o quem, o como e o onde se realiza. Dessa forma, assumiremos o desafio de uma nova evangelização, à qual temos sido reiteradamente convocados.

288. A iniciação cristã, que inclui o *querigma*, é a maneira prática de colocar alguém em contato com Jesus Cristo e iniciá-lo no discipulado. Dá-nos, também, a oportunidade de fortalecer a unidade dos três sacramentos da iniciação, e aprofundar o rico sentido deles. A iniciação cristã, propriamente falando, refere-se à primeira iniciação nos mistérios da fé, seja na forma do catecumenato batismal para os não batizados, seja na forma do catecumenato pós-batismal para os batizados não suficientemente catequisados. Esse catecumenato está intimamente unido aos sacramentos da iniciação: batismo, confirmação e eucaristia, celebrados solenemente na Vigília Pascal. Teríamos que distingui-la, portanto, de outros processos catequéticos e formativos que podem ter a iniciação cristã como base.

6.3.2 Propostas para a iniciação cristã

289. Sentimos a urgência de desenvolver em nossas comunidades um processo de iniciação na vida cristã que comece pelo *querigma* e que, guiado pela Palavra de Deus, conduza a um encontro pessoal, cada vez maior, com Jesus Cristo, perfeito Deus e perfeito homem,¹⁶⁶ experimentado como plenitude da humanidade e que leve à conversão, ao seguimento em uma comunidade eclesial e a um amadurecimento de fé na prática dos sacramentos, do serviço e da missão.

¹⁶⁶ Cf. Símbolo Quicumque: DS 76.

290. Recordamos que o caminho de formação do cristão, na tradição mais antiga da Igreja, “teve sempre caráter de experiência, na qual era determinante o encontro vivo e persuasivo com Cristo, anunciado por autênticas testemunhas”.¹⁶⁷ Trata-se de uma experiência que introduz o cristão numa profunda e feliz celebração dos sacramentos, com toda a riqueza de seus sinais. Desse modo, a vida vem se transformando progressivamente pelos santos mistérios que se celebram, capacitando o cristão a transformar o mundo. Isso é o que se chama “catequese mistagógica”.

291. Ser discípulo é dom destinado a crescer. A iniciação cristã dá a possibilidade de uma aprendizagem gradual no conhecimento, no amor e no seguimento de Cristo. Dessa forma, ela forja a identidade cristã com as convicções fundamentais e acompanha a busca do sentido da vida. É necessário assumir a dinâmica catequética da iniciação cristã. Uma comunidade que assume a iniciação cristã renova sua vida comunitária e desperta seu caráter missionário. Isso requer novas atitudes pastorais por parte dos bispos, presbíteros, diáconos, pessoas consagradas e agentes de pastoral.

292. Como características do discípulo, indicadas pela iniciação cristã, destacamos: que ele tenha como centro a pessoa de Jesus Cristo, nosso Salvador e plenitude de nossa humanidade, fonte de toda maturidade humana e cristã; que tenha espírito de oração, seja amante da Palavra, pratique a confissão frequente e participe da Eucaristia; que se insira cordialmente na comunidade eclesial e social, seja solidário no amor e fervoroso missionário.

293. A paróquia precisa ser o lugar onde se assegure a iniciação cristã e terá como tarefas irrenunciáveis: iniciar na vida cristã os adultos batizados e não suficientemente evangelizados; educar na fé as crianças batizadas em um processo que as leve

¹⁶⁷ SC 64.

a completar sua iniciação cristã; iniciar os não batizados que, havendo escutado o *querigma*, querem abraçar a fé. Nessa tarefa, o estudo e a assimilação do Ritual de Iniciação Cristã de Adultos é referência necessária e apoio seguro.

294. Assumir essa iniciação cristã exige não só uma renovação de modalidade catequética da paróquia. Propomos que o processo catequético de formação adotado pela Igreja para a iniciação cristã seja assumido em todo o Continente como a maneira ordinária e indispensável de introdução na vida cristã e como a catequese básica e fundamental. Depois, virá a catequese permanente que continua o processo de amadurecimento da fé; nela se deve incorporar o discernimento vocacional e a iluminação para projetos pessoais de vida.

6.3.3 *Catequese permanente*

295. Quanto à situação atual da catequese, é evidente que tem havido grande progresso. Tem crescido o tempo que se dedica à preparação para os sacramentos. Tem-se tomado maior consciência de sua necessidade, tanto nas famílias como entre os pastores. Compreende-se que ela é imprescindível em toda formação cristã. Têm-se constituído ordinariamente comissões diocesanas e paroquiais de catequese. É admirável o grande número de pessoas que se sentem chamadas a se fazer catequistas, com grande entrega. A elas, esta Assembléia manifesta sincero reconhecimento.

296. No entanto, apesar da boa vontade, a formação teológica e pedagógica dos catequistas não costuma ser a desejável. Os materiais e subsídios são com freqüência muito variados e não se integram em uma pastoral de conjunto; e nem sempre são portadores de métodos pedagógicos atualizados. Os serviços catequéticos das paróquias freqüentemente carecem de colaboração próxima das famílias. Os párocos e demais responsáveis não assumem com maior empenho a função que lhes corresponde como primeiros catequistas.

297. Os desafios que apresenta a situação da sociedade na América latina e no Caribe requerem identidade católica mais pessoal e fundamentada. O fortalecimento dessa identidade passa por uma catequese adequada que promova adesão pessoal e comunitária a Cristo, sobretudo nos mais fracos na fé.¹⁶⁸ É tarefa que cabe a toda a comunidade de discípulos, mas de maneira especial a nós que, como bispos, fomos chamados a servir à Igreja, pastoreando-a, conduzindo-a ao encontro com Jesus e ensinando-lhe a viver tudo o que Ele nos tem mandado (cf. Mt 28,19-20).

298. A catequese não deve ser só ocasional, reduzida a momentos prévios aos sacramentos ou à iniciação cristã, mas sim “itinerário catequético permanente”.¹⁶⁹ Por isso, compete a cada Igreja particular, com a ajuda das Conferências Episcopais, estabelecer um processo catequético orgânico e progressivo que se estenda por toda a vida, desde a infância até à terceira idade, levando em consideração que o Diretório Geral de Catequese considera a catequese com adultos como a forma fundamental da educação na fé. Para que em verdade o povo conheça Cristo a fundo e o siga fielmente, deve ser conduzido especialmente na leitura e meditação da Palavra de Deus, que é o primeiro fundamento de uma catequese permanente.¹⁷⁰

299. A catequese não pode se limitar a uma formação meramente doutrinal, mas precisa ser uma verdadeira escola de formação integral. Portanto, é necessário cultivar a amizade com Cristo na oração, o apreço pela celebração litúrgica, a experiência comunitária, o compromisso apostólico mediante um permanente serviço aos demais. Para isso, seriam úteis alguns subsídios catequéticos elaborados a partir do *Catecismo da Igreja Católica* e do *Compêndio da Doutrina Social da Igreja*, estabelecendo cursos e escolas de formação permanente aos catequistas.

¹⁶⁸ Cf. Bento XVI, Discurso no Encontro com os Bispos do Brasil, 11 de maio de 2007.

¹⁶⁹ DI 3.

¹⁷⁰ Ibid.

300. Deve-se dar catequese apropriada que acompanhe a fé já presente na religiosidade popular. Maneira concreta pode ser a oferta de um processo de iniciação cristã com visitas às famílias, onde não só se comuniquem a elas os conteúdos da fé, mas que também as conduza à prática da oração familiar, à leitura orante da Palavra de Deus e ao desenvolvimento das virtudes evangélicas, que as consolidem cada vez mais como Igrejas domésticas. Para esse crescimento na fé, também é conveniente aproveitar pedagogicamente o potencial educativo presente na piedade popular mariana. Trata-se de um caminho educativo que, cultivando o amor pessoal à Virgem, verdadeira “educadora na fé”¹⁷¹ que nos leva a nos assemelhar cada vez mais a Jesus Cristo, provoque a apropriação progressiva de suas atitudes.

6.4 Lugares de formação para os discípulos missionários

301. A seguir, consideraremos brevemente alguns lugares de formação de discípulos missionários.

6.4.1 A Família, primeira escola da fé

302. A família, “patrimônio da humanidade”, constitui um dos tesouros mais valiosos dos povos latino-americanos. Ela tem sido e é o lugar e escola de comunhão, fonte de valores humanos e cívicos, lar onde a vida humana nasce e se acolhe generosa e responsabilmente. Para que a família seja “escola de fé” e possa ajudar os pais a serem os primeiros catequistas de seus filhos, a pastoral familiar deve oferecer espaços de formação, materiais catequéticos, momentos celebrativos, que lhes permitam cumprir sua missão educativa. A família é chamada a introduzir os filhos no caminho da iniciação cristã. A família, pequena Igreja, deve ser, junto com a Paróquia, o primeiro lugar para a iniciação cristã das crianças.¹⁷² Ela oferece aos filhos um sentido cristão

¹⁷¹ DP 290.

¹⁷² SC 19.

de existência e os acompanha na elaboração de seu projeto de vida, como discípulos missionários.

303. Além disso, é dever dos pais, especialmente através de seu exemplo de vida, a educação dos filhos para o amor como dom de si mesmos e a ajuda que eles prestam para descobrir sua vocação de serviço, seja na vida leiga como na vida consagrada. Desse modo, a formação dos filhos como discípulos de Jesus Cristo se realiza nas experiências da vida diária na própria família. Os filhos têm o direito de poder contar com o pai e a mãe para que cuidem deles e os acompanhem até a plenitude de vida. A “catequese familiar”, implementada de diversas maneiras, tem-se revelado como ajuda proveitosa à unidade das famílias, oferecendo, além disso, possibilidade eficiente de formar os pais de família, os jovens e as crianças, para que sejam testemunhas firmes da fé em suas respectivas comunidades.

6.4.2 As Paróquias

304. A dimensão comunitária é intrínseca ao mistério e à realidade da Igreja que deve refletir a Santíssima Trindade. Essa dimensão especial tem sido vivida de diversas maneiras ao longo dos séculos. A Igreja é comunhão. As Paróquias são células vivas da Igreja¹⁷³ e lugares privilegiados em que a maioria dos fiéis tem uma experiência concreta de Cristo e de sua Igreja.¹⁷⁴ Encerram inesgotável riqueza comunitária porque nelas se encontra imensa variedade de situações, idades e tarefas. Sobretudo hoje, quando as crises da vida familiar afeta a tantas crianças e jovens, as Paróquias oferecem espaço comunitário para se formar na fé e crescer comunitariamente.

305. Portanto, deve-se cultivar a formação comunitária especialmente na paróquia. Com diversas celebrações e iniciativas, principalmente com a Eucaristia dominical, que é “momento privilegiado do encontro das comunidades com o Senhor ressus-

¹⁷³ AA 10; SD 55.

¹⁷⁴ EAm 41.

citado”,¹⁷⁵ os fiéis devem experimentar a paróquia como família na fé e na caridade, onde mutuamente se acompanhem e se ajudem no seguimento de Cristo.

306. Se queremos que as paróquias sejam centros de irradiação missionária em seus próprios territórios, elas devem ser também lugares de formação permanente. Isso exige que se organizem nelas várias instâncias formativas que assegurem o acompanhamento e o amadurecimento de todos os agentes pastorais e dos leigos inseridos no mundo. As paróquias vizinhas também podem unir esforços nesse sentido, sem desperdiçar as ofertas formativas da Diocese e da Conferência Episcopal.

6.4.3 Pequenas comunidades eclesiais

307. Consta-se que nos últimos anos está crescendo a espiritualidade de comunhão e que, com diversas metodologias, não poucos esforços têm sido feitos para levar os leigos a se integrar nas pequenas comunidades eclesiais, que vão mostrando frutos abundantes. Nas pequenas comunidades eclesiais temos um meio privilegiado para a Nova Evangelização e para chegar a que os batizados vivam como autênticos discípulos e missionários de Cristo.

308. São elas um ambiente propício para escutar a Palavra de Deus, para viver a fraternidade, para animar na oração, para aprofundar processos de formação na fé e para fortalecer o exigente compromisso de ser apóstolos na sociedade de hoje. São lugares de experiência cristã e evangelização que, em meio à situação cultural que nos afeta, secularizada e hostil à Igreja, se fazem muito mais necessários.

309. Se desejamos pequenas comunidades vivas e dinâmicas, é necessário despertar nelas uma espiritualidade sólida, baseada na Palavra de Deus, que as mantenham em plena comunhão de vida e ideais com a Igreja local e, em particular,

¹⁷⁵ DI 4.

com a comunidade paroquial. Por outro lado, conforme há anos estamos propondo na América Latina, a paróquia chegará a ser “comunidade de comunidades”.¹⁷⁶

310. Destacamos que é preciso reanimar os processos de formação de pequenas comunidades no Continente, pois nelas temos uma fonte segura de vocações ao sacerdócio, à vida religiosa e à vida leiga com especial dedicação ao apostolado. Através das pequenas comunidades, também se poderia conseguir chegar aos afastados, aos indiferentes e aos que alimentam descontentamento ou ressentimentos em relação à Igreja.

6.4.4 Os movimentos eclesiais e novas comunidades

311. Os novos movimentos e comunidades são um dom do Espírito Santo para a Igreja. Neles, os fiéis encontram a possibilidade de se formar cristãmente, crescer e comprometer-se apostolicamente até ser verdadeiros discípulos missionários. Assim exercitam o direito natural e batismal de livre associação, como indicou o Concílio vaticano II¹⁷⁷ e o confirma o Código de Direito Canônico. Seria conveniente incentivar alguns movimentos e associações que mostram hoje certo cansaço ou fraqueza e convidá-los a renovar seu carisma original, que não deixa de enriquecer a diversidade com que o Espírito se manifesta e atua no povo cristão.

312. Os movimentos e novas comunidades constituem valiosa contribuição na realização da Igreja Particular. Por sua própria natureza, expressam a dimensão carismática da Igreja: “Na Igreja não há contraste ou contraposição entre a dimensão institucional e a dimensão carismática, da qual os movimentos são expressão significativa, porque ambos são igualmente essenciais para a constituição divina do Povo de Deus”.¹⁷⁸ Na vida e ação evangelizadora da Igreja, constatamos que no mundo moderno

¹⁷⁶ Cf. SD 58.

¹⁷⁷ AA 18ss.

¹⁷⁸ Bento XVI, Discurso, 24 de março de 2007.

devemos responder a novas situações e necessidades da vida cristã. Nesse contexto, também os movimentos e novas comunidades são uma oportunidade para que muitas pessoas afastadas possam ter uma experiência de encontro vital com Jesus Cristo, e assim recuperar sua identidade batismal e sua ativa participação na vida da Igreja.¹⁷⁹ Neles “podemos ver a multiforme presença e ação santificadora do Espírito”.¹⁸⁰

313. Para aproveitar melhor os carismas e serviços dos movimentos eclesiais no campo da formação dos leigos, desejamos respeitar seus carismas e sua originalidade, procurando que se integrem mais plenamente na estrutura originária que acontece na diocese. Ao mesmo tempo, é necessário que a comunidade diocesana acolha a riqueza espiritual e apostólica dos movimentos. É verdade que os movimentos devem manter sua especificidade, mas dentro de uma profunda unidade com a Igreja particular, não só de fé mas de ação. Quanto mais se multiplicar a riqueza dos carismas, mais os bispos serão chamados a exercer o discernimento espiritual para favorecer a necessária integração dos movimentos na vida diocesana, apreciando a riqueza de sua experiência comunitária, formativa e missionária. Convêm dar especial acolhida e valorização aos movimentos eclesiais que já passaram pelo reconhecimento e discernimento da Santa Sé, considerados como dons e bens para a Igreja universal.

6.4.5 Os Seminários e Casas de formação religiosa

314. No que se refere à formação dos discípulos e missionários de Cristo, ocupa lugar particular a pastoral vocacional, que acompanha cuidadosamente todos os que o Senhor chama a servir à Igreja no sacerdócio, na vida consagrada ou no estado de leigo. A pastoral vocacional, que é responsabilidade de todo o povo de Deus, começa na família e continua na comunidade cristã, deve dirigir-se às crianças e especialmente aos

¹⁷⁹ Cf. DI 4.

¹⁸⁰ Cf. *Ibid.* 5.

jovens para ajudá-los a descobrir o sentido da vida e o projeto que Deus tem para cada um, acompanhando-os em seu processo de discernimento. Plenamente integrada no âmbito da pastoral ordinária, a pastoral vocacional é fruto de uma sólida pastoral de conjunto, nas famílias, na paróquia, nas escolas católicas e nas demais instituições eclesiais. É necessário intensificar de diversas maneiras a oração pelas vocações, com a qual também se contribui para criar maior sensibilidade e receptividade diante do chamado do Senhor; assim como promover e coordenar diversas iniciativas vocacionais.¹⁸¹ As vocações são dom de Deus; portanto, em cada diocese, não devem faltar orações especiais ao “Dono da messe”.

315. Diante da escassez de pessoas que respondam à vocação ao sacerdócio e à vida consagrada na América Latina e no Caribe, é urgente dedicar cuidado especial à promoção vocacional, cultivando os ambientes onde nascem as vocações ao sacerdócio e à vida consagrada, com a certeza de que Jesus continua chamando discípulos e missionários para estar com Ele e para enviá-los a pregar o Reino de Deus. Esta V Conferência faz um chamado urgente a todos os cristãos, especialmente aos jovens, para que estejam abertos a uma possível chamada de Deus ao sacerdócio ou à vida consagrada; recorda que o Senhor dará a graça necessária para responder com decisão e generosidade, apesar dos problemas gerados por uma cultura secularizada, centralizada no consumismo e no prazer. Convidamos as famílias a reconhecerem a bênção de ter um filho chamado por Deus para essa consagração e apoiarem sua decisão e seu caminho de resposta vocacional. Aos sacerdotes, os estimulamos a dar testemunho de vida feliz, alegre, entusiástica e de santidade no serviço do Senhor.

316. Sem dúvida, os seminários e as casas de formação constituem espaço privilegiado – escola e casa – para a forma-

¹⁸¹ Cf. PDV 41; EAm 40.

ção de discípulos e missionários. O tempo da primeira formação é uma etapa onde os futuros presbíteros compartilham a vida, a exemplo da comunidade apostólica ao redor do Cristo Ressuscitado: oram juntos, celebram a mesma liturgia que culmina na Eucaristia, a partir da Palavra de Deus recebem os ensinamentos que vão iluminando sua mente e modelando seu coração para o exercício da caridade fraterna e da justiça, prestam serviços pastorais periodicamente a diversas comunidades, preparando-se assim para viver uma sólida espiritualidade de comunhão com Cristo Pastor e docilidade à ação do Espírito Santo, convertendo-se em sinal pessoal e atrativo de Cristo no mundo, segundo o caminho de santidade próprio do ministério sacerdotal.¹⁸²

317. Reconhecemos o esforço dos formadores dos Seminários. Seu testemunho e preparação são decisivos para o acompanhamento dos seminaristas para um amadurecimento afetivo que os faça aptos para abraçar o celibato e capazes de viver em comunhão com seus irmãos na vocação sacerdotal; nesse sentido, os cursos de formadores que se têm implementado são meio eficaz de ajuda à sua missão.¹⁸³

318. A realidade atual exige de nós maior atenção aos projetos de formação dos Seminários, pois os jovens são vítimas da influência negativa da cultura pós-moderna, especialmente dos meios de comunicação, trazendo consigo a fragmentação da personalidade, a incapacidade de assumir compromissos definitivos, a ausência de maturidade humana, o enfraquecimento da identidade espiritual, entre outros, que dificultam o processo de formação de autênticos discípulos e missionários. Por isso, antes do ingresso no Seminário, é necessário que os formadores e

¹⁸² Cf. PDV 60; OT 4; Congregação para o Clero, *Diretório para o ministério e a vida dos presbíteros*, n. 4.

¹⁸³ A esse respeito, os padres sinodais exortavam os Bispos “a destinar para essa tarefa seus sacerdotes mais aptos, depois de prepará-los mediante formação específica que os capacite para missão tão delicada”. EAm 40; Congregação para a Educação Católica, *Ratio fundamentalis institutionis sacerdotalis*, 31-36; ID., *Diretrizes sobre a preparação dos formadores nos Seminários*, n. 65-71; OT 5.

responsáveis façam esmerada seleção dos candidatos que leve em consideração o equilíbrio psicológico de personalidade sadia, motivação genuína de amor a Cristo, à Igreja, e ao mesmo tempo capacidade intelectual adequada às exigências do ministério no tempo atual.¹⁸⁴

319. É necessário um projeto formativo do Seminário que ofereça aos seminaristas um verdadeiro processo integral: humano, espiritual, intelectual e pastoral, centrado em Jesus Cristo Bom Pastor. É fundamental que, durante os anos de formação, os seminaristas sejam autênticos discípulos, chegando a realizar verdadeiro encontro pessoal com Jesus Cristo na oração com a Palavra, para que estabeleçam com Ele relações de amizade e amor, assegurando um autêntico processo de iniciação espiritual, especialmente no Período Propedêutico. A espiritualidade que se promove deverá responder à identidade da própria vocação, seja diocesana ou religiosa.¹⁸⁵

320. Ao longo da formação, procurar-se-á desenvolver amor terno e filial a Maria, de maneira que cada formando chegue a ter com ela familiaridade espontânea e a “acolha em casa” como o discípulo amado. Ela oferecerá aos sacerdotes força e esperança nos momentos difíceis e os estimulará a ser incessantemente discípulos missionários para o Povo de Deus.

321. Especial atenção se deverá prestar ao processo de formação humana para a maturidade, de tal maneira que a vocação ao sacerdócio ministerial dos candidatos chegue a ser para cada um deles um projeto de vida estável e definitivo, em meio a uma cultura que exalta o descartável e o provisório. Diga-se o mesmo da educação para o amadurecimento da afetividade e da

¹⁸⁴ Cf. C.I.C., can. 241, I: Congregação para a Educação Católica, *Instrução sobre os critérios de discernimento vocacional em relação às pessoas de tendências homossexuais antes de sua admissão no Seminário e nas Ordens sagradas*.

¹⁸⁵ Cf. Congregação para a Educação Católica, *Carta circular sobre alguns aspectos mais urgentes da formação espiritual nos seminários*, 6 de janeiro de 1980, p. 23; ID., *O Período Propedêutico*, 1º de maio de 1998, p. 14.

sexualidade. Esta deve levar a compreender melhor o significado evangélico do celibato consagrado como valor que assemelha a Jesus Cristo, portanto, como estado de amor, fruto do dom precioso da graça divina, segundo o exemplo da doação nupcial do Filho de Deus; a acolhê-lo como tal com firme decisão, com magnanimidade e de todo o coração, e a vivê-lo com serenidade e fiel perseverança, com a devida ascese no caminho pessoal e comunitário, como entrega a Deus e aos demais com o coração pleno e indiviso.¹⁸⁶

322. Em todo o processo de formação, o ambiente do Seminário e da pedagogia formativa deverão cuidar do clima de sã liberdade e de responsabilidade pessoal, evitando criar ambientes artificiais ou itinerários impostos. A opção do candidato pela vida e ministério sacerdotal deve amadurecer e apoiar-se em motivações verdadeiras e autênticas, livres e pessoais. A isso se orienta a disciplina nas casas de formação. As experiências pastorais, discernidas e acompanhadas no processo formativo, são sumamente importantes para confirmar a autenticidade das motivações no candidato e ajudá-lo a assumir o ministério como verdadeiro e generoso serviço, no qual o ser e o agir, pessoa consagrada e ministério, são realidades inseparáveis.

323. Ao mesmo tempo, o Seminário deverá oferecer formação intelectual séria e profunda, no campo da filosofia, das ciências humanas, e especialmente da teologia e da missiologia, a fim de que o futuro sacerdote aprenda a anunciar a fé em toda a sua integridade, fiel ao Magistério da Igreja, com atenção crítica atento ao contexto cultural de nosso tempo e às grandes correntes de pensamento e de conduta que deverá evangelizar. Simultaneamente se deverá reforçar o estudo da Palavra de Deus no currículo acadêmico nos diversos campos de formação, procurando que a Palavra divina não se reduza somente a noções, mas

¹⁸⁶ Cf. PO 16; OT 4; PDV 50; Congregação para o Clero, *Diretório para o ministério e a vida dos presbíteros*, n. 5; Congregação para a Educação Católica, *Orientações para a educação no celibato*, n. 31, Roma, 1974.

que em verdade seja espírito e vida que ilumine e alimente toda a existência. Portanto, será necessário contar em cada seminário com número suficiente de professores bem preparados.¹⁸⁷

324. É indispensável confirmar que os candidatos sejam capazes de assumir as exigências da vida comunitária, o que implica diálogo, capacidade de serviço, humildade, valorização dos carismas alheios, disposição para se deixar interpelar pelos outros, obediência ao bispo e abertura para crescer em comunhão missionária com os presbíteros, diáconos, religiosos e leigos, servindo à unidade na diversidade. A Igreja necessita de sacerdotes e consagrados que nunca percam a consciência de serem discípulos em comunhão.

325. Os jovens provenientes de famílias pobres ou de grupos indígenas, requerem formação inculturada, ou seja, devem receber a adequada formação teológica e espiritual para seu futuro ministério, sem que isso faça perder suas raízes e, dessa forma, possam ser evangelizadores próximos a seus povos e culturas.¹⁸⁸

326. É oportuno indicar a complementaridade entre a formação iniciada no Seminário e o processo de formação que abrange as diversas etapas de vida do presbítero. É necessário despertar a consciência de que a formação só termina com a morte. A formação permanente “é um dever principalmente para os sacerdotes jovens e precisa ter aquela freqüência e programação de encontros que, simultaneamente, prolongam a seriedade e a solidez da formação recebida no seminário, levem progressivamente os jovens presbíteros a compreender e viver a singular riqueza do “dom” de Deus – o sacerdócio – e a desenvolver suas potencialidades e aptidões ministeriais, também mediante uma inserção cada vez mais convicta e responsável no presbitério e, portanto, na comunhão e na co-responsabilidade com todos os

¹⁸⁷ Cf. Congregação para a Educação Católica, *Ratio fundamentalis*, n. 32 e 36-37.

¹⁸⁸ Cf. EAm 40; RM 54; PDV 32; Congregação para o Clero, *Diretório*, n. 15.

irmãos”.¹⁸⁹ Em relação a isso, requerem-se projetos diocesanos bem articulados e constantemente avaliados.

327. As casas e os centros de formação da Vida Religiosa são também espaços privilegiados de discipulado e de formação dos missionários e missionárias, segundo o carisma próprio de cada instituto religioso.

6.4.6 A Educação Católica

328. A América Latina e o Caribe vivem uma particular e delicada emergência educativa. Na verdade, as novas formas educacionais de nosso continente, impulsionadas para se adaptar às novas exigências que se vão criando com a mudança global, aparecem centradas prioritariamente na aquisição de conhecimentos e habilidades e denotam claro reducionismo antropológico, visto que concebem a educação preponderantemente em função da produção, da competitividade e do mercado. Por outro lado, com frequência, elas propiciam a inclusão de fatores contrários à vida, à família e a uma sadia sexualidade. Dessa forma, não manifestam os melhores valores dos jovens nem seu espírito religioso; menos ainda lhes ensinam os caminhos para superar a violência e se aproximar da felicidade, nem os ajudam a levar uma vida sóbria e adquirir as atitudes, virtudes e costumes que tornariam estável o lar que venham a estabelecer, e que os converteriam em construtores solidários da paz e do futuro da sociedade.¹⁹⁰

329. Diante dessa situação, fortalecendo a estreita colaboração com os pais de família e pensando em uma educação de qualidade à que têm direito, sem distinção, todos os alunos e alunas de nossos povos, é necessário insistir no autêntico fim de toda escola. É chamada a se transformar, antes de mais nada, em lugar privilegiado de formação e promoção integral, mediante a

¹⁸⁹ PDV 76.

¹⁹⁰ FC 36-38; João Paulo II, Carta às Famílias, 13, 2 de fevereiro de 1994; Pontifício Conselho para a Família, *Carta dos direitos da família*, Art. 5c, 22 de outubro de 1983; Pontifício Conselho para a Família, *Sexualidade humana, verdade e significado. Orientações educativas em família*, 8 de dezembro de 1995.

assimilação sistemática e crítica da cultura, fato que consegue mediante um encontro vivo e vital com o patrimônio cultural. Isso supõe que tal encontro se realize na escola em forma de elaboração, ou seja, confrontando e inserindo os valores perenes no contexto atual. Na realidade, a cultura, para ser educativa, deve inserir-se nos problemas do tempo no qual se desenvolve a vida do jovem. Dessa maneira, as diferentes disciplinas precisam apresentar não só um saber por adquirir, mas valores por assimilar e verdades por descobrir.

330. Constitui responsabilidade estrita da escola, enquanto instituição educativa, destacar a dimensão ética e religiosa da cultura, precisamente com o objetivo de ativar o dinamismo espiritual do sujeito e ajudá-lo a alcançar a liberdade ética que pressupõe e aperfeiçoa a psicológica. Mas não se dá liberdade ética, a não ser na confrontação com os valores absolutos dos quais dependem o sentido e o valor da vida do ser humano. Inclusive no âmbito da educação, manifesta-se a tendência a assumir a realidade como parâmetro dos valores, correndo dessa forma o perigo de responder a aspirações secundárias e superficiais, e perder de vista as exigências mais profundas do mundo contemporâneo (E.C. 30). A educação humaniza e personaliza o ser humano quando consegue que este desenvolva plenamente seu pensamento e sua liberdade, fazendo-o frutificar em hábitos de compreensão e em iniciativas de comunhão com a totalidade da ordem real. Dessa maneira, o ser humano humaniza seu mundo, produz cultura, transforma a sociedade e constrói a história.¹⁹¹

6.4.6.1 *Os centros educativos católicos*

331. A missão primária da Igreja é anunciar o Evangelho de maneira tal que garanta a relação entre a fé e a vida tanto na pessoa individual como no contexto sócio-cultural em que as pessoas vivem, atuam e se relacionam entre si. Assim, a Igreja “procura transformar, mediante a força do Evangelho, os crité-

¹⁹¹ DP 1025.

rios de juízo, os valores determinantes, os pontos de interesse, as linhas de pensamento, as fontes inspiradoras e os modelos de vida da humanidade que estão em contraste com a Palavra de Deus e o desígnio de salvação”.¹⁹²

332. Portanto, quando falamos de educação cristã, entendemos que o mestre educa para um projeto de ser humano em que habite Jesus Cristo com o poder transformador de sua vida nova. Existem muitos aspectos nos quais se educa e entre os quais consta o projeto educativo. Existem muitos valores, mas estes valores nunca estão sozinhos, sempre formam uma constelação ordenada, explícita ou implicitamente. Se a ordenação tem a Cristo como fundamento e fim, então essa educação está recapitulando tudo em Cristo e é verdadeira educação cristã; se não, pode falar de Cristo, mas corre o perigo de não ser cristã.¹⁹³

333. Desse modo se produz uma compenetração entre os dois aspectos. Quer dizer, não se concebe a possibilidade de anunciar o Evangelho sem que este ilumine, infunda alento e esperança e inspire soluções adequadas aos problemas da existência; muito menos que se possa pensar em verdadeira e plena promoção do ser humano sem abri-lo a Deus e anunciar-lhe Jesus Cristo.¹⁹⁴

334. A Igreja é chamada a promover em suas escolas uma educação centrada na pessoa humana que é capaz de viver na comunidade oferecendo a esta o bem que a Igreja possui. Diante do fato de que muitos se encontram excluídos, a Igreja deverá estimular uma educação de qualidade para todos, formal e não-formal, especialmente para os mais pobres. Educação que ofereça às crianças, aos jovens e aos adultos o encontro com os valores culturais do próprio país, descobrindo ou integrando neles a dimensão religiosa e transcendente. Para isso, necessitamos

¹⁹² EN 19.

¹⁹³ SD 265.

¹⁹⁴ Cf. *Iuvenum Patris*. Carta Apostólica de João Paulo II no centenário da morte de São João Bosco, 10.

de uma pastoral da educação que seja dinâmica e acompanhe os processos educativos, que seja voz que legitime e salvaguarde a liberdade de educação diante do Estado e o direito a uma educação de qualidade para os mais despossuídos.

335. Desse modo, estamos em condições de afirmar que, no projeto educativo da escola católica, Cristo, o Homem perfeito, é o fundamento em quem todos os valores humanos encontram sua plena realização e, a partir daí, sua unidade. Ele revela e promove o sentido novo da existência e a transforma, capacitando o homem e a mulher a viverem de maneira divina, ou seja, para pensar, querer e agir segundo o Evangelho, fazendo das bem-aventuranças a norma de suas vidas. Precisamente pela referência explícita e compartilhada por todos os membros da comunidade escolar, a visão cristã – ainda que em grau diverso, e respeitando a liberdade de consciência e religiosa dos não cristãos presentes nela – a educação é “católica”, pois os princípios evangélicos se convertem para ela em normas educativas, motivações interiores e, ao mesmo tempo, em metas finais. Esse é o caráter especificamente católico da educação. Jesus Cristo, pois, eleva e enobrece a pessoa humana, dá valor à sua existência e constitui o perfeito exemplo de vida. É a melhor notícia, proposta pelos centros de formação católica aos jovens.¹⁹⁵

336. Portanto, a meta que a escola católica se propõe com relação às crianças e jovens, é a de conduzir ao encontro com Jesus Cristo vivo, Filho do Pai, irmão e amigo, Mestre e Pastor misericordioso, esperança, caminho, verdade e vida, e dessa forma à vivência da aliança com Deus e com os homens. A escola o faz colaborando na construção da personalidade dos alunos, tendo Cristo como referência no plano da mentalidade e da vida. Tal referência, ao se fazer progressivamente explícita e interiorizada, ajudará a ver a história como Cristo a vê, a julgar a vida como Ele o faz, a escolher e amar como Ele, a cultivar a esperança como

¹⁹⁵ Congregação para a Educação Católica, *A Escola Católica*, n. 34.

Ele nos ensina e a viver nEle a comunhão com o Pai e o Espírito Santo. Pela fecundidade misteriosa dessa referência, a pessoa se constrói na unidade existencial, isto é, assume suas responsabilidades e procura o significado último de sua vida. Situada na Igreja, comunidade de cristãos, ela consegue com liberdade viver intensamente a fé, anunciá-la e celebrá-la com alegria na realidade de cada dia. Como consequência, amadurecem e parecem naturais as atitudes humanas que levam a se abrir sinceramente à verdade, a respeitar e amar as outras pessoas, a expressar sua própria liberdade na doação de si e no serviço aos demais para a transformação da sociedade.

337. A Escola católica é chamada a uma profunda renovação. Devemos resgatar a identidade católica de nossos centros educativos por meio de um impulso missionário corajoso e audaz, de modo que chegue a ser uma opção profética plasmada em uma pastoral da educação participativa. Tais projetos devem promover a formação integral da pessoa, tendo seu fundamento em Cristo, com identidade eclesial e cultural, e com excelência acadêmica. Além disso, há de gerar solidariedade e caridade para com os mais pobres. O acompanhamento dos processos educativos, a participação dos pais de família neles e a formação de docentes, são tarefas prioritárias da pastoral educativa.

338. Propõe-se que nas instituições católicas a educação na fé seja integral e transversal em todo o currículo, levando em consideração o processo de formação para encontrar a Cristo e para viver como discípulos e missionários e inserindo nela verdadeiros processos de iniciação cristã. Ao mesmo tempo, recomenda-se que a comunidade educativa (diretores, mestres, pessoal administrativo, alunos, pais de família etc.), enquanto autêntica comunidade eclesial e centro de evangelização, assuma seu papel de formadora de discípulos e missionários em todos os seus estratos. Que, a partir daí, em comunhão com a comunidade cristã que é sua matriz, promova um serviço pastoral no setor em que se insere, especialmente dos jovens, da família, da catequese e

da promoção humana dos mais pobres. Esses objetivos são essenciais nos processos de admissão de alunos, em suas famílias e na contratação dos docentes.

339. Um princípio irrenunciável para a Igreja é a liberdade de ensino. O amplo exercício do direito à educação reivindica por sua vez, como condição para sua autêntica realização, a plena liberdade que deve gozar toda pessoa para escolher a educação de seus filhos que considere mais adequada aos valores que eles mais estimam e que consideram indispensáveis. Pelo fato de haver dado a vida aos filhos, os pais assumiram a responsabilidade de oferecer a eles condições favoráveis para seu crescimento e a séria obrigação de educá-los. A sociedade precisa reconhecê-los como os primeiros e principais educadores. O dever da educação familiar, como primeira escola de virtudes sociais, é de tanta transcendência que, quando falta, dificilmente pode ser suprida. Esse princípio é irrenunciável.¹⁹⁶

340. Esse direito intransferível, que implica uma obrigação e que expressa a liberdade da família na esfera da educação, por seu significado e alcance, precisa ser decididamente garantido pelo Estado. Por essa razão, o poder público, a quem compete a proteção e a defesa das liberdades dos cidadãos, atendendo à justiça distributiva, deve distribuir as ajudas públicas – que provêm dos impostos de todos os cidadãos – de tal maneira que a totalidade dos pais, independente de sua condição social, possam escolher, segundo sua consciência, em meio a uma pluralidade de projetos educativos, as escolas adequadas para seus filhos. Esse é o valor fundamental e a natureza jurídica que fundamenta a subvenção escolar. Portanto, a nenhum setor educacional, nem sequer ao próprio Estado, se pode outorgar a faculdade de se reservar o privilégio e a exclusividade da educação dos mais pobres, sem com isso infringir importantes direitos. Desse modo, promovem-se direitos naturais da pessoa humana, da convivência pacífica dos cidadãos e do progresso de todos.

¹⁹⁶ Pontifício Conselho para a Família, *Carta dos direitos da família*, Art. 3c, 22 de outubro de 1983.

6.4.6.2 *As universidades e centros superiores de educação católica*

341. Segundo sua própria natureza, a Universidade Católica presta importante ajuda à Igreja em sua missão evangelizadora. Trata-se de vital testemunho de ordem institucional sobre Cristo e sua mensagem, tão necessário e importante para as culturas impregnadas pelo secularismo. As atividades fundamentais de uma universidade católica deverão vincular-se e harmonizar-se com a missão evangelizadora da Igreja. Elas se realizam através de uma pesquisa realizada à luz da mensagem cristã, que coloque os novos descobrimentos humanos a serviço das pessoas e da sociedade. Dessa forma oferece uma formação dada em contexto de fé, que prepare pessoas capazes de juízo racional e crítico, conscientes da dignidade transcendental da pessoa humana. Isso implica uma formação profissional que compreenda os valores éticos e a dimensão de serviço às pessoas e à sociedade; o diálogo com a cultura, que favoreça melhor compreensão e transmissão da fé; e a pesquisa teológica que ajude a fé a expressar-se em linguagem significativa para estes tempos. Porque cada vez mais consciente de sua missão salvífica neste mundo, a Igreja quer sentir esses centros bem próximos a ela mesma, e deseja tê-los presentes e operantes na difusão da mensagem autêntica de Cristo.¹⁹⁷

342. As universidades católicas, por conseguinte, terão que desenvolver com fidelidade sua especificidade cristã, visto que possuem responsabilidades evangélicas que instituições de outro tipo não estão obrigadas a realizar. Entre elas se encontra, sobretudo, o diálogo fé e razão, fé e cultura, e a formação de professores, alunos e pessoal administrativo através da Doutrina Social e Moral da Igreja, para que sejam capazes de compromisso solidário com a dignidade humana, de serem solidários com a comunidade e de mostrarem profeticamente a novidade que representa o cristianismo na vida das sociedades latino-ameri-

¹⁹⁷ ECE 49.

canas e caribenhas. Para isso, é indispensável que se cuide do perfil humano, acadêmico e cristão dos que são os principais responsáveis pela pesquisa e docência.

343. É necessária uma pastoral universitária que acompanhe a vida e o caminhar de todos os membros da comunidade universitária, promovendo um encontro pessoal e comprometido com Jesus Cristo e múltiplas iniciativas solidárias e missionárias. Também se deve procurar uma presença próxima e dialogante com membros de outras universidades públicas e centros de estudo.

344. Nas últimas décadas, observamos na América Latina e no Caribe o surgimento de diversos Institutos de Teologia e Pastoral orientados para a formação e atualização de agentes de pastoral. Nesse caminho, tem-se conseguido criar espaços de diálogo, discussão e busca de respostas adequadas aos enormes desafios enfrentados pela evangelização no Continente. Ao mesmo tempo, tem sido possível formar inumeráveis líderes a serviço das Igrejas particulares.

345. Convidamos a valorizar a rica reflexão pós-conciliar da Igreja presente na América Latina e no Caribe, assim como a reflexão filosófica, teológica e pastoral de nossas Igrejas e de seus centros de formação e pesquisa, a fim de fortalecer nossa própria identidade, desenvolver a criatividade pastoral e potencializar o que é nosso. É necessário fomentar o estudo e a pesquisa teológica e pastoral frente aos desafios da nova realidade social, plural, diferenciada e globalizada, procurando novas respostas que dêem sustentação à fé e à experiência do discipulado dos agentes de pastoral. Sugerimos também maior utilização dos serviços que oferecem os institutos de formação teológica pastoral existentes, promovendo o diálogo entre eles e destinando mais recursos e esforços conjuntos na formação de leigos e leigas.

346. Esta V Conferência agradece o inestimável serviço que diversas instituições de educação católica prestam na promoção

humana e na evangelização das novas gerações, como sua contribuição para a cultura de nossos povos, e incentiva as dioceses, congregações religiosas e organizações de leigos católicos que mantêm escolas, universidades, institutos de educação superior e de capacitação não formal, a prosseguirem incansavelmente em sua abnegada e insubstituível missão apostólica.

TERCEIRA PARTE

A VIDA DE JESUS CRISTO

PARA NOSSOS POVOS

Capítulo VII

A MISSÃO DOS DISCÍPULOS A SERVIÇO DA VIDA PLENA

347. “A Igreja peregrina é missionária por natureza, porque tem sua origem na missão do Filho e do Espírito Santo, segundo o desígnio do Pai”.¹⁹⁸ Por isso, o impulso missionário é fruto necessário à vida que a Trindade comunica aos discípulos.

7.1 Viver e comunicar a vida nova em Cristo a nossos povos

348. A grande novidade que a Igreja anuncia ao mundo é que Jesus Cristo, o Filho de Deus feito homem, a Palavra e a Vida, veio ao mundo para nos fazer “participantes da natureza divina” (2 Pd 1,4), para que participemos de sua própria vida. É a vida trinitária do Pai, do Filho e do Espírito Santo, a vida eterna. Sua missão é manifestar o imenso amor do Pai, o qual quer que sejamos seus filhos. O anúncio do *querigma* convida a tomar consciência desse amor vivificador de Deus que nos é oferecido em Cristo morto e ressuscitado. Isso é o que por primeiro necessitamos anunciar e também escutar, porque a graça tem primado absoluto na vida cristã e em toda a atividade evangelizadora da Igreja: “Pela graça de Deus sou o que sou” (1 Cor 15,10).

¹⁹⁸ AG 2.

349. O chamado de Jesus no Espírito e o anúncio da Igreja apelam sempre à nossa acolhida, que a fé nos confia. “Aquele que crê em mim tem a vida eterna”. O batismo não só purifica dos pecados. Faz renascer o batizado, conferindo-lhe a vida nova em Cristo, que o incorpora à comunidade dos discípulos e missionários de Cristo, à Igreja, e o faz filho de Deus, e lhe permite reconhecer a Cristo como Primogênito e Cabeça de toda a humanidade. Ser irmãos implica viver fraternalmente e sempre atentos às necessidades dos mais fracos.

350. Nossos povos não querem andar pelas sombras da morte. Têm sede de vida e felicidade em Cristo. Buscam-no como fonte de vida. Desejam essa vida nova em Deus, para a qual o discípulo do Senhor nasce pelo batismo e renasce pelo sacramento da reconciliação. Procuram essa vida que se fortalece, quando é confirmada pelo Espírito de Jesus e quando o discípulo renova, em cada celebração eucarística, sua aliança de amor em Cristo, com o Pai e com os irmãos. Acolhendo a Palavra de vida eterna e alimentados pelo Pão descido do céu, quer viver a plenitude do amor e conduzir todos ao encontro com Aquele que é o Caminho, a Verdade e a Vida.

351. No entanto, no exercício de nossa liberdade, às vezes recusamos essa vida nova (cf. Jo 5,40) ou não perseveramos no caminho (cf. Hb 3,12-14). Com o pecado, optamos por um caminho de morte. Por isso, o anúncio de Jesus sempre convoca à conversão, que nos faz participar do triunfo do Ressuscitado e inicia um caminho de transformação.

352. Dos que vivem em Cristo se espera um testemunho muito crível de santidade e compromisso. Desejando e procurando essa santidade não vivemos menos, e sim melhor, porque, quando Deus pede mais, é porque está oferecendo muito mais: “Não tenham medo de Cristo! Ele não tira nada e dá tudo!”¹⁹⁹

¹⁹⁹ Bento XVI, Homilia na inauguração do Pontificado, 24 de abril de 2005.

7.1.1 *Jesus a serviço da vida*

353. Jesus, o Bom Pastor, quer comunicar-nos a sua vida e colocar-se a serviço da vida. Vemos como ele se aproxima do cego no caminho (cf. Mc 10,46-52), quando dignifica a samaritana (cf. Jo 4,7-26), quando cura os enfermos (cf. Mt 11,2-6), quando alimenta o povo faminto (cf. Mc 6,30-44), quando liberta os endemoninhados (cf. Mc 5,1-20). Em seu Reino de vida, Jesus inclui a todos: come e bebe com os pecadores (cf. Mc 2,16), sem se importar que o tratem como comilão e bêbado (cf. Mt 11,19); toca com as mãos os leprosos (cf. Lc 5,13), deixa que uma prostituta lhe unja os pés (cf. Lc 7,36-50) e, de noite, recebe Nicodemos para convidá-lo a nascer de novo (cf. Jo 3,1-15). Igualmente, convida seus discípulos à reconciliação (cf. Mt 5,24), ao amor pelos inimigos (cf. Mt 5,44) e a optarem pelos mais pobres (cf. Lc 14,15-24).

354. Em sua Palavra e em todos os sacramentos, Jesus nos oferece um alimento para o caminho. A Eucaristia é o centro vital do universo, capaz de saciar a fome de vida e felicidade: “Aquele que se alimenta de mim, viverá por mim” (Jo 6,57). Nesse banquete feliz participamos da vida eterna e, assim, nossa existência cotidiana se converte em Missa prolongada. Porém, todos os dons de Deus requerem disposição adequada para que possam produzir frutos de mudança. Especialmente, exigem de nós espírito comunitário, que abramos os olhos para reconhecê-lo e servi-lo nos mais pobres: “No mais humilde encontramos o próprio Jesus”.²⁰⁰ Por isso, São João Crisóstomo exortava: “Querem em verdade honrar o corpo de Cristo? Não consentam que esteja nu. Não o honrem no templo com mantos de seda enquanto fora o deixam passar frio e nudez”.²⁰¹

7.1.2 *Várias dimensões da vida em Cristo*

355. Jesus Cristo é a plenitude que eleva a condição humana à condição divina para sua glória: “Eu vim para dar vida aos

²⁰⁰ DCE 15.

²⁰¹ São João Crisóstomo, *Homilias sobre São Mateus*, L, 3-4: PG 58, 508-509.

homens e para que a tenham em plenitude” (Jo 10,10). Sua amizade não nos exige que renunciemos a nossos desejos de plenitude vital, porque Ele ama nossa felicidade também nesta terra. Diz o Senhor que Ele tudo criou “para que de tudo desfrutemos” (1 Tm 6,17).

356. A vida nova de Jesus Cristo atinge o ser humano por inteiro e desenvolve em plenitude a existência humana “em sua dimensão pessoal, familiar, social e cultural”.²⁰² Para isso, faz falta entrar em processo de mudança que transfigure os vários aspectos da própria vida. Só assim será possível perceber que Jesus Cristo é nosso salvador em todos os sentidos da palavra. Só assim manifestaremos que a vida em Cristo cura, fortalece e humaniza. Porque “Ele é o Vivente, que caminha a nosso lado, manifestando-nos o sentido dos acontecimentos, da dor e da morte, da alegria e da festa”.²⁰³ A vida em Cristo inclui a alegria de comer juntos, o entusiasmo para progredir, o gosto de trabalhar e de aprender, a alegria de servir a quem necessita de nós, o contato com a natureza, o entusiasmo dos projetos comunitários, o prazer de uma sexualidade vivida segundo o Evangelho, e todas as coisas com as quais o Pai nos presenteia como sinais de seu sincero amor. Podemos encontrar o Senhor em meio às alegrias de nossa limitada existência e, dessa forma, brota uma gratidão sincera.

357. Mas o consumismo hedonista e individualista, que coloca a vida humana em função de um prazer imediato e sem limites, obscurece o sentido da vida e a degrada. A vitalidade que Cristo oferece nos convida a ampliar nossos horizontes e a reconhecer que abraçando a cruz cotidiana entramos nas dimensões mais profundas da existência. O Senhor, que nos convida a valorizar as coisas e a progredir, também nos previne sobre a obsessão por acumular: “Não amontoem tesouros nesta terra” (Mt 6,19). “De que serve ao homem ganhar o mundo, mas perder a

²⁰² DI 4.

²⁰³ Ibid.

própria vida?” (Mt 16,26). Jesus Cristo nos oferece muito, inclusive muito mais do que esperamos. À Samaritana, ele dá mais do que a água do poço. À multidão faminta ele oferece mais do que o alívio da fome. Entrega-se a si mesmo como a vida em abundância. A vida nova em Cristo é participação na vida de amor do Deus Uno e Trino. Começa no batismo e chega à sua plenitude na ressurreição final.

7.1.3 A serviço da vida plena para todos

358. Porém, as condições de vida de muitos abandonados, excluídos e ignorados em sua miséria e dor, contradizem a esse projeto do Pai e desafiam os cristãos a maior compromisso a favor da cultura da vida. O Reino de vida que Cristo veio trazer é incompatível com essas situações desumanas. Se pretendemos fechar os olhos diante dessas realidades, não somos defensores da vida do Reino e nos situamos no caminho da morte: “Nós sabemos que passamos da morte para a vida porque amamos os irmãos. Aquele que não ama, permanece na morte” (1 Jo 3,14). É necessário sublinhar “a inseparável relação entre o amor a Deus e o amor ao próximo”,²⁰⁴ que “convida todos a suprimir as graves desigualdades sociais e as enormes diferenças no acesso aos bens”.²⁰⁵ Tanto a preocupação por desenvolver estruturas mais justas como por transmitir os valores sociais do Evangelho, situam-se neste contexto de serviço fraterno à vida digna.

359. Descobrimos, dessa forma, uma profunda lei da realidade: a vida só se desenvolve plenamente na comunhão fraterna e justa. Porque “Deus em Cristo não redime só a pessoa individual, mas também as relações sociais entres os seres humanos”.²⁰⁶ Diante de diversas situações que manifestam a ruptura entre irmãos, compele-nos que a fé católica de nossos povos latino-americanos e caribenhos se manifeste em vida mais digna

²⁰⁴ DCE 16.

²⁰⁵ DI 4.

²⁰⁶ CDSI 52.

para todos. O rico magistério social da Igreja nos indica que não podemos conceber uma oferta de vida em Cristo sem um dinamismo de libertação integral, de humanização, de reconciliação e de inserção social.

7.1.4 Uma missão para comunicar vida

360. A vida se acrescenta dando-a, e se enfraquece no isolamento e na comodidade. De fato, os que mais desfrutam da vida são os que deixam da margem a segurança e se apaixonam pela missão de comunicar vida aos demais. O Evangelho nos ajuda a descobrir que o cuidado enfermiço da própria vida depõe contra a qualidade humana e cristã dessa mesma vida. Vive-se muito melhor quando temos liberdade interior para doá-la: “Quem aprecia sua vida terrena, a perderá” (Jo 12,25). Aqui descobrimos outra profunda lei da realidade: “Que a vida se alcança e amadurece à medida que é entregue para dar vida aos outros. Isso é, definitivamente, a missão.

361. O projeto de Jesus é instaurar o Reino de seu Pai. Por isso, pede a seus discípulos: “Proclamem que está chegando o Reino dos céus!” (Mt 10,7). Trata-se do Reino da vida. Porque a proposta de Jesus Cristo a nossos povos, o conteúdo fundamental dessa missão, é a oferta de vida plena para todos. Por isso, a doutrina, as normas, as orientações éticas e toda a atividade missionária das Igrejas, deve deixar transparecer essa atrativa oferta de vida mais digna, em Cristo, para cada homem e para cada mulher da América Latina e do Caribe.

362. Assumimos o compromisso de uma grande missão em todo o Continente, que de nós exigirá aprofundar e enriquecer todas as razões e motivações que permitam converter cada cristão em discípulo missionário. Necessitamos desenvolver a dimensão missionária da vida de Cristo. A Igreja necessita de forte comoção que a impeça de se instalar na comodidade, no estancamento e na indiferença, à margem do sofrimento dos pobres do Continente. Necessitamos que cada comunidade cristã se

transforme num poderoso centro de irradiação da vida em Cristo. Esperamos em novo Pentecostes que nos livre do cansaço, da desilusão, da acomodação ao ambiente; esperamos uma vinda do Espírito que renove nossa alegria e nossa esperança. Por isso, é imperioso assegurar calorosos espaços de oração comunitária que alimentem o fogo de um ardor incontido e tornem possível um atraente testemunho de unidade “para que o mundo creia” (Jo 17,21).

363. A força desse anúncio de vida será fecundo se o fizermos com estilo adequado, com as atitudes do Mestre, tendo sempre a Eucaristia como fonte e cume de toda atividade missionária. Invocamos o Espírito Santo para podermos dar o testemunho de proximidade que entranha proximidade afetiva, escuta, humildade, solidariedade, compaixão, diálogo, reconciliação, compromisso com a justiça social e capacidade de compartilhar, como Jesus o fez. Ele continua convocando, continua convidando, continua oferecendo incessantemente vida digna e plena para todos. Nós somos agora, na América Latina e no Caribe, seus discípulos e discípulas, chamados a navegar mar adentro para uma pesca abundante. Trata-se de sair de nossa consciência isolada e de nos lançarmos, com ousadia e confiança (parrésia), à missão de toda a Igreja.

364. Fixamos o olhar em Maria e reconhecemos nela a imagem perfeita da discípula missionária. Ela nos exorta a fazer o que Jesus nos diz (cf. Jo 2,5) para que Ele possa derramar sua vida na América Latina e no Caribe. Junto com ela, queremos estar atentos uma vez mais à escuta do Mestre, e ao redor dela, voltarmos a receber com estremecimento o mandato missionário de seu Filho: “*Vão e façam discípulos todos os povos*” (Mt 28,19). Escutamos Jesus como comunidade de discípulos missionários que experimentaram o encontro vivo com Ele e queremos compartilhar todos os dias com os demais essa alegria incomparável.

7.2 Conversão pastoral e renovação missionária das comunidades

365. Esta firme decisão missionária deve impregnar todas as estruturas eclesiais e todos os planos pastorais de dioceses, paróquias, comunidades religiosas, movimentos e de qualquer instituição da Igreja. Nenhuma comunidade deve isentar-se de entrar decididamente, com todas as forças, nos processos constantes de renovação missionária e de abandonar as ultrapassadas estruturas que já não favoreçam a transmissão da fé.

366. A conversão pessoal desperta a capacidade de submeter tudo ao serviço da instauração do Reino da vida. Os bispos, presbíteros, diáconos permanentes, consagrados e consagradas, leigos e leigas, são chamados a assumir atitude de permanente conversão pastoral, que implica escutar com atenção e discernir “o que o Espírito está dizendo às Igrejas” (Ap 2,29) através dos sinais dos tempos em que Deus se manifesta.

367. A pastoral da Igreja não pode prescindir do contexto histórico onde vivem seus membros. Sua vida acontece em contextos sócio-culturais bem concretos. Essas transformações sociais e culturais representam naturalmente novos desafios para a Igreja em sua missão de construir o Reino de Deus. Daí nasce, na fidelidade ao Espírito Santo que a conduz, a necessidade de uma renovação eclesial que implica reformas espirituais, pastorais e também institucionais.

368. A conversão dos pastores leva-nos também a viver e promover uma espiritualidade de comunhão e participação, “propondo-a como princípio educativo em todos os lugares onde se forma o homem e o cristão, onde se educam os ministros do altar, as pessoas consagradas e os agentes pastorais, onde se constroem as famílias e as comunidades”.²⁰⁷ A conversão pastoral requer que as comunidades eclesiais sejam comunidades de

²⁰⁷ NMI 43.

discípulos missionários ao redor de Jesus Cristo, Mestre e Pastor. Daí nasce a atitude de abertura, diálogo e disponibilidade para promover a co-responsabilidade e participação efetiva de todos os fiéis na vida das comunidades cristãs. Hoje, mais do que nunca, o testemunho de comunhão eclesial e de santidade são uma urgência pastoral. A programação pastoral há de se inspirar no mandamento novo do amor (cf Jo 13,35).²⁰⁸

369. Encontramos o modelo paradigmático dessa renovação comunitária nas primitivas comunidades cristãs (cf. At 2,42-47), que souberam buscar novas formas para evangelizar de acordo com as culturas e as circunstâncias. Ao mesmo tempo, motiva-nos a eclesiologia de comunhão do Concílio Vaticano II, o caminho sinodal no pós-concílio e as Conferências Gerais anteriores do Episcopado Latino-americano e do Caribe. Como Jesus nos garante, não esqueçamos que “onde estiverem dois ou três reunidos em meu nome, aí estarei eu no meio deles” (Mt 18,20).

370. A conversão pastoral de nossas comunidades exige que se vá além de uma pastoral de mera conservação para uma pastoral decididamente missionária. Assim será possível que “o único programa do Evangelho continue introduzindo-se na história de cada comunidade eclesial”²⁰⁹ com novo ardor missionário, fazendo com que a Igreja se manifeste como mãe que vai ao encontro, uma casa acolhedora, uma escola permanente de comunhão missionária.

371. O projeto pastoral da Diocese, caminho de pastoral orgânica, deve ser resposta consciente e eficaz para atender às exigências do mundo de hoje com “indicações programáticas concretas, objetivos e métodos de trabalho, formação e valorização dos agentes e a procura dos meios necessários que permitam que o anúncio de Cristo chegue às pessoas, modele as comunidades

²⁰⁸ Cf. NMI 20.

²⁰⁹ Ibid. 12.

e incida profundamente na sociedade e na cultura mediante o testemunho dos valores evangélicos”.²¹⁰ Os leigos devem participar do discernimento, da tomada de decisões, do planejamento e da execução.²¹¹ Esse projeto diocesano exige acompanhamento constante por parte do bispo, dos sacerdotes e dos agentes pastorais, com atitude flexível que lhes permita manter-se atentos às exigências da realidade sempre mutável.

372. Levando em consideração as dimensões de nossas paróquias, é aconselhável a setorização em unidades territoriais menores, com equipes próprias de animação e coordenação que permitam maior proximidade com as pessoas e grupos que vivem na região. É recomendável que os agentes missionários promovam a criação de comunidades de famílias que fomentem a colocação em comum de sua fé cristã e das respostas aos problemas. Reconhecemos como fenômeno importante de nosso tempo o aparecimento e difusão de diversas formas de voluntariado missionário que se ocupam de uma pluralidade de serviços. A Igreja apóia as redes e programas de voluntariado nacional e internacional, que surgiram em muitos países, na esfera das organizações da sociedade civil, para o bem dos mais pobres de nosso continente, à luz dos princípios de dignidade, subsidiariedade e solidariedade, em conformidade com a Doutrina Social da Igreja. Não se trata só de estratégias para procurar êxitos pastorais, mas da fidelidade na imitação do Mestre, sempre próximo, acessível, disponível a todos, desejoso de comunicar vida em cada região da terra.

7.3. Nosso compromisso com a missão *ad gentes*

373. Conscientes e agradecidos porque o Pai amou tanto ao mundo que enviou seu Filho para salvá-lo (cf. Jo 3,16), queremos ser continuadores de sua missão, visto que essa é a razão de ser da Igreja e que define sua identidade mais profunda.

²¹⁰ Ibid. 29.

²¹¹ Cf ChL 51.

374. Como discípulos missionários, queremos que a influência de Cristo chegue até aos confins da terra. Descobrimos a presença do Espírito Santo em terras de missão mediante sinais:

- a) A presença dos valores do Reino de Deus nas culturas, recriando-as a partir de dentro para transformar as situações anti-evangélicas.
- b) Os esforços de homens e mulheres que encontram em suas crenças religiosas o impulso para seu compromisso histórico.
- c) O nascimento da comunidade eclesial.
- d) O testemunho de pessoas e comunidades que anunciam Jesus Cristo com a santidade de suas vidas.

375. Sua Santidade Bento XVI confirmou que a missão *ad gentes* se abre a novas dimensões: “O campo da Missão *ad gentes* se tem ampliado notavelmente e não é possível defini-lo baseando-se apenas em considerações geográficas ou jurídicas. Na verdade, os verdadeiros destinatários da atividade missionária do povo de Deus não são só os povos não cristãos e das terras distantes, mas também os campos sócio-culturais, e sobretudo os corações”.²¹²

376. Ao mesmo tempo, o mundo espera de nossa Igreja latino-americana e caribenha um compromisso mais significativo com a missão universal em todos os Continentes. Para não cairmos na armadilha de nos fechar em nós mesmos, devemos formar-nos como discípulos missionários sem fronteiras, dispostos a ir “à outra margem”, àquela onde Cristo ainda não é reconhecido como Deus e Senhor, e a Igreja não está presente.²¹³

377. Os discípulos, que por essência são também missionários em virtude do Batismo e da Confirmação, nos formamos

²¹² Bento XVI, Discurso aos membros do Conselho Superior das Pontifícias Obras Missionárias, 5 de maio de 2007.

²¹³ Cf. AG 6.

com coração universal, aberto a todas as culturas e a todas as verdades, cultivando nossa capacidade de contato humano e diálogo. Estamos dispostos, com a coragem que o Espírito nos dá, a anunciar Cristo, onde não é aceito, com nossa vida, com nossa ação, com nossa profissão de fé e com sua Palavra. Os emigrantes são igualmente discípulos e missionários, e são chamados a ser nova semente de evangelização, a exemplo de tantos emigrantes e missionários que trouxeram a fé cristã à nossa América.

378. Queremos estimular as Igrejas locais a que apoiem e organizem os centros missionários nacionais e atuem em estreita colaboração com as Pontifícias Obras Missionárias e outras instâncias eclesiais cooperantes, cuja importância e dinamismo para a animação e a cooperação missionária reconhecemos e agradecemos de coração. Por ocasião dos cinquenta anos da encíclica *Fidei Donum*, agradecemos a Deus os missionários e missionárias que vieram ao Continente e aqueles que hoje estão presentes nele, dando testemunho do espírito missionário de suas Igrejas locais ao serem enviados por elas.

379. Nosso desejo é que esta V Conferência seja estímulo para que muitos discípulos de nossas Igrejas vão e evangelizem na “outra margem”. A fé se fortalece quando é transmitida e é preciso que em nosso continente entremos em nova primavera da missão *ad gentes*. Somos Igrejas pobres, mas “devemos dar a partir de nossa pobreza e a partir da alegria de nossa fé”,²¹⁴ e isso sem descarregar sobre alguns poucos enviados o compromisso que é de toda a comunidade cristã. Nossa capacidade de compartilhar nossos dons espirituais, humanos e materiais com outras Igrejas, confirmará a autenticidade de nossa nova abertura missionária. Por isso, estimulamos a participação na celebração dos congressos missionários.

²¹⁴ DP 368.

Capítulo VIII

REINO DE DEUS

E PROMOÇÃO DA DIGNIDADE HUMANA

380. A missão do anúncio da Boa Nova de Jesus Cristo tem destinação universal. Seu mandato de caridade alcança todas as dimensões da existência, todas as pessoas, todos os ambientes da convivência e todos os povos. Nada do humano pode lhe parecer estranho. A Igreja sabe, por revelação de Deus e pela experiência humana da fé, que Jesus Cristo é a resposta total, superabundante e satisfatória às perguntas humanas sobre a verdade, o sentido da vida e da realidade, a felicidade, a justiça e a beleza. São as inquietações que estão arraigadas no coração de toda pessoa e que pulsam no mais humano da cultura dos povos. Por isso, todo sinal autêntico de verdade, bem e beleza na aventura humana vem de Deus e clama por Deus.

381. Procurando trazer para perto a vida de Jesus Cristo como resposta aos desejos de nossos povos, destacamos a seguir alguns grandes campos, prioridades e tarefas para a missão dos discípulos de Jesus Cristo no hoje da América Latina e do Caribe.

8.1 Reino de Deus, justiça social e caridade cristã

382. “O prazo se cumpriu. O Reino de Deus está chegando. Convertam-se e creiam no Evangelho” (Mc 1,15). A voz do

Senhor continua a nos chamar como discípulos missionários e nos desafia a orientar toda a nossa vida a partir da realidade transformadora do Reino de Deus que se faz presente em Jesus. Acolhemos com muita alegria essa boa notícia. Deus amor é Pai de todos os homens e mulheres de todos os povos e raças. Jesus Cristo é o Reino de Deus que procura demonstrar toda a sua força transformadora em nossa Igreja e em nossas sociedades. NEle, Deus nos escolheu para que sejamos seus filhos com a mesma origem e destino, com a mesma dignidade, com os mesmos direitos e deveres vividos no mandamento supremo do amor. O Espírito colocou esse germe do Reino em nosso Batismo e o faz crescer pela graça da conversão permanente graças à Palavra de Deus e aos sacramentos.

383. São sinais evidentes da presença de Deus: a vivência pessoal e comunitária das bem-aventuranças, a evangelização dos pobres, o conhecimento e cumprimento da vontade do Pai, o martírio pela fé, o acesso de todos aos bens da criação, o perdão mútuo, sincero e fraterno, aceitando e respeitando a riqueza da pluralidade e a luta para não sucumbir à tentação e não ser escravos do mal.

384. O fato de ser discípulos e missionários de Jesus Cristo para que nossos povos tenham vida nEle, leva-nos a assumir evangelicamente, e a partir da perspectiva do Reino, as tarefas prioritárias que contribuem para a dignificação do ser humano e a trabalhar junto com os demais cidadãos e instituições para o bem do ser humano. O amor de misericórdia para com todos os que vêm vulnerada sua vida em qualquer de suas dimensões, como bem nos mostra o Senhor em todos os seus gestos de misericórdia, requer que socorramos as necessidades urgentes, ao mesmo tempo que colaboremos com outros organismos ou instituições para organizar estruturas mais justas nos âmbitos nacionais e internacionais. É urgente criar estruturas que consolidem uma ordem social, econômica e política na qual não haja iniquidade e onde haja possibilidades para todos. Igualmente,

requerem-se novas estruturas que promovam uma autêntica convivência humana, que impeçam a prepotência de alguns e que facilitem o diálogo construtivo para os necessários consensos sociais.

385. A misericórdia sempre será necessária, mas não deve contribuir para criar círculos viciosos que sejam funcionais para um sistema econômico iníquo. Requer-se que as obras de misericórdia sejam acompanhadas pela busca de verdadeira justiça social, que vá elevando o nível de vida dos cidadãos, promovendo-os como sujeitos de seu próprio desenvolvimento. Em sua Encíclica *Deus Caritas est*, o Papa Bento XVI tratou com clareza inspiradora a complexa relação entre justiça e caridade. Aí nos disse que “a ordem justa da sociedade e do Estado é tarefa principal da política” e não da Igreja. Mas a Igreja “não pode nem deve colocar-se à margem na luta pela justiça”.²¹⁵ Ela colabora purificando a razão de todos os elementos que ofuscam e impedem a realização de uma libertação integral. Também é tarefa da Igreja ajudar com a pregação, a catequese, a denúncia e o testemunho do amor e da justiça, para que se despertem na sociedade as forças espirituais necessárias e se desenvolvam os valores sociais. Só assim as estruturas serão realmente mais justas, poderão ser mais eficazes e sustentar-se no tempo. Sem valores não há futuro, e não haverá estruturas salvadoras, visto que nelas sempre subjaz a fragilidade humana.

386. A Igreja tem como missão própria e específica comunicar a vida de Jesus Cristo a todas as pessoas, anunciando a Palavra, administrando os sacramentos e praticando a caridade. É oportuno recordar que o amor se mostra mais nas obras do que nas palavras, e isso vale também para nossas palavras nesta V Conferência. “Nem todo aquele que diz Senhor, Senhor...” (cf. Mt 7,21). Os discípulos missionários de Jesus Cristo temos a tarefa prioritária de dar testemunho do amor a Deus e ao próximo

²¹⁵ DCE 28.

com obras concretas. Dizia Santo Alberto Hurtado: “Em nossas obras, nosso povo sabe que compreendemos sua dor”.

8.2 A dignidade humana

387. A cultura atual tende a propor estilos de ser e viver contrários à natureza e dignidade do ser humano. O impacto dominante dos ídolos do poder, da riqueza e do prazer efêmero se transformaram, acima do valor da pessoa, em norma máxima de funcionamento e em critério decisivo na organização social. Diante dessa realidade, anunciamos, uma vez mais, o valor supremo de cada homem e de cada mulher. Na verdade, o Criador, ao colocar a serviço do ser humano tudo o que foi criado, manifesta a dignidade da pessoa humana e convida a respeitá-la (cf. Gn 1,26-30).

388. Proclamamos que todo ser humano existe pura e simplesmente pelo amor de Deus que o criou, e pelo amor de Deus que o conserva em cada instante. A criação do homem e da mulher à sua imagem e semelhança é um acontecimento divino de vida, e sua fonte é o amor fiel do Senhor. Por conseguinte, só o Senhor é o autor e o dono da vida, e o ser humano, sua imagem vivente, é sempre sagrado, desde sua concepção, em todas as etapas da existência, até sua morte natural e depois da morte. O olhar cristão sobre o ser humano permite perceber seu valor que transcende todo o universo: “Deus nos mostrou de modo insuperável como ama cada homem, e com isso lhe confere uma dignidade infinita”.²¹⁶

389. Nossa missão, para que nossos povos tenham vida nEle, manifesta nossa convicção de que o sentido, a fecundidade e a dignidade da vida humana se encontra no Deus vivo revelado em Jesus. É urgente a tarefa de entregar a nossos povos a vida plena e feliz que Jesus nos traz, para que cada pessoa humana viva de acordo com a dignidade que Deus lhe deu. Fazemos isso

²¹⁶ João Paulo II, *Mensagem aos deficientes, Ângelus*, 16 de novembro de 1980.

com a consciência de que essa dignidade alcançará sua plenitude quando Deus for tudo em todos. Ele é o Senhor da vida e da história, vencedor do mistério do mal e acontecimento salvífico que nos faz capazes de emitir um juízo verdadeiro sobre a realidade, que salvaguarde a dignidade das pessoas e dos povos.

390. Nossa fidelidade ao Evangelho exige que proclamemos a verdade sobre o ser humano e sobre a dignidade de toda pessoa humana, em todos os espaços públicos e privados do mundo de hoje e a partir de todas as instâncias da vida e da missão da Igreja.

8.3 A opção preferencial pelos pobres e excluídos

391. Dentro dessa ampla preocupação pela dignidade humana, situa-se nossa angústia pelos milhões de latino-americanos e latino-americanas que não podem levar uma vida que corresponda a essa dignidade. A opção preferencial pelos pobres é uma das peculiaridades que marca a fisionomia da Igreja latino-americana e caribenha. De fato, João Paulo II, dirigindo-se a nosso continente, sustentou que “converter-se ao Evangelho, para o povo cristão que vive na América, significa revisar todos os ambientes e dimensões de sua vida, especialmente tudo o que pertence à ordem social e à obtenção do bem comum”.²¹⁷

392. Nossa fé proclama que “Jesus Cristo é o rosto humano de Deus e o rosto divino do homem”.²¹⁸ Por isso, “a opção preferencial pelos pobres está implícita na fé cristológica naquele Deus que se fez pobre por nós, para nos enriquecer com sua pobreza”.²¹⁹ Essa opção nasce de nossa fé em Jesus Cristo, o Deus feito homem, que se fez nosso irmão (cf. Hb 2,11-12). Opção, no entanto, não exclusiva, nem excludente.

²¹⁷ EAm 27.

²¹⁸ Ibid. 67.

²¹⁹ DI 3.

393. Se essa opção está implícita na fé cristológica, os cristãos, como discípulos e missionários, são chamados a contemplar, nos rostos sofredores de nossos irmãos, o rosto de Cristo que nos chama a servi-lo neles: “Os rostos sofredores dos pobres são rostos sofredores de Cristo”.²²⁰ Eles desafiam o núcleo do trabalho da Igreja, da pastoral e de nossas atitudes cristãs. Tudo o que tenha relação com Cristo tem relação com os pobres, e tudo o que está relacionado com os pobres clama por Jesus Cristo: “Tudo quanto vocês fizeram a um destes meus irmãos menores, o fizeram a mim” (Mt 25,40). João Paulo II destacou que este texto bíblico “ilumina o mistério de Cristo”.²²¹ Porque em Cristo o grande se fez pequeno, o forte se fez fraco, o rico se fez pobre.

394. De nossa fé em Cristo nasce também a solidariedade como atitude permanente de encontro, irmandade e serviço. Ela há de se manifestar em opções e gestos visíveis, principalmente na defesa da vida e dos direitos dos mais vulneráveis e excluídos, e no permanente acompanhamento em seus esforços por serem sujeitos de mudança e de transformação de sua situação. O serviço de caridade da Igreja entre os pobres “é um campo de atividade que caracteriza de maneira decisiva a vida cristã, o estilo eclesial e a programação pastoral”.²²²

395. O Santo Padre nos recorda que a Igreja está convocada a ser “advogada da justiça e defensora dos pobres”²²³ diante das “intoleráveis desigualdades sociais e econômicas”,²²⁴ que “clamam ao céu”.²²⁵ Temos muito que oferecer, visto que “não há dúvida de que a Doutrina Social da Igreja é capaz de despertar esperança em meio às situações mais difíceis, porque, se não há esperança para os pobres, não haverá para ninguém, nem sequer

²²⁰ SD 178.

²²¹ NMI 49.

²²² Ibid.

²²³ DI 4.

²²⁴ TMA 51.

²²⁵ EAm 56a.

para os chamados ricos”.²²⁶ A opção preferencial pelos pobres exige que prestemos especial atenção aos profissionais católicos que são responsáveis pelas finanças das nações, aos que fomentam o emprego, aos políticos que devem criar as condições para o desenvolvimento econômico dos países, a fim de lhes dar orientações éticas coerentes com sua fé.

396. Comprometemo-nos a trabalhar para que a nossa Igreja Latino-americana e Caribenha continue sendo, com maior afinco, companheira de caminho de nossos irmãos mais pobres, inclusive até o martírio. Hoje queremos ratificar e potencializar a opção preferencial pelos pobres feita nas Conferências anteriores.²²⁷ Que seja preferencial implica que deva atravessar todas as nossas estruturas e prioridades pastorais. A Igreja latino-americana é chamada a ser sacramento de amor, solidariedade e justiça entre nossos povos.

397. Nesta época, costuma acontecer que defendemos de forma demasiada nossos espaços de privacidade e lazer, e nos deixamos contagiar facilmente pelo consumismo individualista. Por isso, nossa opção pelos pobres corre o risco de ficar em plano teórico ou meramente emotivo, sem verdadeira incidência em nossos comportamentos e em nossas decisões. É necessária uma atitude permanente que se manifeste em opções e gestos concretos,²²⁸ e evite toda atitude paternalista. Solicita-se dedicarmos tempo aos pobres, prestar a eles amável atenção, escutá-los com interesse, acompanhá-los nos momentos difíceis, escolhê-los para compartilhar horas, semanas ou anos de nossa vida, e procurando, a partir deles, a transformação de sua situação. Não podemos esquecer que o próprio Jesus propôs isso com seu modo de agir e com suas palavras: “Quando deres um banquete, convida os pobres, os inválidos, os coxos e os cegos” (Lc 14,13).

²²⁶ PG 67.

²²⁷ Medellín 14, 4-11; DP 1134-1165; SD 178-181.

²²⁸ DCE 28.31.

398. Só a proximidade que nos faz amigos nos permite apreciar profundamente os valores dos pobres de hoje, seus legítimos desejos e seu modo próprio de viver a fé. A opção pelos pobres deve conduzir-nos à amizade com os pobres. Dia a dia os pobres se fazem sujeitos da evangelização e da promoção humana integral: educam seus filhos na fé, vivem constante solidariedade entre parentes e vizinhos, procuram constantemente a Deus e dão vida ao peregrinar da Igreja. À luz do Evangelho reconhecemos sua imensa dignidade e seu valor sagrado aos olhos de Cristo, pobre como eles e excluído como eles. A partir dessa experiência cristã, compartilharemos com eles a defesa de seus direitos.

8.4 Uma renovada pastoral social para a promoção humana integral

399. Assumindo com nova força essa opção pelos pobres, manifestamos que todo processo evangelizador envolve a promoção humana e a autêntica libertação “sem a qual não é possível uma ordem justa na sociedade”.²²⁹ Entendemos, além disso, que a verdadeira promoção humana não pode reduzir-se a aspectos particulares: “Deve ser integral, isto é, promover todos os homens e o homem todo”,²³⁰ a partir da vida nova em Cristo que transforma a pessoa de tal maneira que “a faz sujeito de seu próprio desenvolvimento”.²³¹ Para a Igreja, o serviço da caridade, assim como o anúncio da Palavra e a celebração dos sacramentos, “é expressão irrenunciável da própria essência”.²³²

400. Portanto, a partir de nossa condição de discípulos e missionários, queremos estimular o Evangelho da vida e da solidariedade em nossos planos pastorais, à luz da Doutrina Social da Igreja. Além disso, promover caminhos eclesiais mais efetivos, com a preparação e compromisso dos leigos para intervir

²²⁹ DI 3.

²³⁰ GS 76.

²³¹ PP 15.

²³² DCE 25.

nos assuntos sociais. As palavras de João Paulo II nos enchem de esperança: “Ainda que imperfeito e provisório, nada do que se possa realizar mediante o esforço solidário de todos e a graça divina em dado momento da história, para fazer mais humana a vida dos homens, nada se perderá ou será inútil”.²³³

401. As Conferências Episcopais e as igrejas locais têm a missão de promover renovados esforços para fortalecer uma Pastoral Social estruturada, orgânica e integral que, com a assistência e a promoção humana,²³⁴ se faça presente nas novas realidades de exclusão e marginalização em que vivem os grupos mais vulneráveis, onde a vida está mais ameaçada. No centro desse agir está cada pessoa, que é acolhida e servida com cordialidade cristã. Nessa atividade a favor da vida de nossos povos, a Igreja católica apóia a colaboração mútua com outras comunidades cristãs.

402. A globalização faz emergir, em nossos povos, novos rostos pobres. Com especial atenção e em continuidade com as Conferências Gerais anteriores, fixamos nosso olhar nos rostos dos novos excluídos: os migrantes, as vítimas da violência, os deslocados e refugiados, as vítimas do tráfico de pessoas e seqüestros, os desaparecidos, os enfermos de HIV e de enfermidades endêmicas, os tóxico-dependentes, idosos, meninos e meninas que são vítimas da prostituição, pornografia e violência ou do trabalho infantil, mulheres maltratadas, vítimas da exclusão e do tráfico para a exploração sexual, pessoas com capacidades diferentes, grandes grupos de desempregados/as, os excluídos pelo analfabetismo tecnológico, as pessoas que vivem na rua das grandes cidades, os indígenas e afro-americanos, agricultores sem terra e os mineiros. A Igreja, com sua Pastoral Social, deve dar acolhida e acompanhar essas pessoas excluídas nas respectivas esferas.

²³³ SRS 47.

²³⁴ EA 58.

403. Nessa tarefa e com criatividade pastoral, devem-se elaborar ações concretas que tenham incidência nos Estados para a aprovação de políticas sociais e econômicas que atendam às várias necessidades da população e que conduzam para um desenvolvimento sustentável. Com ajuda de diferentes instâncias e organizações, a Igreja pode fazer permanente leitura cristã e aproximação pastoral à realidade de nosso continente, aproveitando o rico patrimônio da Doutrina Social da Igreja. Dessa maneira, terá elementos concretos para exigir dos que têm a responsabilidade de elaborar e aprovar as políticas que afetam nossos povos, que o façam a partir de uma perspectiva ética, solidária e autenticamente humanista. Nesse aspecto, os leigos e as leigas exercem papel fundamental, assumindo tarefas pertinentes na sociedade.

404. Encorajamos os empresários que dirigem as grandes e médias empresas e os microempresários, os agentes econômicos da gestão produtiva e comercial, tanto da ordem privada quanto comunitária, por serem criadores de riqueza em nossas nações, quando se esforçam para gerar emprego digno, facilitar a democracia e promover a aspiração a uma sociedade mais justa e a uma convivência cidadã com bem-estar e em paz. Igualmente animamos os que não investem seu capital em ações especulativas mas em criar fontes de trabalho, preocupando-se com os trabalhadores, considerando-os 'a eles e a suas famílias' a maior riqueza da empresa, que, como cristãos, vivem modestamente por terem feito da austeridade um valor inestimável, que colaboram com os governos na preocupação e conquista do bem comum e se prodigalizam em obras de solidariedade e misericórdia.

405. Por fim, não podemos esquecer que a maior pobreza é a de não reconhecer a presença do mistério de Deus e de seu amor na vida do homem, amor que é o único que verdadeiramente salva e liberta. Na verdade, "quem exclui a Deus de seu horizonte falsifica o conceito de realidade, e conseqüentemente só pode terminar em caminhos equivocados e com receitas

destrutivas.²³⁵ A verdade dessa afirmação parece evidente diante do fracasso de todos os sistemas que colocam Deus entre parêntesis.

8.5 Globalização da solidariedade e justiça internacional

406. A Igreja na América Latina e no Caribe sente que tem uma responsabilidade em formar cristãos e sensibilizá-los a respeito das grandes questões da justiça internacional. Por isso, tanto os pastores como os construtores da sociedade têm que estar atentos aos debates e normas internacionais sobre a matéria. Isso é especialmente importante para os leigos que assumem responsabilidades públicas, solidários com a vida dos povos. Por isso, propomos o seguinte:

- a) Apoiar a participação da sociedade civil para a re-orientação e conseqüente reabilitação ética da política. Por isso, são muito importantes os espaços de participação da sociedade civil para a vigência da democracia, uma verdadeira economia solidária e um desenvolvimento integral, solidário e sustentável.
- b) Formar na ética cristã que estabelece como desafio a conquista do bem comum a criação de oportunidades para todos, a luta contra a corrupção, a vigência dos direitos do trabalho e sindicais; é necessário colocar como prioridade a criação de oportunidades econômicas para setores da população tradicionalmente marginalizados, como as mulheres e os jovens, a partir do reconhecimento de sua dignidade. Por isso, é necessário trabalhar por uma cultura da responsabilidade em todo nível que envolva pessoas, empresas, governos e o próprio sistema internacional.
- c) Trabalhar pelo bem comum global é promover uma justa regulação da economia, das finanças e do comércio mun-

²³⁵ DI 3.

dial. É urgente prosseguir no desendividamento externo para favorecer os investimentos em desenvolvimento e gasto social,²³⁶ prever normas globais para prevenir e controlar os movimentos especulativos de capitais, para a promoção de um comércio justo e a diminuição das barreiras protecionistas dos poderosos, para assegurar preços adequados das matérias primas que os países empobrecidos produzem e de normas justas para atrair e regular os investimentos e serviços, entre outros.

- d) Examinar atentamente os Tratados inter-governamentais e outras negociações a respeito do livre comércio. A Igreja do país latino-americano envolvido, à luz de um balanço de todos os fatores que estão em jogo, precisa encontrar os caminhos mais eficazes para alertar os responsáveis políticos e a opinião pública a respeito das eventuais consequências negativas que podem afetar os setores mais desprotegidos e vulneráveis da população.
- e) Chamar todos os homens e mulheres de boa vontade a colocar em prática princípios fundamentais como o bem comum (a casa é de todos), a subsidiariedade, a solidariedade intergerencial e intragerencial.

8.6 Rostos sofredores que doem em nós

8.6.1 Pessoas que vivem na rua nas grandes cidades

407. Nas grandes cidades é cada vez maior o número das pessoas que vivem na rua. Requerem da Igreja cuidado especial, atenção e trabalho de promoção humana, de tal modo que enquanto se proporciona a elas ajuda no necessário para a vida, que também sejam incluídas em projetos de participação e promoção nos quais elas próprias sejam sujeitos de sua re-inserção social.

²³⁶TMA 51, SD 197.

408. Queremos chamar a atenção dos governos locais e nacionais para que elaborem políticas que favoreçam a atenção a esses seres humanos, e atendam igualmente às causas que produzem esse flagelo que afeta milhões de pessoas em toda a nossa América Latina e no Caribe.

409. A opção preferencial pelos pobres nos impulsiona, como discípulos e missionários de Jesus, a procurar caminhos novos e criativos a fim de responder a outros efeitos da pobreza. A situação precária e a violência familiar com frequência obrigam muitos meninos e meninas a procurarem recursos econômicos na rua para sua sobrevivência pessoal e familiar, expondo-se também a graves riscos morais e humanos.

410. É dever social do Estado criar uma política inclusiva das pessoas da rua. Nunca se aceitará como solução a esta grave problemática social a violência e inclusive o assassinato dos meninos e jovens da rua, como lamentavelmente tem sucedido em alguns países de nosso continente.

8.6.2 Migrantes

411. É expressão de caridade, também eclesial, o acompanhamento pastoral dos migrantes. Há milhões de pessoas que por diferentes motivos estão em constante mobilidade. Na América Latina e Caribe os emigrantes, deslocados e refugiados, sobretudo por causas econômicas, políticas e de violência, constituem fato novo e dramático.

412. A Igreja, como Mãe, deve sentir-se como Igreja sem fronteiras, Igreja familiar, atenta ao fenômeno crescente da mobilidade humana em seus diversos setores. Considera indispensável o desenvolvimento de uma mentalidade e espiritualidade a serviço pastoral dos irmãos em mobilidade, estabelecendo estruturas nacionais e diocesanas apropriadas, que facilitem o encontro do estrangeiro com a Igreja particular de acolhida. As Conferências Episcopais e as Dioceses devem assumir profeticamente esta pastoral específica com a dinâmica de unir critérios e ações

que favoreçam uma permanente atenção também aos migrantes, que devem chegar a ser também discípulos e missionários.

413. Para conseguir esse objetivo se faz necessário reforçar o diálogo e a cooperação de saída e acolhida entre as Igrejas, a fim de dar atenção humanitária e pastoral aos que se mobilizaram, apoiando-os em sua religiosidade e valorizando suas expressões culturais em tudo o que se refira ao Evangelho. É necessário que nos Seminários e Casas de formação se tome consciência sobre a realidade da mobilidade humana, para lhe dar resposta pastoral. Também se requer a preparação de leigos que com sentido cristão, profissionalismo e capacidade de compreensão, possam acompanhar os que chegam, como também às famílias que eles deixam nos lugares de saída.²³⁷ Cremos que “a realidade das migrações não deve nunca ser vista só como problema, mas também e sobretudo como grande recurso para o caminho da humanidade”.²³⁸

414. Entre as tarefas da Igreja a favor dos migrantes está indubitavelmente a denúncia profética dos atropelos que sofrem freqüentemente, como também o esforço por incidir, junto aos organismos da sociedade civil, nos governos dos países, para conseguir uma política migratória que leve em consideração os direitos das pessoas em mobilidade. Deve ter presente também os deslocados pela violência. Nos países açoitados pela violência se requer a ação pastoral para acompanhar as vítimas e oferecer-lhes acolhida e capacitá-los a que possam viver de seu trabalho. Ao mesmo tempo, deverá aprofundar seu esforço pastoral e teológico para promover uma cidadania universal na qual não haja distinção de pessoas.

415. Os migrantes devem ser acompanhados pastoralmente por suas Igrejas de origem e estimulados a se fazer discípulos e missionários nas terras e comunidades que os acolhem, com-

²³⁷ Cf. EMCC, 70, 71 e 86-88.

²³⁸ Bento XVI, *Alocução, Ángelus*, 14 de janeiro de 2007.

partilhando com eles as riquezas de sua fé e de suas tradições religiosas. Os migrantes que partem de nossas comunidades podem oferecer valiosa contribuição missionária às comunidades que os acolhem.

416. As generosas remessas enviadas pelos imigrantes latino-americanos a partir dos Estados Unidos, Canadá, países europeus e outros, evidencia sua capacidade de sacrifício e amor solidário a favor das próprias famílias e pátrias de origem. É, geralmente, ajuda dos pobres para os pobres.

8.6.3 Enfermos

417. A Igreja tem feito opção pela vida. Esta nos projeta necessariamente para as periferias mais profundas da existência: o nascer e o morrer, a criança e o idoso, o sadio e o enfermo. Santo Irineu nos diz que “a glória de Deus é o homem vivente”, inclusive o fraco, o recém-concebido, o envelhecido pelos anos e o enfermo. Cristo enviou seus apóstolos a pregar o Reino de Deus e a curar os enfermos, verdadeiras catedrais do encontro com o Senhor Jesus.

418. Desde o início da evangelização, esse duplo mandato se tem cumprido. O combate à enfermidade tem como finalidade conseguir a harmonia física, psíquica, social e espiritual para o cumprimento da missão recebida. A Pastoral da Saúde é a resposta às grandes interrogações da vida, como o sofrimento e a morte, à luz da morte e ressurreição do Senhor.

419. A saúde é um tema que move grandes interesses no mundo, mas não proporcionam uma finalidade que a transcenda. Na cultura atual a morte não cabe e, diante de sua realidade, trata-se de ocultá-la. Abrindo-a para a sua dimensão espiritual e transcendente, a Pastoral da Saúde se transforma no anúncio da morte e ressurreição do Senhor, única e verdadeira saúde. Ela unifica na economia sacramental de Cristo o amor de muitos “bons samaritanos”, presbíteros, diáconos, religiosas, leigos e profissionais da saúde. As 32.116 instituições católicas dedi-

cadás à Pastoral da Saúde na América Latina representam um recurso que se deve aproveitar para a evangelização.

420. A maternidade da Igreja se manifesta nas visitas aos enfermos nos centros de saúde, na companhia silenciosa ao enfermo, no carinhoso trato, na delicada atenção às necessidades da enfermidade, através dos profissionais e voluntários discípulos do Senhor. Ela abriga com sua ternura, fortalece o coração e, no caso do moribundo, acompanha-o no trânsito definitivo. O enfermo recebe com amor a Palavra, o perdão, o Sacramento da Unção e os gestos de caridade dos irmãos. O sofrimento humano é uma experiência especial da cruz e da ressurreição do Senhor.

421. Deve-se, portanto, estimular nas Igrejas particulares a Pastoral da Saúde que inclua diferentes campos de atenção. Consideramos de grande prioridade fomentar uma pastoral com pessoas que vivem com o HIV Aids, em seu amplo contexto e em seus significados pastorais: que promova o acompanhamento compreensivo, misericordioso e a defesa dos direitos das pessoas infectadas; que implemente a informação, promova a educação e a prevenção, com critérios éticos, principalmente entre as novas gerações, para que desperte a consciência de todos para conter a pandemia. A partir desta V Conferência pedimos aos governos o acesso gratuito e universal aos medicamentos para a Aids e a doses oportunas.

8.6.4 Dependentes de drogas

422. O problema da droga é como mancha de óleo que invade tudo. Não reconhece fronteiras, nem geográficas, nem humanas. Ataca igualmente a países ricos e pobres, a crianças, jovens, adultos e idosos, a homens e mulheres. A Igreja não pode permanecer indiferente diante desse flagelo que está destruindo a humanidade, especialmente as novas gerações. Sua tarefa se dirige em três direções: prevenção, acompanhamento e apoio das políticas governamentais para reprimir essa pandemia. Na prevenção, insiste na educação nos valores que devem condu-

zir as novas gerações, especialmente o valor da vida e do amor, a própria responsabilidade e a dignidade humana dos filhos de Deus. No acompanhamento, a Igreja está ao lado do dependente para ajudá-lo a recuperar sua dignidade e vencer essa enfermidade. No apoio à erradicação da droga, não deixa de denunciar a criminalidade sem nome dos narcotraficantes que comercializam com tantas vidas humanas, tendo como objetivo o lucro e a força em suas mais baixas expressões.

423. Na América Latina e no Caribe, a Igreja deve promover luta frontal contra o consumo e tráfico de drogas, insistindo no valor da ação preventiva e reeducativa, assim como apoiando os governos e entidades civis que trabalham neste sentido, exortando o Estado em sua responsabilidade de combater o narcotráfico e prevenir o uso de todo tipo de droga. A ciência tem indicado a religiosidade como fator de proteção e recuperação importante para o usuário de drogas.

424. Denunciamos que a comercialização da droga se tornou algo cotidiano em alguns de nossos países, devido aos enormes interesses econômicos ao redor dela. Conseqüência disso é o grande número de pessoas, em sua maioria crianças e jovens, que agora se encontram escravizados e vivendo em situações muito precárias, que recorrem à droga para acalmar sua fome ou para escapar da cruel e desesperadora realidade em que vivem.²³⁹

425. É responsabilidade do Estado combater, com firmeza e com base legal, a comercialização indiscriminada da droga e o seu consumo ilegal. Lamentavelmente, a corrupção também se faz presente nessa esfera, e aqueles que deveriam estar na defesa

²³⁹ "O Brasil possui uma estatística, das mais relevantes, no que se refere à dependência química de drogas. E a América Latina não fica atrás. Por isso, digo aos que comercializam a droga que pensem no mal que estão provocando a uma multidão de jovens e adultos de todos os setores da sociedade: Deus vai pedir conta a vocês. A dignidade humana não pode ser pisoteada dessa maneira. O mal provocado recebe a mesma reprovção dada por Jesus aos que escandalizavam os pequeninos, os preferidos do Senhor (cf. Mt 18,7-10). Bento XVI, Discurso na Fazenda da Esperança, 12 de maio de 2007.

de uma vida mais digna, às vezes fazem uso ilegítimo de suas funções para se beneficiar economicamente.

426. Estimulamos todos os esforços que se realizam a partir do Estado, da sociedade civil e das Igrejas em acompanhar essas pessoas. A Igreja Católica tem muitas obras que respondem a essa problemática a partir do nosso ser discípulos e missionários de Jesus, embora ainda não de maneira suficiente diante da magnitude do problema; são experiências que reconciliam os dependentes com a terra, com o trabalho, com a família e com Deus. Merecem especial atenção, nesse sentido, as Comunidades terapêuticas, por sua visão humanística e transcendente da pessoa.

8.6.5 Detidos em prisões

427. Uma realidade que golpeia a todos os setores da população, mas principalmente o mais pobre, é a violência, produto das injustiças e outros males que durante longos anos vêm sendo semeado nas comunidades. Isso induz a criminalidade maior, e por conseguinte a que sejam muitas as pessoas que devem cumprir penas em recintos penitenciários desumanos, caracterizados pelo comércio de armas, drogas, aglomeração, torturas, ausência de programas de reabilitação, crime organizado que impede um processo de reeducação e de inserção na vida produtiva da sociedade. No momento atual, lamentavelmente os cárceres são com frequência escolas para aprender a delinquir.

428. É necessário que os Estados considerem com seriedade e verdade a situação do sistema de justiça e a realidade carcerária. É necessária maior agilidade nos procedimentos judiciais, atenção personalizada do pessoal civil e militar que, em condições muito difíceis, trabalha nos recintos penitenciários, e o reforço da formação ética e dos valores correspondentes.

429. A Igreja agradece aos capelães e voluntários que, com grande entrega pastoral, trabalham nos recintos carcerários. Contudo, deve-se fortalecer a pastoral penitenciária, onde se in-

clua a tarefa de evangelização e promoção humana por parte dos capelães e do voluntariado carcerário. Têm prioridade as equipes de Direitos Humanos que garantem o devido processo aos privados de liberdade e uma atenção muito próxima a suas famílias.

430. Recomenda-se às Conferências Episcopais e Dioceses fomentar as comissões de pastoral penitenciária, que sensibilizem a sociedade sobre a grave problemática carcerária, estimulem processos de reconciliação dentro do recinto penitenciário e incidam nas políticas locais e nacionais no que se refere à segurança cidadã e à problemática penitenciária.

Capítulo IX

FAMÍLIA, PESSOAS E VIDA

431. Não podemos deter-nos aqui para analisar todas as questões que integram a atividade pastoral da Igreja, nem podemos propor projetos acabados ou linhas de ação exaustivas. Só nos deteremos a mencionar algumas questões que alcançaram particular relevância nos últimos tempos, para que, posteriormente, as Conferências Episcopais e outros organismos locais avancem em considerações mais amplas, concretas e adaptadas às necessidades do próprio território.

9.10 matrimônio e a família

432. A família é um dos tesouros mais importantes dos povos latino-americanos e caribenhos e é patrimônio da humanidade inteira. Em nossos países, parte importante da população está afetada por difíceis condições de vida que ameaçam diretamente a instituição familiar. Em nossa condição de discípulos e missionários de Jesus Cristo, somos chamados a trabalhar para que tal situação seja transformada e a família assuma seu ser e sua missão²⁴⁰ no âmbito da sociedade e da Igreja.²⁴¹

²⁴⁰ João Paulo II, II Encontro mundial com as famílias no Rio de Janeiro, 4 de outubro de 1997, n. 4.

²⁴¹ João Paulo II, Discurso por ocasião do primeiro encontro mundial das Famílias, nn. 2 e 7, Roma, 8 de outubro de 1994; Segundo encontro mundial das famílias, Rio de Janeiro, 3 de outubro de 1997; FC 17, 22 de novembro de 1981; Bento XVI. *Família, sé lo que eres!* Valência, 8 de junho de 2006.

433. A família cristã está fundada no sacramento do matrimônio entre um homem e uma mulher, sinal do amor de Deus pela humanidade e da entrega de Cristo por sua esposa, a Igreja. A partir dessa aliança se manifestam a paternidade e a maternidade, a filiação e a fraternidade, e o compromisso dos dois por uma sociedade melhor.

434. Cremos que “a família é imagem de Deus que em seu mistério mais íntimo não é uma solidão, mas uma família”.²⁴² Na comunhão de amor das três Pessoas divinas, nossas famílias têm sua origem, seu modelo perfeito, sua motivação mais bela e seu último destino.

435. Visto que a família é o valor mais querido por nossos povos, cremos que se deve assumir a preocupação por ela como um dos eixos transversais de toda ação evangelizadora da Igreja. Em toda diocese se requer uma pastoral familiar “intensa e vigorosa”²⁴³ para proclamar o evangelho da família, promover a cultura da vida, e trabalhar para que os direitos das famílias sejam reconhecidos e respeitados.

436. Esperamos que os legisladores, governantes e profissionais da saúde, conscientes da dignidade da vida humana e do fundamento da família em nossos povos, a defendam e protejam dos crimes abomináveis do aborto e da eutanásia: essa é sua responsabilidade. Por isso, diante de leis e disposições governamentais que são injustas à luz da fé e da razão, deve-se favorecer a objeção de consciência. Devemos ater-nos à “coerência eucarística”, isto é, ser conscientes de que não podem receber a sagrada comunhão e ao mesmo tempo agir com atos ou palavras contra os mandamentos, em particular quando se propicia o aborto, a eutanásia e outros graves delitos contra a vida e a família. Essa responsabilidade pesa de maneira particular sobre os legisladores, governantes e os profissionais da saúde.²⁴⁴

²⁴² DP 582.

²⁴³ DI 5.

²⁴⁴ Cf. SCa 83; EV 73,74 e 89.

437. Para tutelar e apoiar a família, a pastoral familiar pode estimular, entre outras, as seguintes ações:

- a) Comprometer de maneira integral e orgânica as outras pastorais, os movimentos e associações matrimoniais e familiares a favor das famílias.
- b) Estimular projetos que promovam famílias evangelizadas e evangelizadoras.
- c) Renovar a preparação remota e próxima para o sacramento do matrimônio e da vida familiar com itinerários pedagógicos de fé²⁴⁵.
- d) Promover, em diálogo com os governos e a sociedade, políticas e leis a favor da vida, do matrimônio e da família²⁴⁶.
- e) Estimular e promover a educação integral dos membros da família, especialmente daqueles membros da família que estão em situações difíceis, incluindo a dimensão do amor e da sexualidade²⁴⁷.
- f) Estimular centros paroquiais e diocesanos com uma pastoral de atenção integral à família, especialmente aquelas que estão em situações difíceis: mães adolescentes e solteiras, viúvas e viúvos, pessoas da terceira idade, crianças abandonadas etc.
- g) Estabelecer programas de formação, atenção e acompanhamento para a paternidade e a maternidade responsáveis.
- h) Estudar as causas das crises familiares para encará-las em todos os seus fatores.
- i) Continuar oferecendo formação permanente, doutrinal e pedagógica, para os agentes de pastoral familiar.

²⁴⁵ Cf. Pontifício Conselho para a Família, *Preparação para o Sacramento do Matrimônio*, 19. 13 de maio de 1996; FC 66.

²⁴⁶ Cf. Pontifício Conselho para a Família, *A Carta dos direitos da família*, 22 de outubro de 1983.

²⁴⁷ Cf. DI 5.

- j) Acompanhar com cuidado, prudência e amor compassivo, seguindo as orientações do Magistério²⁴⁸, os casais que vivem em situação irregular, tendo presente que aos divorciados e novamente casados não lhes é permitido comungar.²⁴⁹ Requerem-se mediações para que a mensagem de salvação chegue a todos. É urgente estimular ações eclesiais, com trabalho interdisciplinar de teologia e ciências humanas, que ilumine a pastoral e a preparação de agentes especializados para o acompanhamento desses irmãos.
- k) Diante das petições de nulidade matrimonial, há de se procurar que os Tribunais eclesiásticos sejam acessíveis e tenham atuação correta e rápida.²⁵⁰
- l) Ajudar a criar possibilidades para que os meninos e meninas órfãos e abandonados consigam, pela caridade cristã, condições de acolhida e adoção e possam viver em família.
- m) Organizar casas de acolhida e um acompanhamento específico para socorrer com compaixão e solidariedade às meninas e adolescentes grávidas, às mães “solteiras”, aos lares incompletos.
- n) Ter presente que a Palavra de Deus, tanto no Antigo quanto no Novo Testamento, nos pede atenção especial para com as viúvas. Procurar a maneira de receberem elas uma pastoral que as ajude a enfrentar tal situação, muitas vezes de desamparo e solidão.

9.2 As crianças

438. A infância, hoje em dia, deve ser destinatária de uma ação prioritária da Igreja, da família e das instituições do Estado, tanto pelas possibilidades que oferece como pela vulnerabilidade

²⁴⁸ FC 84; SCa 29.

²⁴⁹ FC 77.

²⁵⁰ Cf. SC 29.

de a que se encontra exposta. As crianças são dom e sinal da presença de Deus em nosso mundo por sua capacidade de aceitar com simplicidade a mensagem evangélica. Jesus as acolheu com especial ternura (cf. Mt 19,14), e apresentou a capacidade que elas têm para acolher o Evangelho como modelos para entrar no Reino de Deus (cf. Mc 10,14; Mt 18,3).

439. Vemos com dor a situação de pobreza, de violência intra-familiar (sobretudo em famílias irregulares ou desintegradas), de abuso sexual, pela qual passa bom número de nossas crianças: os setores de infância trabalhadora, crianças de rua, crianças portadoras de HIV, órfãos, meninos soldados, e crianças enganadas e expostas à pornografia e prostituição forçada, tanto virtual quanto real. Sobretudo, a primeira infância (0 a 6 anos) requer cuidado e atenção especiais. Não se pode permanecer indiferente diante do sofrimento de tantas crianças inocentes.

440. Por outro lado, a infância, sendo a primeira etapa da vida do recém-nascido, constitui ocasião maravilhosa para a transmissão da fé. Vemos com gratidão a valiosa ação de tantas instituições a serviço da infância.

441. A esse respeito, propomos algumas orientações pastorais:

- a) Inspirar-se na atitude de Jesus para com as crianças, de respeito e acolhida como os prediletos do Reino, atendendo à sua formação integral. De importância para toda a sua vida é o exemplo de oração de seus pais e avós, que têm a missão de ensinar a seus filhos e netos as primeiras orações.
- b) Estabelecer, onde não exista, o Departamento ou Seção da Infância, para desenvolver ações pontuais e orgânicas a favor dos meninos e meninas.
- c) Promover processos de reconhecimento da infância como setor decisivo de especial cuidado por parte da Igreja, da Sociedade e do Estado.

- d) Tutelar a dignidade e os direitos naturais inalienáveis dos meninos e das meninas, sem prejuízo dos legítimos direitos dos pais. Velar para que as crianças recebam a educação adequada à sua faixa etária no âmbito da solidariedade, da afetividade e da sexualidade humana.
- e) Apoiar as experiências pastorais de atenção à primeira infância.
- f) Estudar e considerar as pedagogias adequadas para a educação na fé das crianças, especialmente em tudo o que se relaciona à iniciação cristã, privilegiando o momento da primeira comunhão.
- g) Valorizar a capacidade missionária dos meninos e das meninas, que não só evangelizam seus próprios companheiros, mas que também podem ser evangelizadores de seus próprios pais.
- h) Promover e difundir processos permanentes de pesquisa sobre a infância, que façam sustentável tanto o reconhecimento de seu cuidado, como as iniciativas a favor da defesa e de sua promoção integral.
- i) Fomentar a instituição da Infância Missionária.

9.3 Os adolescentes e jovens

442. Merece especial atenção a etapa da adolescência. Os adolescentes não são crianças nem são jovens. Estão na idade da procura de sua própria identidade, de independência frente aos pais, de descoberta do grupo. Nessa idade, facilmente podem ser vítimas de falsos líderes constituindo grupos. É necessário estimular a pastoral dos adolescentes, com suas próprias características, que garanta sua perseverança e o crescimento na fé. O adolescente procura uma experiência de amizade com Jesus.

443. Os jovens e adolescentes constituem a grande maioria da população da América Latina e do Caribe. Representam enor-

me potencial para o presente e o futuro da Igreja e de nossos povos, como discípulos e missionários do Senhor Jesus. Os jovens são sensíveis a descobrir sua vocação a ser amigos e discípulos de Cristo. São chamados a ser “sentinelas da manhã”,²⁵¹ comprometendo-se na renovação do mundo à luz do Plano de Deus. Não temem o sacrifício nem a entrega da própria vida, mas sim uma vida sem sentido. Por sua generosidade, são chamados a servir a seus irmãos, especialmente aos mais necessitados, com todo o seu tempo e vida. Têm capacidade para se opor às falsas ilusões de felicidade e aos paraísos enganosos das drogas, do prazer, do álcool e de todas as formas de violência. Em sua procura pelo sentido da vida, são capazes e sensíveis para descobrir o chamado particular que o Senhor Jesus lhes faz. Como discípulos missionários, as novas gerações são chamadas a transmitir a seus irmãos jovens, sem distinção alguma, a corrente de vida que procede de Cristo e a compartilhá-la em comunidade, construindo a Igreja e a sociedade.

444. Por outro lado, constatamos com preocupação que inumeráveis jovens do nosso continente passam por situações que os afetam significativamente: as sequelas da pobreza, que limitam o crescimento harmônico de suas vidas e geram exclusão; a socialização, cuja transmissão de valores já não acontece primariamente nas instituições tradicionais, mas em novos ambientes não isentos de forte carga de alienação; e sua permeabilidade às formas novas de expressões culturais, produto da globalização, que afeta sua própria identidade pessoal e social. São presa fácil das novas propostas religiosas e pseudo-religiosas. As crises, pelas quais passa a família hoje em dia, produz neles profundas carências afetivas e conflitos emocionais.

445. São muito afetados por uma educação de baixa qualidade, que os deixa abaixo dos níveis necessários de competitividade, somando-se aos enfoques antropológicos reducionistas,

²⁵¹ João Paulo II, Mensagem para a XVIII Jornada Mundial da Juventude, Toronto, 28 de julho de 2002, n.6.

que limitam seus horizontes de vida e dificultam a tomada de decisões duradouras. Vê-se ausência de jovens na esfera política devido à desconfiança que geram as situações de corrupção, o desprestígio dos políticos e a procura de interesses pessoais frente ao bem comum. Constatam-se com preocupação suicídios de jovens. Outros não têm possibilidades de estudar ou trabalhar e muitos deixam seus países por não encontrar futuro neles, dando assim ao fenômeno da mobilidade humana e da migração um rosto juvenil. Preocupa também o uso indiscriminado e abusivo que muitos jovens fazem da comunicação virtual.

446. Diante desses desafios e ameaças sugerimos algumas linhas de ação:

- a) Renovar, em estreita união com a família, de maneira eficaz e realista, a opção preferencial pelos jovens, em continuidade com as Conferências Gerais anteriores, dando novo impulso à Pastoral da Juventude nas comunidades eclesiais (dioceses, paróquias, movimentos etc).
- b) Estimular os Movimentos eclesiais que têm pedagogia orientada à evangelização dos jovens e convidá-los a colocar mais generosamente suas riquezas carismáticas, educativas e missionárias a serviço das Igrejas locais.
- c) Propor aos jovens o encontro com Jesus Cristo vivo e seu seguimento na Igreja, à luz do Plano de Deus, que lhes garanta a realização plena de sua dignidade de ser humano, que os estimule a formar sua personalidade e lhes proponha uma opção vocacional específica: o sacerdócio, a vida consagrada ou o matrimônio. Durante o processo de acompanhamento vocacional, irá aos poucos introduzindo gradualmente os jovens na oração pessoal e na *Lectio Divina*, na freqüência aos sacramentos da Eucaristia e da Reconciliação, da direção espiritual e do apostolado.
- d) Privilegiar na Pastoral da Juventude processos de educação e amadurecimento na fé como resposta de sentido e

orientação da vida, e garantia de compromisso missionário. De maneira especial, buscar-se-á implementar uma catequese atrativa para os jovens que os introduza no conhecimento do mistério de Cristo, buscando mostrar a eles a beleza da Eucaristia dominical que os leve a descobrir nela Cristo vivo e o mistério fascinante da Igreja.

- e) A Pastoral da Juventude ajudará os jovens a se formar de maneira gradual, para a ação social e política e a mudança de estruturas, conforme a Doutrina Social da Igreja, fazendo própria a opção preferencial e evangélica pelos pobres e necessitados.
- f) Urgir a capacitação dos jovens para que tenham oportunidades no mundo do trabalho, e evitar que caiam na droga e na violência.
- g) Nas metodologias pastorais, procurar maior sintonia entre o mundo adulto e o mundo juvenil.
- h) Assegurar a participação dos jovens em peregrinações, nas Jornadas nacionais e mundiais da Juventude, com a devida preparação espiritual e missionária e a companhia de seus pastores.

9.4.0 bem-estar dos idosos

447. O acontecimento da apresentação no templo (cf. Lc 2,41-50) coloca-nos diante do encontro das gerações: as crianças e os anciãos. A criança que surge para a vida, assumindo e cumprindo a Lei, e os anciãos, que a festejam com a alegria do Espírito Santo. Crianças e anciãos constroem o futuro dos povos. As crianças porque levarão adiante a história, os anciãos porque transmitem a experiência e a sabedoria de suas vidas.

448. O respeito e gratidão dos anciãos deve ser testemunhado em primeiro lugar por sua própria família. A Palavra de Deus nos desafia de muitas maneiras a respeitar e valorizar os

mais idosos e anciãos. Convida-nos, inclusive, a aprender deles com gratidão e acompanhá-los em sua solidão e fragilidade. A frase de Jesus: “pobres, vocês sempre terão, e poderão socorrê-los quando quiserem” (Mc 14,7) pode muito bem entender-se deles, porque fazem parte de cada família, povo e nação. No entanto, muitas vezes, são esquecidos ou descuidados pela sociedade e até mesmo por seus próprios familiares.

449. Muitos de nossos idosos gastaram a vida pelo bem de sua família e da comunidade, a partir de seu lugar e vocação. Muitos, por seu testemunho e obras, são verdadeiros discípulos missionários de Jesus. Merecem ser reconhecidos como filhos e filhas de Deus, chamados a compartilhar a plenitude do amor e a serem queridos em particular pela cruz de suas doenças, da capacidade diminuída ou da solidão. A família não deve olhar só as dificuldades que traz a convivência com eles ou o ter que atendê-los. A sociedade não pode considerá-los como peso ou carga. É lamentável que em alguns países não haja políticas sociais que se ocupem suficientemente dos idosos já aposentados, pensionistas, enfermos ou abandonados. Portanto, exortamos a criação de políticas sociais justas e solidárias, que atendam a estas necessidades.

450. A Igreja sente-se comprometida a procurar a atenção humana integral a todas as pessoas idosas, também ajudando-as a viver o seguimento de Cristo em sua atual condição, e incorporando-as o quanto possível à missão evangelizadora. Por isso, enquanto agradece o trabalho que já vem realizando religiosas, religiosos e voluntários, a Igreja quer renovar suas estruturas pastorais e preparar ainda mais agentes, a fim de ampliar esse valioso serviço de amor.

9.5 A dignidade e participação das mulheres

451. A antropologia cristã ressalta a igual identidade entre homem e mulher em razão de terem sido criados à imagem e semelhança de Deus. O mistério da Trindade nos convida a viver

uma comunidade de iguais na diferença. Em época de marcado machismo, a prática de Jesus foi decisiva para significar a dignidade da mulher e de seu valor indiscutível: falou com elas (cf Jo 4,27), teve singular misericórdia com as pecadoras (cf. Lc 7,36-50; Jo 8,11), curou-as (cf. Mc 5,25-34), reivindicou a dignidade delas (cf Jo 8,1-11), escolheu-as como primeiras testemunhas de sua ressurreição (cf. Mt 28,9-10) e incorporou mulheres ao grupo de pessoas que lhe eram mais próximas (cf. Lc 8,1-3). A figura de Maria, discípula por excelência entre discípulos, é fundamental na recuperação da identidade da mulher e de seu valor na Igreja. O canto do *Magnificat* mostra Maria como mulher capaz de se comprometer com sua realidade e diante dela ter voz profética.

452. A relação entre a mulher e o homem é de reciprocidade e colaboração mútua. Trata-se de harmonizar, complementar e trabalhar somando esforços. A mulher é co-responsável, junto com o homem, pelo presente e futuro de nossa sociedade humana.

453. Lamentamos que inumeráveis mulheres de toda condição não sejam valorizadas em sua dignidade, estejam com frequência sozinhas e abandonadas, não se reconheçam nelas suficientemente o abnegado sacrifício, inclusive a heróica generosidade no cuidado e educação dos filhos e na transmissão da fé na família. Muito menos se valoriza nem se promove adequadamente sua indispensável e peculiar participação na construção de uma vida social mais humana e na edificação da Igreja. Ao mesmo tempo, sua urgente dignificação e participação são distorcidas por correntes ideológicas marcadas com o selo cultural das sociedades de consumo e do espetáculo, que são capazes de submeter as mulheres a novas formas de escravidão. Na América Latina e no Caribe é necessário superar a mentalidade machista que ignora a novidade do cristianismo, onde se reconhece e se proclama a “igual dignidade e responsabilidade da mulher em relação ao homem”.²⁵²

²⁵² DI 5.

454. Nesta hora da América Latina e do Caribe, é urgente escutar o clamor, muitas vezes silenciado, de mulheres que são submetidas a muitas formas de exclusão e de violência em todas as suas formas e em todas as etapas de suas vidas. Entre elas, as mulheres pobres, indígenas e afro-americanas têm sofrido dupla marginalização. É urgente que todas as mulheres possam participar plenamente na vida eclesial, familiar, cultural, social e econômica, criando espaços e estruturas que favoreçam maior inclusão.

455. As mulheres constituem, geralmente, a maioria de nossas comunidades. São as primeiras transmissoras da fé e colaboradoras dos pastores, os quais devem atendê-las, valorizá-las e respeitá-las.

456. É urgente valorizar a maternidade como missão excelente das mulheres. Isso não se opõe a seu desenvolvimento profissional e ao exercício de todas as suas dimensões, o que permite ser fiéis ao plano original de Deus que dá ao casal humano, de forma conjunta, a missão de melhorar a terra. A mulher é insubstituível no lar, na educação dos filhos e na transmissão da fé. Mas isso não exclui a necessidade de sua participação ativa na construção da sociedade. Para isso, é necessário propiciar uma formação integral de maneira que as mulheres possam cumprir sua missão na família e na sociedade.

457. A sabedoria do plano de Deus exige que favoreçamos o desenvolvimento de sua identidade feminina em reciprocidade e complementaridade com a identidade do homem. Por isso, a Igreja é chamada a compartilhar, orientar e acompanhar projetos de promoção da mulher com organismos sociais já existentes, reconhecendo o ministério essencial e espiritual que a mulher leva em suas entranhas: receber a vida, acolhê-la, alimentá-la, dá-la à luz, sustentá-la, acompanhá-la e desenvolver seu ser mulher, criando espaços habitáveis de comunidade e comunhão. A maternidade não é uma realidade exclusivamente biológica, mas se expressa de diversas maneiras. A vocação materna se cum-

pre através de muitas formas de amor, compreensão e serviço aos demais. A dimensão maternal também se concretiza, por exemplo, na adoção de crianças, oferecendo-lhes proteção e lar. O compromisso da Igreja nessa esfera é ético e profundamente evangélico.

458. Propomos algumas ações pastorais:

- a) Impulsionar a organização da pastoral de maneira que ajude a descobrir e desenvolver em cada mulher e nos âmbitos eclesiais e sociais o “gênio feminino”²⁵³ e promova o mais amplo protagonismo das mulheres.
- b) Garantir a efetiva presença da mulher nos ministérios que na Igreja são confiados aos leigos, como também nas instâncias de planejamento e decisão pastorais, valorizando sua contribuição.
- c) Acompanhar as associações femininas que lutam para superar situações difíceis, de vulnerabilidade ou de exclusão.
- d) Promover o diálogo com autoridades para a elaboração de programas, leis e políticas públicas que permitam harmonizar a vida de trabalho da mulher com seus deveres de mãe de família.

9.6 A responsabilidade do homem e pai de família

459. O homem, a partir de sua especificidade, é chamado pelo Deus da vida a ocupar lugar original e necessário na construção da sociedade, na geração da cultura e na realização da história. Profundamente motivados pela bela realidade do amor que tem sua fonte em Jesus Cristo, o homem se sente fortemente convidado a formar uma família. Aí, na essencial disposição de reciprocidade e complementaridade, vivem e valorizam, para a plenitude de sua vida, a ativa e insubstituível riqueza da con-

²⁵³ João Paulo II, *Carta às mulheres*, 29 de junho de 1995, n. 11.

tribuição da mulher, que lhes permite reconhecer mais nitidamente sua própria identidade.

460. Enquanto batizado, o homem deve sentir-se enviado pela Igreja a todos os campos de atividade que constituem sua vocação e missão, para dar testemunho como discípulo e missionário de Jesus Cristo na família. No entanto, em não poucos casos, desafortunadamente, termina renunciando a essa responsabilidade e delegando-a às mulheres ou esposas.

461. Tradicionalmente, devemos reconhecer que uma porcentagem significativa deles, na América Latina e Caribe, se mantém à margem da Igreja e do compromisso que nela são chamados a realizar. Desse modo, vão se afastando de Jesus Cristo, da vida plena que tanto desejam e procuram. Essa condição de distância ou indiferença por parte dos homens, que questiona fortemente o estilo de nossa pastoral convencional, contribui para que vá crescendo a separação entre fé e cultura, a gradual perda do que interiormente é essencial e doador de sentido, a fragilidade para resolver adequadamente conflitos e frustrações, a fraqueza para resistir ao embate e seduções de uma cultura consumista, frívola e competitiva etc. Tudo isso os faz vulneráveis diante da proposta de estilos de vida que, propondo-se como atrativos, terminam sendo desumanizadores. Em número cada vez mais freqüente deles, vai se abrindo passagem à tentação de ceder à violência, infidelidade, abuso de poder, dependência de drogas, alcoolismo, machismo, corrupção e abandono de seu papel de pais.

462. Por outro lado, grande porcentagem de homens se sentem cobrados na família, no trabalho e na sociedade. Carentes de maior compreensão, acolhida e afeto da parte dos seus, de serem valorizados de acordo com o que contribuíram materialmente, e sem espaços vitais onde compartilhar seus sentimentos mais profundos com toda a liberdade, são expostos a uma situação de profunda insatisfação que os deixa à mercê do poder desintegrador da cultura atual. Diante dessa situação, e

em consideração às conseqüências que isso tudo traz para a vida matrimonial e para os filhos, torna-se necessário estimular em todas as nossas Igrejas Particulares especial atenção pastoral para o pai de família.

463. Propõem-se algumas ações pastorais:

- a) Revisar os conteúdos das diversas catequeses preparatórias aos sacramentos, como as atividades e movimentos eclesiais relacionados com a pastoral familiar, para favorecer o anúncio e a reflexão sobre a vocação que o homem é chamado e viver no matrimônio, na família, na Igreja e na sociedade.
- b) Aprofundar, nas instâncias pastorais pertinentes, o papel específico que cabe ao homem na construção da família enquanto Igreja Doméstica, especialmente como discípulo e missionário evangelizador de seu lar.
- c) Promover em todos os campos da educação católica e da pastoral de jovens, o anúncio e o desenvolvimento dos valores e atitudes que facilitem aos jovens e às jovens produzirem competências que lhes permitam favorecer o papel de homem na vida matrimonial, no exercício da paternidade e na educação de seus filhos na fé.
- d) Desenvolver, nas universidades católicas, à luz da antropologia e da moral cristã, a pesquisa e a reflexão necessárias que permitam conhecer a situação atual do mundo dos homens, as conseqüências do impacto dos atuais modelos culturais em sua identidade e missão, e pistas que possam colaborar no projeto de orientações pastorais a respeito.
- e) Denunciar a mentalidade neoliberal que não vê no pai de família mais do que um instrumento de produção e ganância, relegando-o inclusive na família ao papel de mero provedor. A crescente prática de políticas públicas e iniciativas privadas de promover inclusive o domingo como

dia de trabalho, é uma medida profundamente destrutiva da família e dos pais.

- f) Favorecer na vida da Igreja a ativa participação dos homens, gerando e promovendo espaços e serviços nos campos assinalados.

9.7 A cultura da vida: sua proclamação e sua defesa

464. O ser humano, criado à imagem e semelhança de Deus, também possui altíssima dignidade que não podemos pisotear e que somos convocados a respeitar e promover. A vida é presente gratuito de Deus, dom e tarefa que devemos cuidar desde a concepção, em todas as suas etapas, até à morte natural, sem relativismos.

465. A globalização influi nas ciências e em seus métodos, prescindindo dos procedimentos éticos. Discípulos de Jesus, temos que levar o Evangelho ao grande cenário delas, promover o diálogo entre ciência e fé e, nesse contexto, apresentar a defesa da vida. Esse diálogo deve ser realizado pela ética e em casos especiais por uma bioética bem fundamentada. A bioética trabalha com essa base epistemológica, de maneira interdisciplinar, onde cada ciência contribui com suas conclusões.

466. Não podemos escapar desse desafio de diálogo entre a fé, a razão e as ciências. Nossa prioridade pela vida e pela família, carregadas de problemáticas que são debatidas nas questões éticas e na bioética, nos urge a iluminá-las com o Evangelho e o Magistério da Igreja.²⁵⁴

467. Assistimos hoje a novos desafios que nos pedem ser voz dos que não têm voz. A criança que está crescendo no seio materno e as pessoas que se encontram no ocaso de suas vidas, são exigência de vida digna que grita ao céu e que não pode dei-

²⁵⁴ Cf. João Paulo II. FR, 14 de setembro de 1998.

zar de nos estremecer. A liberalização e banalização das práticas abortivas são crimes abomináveis, como também a eutanásia, a manipulação genética e embrionária, ensaios médicos contrários à ética, pena de morte e tantas outras maneiras de atentar contra a dignidade e a vida do ser humano. Se quisermos sustentar um fundamento sólido e inviolável para os direitos humanos, é indispensável reconhecer que a vida humana deve ser defendida sempre, desde o momento da fecundação. De outra maneira, as circunstâncias e conveniências dos poderosos sempre encontrarão desculpas para maltratar as pessoas.²⁵⁵

468. Os desejos de vida, paz, fraternidade e felicidade não encontram resposta em meio aos ídolos do lucro e da eficácia, da insensibilidade frente ao sofrimento alheio, aos ataques à vida intra-uterina, à mortalidade infantil, à deterioração de alguns hospitais e a todas as modalidades de violência contra crianças, jovens, homens e mulheres. Isso sublinha a importância da luta pela vida e pela dignidade e integridade da pessoa humana. A defesa fundamental da dignidade e desses valores começa na família.

469. A fim de que os discípulos e missionários louvem a Deus, dando graças pela vida e servindo a ela, propomos as seguintes ações:

- a) Continuar a promoção, nas Conferências Episcopais e nas dioceses, de cursos sobre família e questões éticas para os Bispos e para os agentes de pastorais que possam ajudar a fundamentar com solidez os diálogos a respeito dos problemas e situações particulares sobre a vida.
- b) Procurar que presbíteros, diáconos, religiosos e leigos busquem estudos universitários de moral familiar, questões éticas e, quando seja possível, cursos mais especializados de bioética.²⁵⁶

²⁵⁵ Cf. EV.

²⁵⁶ Cf. Pontifício Conselho para a Família, *"Família e questões éticas"*, 2006.

- c) Promover fóruns, painéis, seminários e congressos que estudem, reflitam e analisem temas concretos da atualidade sobre a vida em suas diversas manifestações e sobretudo no ser humano, especialmente no que se refere ao respeito pela vida desde a concepção até sua morte natural.
- d) Pedir às universidades católicas que organizem programas de bioética acessíveis a todos e tomem posição pública diante dos grandes temas da bioética.
- e) Criar nas Conferências Episcopais um comitê de ética e bioética, com pessoas preparadas no tema, que garantam fidelidade e respeito à doutrina do Magistério da Igreja sobre a vida, para que seja a instância que pesquise, estude, discuta e atualize a comunidade no momento em que o debate público seja necessário. Esse comitê enfrentará as realidades que se apresentarem na localidade, no país ou no mundo, para defender e promover a vida no momento oportuno.
- f) Oferecer aos matrimônios programas de formação em paternidade responsável e sobre o uso dos métodos naturais de regulação da natalidade, como pedagogia exigente de vida e amor.²⁵⁷
- g) Apoiar e acompanhar pastoralmente e com especial ternura e solidariedade as mulheres que decidiram não abortar, e acolher com misericórdia aquelas que abortaram, para ajudá-las a curar suas graves feridas e convidá-las a ser defensoras da vida. O aborto faz duas vítimas: por certo a criança, mas também a mãe.
- h) Promover a formação e ação de leigos competentes, animá-los a organizar-se para defender a vida e a família, e estimulá-los a participar em organismos nacionais e internacionais.

²⁵⁷ Cf. EV 97, HV 10.

- i) Assegurar que a objeção de consciência se incorpore nas legislações e cuidar que seja respeitada pelas administrações públicas.

9.8 O cuidado com o meio-ambiente

470. Como discípulos de Jesus, sentimo-nos convidados a dar graças pelo dom da criação, reflexo da sabedoria e beleza do *Lógos* criador. No desígnio maravilhoso de Deus, o homem e a mulher são convocados a viver em comunhão com Ele, em comunhão entre si e com toda a criação. O Deus da vida encomendou ao ser humano sua obra criadora para que “a cultivasse e a guardasse” (Gn 2,15). Jesus conhecia bem a preocupação do Pai pelas criaturas que Ele alimenta (cf. Lc 12,24) e embeleza (cf. Lc 12,27). E enquanto andava pelos caminhos de sua terra, não só se detinha a contemplar a formosura da natureza, mas também convidava seus discípulos a reconhecer a mensagem escondida nas coisas (cf. Lc 12,24-27; Jo 4,35). As criaturas do Pai dão glória “com sua existência mesma”,²⁵⁸ e por isso o ser humano deve fazer uso delas com cuidado e delicadeza.²⁵⁹

471. A América Latina e o Caribe estão se conscientizando da natureza como herança gratuita que recebemos para proteger, como espaço precioso da convivência humana e como responsabilidade cuidadosa do senhorio do homem para o bem de todos. Essa herança muitas vezes se manifesta frágil e indefesa diante dos poderes econômicos e tecnológicos. Por isso, como profetas da vida, queremos insistir que, nas intervenções sobre os recursos naturais, não predominem os interesses de grupos econômicos que arrasam irracionalmente as fontes de vida, em prejuízo de nações inteiras e da própria humanidade. As gerações que nos sucederão têm direito a receber um mundo habitável e não um planeta com ar contaminado. Felizmente, em algumas escolas

²⁵⁸ CCE 2416.

²⁵⁹ Cf. CCE 2418.

católicas começou-se a introduzir entre as disciplinas uma educação para a responsabilidade ecológica.

472. A Igreja agradece a todos os que se ocupam com a defesa da vida e do ambiente. É necessário dar especial importância à mais grave destruição em curso da ecologia humana.²⁶⁰ A Igreja está próxima aos homens do campo que, com amor generoso, trabalham duramente a terra para tirar, à vezes em condições extremamente difíceis, o sustento para suas famílias e levar os frutos da terra a todos. Valoriza especialmente os indígenas por seu respeito à natureza e pelo amor à mãe terra como fonte de alimento, casa comum e altar da partilha humana.

473. A riqueza natural da América Latina e do Caribe experimenta hoje uma exploração irracional que vai deixando um rastro de dilapidação, inclusive de morte por toda a nossa região. Em todo esse processo, tem enorme responsabilidade o atual modelo econômico, que privilegia o desmedido afã pela riqueza, acima da vida das pessoas e dos povos e do respeito racional pela natureza. A devastação de nossas florestas e da biodiversidade mediante uma atitude predatória e egoísta, envolve a responsabilidade moral dos que a promovem, porque coloca em perigo a vida de milhões de pessoas, em especial do hábitat dos camponeses e indígenas, que são expulsos para as terras improdutivas e para as grandes cidades para viverem amontoados nos cinturões de miséria. Nossa região tem necessidade de progredir em seu desenvolvimento agro-industrial para valorizar as riquezas de suas terras e suas capacidades humanas a serviço do bem-comum. Porém, não podemos deixar de mencionar os problemas que uma industrialização selvagem e descontrolada causa em nossas cidades e no campo, e que vai contaminando o ambiente com todo tipo de dejetos orgânicos e químicos. Da mesma forma é preciso alertar a respeito das indústrias extrativas de recursos que, quando procedem de maneira a controlar e neutralizar seus

²⁶⁰ João Paulo II, *Centesimus annus*, n. 38.

efeitos danosos sobre o ambiente circundante, produzem a eliminação das florestas, a contaminação da água e transformam as regiões exploradas em imensos desertos.

474. Diante dessa situação, oferecemos algumas propostas e orientações:

- a) Evangelizar nossos povos para que descubram o dom da criação, sabendo contemplá-la e cuidar dela como casa de todos os seres vivos e matriz da vida do planeta, a fim de exercitarem responsabilmente o senhorio humano sobre a terra e sobre os recursos, para que possam render todos os seus frutos com destinação universal, educando para um estilo de vida de sobriedade e austeridade solidárias.
- b) Aprofundar a presença pastoral nas populações mais frágeis e ameaçadas pelo desenvolvimento predatório, e apoiá-las em seus esforços para conseguir equitativa distribuição da terra, da água e dos espaços urbanos.
- c) Procurar um modelo de desenvolvimento alternativo,²⁶¹ integral e solidário, baseado em uma ética que inclua a responsabilidade por uma autêntica ecologia natural e humana, que se fundamenta no evangelho da justiça, da solidariedade e do destino universal dos bens, e que supere a lógica utilitarista e individualista, que não submete os poderes econômicos e tecnológicos a critérios éticos. Portanto, estimular nossos homens do campo a se organizarem de tal maneira que possam conseguir sua justa reivindicação.
- d) Empenhar nossos esforços na promulgação de políticas públicas e participações cidadãs que garantam a proteção, conservação e restauração da natureza.

²⁶¹ PP 20, "(O verdadeiro desenvolvimento) é a passagem, para todos e cada um, das condições de vida menos humanas a condições de vida mais humanas".

- e) Determinar medidas de monitoramento e controle social sobre a aplicação dos padrões ambientais internacionais nos países.

475. Criar nas Américas consciência sobre a importância da Amazônia para toda a humanidade. Estabelecer entre as Igrejas locais de diversos países sul-americanos, que estão na bacia amazônica, uma pastoral de conjunto com prioridades diferenciadas para criar um modelo de desenvolvimento que privilegie os pobres e sirva ao bem comum. Apoiar, com os recursos humanos e financeiros necessários, a Igreja que vive na Amazônia, para que continue proclamando o evangelho da vida e desenvolva seu trabalho pastoral na formação de leigos e sacerdotes através de seminários, cursos, intercâmbios, visitas às comunidades e material educativo.

Capítulo X

NOSSOS POVOS E A CULTURA

10.1 A cultura e sua evangelização

476. A cultura, em sua compreensão mais extensa, representa o modo particular com que os homens e os povos cultivam sua relação com a natureza e com seus irmãos, consigo mesmos e com Deus, a fim de conseguir uma existência plenamente humana.²⁶² Enquanto tal, a cultura é patrimônio comum dos povos e também da América Latina e do Caribe.

477. A V Conferência em Aparecida olha positivamente e com verdadeira empatia as diferentes formas de cultura presentes em nosso continente. A fé só é adequadamente professada, entendida e vivida, quando penetra profundamente no substrato cultural de um povo.²⁶³ Desse modo aparece toda a importância da cultura para a evangelização, pois a salvação trazida por Jesus Cristo deve ser luz e força para todos os anseios, para as situações alegres ou sofridas e para as questões presentes nas respectivas culturas dos povos. O encontro da fé com as culturas as purifica, permite que desenvolvam suas virtualidades, enri-

²⁶² Cf. GS 53.

²⁶³ Cf. João Paulo II, Discurso aos participantes do Congresso Mundial do Movimento Geral de Ação Cultural, 16 de janeiro de 1982.

quece-as, pois todas elas procuram em última instância a verdade, que é Cristo (Jo 14,6).

478. Com o Santo Padre, damos graças pelo fato de que a Igreja, “ajudando os fiéis cristãos a viverem sua fé com alegria e coerência”, tem sido, ao longo de sua história neste continente, criadora e animadora de cultura: “A fé em Deus tem animado a vida e a cultura destes povos durante mais de cinco séculos”. Essa realidade foi expressa “na arte, na música, na literatura, e sobretudo nas tradições religiosas e na idiosincrasia de suas gentes, unidas pela mesma história e pelo mesmo credo, e formando grande sintonia na diversidade de culturas e de línguas!”²⁶⁴

479. Com a inculturação da fé, a Igreja se enriquece com novas expressões e valores, manifestando e celebrando cada vez melhor o mistério de Cristo, conseguindo unir mais a fé com a vida e assim contribuindo para uma catolicidade mais plena, não só geográfica, mas também cultural. No entanto, esse patrimônio cultural latino-americano e caribenho se vê confrontado com a cultura atual, que apresenta luzes e sombras. Devemos considerá-la com empatia para entendê-la, mas também com uma postura crítica para descobrir o que nela é fruto da limitação humana e do pecado. Ela apresenta muitas e sucessivas mudanças, provocadas por novos conhecimentos e descobrimentos da ciência e da técnica. Assim se desvanece a imagem única do mundo que oferecia orientação para a vida cotidiana. Recai, portanto, sobre o indivíduo toda a responsabilidade de construir sua personalidade e plasmar sua identidade social. Assim temos, por um lado, a emergência da subjetividade, o respeito à dignidade e à liberdade de cada um, sem dúvida uma importante conquista da humanidade. Por outro lado, esse mesmo pluralismo de ordem cultural e religiosa, propagado fortemente por uma cultura globalizada, acaba por erigir o individualismo como característi-

ca dominante da atual sociedade, responsável pelo relativismo ético e pela crise da família.

480. Muitos católicos se encontram desorientados frente a essa mudança cultural. Compete à Igreja denunciar claramente “estes modelos antropológicos incompatíveis com a natureza e dignidade do homem”.²⁶⁵ É necessário apresentar a pessoa humana como o centro de toda a vida social e cultural, resultando nela: a dignidade de ser imagem e semelhança de Deus e a vocação de ser filhos no Filho, chamados a compartilhar sua vida por toda a eternidade. A fé cristã nos mostra Jesus Cristo como a verdade última do ser humano,²⁶⁶ o modelo no qual o ser humano se realiza em todo o seu esplendor ontológico e existencial. Anunciá-lo integralmente em nossos dias exige coragem e espírito profético. Neutralizar a cultura de morte com a cultura cristã da solidariedade é imperativo que diz respeito a todos nós e que foi objetivo constante do ensino social da Igreja. No entanto, o anúncio do Evangelho não pode prescindir da cultura atual. Esta deve ser conhecida, avaliada e em certo sentido assumida pela Igreja, com linguagem compreendida por nossos contemporâneos. Somente assim a fé cristã poderá aparecer como realidade pertinente e significativa de salvação. Mas essa mesma fé deverá gerar modelos culturais alternativos para a sociedade atual. Os cristãos, com os talentos que receberam, talentos apropriados deverão ser criativos em seus campos de atuação: o mundo da cultura, da política, da opinião pública, da arte e da ciência.

10.2 A educação como bem público

481. Anteriormente nos referimos à educação católica, mas, como pastores, não podemos ignorar a missão do Estado no campo educativo, velando de modo particular pela educação das crianças e jovens. Tais centros educativos não deveriam igno-

²⁶⁵ Bento XVI, Discurso ao Corpo Diplomático, 8 de janeiro de 2007.

²⁶⁶ GS 22.

rar que a abertura à transcendência é uma dimensão da vida humana, e por isso a formação integral das pessoas reivindica a inclusão de conteúdos religiosos.

482. A Igreja crê que “as crianças e os adolescentes têm o direito de ser estimulados a apreciar com reta consciência os valores morais, prestando a esses valores sua adesão pessoal, e também de ser estimulados a conhecer e amar mais a Deus. A Igreja roga, pois, encarecidamente a todos os que governam os povos, ou que estão à frente da educação, a procurarem que a juventude nunca se veja privada desse sagrado direito”.²⁶⁷

483. Diante das dificuldades que encontramos em vários países a esse respeito, queremos empenhar-nos na formação religiosa dos fiéis que assistem às escolas públicas de gestão estatal, procurando acompanhá-los também através de outras instâncias formativas em nossas paróquias e dioceses. Ao mesmo tempo, agradecemos a dedicação dos professores de religião nas escolas públicas e os animamos nessa tarefa. E os estimulamos a promoverem uma capacitação doutrinal e pedagógica. Agradecemos também àqueles que, pela oração e pela vida comunitária, se esforçam para serem testemunhas de fé e coerência nessas escolas.

10.3 Pastoral da Comunicação Social

484. A revolução tecnológica e os processos de globalização formatam o mundo atual como grande cultura midiática. Isso implica uma capacidade para reconhecer as novas linguagens, que podem favorecer maior humanização global. Essas novas linguagens configuram um elemento articulador das mudanças na sociedade.

485. “Em nosso século tão influenciado pelos meios de comunicação social, o primeiro anúncio, a catequese ou o posterior aprofundamento da fé não podem prescindir desses meios”. “Co-

²⁶⁷ GE 1.

locados a serviço do Evangelho, eles oferecem a possibilidade de difundir quase sem limites o campo de audiência da Palavra de Deus, fazendo chegar a Boa Nova a milhões de pessoas. A Igreja se sentiria culpada diante de Deus se não empregasse esses poderosos meios, que a inteligência humana aperfeiçoa cada vez mais. Com eles, a Igreja ‘proclama a partir dos telhados’ (cf. Mt 10,27; Lc 12,3) a mensagem da qual é depositária. Neles, encontra uma versão moderna e eficaz do ‘púlpito’. Graças a eles, pode falar às multidões”.²⁶⁸

486. A fim de formar discípulos e missionários nesse campo, nós, bispos reunidos na V Conferência, comprometemo-nos a acompanhar os comunicadores, procurando:

- a) Conhecer e valorizar esta nova cultura da comunicação.
- b) Promover a formação profissional na cultura da comunicação de todos os agentes e cristãos.
- c) Formar comunicadores profissionais competentes e comprometidos com os valores humanos e cristãos na transformação evangélica da sociedade, com particular atenção aos proprietários, diretores, programadores, jornalistas e locutores.
- d) Apoiar e otimizar, por parte da Igreja, a criação de meios de comunicação social próprios, tanto nos setores televisivos e de rádio, como nos sites de Internet e nos meios impressos;
- e) Estar presente nos meios de comunicação de massa: imprensa, rádio e TV, cinema digital, sites de Internet, fóruns e tantos outros sistemas para introduzir neles o mistério de Cristo.
- f) Educar na formação crítica quanto ao uso dos meios de comunicação a partir da primeira idade.

²⁶⁸ EN 45.

- g) Animar as iniciativas existentes ou a serem criadas neste campo, com espírito de comunhão.
- h) Suscitar leis para promover nova cultura que proteja as crianças, os jovens e as pessoas mais vulneráveis, para que a comunicação não transgrida os valores e, ao contrário, criem critérios válidos de discernimento.²⁶⁹
- i) Desenvolver uma política de comunicação capaz de ajudar tanto as pastorais de comunicação como os meios de comunicação de inspiração católica a encontrar seu lugar na missão evangelizadora da Igreja.

487. A Internet, vista dentro do panorama da comunicação social, deve ser entendida na linha já proclamada no Concílio Vaticano II como uma das “maravilhosas invenções da técnica”.²⁷⁰ “Para a Igreja, o novo mundo do espaço cibernético é uma exortação à grande aventura da utilização de seu potencial para proclamar a mensagem evangélica. Este desafio está no centro do que significa, no início do milênio, seguir o mandato do Senhor para “avançar”: *Duc in altum!* (Lc 5,4)”.²⁷¹

488. “A Igreja se aproxima deste novo meio com realismo e confiança. Como os outros instrumentos de comunicação, este é um meio e não um fim em si mesmo. A Internet pode oferecer magníficas oportunidades de evangelização, se usada com competência e clara consciência de suas forças e fraquezas”.²⁷²

489. Os meios de comunicação, em geral, não substituem as relações pessoais nem a vida comunitária. No entanto, os sites podem reforçar e estimular o intercâmbio de experiências e informações que intensifiquem a prática religiosa através de acompanhamentos e orientações. Também na família os pais devem

²⁶⁹ Cf. Pontifício Conselho para a Família, *Carta dos direitos da família*, Art. 5f, 22 de outubro de 1983.

²⁷⁰ *Inter Mirifica*, n. 1.

²⁷¹ João Paulo II, Mensagem para a 36ª Jornada Mundial das Comunicações Sociais, *Internet: um novo fórum para a proclamação do Evangelho*, n. 2, 12 de maio de 2002.

²⁷² *Ibid.* 3

alertar os filhos para o uso consciente dos conteúdos disponíveis na Internet, para lhes complementar a formação educacional e moral.

490. Visto que a exclusão digital é evidente, as paróquias, comunidades, centros culturais e instituições educacionais católicas poderiam ser estimuladoras da criação de pontos de rede e de salas digitais para promover a inclusão, desenvolvendo novas iniciativas e aproveitando, com olhar positivo, as que já existem. Na América Latina e no Caribe existem revistas, jornais, sites, portais e serviços *on line* de conteúdos informativos e formativos, além de orientações religiosas e sociais diversas, tais como “sacerdote”, “orientador espiritual”, “orientador vocacional”, “professor”, “médico”, entre outros. Existem inumeráveis escolas e instituições católicas que oferecem cursos à distância de teologia e cultura bíblica.

10.4 Novos areópagos e centros de decisão

491. Queremos felicitar e incentivar a tantos discípulos e missionários de Jesus Cristo que, com sua presença ética coerente, continuam semeando os valores evangélicos nos ambientes onde tradicionalmente se faz cultura e nos novos areópagos: o mundo das comunicações, a construção da paz, o desenvolvimento e a libertação dos povos, sobretudo das minorias, a promoção da mulher e das crianças, a ecologia e a proteção da natureza. E “o vastíssimo areópago da cultura, da experimentação científica, das relações internacionais”.²⁷³ Evangelizar a cultura, longe de abandonar a opção preferencial pelos pobres e pelo compromisso com a realidade, nasce do amor apaixonado por Cristo, que acompanha o Povo de Deus na missão de inculturar o Evangelho na história, ardente e infatigável em sua caridade samaritana.

492. Tarefa de grande importância é a formação de pensadores e pessoas que estejam nos níveis de decisão. Para isso,

²⁷³ RM 37.

devemos empregar esforço e criatividade na evangelização de empresários, políticos e formadores de opinião no mundo do trabalho, dirigentes sindicais, cooperativos e comunitários.

493. Na cultura atual, surgem novos campos missionários e pastorais que se abrem. Um deles é, sem dúvida, a pastoral do turismo²⁷⁴ e do entretenimento, que tem campo imenso de realização nos clubes, nos esportes, no cinema, centros comerciais e outras opções que diariamente chamam a atenção e pedem para ser evangelizados.

494. Diante da falsa visão, tão difundida em nossos dias, de uma incompatibilidade entre fé e ciência, a Igreja proclama que a fé não é irracional. “Fé e razão são duas asas pelas quais o espírito humano se eleva na contemplação da verdade”.²⁷⁵ Por isso, valorizamos a tantos homens e mulheres de fé e ciência, que aprenderam a ver na beleza da natureza os sinais do Mistério, do amor e da bondade de Deus, e são sinais luminosos que ajudam a compreender que o livro da natureza e da Sagrada Escritura falam do mesmo Verbo que se fez carne.

495. Queremos valorizar sempre mais os espaços de diálogo entre fé e ciência, inclusive nos meios de comunicação. Uma forma de fazê-lo é através da difusão da reflexão e da obra dos grandes pensadores católicos, especialmente do século XX, como referências para a justa compreensão da ciência.

496. Deus não é só a suma Verdade. Ele é também a suma Bondade e a suprema Beleza. Por isso, “a sociedade tem necessidade de artistas, da mesma forma que necessita de cientistas, técnicos, trabalhadores, especialistas, testemunhas da fé, professores, pais e mães, que garantam o crescimento da pessoa e o progresso da comunidade, através daquela forma sublime de arte que é a “arte de educar”.²⁷⁶

²⁷⁴ Cf. “Orientações para a Pastoral do Turismo”, *L'Osservatore Romano*, Ed. Italiana, Supl., n. 157, 12 de julho de 2001.

²⁷⁵ FR Preâmbulo.

²⁷⁶ João Paulo II, *Carta aos artistas*, n. 4, 4 de abril de 1999.

497. É necessário comunicar os valores evangélicos de maneira positiva e propositiva. São muitos os que se dizem descontentes, não tanto com o conteúdo da doutrina da Igreja, mas com a forma como é apresentada. Para isso, na elaboração de nossos planos pastorais queremos:

- a) Favorecer a formação de um laicato capaz de atuar como verdadeiro sujeito eclesial e competente interlocutor entre a Igreja e a sociedade, e entre a sociedade e a Igreja.
- b) Otimizar o uso dos meios de comunicação católicos, fazendo-os mais atuantes e eficazes, seja para a comunicação da fé, seja para o diálogo entre a Igreja e a sociedade.
- c) Atuar com os artistas, esportistas, profissionais da moda, jornalistas, comunicadores e apresentadores, assim como com os produtores de informação nos meios de comunicação, com os intelectuais, professores, líderes comunitários e religiosos.
- d) Resgatar o papel do sacerdote como formador de opinião.

498. Aproveitando as experiências dos Centros de Fé e Cultura ou Centros Culturais Católicos, trataremos de criar ou dinamizar os grupos de diálogo entre a Igreja e os formadores de opinião dos diversos campos. Convocamos nossas Universidades Católicas para que sejam cada vez mais lugar de produção e irradiação do diálogo entre fé e razão e do pensamento católico.

499. Cabe também às Igrejas da América Latina e do Caribe criar oportunidades para a utilização da arte na catequese de crianças, adolescentes e adultos, assim como nas diferentes pastorais da Igreja. É necessário também que as ações da Igreja nesse campo sejam acompanhadas pelo melhoramento técnico e profissional exigido pela própria expressão artística. Por outro lado, é também necessária a formação de uma consciência crítica que permita julgar com critérios objetivos a qualidade artística do que realizamos.

500. É fundamental que as celebrações litúrgicas incorporem em suas manifestações elementos artísticos que possam transformar e preparar a assembléia para o encontro com Cristo. A valorização dos espaços de cultura existentes, onde se incluem os próprios templos, é tarefa essencial para a evangelização pela cultura. Nessa linha, também se deve incentivar a criação de centros culturais católicos, necessários especialmente nas áreas mais carentes, onde o acesso à cultura é mais urgente e reivindica melhorar o sentido do humano.

10.5 Discípulos e missionários na vida pública

501. Os discípulos e missionários de Cristo devem iluminar com a luz do Evangelho todos os âmbitos da vida social. A opção preferencial pelos pobres, de raiz evangélica, exige atenção pastoral voltada aos construtores da sociedade.²⁷⁷ Se muitas das estruturas atuais geram pobreza, em parte é devido à falta de fidelidade a compromissos evangélicos de muitos cristãos com especiais responsabilidades políticas, econômicas e culturais.

502. A realidade atual de nosso continente manifesta que existe “uma notável ausência, no âmbito político, comunicativo e universitário, de vozes e iniciativas de líderes católicos de forte personalidade e de vocação abnegada que sejam coerentes com suas convicções éticas e religiosas”.²⁷⁸

503. Entre os sinais de preocupação, destaca-se, como das mais relevantes a concepção que se tem formado do ser humano, homem e mulher. Agressões à vida, em todas as suas instâncias, em especial contra os mais inocentes e desvalidos, pobreza aguda e exclusão social, corrupção e relativismo ético, entre outros aspectos, têm como referência um ser humano, na prática, fechado a Deus e ao outro.

²⁷⁷ Cf. EV 5.

²⁷⁸ DI 4.

504. Tanto um antigo laicismo exacerbado, como um relativismo ético que se propõe como fundamento da democracia, animam fortes poderes que pretendem refutar toda presença e contribuição da Igreja na vida pública das nações e a pressionam para que se retire para os templos e para seus serviços “religiosos”. Consciente da distinção entre comunidade política e comunidade religiosa, base de sadia laicidade, a Igreja não deixará de se preocupar pelo bem comum dos povos e, em especial, pela defesa de princípios éticos não negociáveis porque estão arraigados na natureza humana.

505. Os leigos de nosso continente, conscientes de sua chamada à santidade em virtude de sua vocação batismal, são os que têm de atuar à maneira de fermento na massa para construir uma cidade temporal que esteja de acordo com o projeto de Deus. A coerência entre fé e vida no âmbito político, econômico e social exige a formação da consciência, que se traduz no conhecimento da Doutrina Social da Igreja. Para adequada formação sobre ela, será de muita utilidade o Compêndio da Doutrina Social da Igreja. A V Conferência se compromete a levar a cabo uma catequese social incisiva, porque “a vida cristã não se expressa somente nas virtudes pessoais, mas também nas virtudes sociais e políticas”.²⁷⁹

506. O discípulo e missionário de Cristo que se empenha nos âmbitos da política, da economia e nos centros de decisões sofre a influência de uma cultura freqüentemente dominada pelo materialismo, pelos interesses egoístas e por uma concepção do homem contrária à visão cristã. Por isso, é imprescindível que o discípulo se fundamente no seguimento do Senhor que lhe concede a força necessária, não só para não sucumbir diante das insídias do materialismo e do egoísmo, mas para construir ao redor dele um consenso moral sobre os valores fundamentais que tornam possível a construção de uma sociedade justa.

²⁷⁹ DI 3.

507. Pensemos em quão necessária é a integridade moral nos políticos. Muitos dos países latino-americanos e caribenhos, mas também em outros continentes, vivem na miséria, por problemas endêmicos de corrupção. Quanta disciplina de integridade moral necessitamos, entendendo essa disciplina no sentido cristão do auto-domínio para fazer o bem, para ser servidor da verdade e do desenvolvimento de nossas tarefas sem nos deixar corromper por favores, interesses e vantagens. É necessária muita força e muita perseverança para conservar a honestidade que deve surgir de uma nova educação que rompa o círculo vicioso da corrupção imperante. Realmente necessitamos de muito esforço para avançar na criação de uma verdadeira riqueza moral que nos permita prever nosso próprio futuro.

508. Os bispos reunidos na V Conferência queremos acompanhar os construtores da sociedade, visto que é a vocação fundamental da Igreja neste setor formar as consciências, ser advogada da justiça e da verdade e educar nas virtudes individuais e políticas.²⁸⁰ Queremos chamar ao sentido de responsabilidade dos leigos para que estejam presentes na vida pública, e mais concretamente “na formação dos consensos necessários e na oposição contra a injustiça”.²⁸¹

10.6 A Pastoral Urbana

509. O cristão de hoje não se encontra mais na primeira linha da produção cultural, mas recebe sua influência e seus impactos. As grandes cidades são laboratórios dessa cultura contemporânea complexa e plural.

510. A cidade se converteu no lugar próprio das novas culturas que se vão gestando e se impondo, com nova linguagem e nova simbologia. Essa mentalidade urbana se estende também ao próprio mundo rural. Definitivamente, a cidade procura har-

²⁸⁰ Cf. DI 4.

²⁸¹ DI 4.

monizar a necessidade do desenvolvimento com o desenvolvimento das necessidades, fracassando freqüentemente nesse propósito.

511. No mundo urbano, acontecem complexas transformações sócio-econômicas, culturais, políticas e religiosas que fazem impacto em todas as dimensões da vida. É composto de cidades satélites e bairros periféricos.

512. Na cidade, convivem diferentes categorias sociais, tais como as elites econômicas, sociais e políticas, a classe média com seus diferentes níveis, e a grande multidão dos pobres. Nela coexistem binômios que a desafiam cotidianamente: tradição-modernidade; globalidade-particularidade; inclusão-exclusão; personalização-despersonalização; linguagem secular-linguagem religiosa; homogeneidade-pluralidade, cultura urbana-pluriculturalismo.

513. A Igreja em seu início se formou nas grandes cidades de seu tempo e se serviu delas para se propagar. Por isso, podemos realizar com alegria e coragem a evangelização da cidade atual. Diante da nova realidade da cidade, novas experiências se realizam na Igreja, tais como a renovação das paróquias, setorização, novos ministérios, novas associações, grupos, comunidades e movimentos. Mas se percebem atitudes de medo em relação à pastoral urbana; tendências a se fechar nos métodos antigos e a tomar atitude de defesa diante da nova cultura, com sentimentos de impotência diante das grandes dificuldades das cidades.

514. A fé nos ensina que Deus vive na cidade, em meio a suas alegrias, desejos e esperanças, com também em meio a suas dores e sofrimentos. As sombras que marcam o cotidiano das cidades, como exemplo a violência, pobreza, individualismo e exclusão, não nos podem impedir que busquemos e contemplemos o Deus da vida também nos ambientes urbanos. As cidades são lugares de liberdade e oportunidade. Nelas, as pessoas têm a possibilidade de conhecer mais pessoas, interagir e

conviver com elas. Nas cidades é possível experimentar vínculos de fraternidade, solidariedade e universalidade. Nelas, o ser humano é constantemente chamado a caminhar sempre mais ao encontro do outro, conviver com o diferente, aceitá-lo e ser aceito por ele.

515. O projeto de Deus é “a Cidade Santa, a nova Jerusalém”, que desce do céu, de junto a Deus, “vestida como noiva que se adorna para seu esposo”, que é “a tenda que Deus instalou entre os homens. Acampará com eles; eles serão seu povo e o próprio Deus estará com eles. Enxugará as lágrimas de seus olhos, e não haverá morte, nem luto, nem pranto, nem dor, porque tudo o que é antigo terá desaparecido” (Ap 21,2-4). Esse projeto em sua plenitude é futuro, mas já está se realizando em Jesus Cristo, “o Alfa e o Ômega, o Princípio e o Fim” (Ap 21,6), que nos diz: “Eu faço novas todas as coisas” (Ap 21,5).

516. A Igreja está a serviço da realização dessa Cidade Santa, mediante a proclamação e a vivência da Palavra, a celebração da Liturgia, a comunhão fraterna e o serviço, especialmente aos mais pobres e aos que mais sofrem, e dessa forma vai transformando em Cristo, como fermento do Reino, a cidade atual.

517. Reconhecendo e agradecendo o trabalho renovador que já se realiza em muitos centros urbanos, a V Conferência propõe e recomenda uma nova pastoral urbana que:

- a) Responda aos grandes desafios da crescente urbanização.
- b) Seja capaz de atender às variadas e complexas categorias sociais, econômicas, políticas e culturais: pobres, classe média e elites.
- c) Desenvolva uma espiritualidade da gratidão, da misericórdia, da solidariedade fraterna, atitudes próprias de quem ama desinteressadamente e sem pedir recompensa.

- d) Abra-se a novas experiências, estilos e linguagens que possam encarnar o Evangelho na cidade.
- e) Transforme as paróquias cada vez mais em comunidades de comunidades.
- f) Aposte mais intensamente na experiência de comunidades ambientais, integradas em nível supra-paroquial e diocesano.
- g) Integre os elementos próprios da vida cristã: a Palavra, a Liturgia, a comunhão fraterna e o serviço, especialmente aos que sofrem pobreza econômica e novas formas de pobreza.
- h) Difunda a Palavra de Deus, anuncie-a com alegria e ousadia e realize a formação dos leigos de tal modo que possam responder às grandes perguntas e aspirações de hoje e inserir-se nos diversos ambientes, estruturas e centros de decisão da vida urbana.
- i) Fomente a pastoral da acolhida aos que chegam à cidade e aos que já vivem nela, passando de um passivo esperar a um ativo buscar e chegar aos que estão longe com novas estratégias, tais como visitas às casas, o uso dos novos meios de comunicação social e a constante proximidade ao que constitui para cada pessoa o seu dia-a-dia.
- j) Ofereça atenção especial ao mundo do sofrimento urbano, isto é, que cuide dos caídos ao longo do caminho e aos que se encontram nos hospitais, encarcerados, excluídos, dependentes das drogas, habitantes das novas periferias, nas novas urbanizações e das famílias que, desintegradas, convivem de fato.
- k) Procure a presença da Igreja, por meio de novas paróquias e capelas, comunidades cristãs e centros de pastoral, nas novas concentrações humanas que crescem aceleradamente nas periferias urbanas das grandes cidades devido às migrações internas e situações de exclusão.

518. Para que os habitantes dos centros urbanos e de suas periferias, cristãos ou não cristãos, possam encontrar em Cristo a plenitude de vida, sentimos a urgência de que os agentes de pastoral, enquanto discípulos e missionários, se esforcem para desenvolver:

- a) Um estilo pastoral adequado à realidade urbana com atenção especial à linguagem, às estruturas e práticas pastorais, assim como aos horários.
- b) Um plano de pastoral orgânico e articulado que se integre em projeto comum às paróquias, comunidades de vida consagrada, pequenas comunidades, movimentos e instituições que incidem na cidade, e que seu objetivo seja chegar ao conjunto da cidade. Nos casos de grandes cidades onde existem várias Dioceses, faz-se necessário um plano inter-diocesano.
- c) Uma setorização das paróquias em unidades menores que permitam a proximidade e um serviço mais eficaz.
- d) Um processo de iniciação cristã e de formação permanente que retroalimente a fé dos discípulos do Senhor integrando o conhecimento, o sentimento e o comportamento.
- e) Serviços de atenção, acolhida pessoal, direção espiritual e do sacramento da reconciliação, respondendo à solidão, às grandes feridas psicológicas que muitos sofrem nas cidades, levando em consideração as relações inter-pessoais.
- f) Uma atenção especializada aos leigos em suas diferentes categorias: profissionais, empresariais e trabalhadores.
- g) Processos graduais de formação cristã com a realização de grandes eventos de multidões, que mobilizem a cidade, que façam sentir que a cidade é um conjunto, é um todo, que saibam responder à afetividade de seus cidadãos e em linguagem simbólica saibam transmitir o Evangelho a todas as pessoas que vivem na cidade.

- h) Estratégias para chegar aos lugares fechados das cidades como aglomerados de casas, condomínios, prédios residenciais ou lugares assim chamados cortiços e favelas.
- i) A presença profética que saiba levantar a voz em relação a questões de valores e princípios do Reino de Deus, ainda que contradiga a todas as opiniões, provoque ataques e só fique no anúncio. Isto é, que seja farol de luz, cidade colocada no alto para iluminar.
- j) Maior presença nos centros de decisão da cidade, tanto nas estruturas administrativas como nas organizações comunitárias, profissionais e de todo tipo de associação para velar pelo bem comum e promover os valores do Reino.
- k) A formação e acompanhamento de leigos e leigas que, influenciando nos centros de opinião, se organizem entre si e possam ser assessores para toda a ação social.
- l) Uma pastoral que leve em consideração a beleza no anúncio da Palavra e nas diversas iniciativas, ajudando a descobrir a beleza plena que é Deus.
- m) Serviços especiais que respondam às diferentes atividades próprias da cidade: trabalho, descanso, esportes, turismo, arte etc.
- n) Uma descentralização dos serviços eclesiais de modo que sejam muito mais os agentes de pastoral que se integrem a esta missão, levando em consideração as categorias profissionais.
- o) Uma formação pastoral dos futuros presbíteros e agentes de pastoral capaz de responder aos novos desafios da cultura urbana.

519. No entanto, tudo o que foi dito anteriormente não tira a importância de uma renovada pastoral rural que fortaleça os

habitantes do campo e seu desenvolvimento econômico e social, resistindo às migrações. Deve-se anunciar a eles a Boa Nova para que enriqueçam suas próprias culturas e as relações comunitárias e sociais.

10.7 A serviço da unidade e fraternidade de nossos povos

520. Na nova situação cultural afirmamos que o projeto do Reino está presente e é possível, e por isso aspiramos a uma América Latina e Caribenha unida, reconciliada e integrada. Esta casa comum é habitada por uma complexa mestiçagem e uma pluralidade étnica e cultural, “na qual o Evangelho se tem transformado (...) no elemento chave de uma síntese dinâmica que, com cores diversas segundo as nações, expressa de todas as formas a identidade dos povos latino-americanos”.²⁸²

521. Os desafios que enfrentamos hoje na América Latina e no mundo têm uma característica peculiar. Eles não afetam a todos os nossos povos de maneira similar, mas, para serem enfrentados, requerem compreensão global e ação conjunta. Cremos que “um fator que pode contribuir notavelmente para superar os urgentes problemas que hoje afetam este continente é a integração latino-americana”.²⁸³

522. Por um lado, vai-se configurando uma realidade global que torna possível novos modos de conhecer, aprender e comunicar-se, que nos coloca em contato diário com a diversidade de nosso mundo e cria possibilidades para uma união e solidariedade mais estreitas em níveis regionais e em nível mundial. Por outro lado, geram-se novas formas de empobrecimento, exclusão e injustiça. O Continente da esperança deve conseguir sua integração sobre os fundamentos da vida, do amor e da paz.

²⁸² Bento XVI, Audiência Geral, Viagem Apostólica ao Brasil, 23 de maio de 2007.

²⁸³ SD 15.

523. Reconhecemos uma profunda vocação à unidade no “coração” de cada homem, por terem todos a mesma origem e Pai, por levarem em si a imagem e semelhança do próprio Deus em sua comunhão trinitária (cf. Gn 1,26). A Igreja se reconhece nos ensinamentos do Concílio Vaticano II como “sacramento de unidade do gênero humano”, consciente da vitória pascal de Cristo, mas vivendo no mundo que ainda está sob o poder do pecado, com sua seqüela de contradições, dominações e morte. A partir dessa leitura cristã da história, percebe-se a ambigüidade do atual processo de globalização.

524. A Igreja de Deus na América latina e no Caribe é sacramento de comunhão de seus povos. É morada de seus povos; é casa dos pobres de Deus. Convoca e congrega todos em seu mistério de comunhão, sem discriminações nem exclusões por motivos de sexo, raça, condição social e pertença nacional. Quanto mais a Igreja reflete, vive e comunica esse dom de inaudita unidade, que encontra na comunhão trinitária a sua fonte, modelo e destino, torna-se mais significativo e incisivo seu operar como sujeito de reconciliação e comunhão na vida de nossos povos. Maria Santíssima é a presença materna indispensável e decisiva na gestação de um povo de filhos e irmãos, de discípulos e missionários de seu Filho.

525. A dignidade de nos reconhecer como família de latino-americanos e caribenhos implica uma experiência singular de proximidade, fraternidade e solidariedade. Não somos mero continente, apenas um fato geográfico com mosaico ininteligível de conteúdos. Muito menos somos uma soma de povos e de etnias que se justapõem. Una e plural, a América Latina é a casa comum, a grande pátria de irmãos e – como afirmou S.S. João Paulo II em Santo Domingo²⁸⁴ – “de alguns povos a quem a mesma geografia, a fé cristã, a língua e a cultura uniram definitivamente no caminho da história”. É, pois, uma unidade que está

²⁸⁴ João Paulo II, Discurso inaugural na IV Conferência Geral do Episcopado Latino-americano, 12 de outubro de 1992.

muito longe de se reduzir a uniformidade, mas que se enriquece com muitas diversidades locais, nacionais e culturais.

526. A III Conferência Geral do Episcopado Latino-americano já propunha “retomar com renovado vigor a evangelização da cultura de nossos povos e dos diversos grupos étnicos” para que “a fé evangélica, como base de comunhão, se projete em formas de integração justa nos respectivos quadros de uma nacionalidade, de uma grande pátria latino-americana(...)”.²⁸⁵ A IV Conferência em Santo Domingo voltava a propor “o permanente rejuvenescimento do ideal de nossos próceres sobre a Pátria Grande”. A V Conferência em Aparecida expressa sua firme vontade de prosseguir nesse compromisso.

527. Não há, certamente, outra região que conte com tantos fatores de unidade como a América Latina – dos quais a vigência da tradição católica é o cimento fundamental de sua construção – mas trata-se de unidade esparsa, porque atravessada por profundas dominações e contradições, e é incapaz de incorporar em si “todos os sangues” e de superar a brecha de estridentes desigualdades e marginalizações. Nossa pátria é grande, mas será realmente “grande” quando o for para todos, com maior justiça. Na verdade, é uma contradição dolorosa que o Continente com o maior número de católicos seja também o de maior iniquidade social.

528. Nos últimos 20 anos apreciamos os avanços significativos e promissores nos processos e sistemas de integração de nossos países. As relações comerciais e políticas se têm intensificado. É nova a comunicação e solidariedade mais estreita entre o Brasil e os países hispano-americanos e os caribenhos. No entanto, há graves bloqueios que travam esses processos. É frágil e ambígua a mera integração comercial. Também é frágil e ambígua quando essa integração se reduz a questão de cúpulas políticas e econômicas e não se fundamenta na vida e na partici-

²⁸⁵ DP 428.

pação dos povos. Os atrasos na integração tendem a aprofundar a pobreza e as desigualdades, enquanto as redes de narcotráfico se integram além das fronteiras. Embora a linguagem política seja abundante sobre a integração, a dialética da contraposição parece prevalecer sobre o dinamismo da solidariedade e amizade. A unidade não se constrói pela contraposição a inimigos comuns, mas pela realização de uma identidade comum.

10.8 A integração dos indígenas e afro-americanos

529. Como discípulos de Jesus Cristo, encarnado na vida de todos os povos, descobrimos e reconhecemos a partir da fé as “sementes do Verbo”²⁸⁶ presentes nas tradições e culturas dos povos indígenas da América Latina. Deles valorizamos seu profundo apreço comunitário pela vida, presente em toda a criação, na existência cotidiana e na milenária experiência religiosa, que dinamiza suas culturas, e que chega à sua plenitude na revelação do verdadeiro rosto de Deus por Jesus Cristo.

530. Como discípulos e missionários a serviço da vida, acompanhamos os povos indígenas e originários no fortalecimento de suas identidades e organizações próprias, na defesa do território na educação intercultural bilíngüe e na defesa de seus direitos. Comprometemo-nos também a criar consciência na sociedade a respeito da realidade indígena e seus valores, através dos meios de comunicação social e outros espaços de opinião. A partir dos princípios do Evangelho, apoiamos a denúncia de atitudes contrárias à vida plena em nossos povos de origem e nos comprometemos a prosseguir na obra de evangelização dos indígenas, assim como a procurar as aprendizagens educativas e de trabalho com as transformações culturais que isso implica.

531. A Igreja estará atenta frente às tentativas de desarraigar a fé católica das comunidades indígenas; com isso elas fi-

²⁸⁶ Cf. SD 245.

cariam em situação indefesa e confusa frente aos embates das ideologias e de alguns grupos alienantes, e isso atentaria contra o bem das mesmas comunidades.

532. O seguimento de Jesus no Continente passa também pelo reconhecimento dos afro-americanos como desafio que nos interpela para viver o verdadeiro amor a Deus e ao próximo. Ser discípulos e missionários significa assumir a atitude de compaixão e cuidado do Pai, que se manifestam na ação libertadora de Jesus. “A Igreja defende os autênticos valores culturais de todos os povos, especialmente dos oprimidos, indefesos e marginalizados, diante da força avassaladora das estruturas de pecado manifestas na sociedade moderna”.²⁸⁷ Conhecer os valores culturais, a história e as tradições dos afro-americanos, entrar em diálogo fraterno e respeitoso com eles, é um passo importante na missão evangelizadora da Igreja. Que nos acompanhe aí o testemunho de São Pedro Claver.

533. Por isso, a Igreja denuncia a prática da discriminação e do racismo em suas diferentes expressões, pois ofende no mais profundo a dignidade humana criada à “imagem e semelhança de Deus”. Preocupa-nos que poucos afro-americanos cheguem à educação superior, sem a qual se torna mais difícil seu acesso às esferas de decisão na sociedade. Em sua missão de advogada da justiça e dos pobres, a Igreja se faz solidária aos afro-americanos nas reivindicações pela defesa de seus territórios, na afirmação de seus direitos, na cidadania, nos projetos próprios de desenvolvimento e consciência de negritude. A Igreja apóia o diálogo entre cultura negra e fé cristã e suas lutas pela justiça social, e incentiva a participação ativa dos afro-americanos nas ações pastorais de nossas Igrejas e do CELAM. A Igreja, com sua pregação, vida sacramental e pastoral, precisará ajudar para que as feridas culturais injustamente sofridas na história dos afro-americanos, não absorvam, nem paralisem a partir do seu interior, o dina-

²⁸⁷ SD 243.

mismo de sua personalidade humana, de sua identidade étnica, de sua memória cultural, de seu desenvolvimento social nos novos cenários que se apresentam.

10.9 Caminhos de reconciliação e solidariedade

534. A Igreja precisa animar cada povo a construir em sua pátria uma casa de irmãos onde todos tenham moradia para viver e conviver com dignidade. Essa vocação requer a alegria de querer ser e fazer uma nação, um projeto histórico que inspire vida em comum. A Igreja precisa educar e conduzir cada vez mais à reconciliação com Deus e com os irmãos. Precisa somar e não dividir. Importa cicatrizar as feridas, evitar maniqueísmos, perigosas exasperações e polarizações. Os dinamismos de integração digna, justa e equitativa no interior de cada um dos países favorece a integração regional e, ao mesmo tempo, é incentivada por ela.

535. É necessário educar e favorecer nossos povos em todos os gestos, obras e caminhos de reconciliação e amizade social, de cooperação e integração. A comunhão alcançada no sangue reconciliador de Cristo nos dá a força para sermos construtores de pontes, anunciadores da verdade, bálsamos para as feridas. A reconciliação está no coração da vida cristã. É iniciativa própria de Deus em busca de nossa amizade, que comporta consigo a necessária reconciliação com o irmão. Trata-se de uma reconciliação da qual necessitamos nos diversos âmbitos e em todos e entre todos os países. Essa reconciliação fraterna pressupõe a reconciliação com Deus, fonte única de graça e de perdão, que alcança sua expressão e realização no sacramento da penitência que Deus nos concede através da Igreja.

536. No coração e na vida de nossos povos pulsa um forte sentido de esperança, não obstante as condições de vida que parecem ofuscar toda esperança. Esta se experimenta e se alimenta no presente, graças aos dons e sinais de vida nova que se compartilha; compromete-se na construção de um futuro de

maior dignidade e justiça e aspira “os novos céus e a nova terra” que Deus nos prometeu em sua morada eterna.

537. A América Latina e o Caribe não devem ser só o Continente da esperança. Além disso, devem também abrir caminhos para a civilização do amor. Assim se expressou o Papa Bento XVI no santuário mariano de Aparecida:²⁸⁸ para que nossa casa comum seja um continente da esperança, do amor, da vida e da paz há que ir, como bons samaritanos, ao encontro das necessidades dos pobres e dos que sofrem e criar “as estruturas justas que são uma condição sem a qual não é possível uma ordem justa na sociedade...” Essas estruturas, continua o Papa, “não nascem nem funcionam sem um consenso moral da sociedade sobre os valores fundamentais e sobre a necessidade de viver estes valores com as necessárias renúncias, inclusive contra o interesse pessoal”, e “onde Deus está ausente (...) estes valores não se mostram com toda a sua força nem se produz um consenso sobre eles”.²⁸⁹ Essas estruturas justas nascem e funcionam quando a sociedade percebe que o homem e a mulher, criados à imagem e semelhança de Deus, possuem uma dignidade inviolável, a serviço da qual terão de conceber e atuar os valores fundamentais que regem a convivência humana. Esse consenso moral e mudança de estruturas são importantes para diminuir a dolorosa iniquidade que hoje existe em nosso continente, entre outras coisas através de políticas públicas e gastos sociais bem orientados, assim como do controle de lucros desproporcionais de grandes empresas. A Igreja estimula e propicia o exercício de uma “imaginação da caridade” que permita soluções eficazes.

538. Todas as autênticas transformações frágua e se forjam no coração das pessoas e se irradiam em todas as dimensões de sua existência e convivência. Não há novas estruturas se não há homens novos e mulheres novas que mobilizem e façam convergir nos povos ideais e poderosas energias morais e religiosas.

²⁸⁸ DI 4.

²⁸⁹ Ibid.

Formando discípulos e missionários, a Igreja dá resposta a essa exigência.

539. A Igreja estimula e favorece a reconstrução da pessoa e de seus vínculos de pertença e convivência, a partir de um dinamismo de amizade, gratuidade e comunhão. Desse modo, neutralizam-se os processos de desintegração e atomização sociais. Para isso, é necessário aplicar o princípio da subsidiariedade em todos os níveis e estruturas da organização social. Na verdade, o Estado e o mercado não satisfazem nem podem satisfazer a todas as necessidades humanas. Cabe, portanto, apreciar e estimular os voluntariados sociais, as diversas formas de livre auto-organização e participação populares e as obras caritativas, educativas, hospitalares, de cooperação no trabalho e outras promovidas pela Igreja, que respondem adequadamente a essas necessidades.

540. Os discípulos e missionários de Cristo promovem uma cultura do compartilhar em todos os níveis, em contraposição à cultura dominante de acumulação egoísta, assumindo com seriedade a virtude da pobreza como estilo de vida sóbrio para ir ao encontro e ajudar as necessidades dos irmãos que vivem na indigência.

541. Compete também à Igreja colaborar na consolidação das frágeis democracias, no positivo processo de democratização na América Latina e no Caribe, ainda que existam atualmente graves desafios e ameaças de desvios autoritários. Urge educar para a paz, dar seriedade e credibilidade à continuidade de nossas instituições civis, defender e promover os direitos humanos, proteger em especial a liberdade religiosa e cooperar para despertar os maiores consensos nacionais.

542. A paz é um bem valioso, mas precário que todos devemos proteger, educar e promover em nosso continente. Como sabemos, a paz não se reduz à ausência de guerras, nem à exclusão de armas nucleares em nosso espaço comum, conquistadas

aliás significativas; mas devemos promover a geração de uma “cultura de paz” que seja fruto de um desenvolvimento sustentável, equitativo e respeitoso da criação (“o desenvolvimento é o novo nome da paz”, dizia Paulo VI) e que nos permita enfrentar conjuntamente os ataques do narcotráfico e do consumo de drogas, do terrorismo e das muitas formas de violência que hoje imperam em nossa sociedade. A Igreja, sacramento de reconciliação e paz, deseja que os discípulos e missionários de Cristo, aí mesmo onde se encontrem, sejam também “construtores de paz” entre os povos e nações de nosso Continente. A Igreja é chamada a ser escola permanente de verdade e justiça, de perdão e reconciliação para construir uma paz autêntica.

543. Uma autêntica evangelização de nossos povos envolve assumir plenamente a radicalidade do amor cristão, que se concretiza no seguimento de Cristo na Cruz; no padecer por Cristo por causa da justiça; no perdão e no amor aos inimigos. Esse amor supera o amor humano e participa do amor divino, único eixo cultural capaz de construir uma cultura da vida. No Deus Trindade a diversidade de Pessoas não gera violência e conflito; ao contrário, é a fonte mesma do amor e da vida. Uma evangelização que coloca a Redenção no centro, nascida de um amor crucificado, é capaz de purificar as estruturas da sociedade violenta e gerar novas estruturas. A radicalidade da violência só se resolve com a radicalidade do amor redentor. Evangelizar sobre o amor de plena doação, como solução ao conflito, deve ser o eixo cultural “radical” de uma nova sociedade. Só assim o Continente da esperança pode chegar a tornar-se verdadeiramente o Continente do amor.

544. Reafirmamos a importância do CELAM e reconhecemos que tem sido uma instância profética para a unidade dos povos latino-americanos e caribenhos, e tem demonstrado a viabilidade de sua cooperação e solidariedade a partir da comunhão eclesial. Por isso nos comprometemos a continuar fortalecendo seu serviço na colaboração colegial dos Bispos e no caminho de

realização da identidade eclesial latino-americana e caribenha. Convidamos os Episcopados de países envolvidos nos diferentes sistemas de integração sub-regionais, inclusive os da Bacia Amazônica, a estreitar vínculos de reflexão e cooperação. Também estimulamos que continue o fortalecimento de vínculos para a relação entre o Episcopado latino-americano e os Episcopados dos Estados Unidos e Canadá à luz da Exortação Apostólica “Ecclesia in América”, como também com os Episcopados europeus.

545. Conscientes de que a missão evangelizadora não pode estar separada da solidariedade com os pobres e sua promoção integral, e sabendo que existem comunidades eclesiais que carecem dos meios necessários, é imperativo ajudá-las, imitando as primeiras comunidades cristãs, para que verdadeiramente se sintam amadas. É urgente, portanto, a criação de um fundo de solidariedade entre as Igrejas da América Latina e do Caribe que esteja a serviço das iniciativas pastorais próprias.

546. Ao enfrentar tão graves desafios, as palavras do Santo Padre nos incentivam: “Não há dúvida de que as condições para estabelecer uma paz verdadeira são a restauração da justiça, da reconciliação e do perdão. Dessa conscientização nasce a vontade de transformar também as estruturas injustas para estabelecer o respeito pela dignidade do homem, criado à imagem e semelhança de Deus... Como tive a ocasião de afirmar, a Igreja não tem como tarefa própria empreender uma batalha política, no entanto, também não pode nem deve ficar à margem da luta pela justiça”.²⁹⁰

²⁹⁰ SC 89.

CONCLUSÃO

547. “Pareceu bem ao Espírito Santo e a nós...” (At 15,28). A experiência da comunidade apostólica primitiva mostra a própria natureza da Igreja enquanto mistério de comunhão com Cristo no Espírito Santo. S.S. Bento XVI nos indicou este “método” original em sua homilia em Aparecida. Ao concluir a V Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano e do Caribe, constatamos, pela graça de Deus, que é isso o que temos experimentado. Em 19 jornadas de intensa oração, intercâmbios e reflexão, dedicação e cansaço, nossa solicitude pastoral tomou forma no documento final, que foi adquirindo cada vez maior densidade e maturidade. O Espírito de Deus foi nos conduzindo, suave mas firmemente, para a meta.

548. Esta V Conferência, recordando o mandato de ir e fazer discípulos (cf. Mt 28,20), deseja despertar a Igreja na América Latina e no Caribe para um grande impulso missionário. Não podemos deixar de aproveitar esta hora de graça. Necessitamos de um novo Pentecostes! Necessitamos sair ao encontro das pessoas, das famílias, das comunidades e dos povos para lhes comunicar e compartilhar o dom do encontro com Cristo, que tem preenchido nossas vidas de “sentido”, de verdade e de amor, de alegria e de esperança! Não podemos ficar tranquilos em espera passiva em nossos templos, mas é urgente ir em todas as direções para proclamar que o mal e a morte não têm a última palavra, que o amor é mais forte, que fomos libertos e salvos pela vitória pascal do Senhor da história, que Ele nos convoca em Igreja, e

quer multiplicar o número de seus discípulos na construção do seu Reino em nosso Continente! Somos testemunhas e missionários: nas grandes cidades e nos campos, nas montanhas e florestas de nossa América, em todos os ambientes da convivência social, nos mais diversos “areópagos” da vida pública das nações, nas situações extremas da existência, assumindo *ad gentes* nossa solicitude pela missão universal da Igreja.

549. Para nos converter em uma Igreja cheia de ímpeto e audácia evangelizadora, temos que ser de novo evangelizados e fiéis discípulos. Conscientes de nossa responsabilidade pelos batizados que deixaram essa graça de participação no mistério pascal e de incorporação no Corpo de Cristo sob uma capa de indiferença e esquecimento, é necessário cuidar do tesouro da religiosidade popular de nossos povos, para que nela resplandeça cada vez mais “a pérola preciosa” que é Jesus Cristo, e seja sempre novamente evangelizada na fé da Igreja e por sua vida sacramental. É preciso fortalecer a fé “para encarar sérios desafios, pois estão em jogo o desenvolvimento harmônico da sociedade e a identidade católica de seus povos”.²⁹¹ Não temos de dar nada como pressuposto e descontado. Todos os batizados são chamados a “recomeçar a partir de Cristo”, a reconhecer e seguir sua Presença com a mesma realidade e novidade, o mesmo poder de afeto, persuasão e esperança, que teve seu encontro com os primeiros discípulos nas margens do Jordão há 2000 anos, e com os “João Diego” do Novo Mundo. Só graças a esse encontro e seguimento, que se converte em familiaridade e comunhão, transbordante de gratidão e alegria, somos resgatados de nossa consciência isolada e saímos para comunicar a todos a vida verdadeira, a felicidade e a esperança que nos tem sido dada a experimentar e a nos alegrar.

550. É o próprio Papa Bento XVI quem nos convida a “uma missão evangelizadora que convoque todas as forças vivas des-

²⁹¹ DI 1.

te imenso rebanho” que é o povo de Deus na América Latina e no Caribe: “sacerdotes, religiosos, religiosas e leigos que se doam, muitas vezes com imensas dificuldades, para a difusão da verdade evangélica”. É um afã e anúncio missionários que precisam passar de pessoa a pessoa, de casa em casa, de comunidade a comunidade. “Nesse esforço evangelizador – prossegue o Santo Padre – a comunidade eclesial se destaca pelas iniciativas pastorais, ao enviar, sobretudo entre as casas das periferias urbanas e do interior, seus missionários, leigos e religiosos, procurando dialogar com todos em espírito de compreensão e de delicada caridade”. Essa missão evangelizadora abraça com o amor de Deus a todos e especialmente aos pobres e aos que sofrem. Por isso, não se pode separar da solidariedade com os necessitados e da sua promoção humana integral: “Mas, se as pessoas encontradas estão em situação de pobreza – diz-nos ainda o Papa – é necessário ajudá-las, como faziam as primeiras comunidades cristãs, praticando a solidariedade, para que se sintam amadas de verdade. O povo pobre das periferias urbanas ou do campo necessitam sentir a proximidade da Igreja, seja no socorro de suas necessidades mais urgentes, como também na defesa de seus direitos e na promoção comum de uma sociedade fundamentada na justiça e na paz. Os pobres são os destinatários privilegiados do Evangelho, e um Bispo, modelado segundo a imagem do Bom Pastor, deve estar particularmente atento para oferecer o divino bálsamo da fé, sem descuidar o ‘pão material’”.

551. Esse despertar missionário, na forma de Missão Continental, cujas linhas fundamentais foram examinadas por nossa Conferência e que esperamos sejam portadoras de sua riqueza de ensinamentos, orientações e prioridades, será ainda mais concretamente considerado durante a próxima Assembléia Plenária do CELAM em Havana. Exigirá a decidida colaboração das Conferências Episcopais e de cada diocese em particular. Procurará colocar a Igreja em estado permanente de missão. Levemos nossos navios mar adentro, com o poderoso sopro do Espírito

Santo, sem medo das tormentas, seguros de que a Providência de Deus nos proporcionará grandes surpresas.

552. Recobremos, portanto, o “fervor espiritual”. Conserve-mos a doce e confortadora alegria de evangelizar, inclusive quando é necessário semear entre lágrimas. Façamo-lo, como João Batista, como Pedro e Paulo, como os demais Apóstolos, como essa multidão de admiráveis evangelizadores que se sucederam ao longo da história da Igreja, façamos tudo isso com ímpeto interior que ninguém e nada seja capaz de extinguir. Seja essa a maior alegria de nossas vidas dedicadas. E oxalá o mundo atual – que o procura às vezes com angústia, às vezes com esperança – possa assim receber a Boa Nova, não através de evangelizadores tristes e desalentados, impacientes ou ansiosos, mas através de ministros do Evangelho, cuja vida irradia o fervor de quem recebeu, antes de tudo em si mesmos, a alegria de Cristo e aceitam consagrar sua vida à tarefa de anunciar o Reino de Deus e de implantar a Igreja no mundo”.²⁹² Recuperemos o valor e a audácia apostólicos.

553. Ajude-nos a companhia sempre próxima, cheia de compreensão e ternura, de Maria Santíssima. Que ela nos mostre o fruto bendito de seu ventre e nos ensine a responder como fez ela no mistério da anunciação e encarnação. Que nos ensine a sair de nós mesmos no caminho de sacrifício, de amor e serviço, como fez na visita à sua prima Isabel, para que, peregrinos a caminho, cantemos as maravilhas que Deus tem feito em nós, conforme a sua promessa.

554. Guiados por Maria, fixamos os olhos em Jesus Cristo, autor e consumidor da fé, e dizemos a Ele com o Sucessor de Pedro:

“Fica conosco, pois cai a tarde e o dia já declina” (Lc 24,29).

Fica conosco, Senhor, acompanha-nos, ainda que nem sempre tenhamos sabido reconhecer-te.

Fica conosco, porque ao redor de nós as sombras vão se tornando mais densas, e tu és a Luz; em nossos corações se insinua a desesperança, e tu os fazes arder com a certeza da Páscoa. Estamos cansados do caminho, mas tu nos confortas na fração do pão para anunciar a nossos irmãos que na verdade tu ressuscitaste e que nos deste a missão de ser testemunhas de tua ressurreição.

Fica conosco, Senhor, quando ao redor de nossa fé católica surgem as névoas da dúvida, do cansaço ou da dificuldade: tu, que és a própria Verdade como revelador do Pai, ilumina nossas mentes com tua Palavra; ajuda-nos a sentir a beleza de crer em ti.

Fica em nossas famílias, ilumina-as em suas dúvidas, sustenta-as em suas dificuldades, consola-as em seus sofrimentos e no cansaço de cada dia, quando ao redor delas se acumulam sombras que ameaçam sua unidade e sua natureza. Tu que és a Vida, fica em nossos lares, para que continuem sendo ninhos onde nasça a vida humana abundante e generosamente, onde se acolha, se ame, se respeite a vida desde a sua concepção até seu término natural.

Fica, Senhor, com aqueles que em nossas sociedade são os mais vulneráveis; fica com os pobres e humildes, com os indígenas e afro-americanos, que nem sempre encontram espaços e apoio para expressar a riqueza de sua cultura e a sabedoria de sua identidade. Fica, Senhor, com nossas crianças e com nossos jovens, que são a esperança e a riqueza do nosso Continente, protege-os de tantas armadilhas que atentam contra sua inocência e contra suas legítimas esperanças. Ó Bom Pastor, fica com nossos anciãos e com nossos enfermos! Fortalece a todos em sua fé para que sejam teus discípulos e missionários!²⁹³

**SANTA MISSA DE INAUGURAÇÃO DA V CONFERÊNCIA GERAL
DO EPISCOPADO DA AMÉRICA LATINA E DO CARIBE,
NA PRAÇA EM FRENTE AO SANTUÁRIO DE APARECIDA
– HOMILIA (13 de maio de 2007)**

Veneráveis Irmãos no Episcopado, queridos sacerdotes e vós todos, irmãs e irmãos no Senhor!

Não existem palavras para exprimir a alegria de encontrar-me convosco para celebrar esta solene Eucaristia, por ocasião da abertura da Quinta Conferência Geral do Episcopado Latino-americano e do Caribe. A todos saúdo com muita cordialidade, de modo particular ao Arcebispo de Aparecida, Dom Raymundo Damasceno Assis, agradecendo as palavras que me foram dirigidas em nome de toda a assembléia, e os Cardeais Presidentes desta Conferência Geral. Saúdo com deferência as Autoridades civis e militares que nos honram com a sua presença. Deste Santuário estendo o meu pensamento, com muito afeto e oração, a todos aqueles que se nos unem espiritualmente neste dia, de modo especial às comunidades de vida consagrada, aos jovens engajados em movimentos e associações, às famílias, bem como aos enfermos e aos anciãos. A todos quero dizer: “Graça e paz da parte de Deus, nosso Pai, e da parte do Senhor Jesus Cristo” (1Cor 1,13).

Considero um dom especial da Providência que esta Santa Missa seja celebrada *neste tempo e neste lugar*. O *tempo* é o li-

túrgico do sexto Domingo de Páscoa: está próxima a festa de Pentecostes, e a Igreja é convidada a intensificar a invocação ao Espírito Santo. O *lugar* é o Santuário nacional de Nossa Senhora Aparecida, coração mariano do Brasil: Maria nos acolhe neste *Cenáculo* e, como Mãe e Mestre, nos ajuda a elevar a Deus uma prece unânime e confiante. Esta celebração litúrgica constitui o fundamento mais sólido da V Conferência, porque põe na sua base a oração e a Eucaristia, *Sacramentum caritatis*. Com efeito, só a *caridade de Cristo*, emanada pelo Espírito Santo, pode fazer desta reunião um autêntico acontecimento eclesial, um momento de graça para este Continente e para o mundo inteiro. Esta tarde terei a possibilidade de entrar no mérito dos conteúdos sugeridos pelo tema da vossa Conferência. Demos agora espaço à Palavra de Deus, que com alegria acolhemos, com o coração aberto e dócil, a exemplo de Maria, Nossa Senhora da Conceição, a fim de que, pelo poder do Espírito Santo, Cristo possa novamente “fazer-se carne” no hoje da nossa história.

A primeira leitura, tirada dos *Atos dos Apóstolos*, refere-se ao assim chamado “Concílio de Jerusalém”, que considerou a questão se aos pagãos convertidos ao cristianismo dever-se-ia impor a observância da lei mosaica. O texto, deixando de lado a discussão sobre “os Apóstolos e os anciãos” (15,4-21), transcreve a decisão final, que vem posta por escrito numa carta e confiada a dois delegados, a fim de que seja entregue à comunidade de Antioquia (vv. 22-29). Esta página dos *Atos* nos é muito apropriada, por termos vindo aqui para uma reunião eclesial. Fala-nos do sentido do discernimento comunitário em torno dos grandes problemas que a Igreja encontra ao longo do seu caminho e que vem a ser esclarecidos pelos “Apóstolos” e pelos “anciãos” com a luz do Espírito Santo, o qual, como nos narra o Evangelho de hoje, lembra o ensinamento de Jesus Cristo (cf. *Jo* 14,26) ajudando assim a comunidade cristã a caminhar na caridade em busca da verdade plena (cf. *Jo* 16,13). Os chefes da Igreja discutem e se defrontam, sempre, porém, em atitude de religiosa escuta da Palavra de Cristo no Espírito Santo. Por

isso, no final podem afirmar: “Pareceu bem ao Espírito Santo e a nós...” (At 15,28).

Este é o “método” com o qual nós agimos na Igreja, tanto nas pequenas como nas grandes assembleias. Não é uma simples questão de procedimento; é o resultado da mesma natureza da Igreja, mistério de comunhão com Cristo no Espírito Santo. No caso das Conferências Gerais do Episcopado Latino-americano e Caribenho, a primeira, realizada no Rio de Janeiro em 1955, recorreu a uma Carta especial enviada pelo Papa Pio XII, de venerada memória; nas outras, até a atual, foi o Bispo de Roma que se dirigiu à sede da reunião continental para presidir as fases iniciais. Com devoto reconhecimento dirigimos o nosso pensamento aos Servos de Deus Paulo VI e João Paulo II que, nas Conferências de Medellín, Puebla e Santo Domingo, testemunharam a proximidade da Igreja universal nas Igrejas que estão na América Latina e que constituem, em proporção, a maior parte da Comunidade católica.

“*Pareceu bem ao Espírito Santo e a nós...*” Esta é a Igreja: nós, a comunidade de fiéis, o Povo de Deus, com os seus Pastores chamados a fazer de guia do caminho; juntos com o *Espírito Santo*, Espírito do Pai mandado em nome do Filho Jesus, Espírito daquele que é “maior” de todos e que nos foi dado mediante Cristo, que se fez “menor” por nossa causa. Espírito Paráclito, *Advocatus*, Defensor e Consolador. Ele nos faz viver na presença de Deus, na escuta da sua Palavra, livres de inquietação e de temor, tendo no coração a paz que Jesus nos deixou e que o mundo não pode dar (cf. Jo 14, 26-27). O Espírito acompanha a Igreja no longo caminho que se estende entre a primeira e a segunda vinda de Cristo: “*Vou, e volto a vós*” (Jo 14,28), disse Jesus aos Apóstolos. Entre a “ida” e a “volta” de Cristo está o tempo da Igreja, que é o seu Corpo, estão esses dois mil anos transcorridos até agora; estão também estes pouco mais de cinco séculos em que a Igreja fez-se peregrina nas Américas, difundindo nos fiéis a vida de Cristo através dos Sacramentos e lançando nestas

terras a boa semente do Evangelho, que rendeu trinta, sessenta e até mesmo o cem por um. *Tempo da Igreja, tempo do Espírito Santo*: Ele é o Mestre que forma os discípulos: fá-los enamorar-se de Jesus; educa-os para que escutem a sua Palavra, a fim de que contemplem a sua face; conforma-os à sua humanidade bem-aventurada, pobre em espírito, aflita, mansa, sedenta de justiça, misericordiosa, pura de coração, pacífica, perseguida por causa da justiça (cf. Mt 5,3-10). Deste modo, graças à ação do Espírito Santo, Jesus torna-se a “Via” na qual caminha o discípulo. “Se alguém me ama, observará a minha palavra”, diz Jesus no início do trecho evangélico de hoje. “A palavra que tendes ouvido não é minha, mas sim do Pai que me enviou” (Jo 14,23-24). Como Jesus transmite as palavras do Pai, assim o Espírito recorda à Igreja as palavras de Cristo (cf. Jo 14,26). E como o amor pelo Pai levava Jesus a alimentar-se da sua vontade, assim o nosso amor por Jesus se demonstra na obediência pelas suas palavras. A fidelidade de Jesus à vontade do Pai pode transmitir-se aos discípulos graças ao Espírito Santo, que derrama o amor de Deus nos seus corações (cf. Rm 5,5).

O Novo Testamento apresenta-nos a Cristo como missionário do Pai. Especialmente no Evangelho de São João, Jesus fala de si tantas vezes a propósito do Pai que O enviou ao mundo. Da mesma forma, também no texto de hoje. Jesus diz: “A palavra que tendes ouvido não é minha, mas sim do Pai que me enviou” (Jo 14,24). Neste momento, queridos amigos, somos convidados a fixar nosso olhar nele, porque a missão da Igreja subsiste somente em quanto prolongação daquela de Cristo: “Como o Pai me enviou, assim também eu vos envio a vós” (Jo 20,21). O evangelista põe em relevo, inclusive de forma plástica, que esta consignaçoão acontece no Espírito Santo: “Soprou sobre eles dizendo: ‘Recebei o Espírito Santo...’” (Jo 20,22). A missão de Cristo realizou-se no amor. Ele acendeu no mundo o fogo da caridade de Deus (cf. Lc 12,49). É o amor que dá a vida: por isso a Igreja é convidada a difundir no mundo a caridade de Cristo, porque os homens e os povos “tenham a vida e a tenham em abundância” (Jo 10,10). A vós

também, que representais a Igreja na América Latina, tenho a alegria de entregar de novo idealmente a minha Encíclica *Deus caritas est*, com a qual quis indicar a todos o que é essencial na mensagem cristã. A Igreja se sente *discípula e missionária desse Amor*: missionária somente enquanto discípula, isto é, capaz de deixar-se sempre atrair, com renovado enlevo, por Deus que nos amou e nos ama por primeiro (1Jo 4,10). A Igreja não faz proselitismo. Ela cresce muito mais *por "atração"*: como Cristo "atrai todos a si" com a força do seu amor, que culminou no sacrifício da Cruz, assim a Igreja cumpre a sua missão na medida em que, associada a Cristo, cumpre a sua obra conformando-se em espírito e concretamente com a caridade do seu Senhor.

Queridos irmãos e irmãs. Este é o rico tesouro do continente Latino-americano; este é seu patrimônio mais valioso: *a fé em Deus Amor*, que revelou seu rosto em Jesus Cristo. Vós credes no Deus Amor: *esta é vossa força que vence o mundo, a alegria que nada e nem ninguém vos poderá arrebatar, a paz que Cristo conquistou para vós com sua Cruz! Esta é a fé que fez da América Latina o "Continente da Esperança"*. Não é uma ideologia política, nem um movimento social, nem tampouco um sistema econômico; é a fé em Deus Amor, encarnado, morto e ressuscitado em Jesus Cristo, o autêntico fundamento desta esperança que produziu frutos tão magníficos desde a primeira evangelização até hoje. Assim o atesta a série de Santos e Beatos que o Espírito suscitou ao longo e ao largo deste Continente. O Papa João Paulo II vos convocou para uma *nova evangelização*, e vós respondestes a seu chamado com generosidade e o compromisso que vos caracterizam. Eu vos confirmo e, com palavras desta V Conferência, vos digo: *sede discípulos fiéis, para serdes missionários valentes e eficazes.*¹

¹ Queridos hermanos y hermanas. Éste es el rico tesoro del continente Latinoamericano; éste es su patrimonio más valioso: *la fe en Dios Amor*, que reveló su rostro en Jesucristo. Vosotros creéis en el Dios Amor: ésta es vuestra fuerza que vence al mundo, la alegría que nada ni nadie os podrá arrebatar, ¡la paz que Cristo conquistó para vosotros con su Cruz! *Ésta es la fe que hizo de Latinoamérica el "Continente de la Esperanza"*. No es una ideología política, ni un movimiento social, como tampoco un sistema económico; es la fe en Dios Amor, encarnado, muerto y resucitado en Jesucristo, el auténtico fundamento de esta esperanza que produjo

A segunda leitura nos apresentou a grandiosa visão da *Jerusalém celeste*. É uma imagem de esplêndida beleza, e que não é simplesmente decorativa, senão que todo contribui na perfeita harmonia da cidade santa. Escreve o vidente João que ela “*descia do céu, enviada por Deus trazendo a glória de Deus*” (Ap 21,10). Porém a glória de Deus é o Amor; portanto a Jerusalém celeste é ícone da Igreja inteira, santa e gloriosa, sem mancha nem ruga (cf. Ef 5,27), iluminada no centro e em todas as partes pela presença de Deus-Caridade. É chamada “noiva”, “a esposa do Cordeiro” (Ap 20,9), porque nela se realiza a figura nupcial que encontramos desde o princípio até o fim na revelação bíblica. A Cidade-Esposa é pátria da plena comunhão de Deus com os homens; ela não necessita de templo algum nem de nenhuma fonte externa de luz, porque a presença Deus e do Cordeiro é imanente e a ilumina desde dentro.²

Este ícone estupendo tem um valor *escatológico*: expressa o mistério de beleza que já constitui a forma da Igreja, ainda que não *tenha alcançado* sua plenitude. É a meta de nossa peregrinação, a pátria que nos espera e pela qual suspiramos. Vê-la com os olhos da fé, contemplá-la e desejá-la, não deve ser motivo de evasão da realidade histórica em que vive a Igreja compartilhando as alegrias e as esperanças, as dores e as angústias da humanidade contemporânea, especialmente dos mais pobres e dos que

frutos tan magníficos desde la primera evangelización hasta hoy. Así lo atestigua la serie de Santos y Beatos que el Espíritu suscitó a lo largo y ancho de este Continente. El Papa Juan Pablo II os convocó para una *nueva evangelización*, y vosotros respondisteis a su llamado con la generosidad y el compromiso que os caracterizan. Yo os lo confirmo y, con palabras de esta Quinta Conferencia, os digo: *sed discípulos fieles, para ser misioneros valientes y eficaces*.

² La segunda Lectura nos ha presentado la grandiosa visión de la *Jerusalén celeste*. Es una imagen de espléndida belleza, en la que nada es simplemente decorativo, sino que todo contribuye a la perfecta armonía de la Ciudad santa. Escribe el vidente Juan que ésta “*bajaba del cielo, enviada por Dios trayendo la gloria de Dios*” (Ap 21,10). Pero la gloria de Dios es el Amor; por tanto la Jerusalén celeste es ícono de la Iglesia entera, santa y gloriosa, sin mancha ni arruga (cf. Ef 5,27), iluminada en el centro y en todas partes por la presencia de Dios-Caridad. Es llamada “*novia*”, “*la esposa del Cordero*” (Ap 20,9), porque en ella se realiza la figura nupcial que encontramos desde el principio hasta el fin en la revelación bíblica. La Ciudad-Esposa es patria de la plena comunión de Dios con los hombres; ella no necesita templo alguno ni ninguna fuente externa de luz, porque la presencia de Dios y del Cordero es inmanente y la ilumina desde dentro.

sofrem (cf. *Gaudium et spes*, 1). Se a beleza da Jerusalém celeste é a glória de Deus, ou seja, seu amor, é precisamente e somente na caridade que podemos nos aproximar dela e, de certo modo, habitar nela. Quem ama o Senhor Jesus e observa sua palavra experimenta já neste mundo a misteriosa presença de Deus Uno e Trino, como temos escutado no Evangelho: “*viremos e faremos nele nossa morada*” (Jo 14,23). Por isso, todo cristão é chamado a ser pedra viva desta maravilhosa “morada de Deus com os homens”. Que magnífica vocação!³

Uma Igreja inteiramente animada e mobilizada pela caridade de Cristo, Cordeiro imolado por amor, é a imagem histórica da Jerusalém celeste, antecipação da cidade santa, resplandecente da glória de Deus. Ela emana *uma força missionária irresistível*, que é *a força da santidade*. A Virgem Maria alcance para a América Latina e o Caribe ser abundantemente revestida da força do alto (cf. Lc 24,49) para irradiar no Continente e em todo o mundo a santidade de Cristo. A ele seja dada glória, com o Pai e o Espírito Santo, nos séculos dos séculos. Amém.

³ Este icono estupendo tiene un valor *escatológico*: expresa el misterio de belleza que ya constituye la forma de la Iglesia, aunque *aún no haya alcanzado* su plenitud. Es la meta de nuestra peregrinación, la patria que nos espera y por la cual suspiramos. Verla con los ojos de la fe, contemplarla y desearla, no debe ser motivo de evasión de la realidad histórica en que vive la Iglesia compartiendo las alegrías y las esperanzas, los dolores y las angustias de la humanidad contemporánea, especialmente de los más pobres y de los que sufren (cf. *Gaudium et spes*, 1). Si la belleza de la Jerusalén celeste es la gloria de Dios, o sea, su amor, es precisamente y solamente en la caridad cómo podemos acercarnos a ella y, en cierto modo, habitar en ella. Quien ama al Señor Jesús y observa su palabra experimenta ya en este mundo la misteriosa presencia de Dios Uno y Trino, como hemos escuchado en el Evangelio: “*Vendremos a él y haremos morada en él*” (Jn 14,23). Por eso, todo cristiano está llamado a ser piedra viva de esta maravillosa “morada de Dios con los hombres”. ¡Qué magnífica vocación!

**ORAÇÃO DO SANTO ROSÁRIO E ENCONTRO COM OS SACERDOTES,
OS RELIGIOSOS, AS RELIGIOSAS, OS SEMINARISTAS E OS DIÁCONOS
NA BASÍLICA DO SANTUÁRIO DE APARECIDA – DISCURSO (12 maio de 2007)**

Senhores Cardeais,

Venerados Irmãos no Episcopado e Presbiterado,

Amados religiosos e todos vós que, impelidos pela voz de Jesus Cristo, O seguistes por amor!

Estimados seminaristas, que vos estais preparando para o ministério sacerdotal!

Queridos representantes dos Movimentos eclesiais, e todos vós leigos que levais a força do Evangelho ao mundo do trabalho e da cultura, no seio das famílias, bem como às vossas paróquias!

1. Como os Apóstolos, juntamente com Maria, “subiram para a sala de cima” e ali “unidos pelo mesmo sentimento, entregavam-se assiduamente à oração” (At 1,13-14), assim também hoje nos reunimos aqui no Santuário de Nossa Senhora da Conceição Aparecida, que é para nós nesta hora “a sala de cima”, onde Maria, Mãe do Senhor, se encontra no meio de nós. Hoje é ela que orienta a nossa meditação; ela nos ensina a rezar. É ela que nos mostra o modo como abrir nossas mentes e os nossos corações ao poder do Espírito Santo, que vem para ser transmitido ao mundo inteiro.

Acabamos de recitar o rosário. Através dos seus ciclos meditativos, o Divino Consolador quer nos introduzir no conhecimento de um Cristo que brota da fonte límpida do texto evangélico. Por sua vez, a Igreja do terceiro milênio se propõe dar aos cristãos a capacidade de “conhecerem - com palavras de São Paulo - o mistério de Deus, isto é Cristo, no qual estão escondidos todos os tesouros da sabedoria e da ciência” (Col 2,2-3). Maria Santíssima, a Virgem pura e sem mancha, é para nós escola de fé destinada a conduzir-nos e a fortalecer-nos no caminho que leva ao encontro com o Criador do céu e da terra. O Papa veio à Aparecida com viva alegria para vos dizer primeiramente: “Permaneça na escola de Maria”. Inspirai-vos nos seus ensinamentos, procurai acolher e guardar dentro do coração as luzes que ela, por mandato divino, vos envia lá do alto.

Como é bom estarmos aqui reunidos em nome de Cristo, na fé, na fraternidade, na alegria, na paz, “na oração com Maria, a Mãe de Jesus” (At 1,14). Como é bom, queridos Presbíteros, Diáconos, Consagrados e Consagradas, Seminaristas e Famílias Cristãs, estarmos aqui no Santuário Nacional de Nossa Senhora da Conceição Aparecida, que é Morada de Deus, Casa de Maria e Casa de Irmãos e que nesses dias se transforma também em Sede da V Conferência Episcopal Latino-Americana e Caribenha. Como é bom estarmos aqui nesta Basílica Mariana para onde, neste tempo, convergem os olhares e as esperanças do mundo cristão, de modo especial da América Latina e do Caribe!

2. Sinto-me muito feliz em estar aqui convosco, em vosso meio! O Papa vos ama! O Papa vos saúda afetuosamente! Reza por vós! E suplica ao Senhor as mais preciosas bênçãos para os Movimentos, Associações e as novas realidades eclesiais, expressão viva da perene juventude da Igreja! Que sejais muito abençoados! Aqui vai minha saudação muito afetuosamente a vós Famílias aqui congregadas e que representais todas as caríssimas Famílias Cristãs presentes no mundo inteiro. Alegro-me de modo especialíssimo convosco e vos envio o meu abraço de paz.

Agradeço a acolhida e a hospitalidade do povo brasileiro. Desde que aqui cheguei fui recebido com muito carinho! As várias manifestações de apreço e saudações demonstram o quanto vós quereis bem, estimais e respeitais o Sucessor do Apóstolo Pedro. Meu predecessor, o Servo de Deus Papa João Paulo II referiu-se várias vezes à vossa simpatia e espírito de acolhida fraterna. Ele tinha toda razão!

3. Saúdo aos estimados padres, aqui presentes, penso e oro por todos os sacerdotes espalhados pelo mundo inteiro, de modo particular pelos da América Latina e do Caribe, neles incluindo os que são *fidei donum*. Quantos desafios, quantas situações difíceis enfrentais, quanta generosidade, quanta doação, sacrifícios e renúncias! A fidelidade no exercício do ministério e na vida de oração, a busca da santidade, a entrega total a Deus a serviço dos irmãos e irmãs, gastando vossas vidas e energias, promovendo a justiça, a fraternidade, a solidariedade, a partilha, - tudo isso fala fortemente ao meu coração de Pastor. O testemunho de um sacerdócio bem vivido dignifica a Igreja, suscita admiração nos fiéis, é fonte de bênçãos para a Comunidade, é a melhor promoção vocacional, é o mais autêntico convite para que outros jovens também respondam positivamente aos apelos do Senhor. É a verdadeira colaboração para a construção do Reino de Deus!

Agradeço-vos sinceramente e vos exorto a que continueis a viver de modo digno a vocação que recebestes. Que o ardor missionário, que a vibração por uma evangelização sempre mais atualizada, que o espírito apostólico autêntico e o zelo pelas almas estejam presentes em vossas vidas! O meu afeto, orações e agradecimentos vai também aos sacerdotes idosos e enfermos. A vossa conformação ao Cristo Sofredor e Ressuscitado é o mais fecundo apostolado! Muito obrigado!

4. Queridos Diáconos e Seminaristas, a vós também que ocupais um lugar especial no coração do Papa, uma saudação muito fraterna e cordial. A jovialidade, o entusiasmo, o idealismo, o ânimo em enfrentar com audácia os novos desafios, re-

novam a disponibilidade do Povo de Deus, tornam os fiéis mais dinâmicos e fazem a Comunidade Cristã crescer, progredir, ser mais confiante, feliz e otimista. Agradeço o testemunho que ofereceis, colaborando com os vossos Bispos nos trabalhos pastorais das dioceses. Tenhais sempre diante dos olhos a figura de Jesus, o Bom Pastor, que “veio não para ser servido, mas para servir e dar sua vida para resgatar a multidão” (Mt 20,28). Sede como os primeiros diáconos da Igreja: homens de boa reputação, cheios do Espírito Santo, de sabedoria e de fé (cf. At 6, 3-5). E vós, Seminaristas, dai graças a Deus pela chamada que ele vos faz. Lembrai-vos que o Seminário é o “berço da vossa vocação e palco da primeira experiência de comunhão” (*Diretório para o Ministério e Vida dos Presbíteros*, 32). Rezo para que sejais, se Deus quiser, sacerdotes santos, fiéis e felizes em servir a Igreja!

5. Detenho meu olhar e atenção agora sobre vós, estimados Consagrados e Consagradas, aqui reunidos no Santuário da Mãe, Rainha e Padroeira do Povo Brasileiro, e também espalhados por todas as partes do mundo.

Vós, religiosos e religiosas, sois uma dádiva, um presente, um dom divino que a Igreja recebeu do seu Senhor. Agradeço a Deus a vossa vida e o testemunho que dais ao mundo de um amor fiel a Deus e aos irmãos. Esse amor sem reservas, total, definitivo, incondicional e apaixonado se expressa no silêncio, na contemplação, na oração e nas atividades mais diversas que realizais, em vossas famílias religiosas, em favor da humanidade e principalmente dos mais pobres e abandonados. Isso tudo suscita no coração dos jovens o desejo de seguir mais de perto e radicalmente o Cristo Senhor e oferecer a vida para testemunhar aos homens e mulheres do nosso tempo que Deus é Amor e que vale a pena deixar-se cativar e fascinar para dedicar-se exclusivamente a Ele (cf. Exort. ap. *Vita Consecrata*, 15).

A vida religiosa no Brasil sempre foi marcante e teve um papel de destaque na obra da evangelização, desde os primórdios da colonização. Ontem ainda, tive a grande satisfação de presidir

a Celebração Eucarística na qual foi canonizado Santo Antônio de Sant'Anna Galvão, presbítero e religioso franciscano, primeiro santo nascido no Brasil. Ao seu lado, um outro testemunho admirável de consagrada é Santa Paulina, fundadora das Irmãs da Imaculada Conceição. Teria muitos outros exemplos para citar. Que todos eles vos sirvam de estímulo para viverdes uma consagração total. Deus vos abençoe!

6. Hoje, na véspera da abertura da V Conferência Geral dos Bispos da América Latina e do Caribe, que terei o prazer de presidir, sinto o desejo de dizer-vos a todos vós como é importante o sentido de nossa pertença à Igreja, que faz crescer os cristãos e amadurecerem como irmãos, filhos de um mesmo Deus e Pai. Queridos homens e mulheres da América Latina, sei que tendes uma grande sede de Deus. Sei que seguís aquele Jesus, que disse: "Ninguém vai ao Pai senão por mim" (Jo 14,6). Por isso o Papa quer dizer a todos vós: *A Igreja é nossa casa! Esta é nossa casa!* Na Igreja Católica temos tudo o que é bom, tudo o que é motivo de segurança e de consolo! Quem aceita a Cristo: "Caminho, Verdade e Vida", em sua totalidade, tem garantia de paz e a felicidade, nesta e na outra vida! Por isso, o Papa veio aqui para rezar e confessar com todos vós: *vale a pena ser fiéis, vale a pena perseverar na própria fé!* Mas a coerência na fé necessita também de uma sólida formação doutrinal e espiritual, contribuindo assim para a construção de uma sociedade mais justa, mais humana e cristã. O Catecismo da Igreja Católica, inclusive em sua versão mais reduzida, publicada com o título de *Compêndio*, ajudará a ter noções claras sobre nossa fé. Vamos pedir, desde agora, que a vinda do Espírito Santo seja para todos como um novo Pentecostes, a fim de iluminar com a luz do alto nossos corações e nossa fé.¹

1 Hoy, en vísperas de la apertura de la V Conferencia General de los Obispos de América Latina y del Caribe, que tendré el gusto de presidir, siento el deseo de deciros a todos vosotros cuán importante es el sentido de nuestra pertenencia a la Iglesia, que hace a los cristianos crecer y madurar como hermanos, hijos de un mismo Dios y Padre. Queridos hombres y mujeres de América Latina, sé que tenéis una gran sed de Dios. Sé que seguís a Aquel Jesús, que dijo "Nadie va al Padre sino por mí" (Jn 14,6). Por eso el Papa quiere deciros a todos: ¡*La Iglesia es nuestra Casa! ¡Esta es nuestra Casa!* ¡En la Iglesia Católica tenemos todo lo que es

7. É com grande esperança que me dirijo a todos vós, que se encontram dentro desta majestosa Basílica, ou que participaram do lado de fora, do Santo Rosário, para convidá-los a se tornarem profundamente missionários e para levar a Boa Nova do Evangelho por todos os pontos cardeais da América Latina e do mundo.

Vamos pedir à Mãe de Deus, Nossa Senhora da Conceição Aparecida, que zele pela vida de todos os cristãos. Ela, que é a Estrela da Evangelização, guie nossos passos no caminho do Reino celestial:

“Mãe nossa, protegi a família brasileira e latino-americana!

Amparai, sob o vosso manto protetor, os filhos dessa Pátria querida que nos acolhe,

Vós, que sois a Advogada junto ao vosso Filho Jesus, dai ao povo brasileiro paz constante e prosperidade completa,

Concedei aos nossos irmãos de toda a geografia latino-americana um verdadeiro ardor missionário irradiador de fé e de esperança,

Fazei que o vosso clamor de Fátima pela conversão dos pecadores, seja realidade, e transforme a vida da nossa sociedade,

E vós que, do Santuário de Guadalupe, intercedeis pelo povo do Continente da esperança, abençoai as suas terras e os seus lares,

Amém”

bueno, todo lo que es motivo de seguridad y de consuelo! ¡Quien acepta a Cristo: “Camino, Verdad y Vida”, en su totalidad, tiene garantizada la paz y la felicidad, en esta y en la otra vida! Por eso, el Papa vino aquí para rezar y confesar con todos vosotros: ¡vale la pena ser fieles, vale la pena perseverar en la propia fe! Pero la coherencia en la fe necesita también una sólida formación doctrinal y espiritual, contribuyendo así a la construcción de una sociedad más justa, más humana y cristiana. El Catecismo de la Iglesia Católica, incluso en su versión más reducida, publicada con el título de Compendio, ayudará a tener nociones claras sobre nuestra fe. Vamos a pedir, ya desde ahora, que la venida del Espíritu Santo sea para todos como un nuevo Pentecostés, a fin de iluminar con la luz de lo Alto nuestros corazones y nuestra fe.

ORAÇÃO DO REGINA COELI - SAUDAÇÃO (13 DE MAIO DE 2007)

Caríssimos Irmãos e Irmãs:

Saúdo com muito afeto a todos vós que viestes dos quatro cantos do Brasil, da América Latina e do Caribe, bem como aos que me escutam pela Rádio ou pela Televisão. Durante a celebração da Santa Missa, invoquei o Espírito Santo pedindo pelos frutos da V Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano e do Caribe que, dentro de pouco, terei a ocasião de inaugurar. Peço a todos que rezem pelos frutos desta grande assembléia, que abre de esperança o futuro da família latino-americana. Sois os protagonistas do destino das vossas Nações. Que Deus vos abençoe e vos acompanhe!

Saúdo com afeto os Grupos e Comunidades de língua espanhola aqui presentes, bem como a todos os que desde a Espanha e a América Latina se unem espiritualmente a esta celebração. Que a Virgem Maria vos ajude a manter viva a chama da fé, o amor e a concórdia, para que mediante o testemunho de vossa vida e a fidelidade à vossa vocação de batizados sejais luz e esperança da humanidade. Peçamos também para que a celebração desta V Conferência Geral do Episcopado Latino-americano e do Caribe produza abundantes frutos de autêntica renovação espiritual e de incansável evangelização. Que Deus vos abençoe!¹

¹ Saludo con afecto a los Grupos y Comunidades de lengua española aquí presentes, así como a todos los que desde España y Latinoamérica se unen espiritualmente a esta celebra-

Eu calorosamente cumprimento todos os grupos de língua inglesa hoje. As famílias permanecem no coração da missão de evangelização da Igreja, porque é no lar que nossa vida de fé é expressa e se nutre primeiramente. Pais, vocês são as testemunhas primeiras para seus filhos das verdades e valores de nossa fé: rezem com e pelos seus filhos, ensine-os pelo seu exemplo de fidelidade e alegria. De fato, todo discípulo, estimulado pela palavra e fortalecido pelos sacramentos, é chamado à missão. É um dever que ninguém deva retrair-se, porque nada é mais bonito do que conhecer Cristo e fazê-lo conhecido por outros. Possa Nossa Senhora de Guadalupe ser seu modelo e guiá-los. Deus abençoe vocês todos!²

Caras famílias e grupos de língua francesa, eu vos saúdo com todo o coração, a vós que viveis sobre o continente sul-americano, sobretudo no Haiti, na Guiana francesa e nas Antilhas. Possais vós edificar, com todos, uma sociedade sempre mais solidária e fraternal, com o objetivo de fazer com que os jovens descubram a grandeza dos valores familiares.³

Ocorre hoje o nonagésimo aniversário das Aparições de Nossa Senhora em Fátima. Com o seu veemente apelo à conversão e à penitência é, sem dúvida, a mais profética das aparições modernas. Vamos pedir à Mãe da Igreja, ela que conhece os so-

ción. Que la Virgen María os ayude a mantener viva la llama de la fe, el amor y la concordia, para que mediante el testimonio de vuestra vida y la fidelidad a vuestra vocación de bautizados seáis luz y esperanza de la humanidad. Pidamos también para que la celebración de esta Quinta Conferencia General del Episcopado Latinoamericano y del Caribe produzca abundantes frutos de auténtica renovación espiritual y de incansable evangelización. ¡Que Dios os bendiga!

2 I warmly greet all the English-speaking groups present today. Families stand at the heart of the Church's mission of evangelization, for it is in the home that our life of faith is first expressed and nurtured. Parents, you are the primary witnesses to your children of the truths and values of our faith: pray with and for your children; teach them by your example of fidelity and joy! Indeed, every disciple, spurred on by word and strengthened by sacrament, is called to mission. It is a duty from which no-one should shy away, for nothing is more beautiful than to know Christ and to make him known to others! May Our Lady of Guadalupe be your model and guide. God Bless you all!

3 Chères familles et groupes de langue française, je vous salue de tout cœur, vous qui vivez sur le Continent sud-américain, notamment en Haïti, en Guyane française et dans les Antilles. Puissez-vous édifier, avec tous, une société toujours plus solidaire et plus fraternelle, avec le souci de faire découvrir aux jeunes la grandeur des valeurs familiales.

frimentos e as esperanças da humanidade, que proteja nossos lares e nossas comunidades.

De modo especial lhe confiamos aqueles povos e nações que têm particular necessidade, e o fazemos na certeza de que não desprezará as súplicas que com filial devoção lhe dirigimos. Penso especialmente naqueles irmãos e irmãs que padecem a fome e, por isso, desejo recordar a “*A Marcha contra a fome*” promovida pelo Programa Alimentar Mundial, organismo das Nações Unidas encarregado da ajuda alimentar. Esta iniciativa acontece hoje em numerosas cidades do mundo, entre as quais aqui no Brasil, em Ribeirão Preto.

Nossas preces vão dirigidas também à comunidade afro-brasileira que comemora neste domingo a abolição da escravatura no Brasil. Possa essa recordação estimular a consciência evangelizadora desta realidade sócio-cultural de grande importância na Terra da Santa Cruz.

Dirijo igualmente minha cordial saudação, juntamente com os meus sinceros agradecimentos, a todos os Grupos e Associações que aqui se encontram. Que Deus vos recompense e mantenha firmes na fé.

Aclamemos com alegria o início da nossa salvação.

**SESSÃO INAUGURAL DOS TRABALHOS DA V CONFERÊNCIA GERAL
DO EPISCOPADO DA AMÉRICA LATINA E DO CARIBE,
NA SALA DE CONFERÊNCIA DO SANTUÁRIO DE APARECIDA
– DISCURSO (13 DE MAIO DE 2007)**

Queridos Irmãos no Episcopado, amados sacerdotes, religiosos, religiosas e leigos. Queridos observadores de outras confissões religiosas:

É motivo de grande alegria estar hoje aqui convosco para inaugurar a V Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano e do Caribe, que se celebra junto ao Santuário de Nossa Senhora Aparecida, Padroeira do Brasil. Quero que minhas primeiras palavras sejam de ação de graças e de louvor a Deus pelo grande dom da fé cristã aos povos deste Continente.

1. A fé cristã na América Latina

A fé em Deus animou a vida e a cultura destes povos durante mais de cinco séculos. Do encontro dessa fé com as etnias originárias nasceu a rica cultura cristã deste continente expressada na arte, na música, na literatura e, sobretudo, nas tradições religiosas e na idiossincrasia de seus povos, unidas a uma mesma história e um mesmo credo, e formando uma grande sintonia na diversidade de culturas e de línguas. Na atualidade, essa mesma fé deve enfrentar sérios desafios, pois estão em jogo o desenvolvimento harmônico da sociedade e a identidade católica de seus

povos. A respeito disso, a V Conferência Geral vai refletir sobre esta situação para ajudar os fiéis cristãos a viverem sua fé com alegria e coerência, a tomar consciência de ser discípulos e missionários de Cristo, enviados por ele ao mundo para anunciar e dar testemunho de nossa fé e amor.

Mas, que significou a aceitação da fé cristã para os povos da América Latina e do Caribe? Para eles, significou conhecer e acolher Cristo, o Deus desconhecido que seus antepassados, sem saber, buscavam em suas ricas tradições religiosas. Cristo era o Salvador que ansiavam silenciosamente. Significou também ter recebido, com as águas do batismo, a vida divina que os tornou filhos de Deus por adoção; ter recebido também o Espírito Santo que veio para fecundar suas culturas, purificando-as e desenvolvendo os numerosos germens e sementes que o Verbo encarnado havia posto nelas, orientado-as assim pelos caminhos do Evangelho. Com efeito, o anúncio de Jesus e de seu Evangelho não supôs, em nenhum momento, uma alienação das culturas pré-colombianas, nem foi uma imposição de uma cultura estranha. As autênticas culturas não estão fechadas em si mesmas nem petrificadas em um determinado ponto da história, mas estão abertas, mais ainda, buscam o encontro com outras culturas, esperam alcançar a universalidade no encontro e no diálogo com outras formas de vida e com os elementos que possam levar a uma nova síntese na qual se respeite sempre a diversidade das expressões e de sua realização cultural concreta.

Em última instância, só a verdade unifica e sua prova é o amor. Por isso Cristo, sendo realmente o Logos encarnado, “o amor até o extremo”, não é alheio a cultura alguma nem a nenhuma pessoa; pelo contrário, a resposta ansiada no coração das culturas é o que lhes dá sua identidade última, unindo a humanidade e respeitando por sua vez a riqueza das diversidades, abrindo todos ao crescimento na verdadeira humanização, no autêntico progresso. O Verbo de Deus, fa-

zendo-se carne em Jesus Cristo, tornou-se também história e cultura.

A utopia de voltar a dar vida às religiões pré-colombianas, separando-as de Cristo e da Igreja universal, não seria um progresso, mas um retrocesso. Na realidade, seria uma involução para um momento histórico ancorado no passado.

A sabedoria dos povos originários os levou felizmente a formar uma síntese entre suas culturas e a fé cristã que os missionários lhes ofereciam. Daí nasceu a rica e profunda religiosidade popular, na qual aparece a alma dos povos latino-americanos:

- O amor a Cristo sofredor, o Deus da compaixão, do perdão e da reconciliação; o Deus que nos amou até entregar-se por nós;
- O amor ao Senhor presente na Eucaristia, o Deus encarnado, morto e ressuscitado para ser Pão da Vida;
- O Deus próximo dos pobres e dos que sofrem;
- A profunda devoção a Nossa Senhora de Guadalupe, de Aparecida ou das diversas invocações nacionais e locais. Quando a Virgem de Guadalupe apareceu ao índio São Juan Diego, disse-lhe estas significativas palavras: “Não estou eu aqui que sou tua mãe? Não estás sob minha proteção? Não sou eu a fonte de tua alegria? Não estás sob meu manto, no cruzar de meus braços?” (*Nican Mopohua*, nn. 118-119).

Esta religiosidade se expressa também na devoção aos santos com suas festas patronais, no amor ao papa e aos demais pastores, no amor à Igreja universal como grande família de Deus que nunca pode nem deve deixar a sós ou na miséria seus próprios filhos. Tudo isso forma o grande mosaico da religiosidade popular que é o precioso tesouro da Igreja Católica na América Latina, e que ela deve proteger, promover e, no que for necessário, também purificar.

2. Continuidade com as outras Conferências

Esta V Conferência Geral se celebra em continuidade com as outras quatro que a precederam no Rio de Janeiro, Medellín, Puebla e Santo Domingo. Com o mesmo espírito que as animou, os pastores querem dar agora um novo impulso à evangelização, a fim de que estes povos continuem crescendo e amadurecendo em sua fé, para ser luz do mundo e testemunhas de Jesus Cristo com a própria vida.

Depois da IV Conferência Geral, em Santo Domingo, muitas coisas mudaram na sociedade. A Igreja, que participa dos gozos e esperanças, das penas e alegrias de seus filhos, quer caminhar a seu lado neste período de tantos desafios, para infundir-lhes sempre esperança e consolo (cf. *Gaudium et spes*, 1).

No mundo de hoje se dá o fenômeno da globalização como um conjunto de relações no âmbito mundial. Ainda que em certos aspectos é uma conquista da grande família humana e um sinal de sua profunda aspiração à unidade, contudo comporta também a marca dos grandes monopólios e de converter o lucro em valor supremo. Como em todos os campos da atividade humana, a globalização deve reger-se também pela ética, pondo tudo ao serviço da pessoa humana, criada à imagem e semelhança de Deus.

Na América Latina e no Caribe, assim como em outras religiões, evoluiu-se para a democracia, ainda que haja motivos de preocupação ante formas de governo autoritárias ou sujeitas a certas ideologias que eram consideradas superadas, e que não correspondem à visão cristã do homem e da sociedade, como nos ensina a Doutrina Social da Igreja. Por outra parte, a economia liberal de alguns países latino-americanos deve ter presente a equidade, pois continuam aumentando os setores sociais que se vêm provados cada vez mais por uma enorme pobreza ou inclusive espoliados dos próprios bens naturais.

Nas Comunidades eclesiais da América Latina é notável a maturidade na fé de muitos leigos e leigas ativos e entregues ao

Senhor, junto com a presença de muitos abnegados catequistas, de tantos jovens, de novos movimentos eclesiais e de recentes Institutos de vida consagrada. Demonstram-se fundamentais muitas obras católicas educativas, assistenciais e hospitalares. Percebe-se, contudo, um certo enfraquecimento da vida cristã no conjunto da sociedade e da própria pertença à Igreja Católica, devido ao secularismo, ao hedonismo, ao indiferentismo e ao proselitismo de numerosas seitas, de religiões animistas e de novas expressões pseudo-religiosas.

Tudo isso configura uma situação nova que será analisada aqui, em Aparecida. Ante a nova encruzilhada, os fiéis esperam desta V Conferência uma renovação e revitalização de sua fé em Cristo, nosso único Mestre e Salvador, que nos revelou a experiência única do Amor infinito de Deus Pai aos homens. Desta fonte poderão surgir novos caminhos e projetos pastorais criativos, que infundam uma firme esperança para viver de maneira responsável e gozosa a fé e irradiá-la assim no próprio ambiente.

3. Discípulos e missionários

Esta Conferência Geral tem como tema: “Discípulos e missionários de Jesus Cristo, para que nossos povos nele tenham vida - Eu sou o Caminho, a Verdade e a Vida” (Jo 14, 6).

A Igreja tem a grande tarefa de custodiar e alimentar a fé do Povo de Deus, e recordar também aos fiéis deste Continente que, em virtude de seu batismo, estão chamados a ser discípulos e missionários de Jesus Cristo. Isso leva a segui-lo, viver em intimidade com ele, imitar seu exemplo e dar testemunho. Todo batizado recebe de Cristo, como os apóstolos, o mandato da missão: “Ide por todo o mundo e proclamai a Boa Nova a toda criatura. Quem crer e for batizado, será salvo” (Mc 16, 15). Pois ser discípulos e missionários de Jesus Cristo e buscar a vida “nele” supõe estar profundamente enraizados nele.

O que nos dá Cristo realmente? Por que queremos ser discípulos de Cristo? Porque esperamos encontrar na comunhão com

ele a vida, a verdadeira vida digna deste nome, e por isso queremos dá-lo a conhecer aos demais, comunicar-lhes o dom que encontramos nele. Mas isso é assim? Estamos realmente certos de que Cristo é o caminho, a verdade e a vida?

Ante a prioridade da fé em Cristo e da vida “nele”, formulada no título desta V Conferência, poderia surgir também outra questão: Esta prioridade, não poderia ser acaso uma fuga para o intimismo, para o individualismo religioso, um abandono da realidade urgente dos grandes problemas econômicos, sociais e políticos da América Latina e do mundo, e uma fuga da realidade para um mundo espiritual?

Como primeiro passo, podemos responder a esta pergunta com outra: O que é esta “realidade”? O que é o real? São “realidade” só os bens materiais, os problemas sociais, econômicos e políticos? Aqui está precisamente o grande erro das tendências dominantes no último século, erro destrutivo, como demonstram os resultados tanto dos sistemas marxistas como inclusive dos capitalistas. Falsificam o conceito de realidade com a amputação da realidade fundante, e por isso decisiva, que é Deus. Quem exclui Deus de seu horizonte falsifica o conceito de “realidade” e, em conseqüência, só pode terminar em caminhos equivocados e com receitas destrutivas.

A primeira afirmação fundamental é, pois, a seguinte: Só quem reconhece Deus, conhece a realidade e pode responder a ela de modo adequado e realmente humano. A verdade dessa tese é evidente ante o fracasso de todos os sistemas que colocam Deus entre parêntesis.

Mas surge imediatamente outra pergunta: Quem conhece Deus? Como podemos conhecê-lo? Não podemos entrar aqui em um complexo debate sobre esta questão fundamental. Para o cristão, o núcleo da resposta é simples: Só Deus conhece Deus, só seu Filho, que é Deus de Deus, Deus verdadeiro, o conhece. Ele, “que está no seio do Pai, o revelou” (*Jô* 1,18). Daí a importân-

cia única e insubstituível de Cristo para nós, para a humanidade. Se não conhecemos Deus em Cristo e com Cristo, toda a realidade se converte em um enigma indecifrável; não há caminho e ao não haver caminho, não há vida nem verdade.

Deus é a realidade fundante, não um Deus só pensado ou hipotético, mas o Deus de rosto humano; é o Deus-conosco, o Deus do amor até à cruz. Quando o discípulo chega à compreensão deste amor de Cristo “até o extremo”, não pode deixar de responder a este amor se não é com um amor semelhante: «Eu te seguirei por onde quer que fores” (*Lc 9,57*).

Ainda podemos fazer outra pergunta: O que nos dá a fé nesse Deus? A primeira resposta é: dá-nos uma família, a família universal de Deus na Igreja Católica. A fé nos liberta do isolamento do eu, porque nos leva à comunhão: o encontro com Deus é, em si mesmo e como tal, encontro com os irmãos, um ato de convocação, de unificação, de responsabilidade para com o outro e para com os demais. Neste sentido, a opção preferencial pelos pobres está implícita na fé cristológica naquele Deus que se fez pobre por nós, para enriquecer-nos com sua pobreza (cf. *2Cor 8, 9*).

Mas antes de falar do que comporta o realismo da fé no Deus feito homem, temos de aprofundar na pergunta: como conhecer realmente Cristo para poder segui-lo e viver com ele, para encontrar a vida nele e para comunicar esta vida aos outros, à sociedade e ao mundo? Antes de tudo, Cristo se dá a conhecer a nós em sua pessoa, em sua vida e em sua doutrina por meio da Palavra de Deus. Ao iniciar a nova etapa que a Igreja missionária da América Latina e do Caribe se dispõe a empreender, a partir desta V Conferência Geral em Aparecida, é condição indispensável o conhecimento profundo da Palavra de Deus. Por isso, é preciso educar o povo na leitura e meditação da Palavra de Deus: que ela se converta em seu alimento para que, por própria experiência, vejam que as palavras de Jesus são espírito e vida (cf. *Jo 6, 63*). Do contrário, como vão anunciar uma mensagem

cujo conteúdo e espírito não conhecem a fundo? Temos que fundamentar nosso compromisso missionário e toda nossa vida na rocha da Palavra de Deus. Para isso, animo os pastores a esforçar-se em dá-la a conhecer.

Um grande meio para introduzir o Povo de Deus no mistério de Cristo é a catequese. Nela se transmite de forma simples e substancial a mensagem de Cristo. Convirá, portanto, intensificar a catequese e a formação na fé, tanto das crianças como dos jovens e adultos. A reflexão madura da fé é luz para o caminho da vida e força para ser testemunhas de Cristo. Para isso se dispõe de instrumentos muito valiosos como o Catecismo da Igreja Católica e sua versão mais breve, o *Compêndio do Catecismo da Igreja Católica*.

Neste campo, não se deve limitar só às homilias, conferências, cursos de bíblia ou teologia, mas é preciso recorrer também aos meios de comunicação: imprensa, rádio e televisão, *sites da Internet*, foros e tantos outros sistemas para comunicar eficazmente a mensagem de Cristo a um grande número de pessoas.

Neste esforço por conhecer a mensagem de Cristo e torná-la guia da própria vida, é preciso recordar que a evangelização esteve sempre unida à promoção humana e à autêntica libertação cristã. “Amor a Deus e amor ao próximo se fundem entre si: no mais humilde encontramos o próprio Jesus e em Jesus encontramos Deus” (*Deus caritas est*, 15). Por isso, será também necessária uma catequese social e uma adequada formação na doutrina social da Igreja, sendo muito útil para isso o “*Compêndio da Doutrina Social da Igreja*”. A vida cristã não se expressa somente nas virtudes pessoais, mas também nas virtudes sociais e políticas.

O discípulo, fundamentado assim na rocha da Palavra de Deus, sente-se impulsionado a levar a Boa Nova da salvação a seus irmãos: Discipulado e missão são como os dois lados de uma mesma moeda: quando o discípulo está enamorado de Cris-

to, não pode deixar de anunciar ao mundo que só ele nos salva (cf. *Atos* 4, 12). Com efeito, o discípulo sabe que sem Cristo não há luz, não há esperança, não há amor, não há futuro.

4. “Para que nele tenham vida”

Os povos latino-americanos e caribenhos têm direito a uma vida plena, própria dos filhos de Deus, com condições mais humanas: livres das ameaças da fome e de toda forma de violência. Para estes povos, seus pastores devem fomentar uma cultura da vida que permita, como dizia meu predecessor Paulo VI, “passar da miséria à posse do necessário, à aquisição da cultura... à co-operação no bem comum... até o reconhecimento, por parte do homem, dos valores supremos e de Deus, que deles é a fonte e o fim” (*Populorum progressio*, 21).

Neste contexto, é-me grato recordar a Encíclica “*Populorum progressio*”, cujo 40º aniversário recordamos neste ano. Este documento pontifício evidencia que o desenvolvimento autêntico deve ser integral, ou seja, orientado à promoção de todo o homem e de todos os homens (cf. n. 14), e convida todos a suprimirem as graves desigualdades sociais e as enormes diferenças no acesso aos bens. Estes povos anseiam, sobretudo, à plenitude de vida que Cristo nos trouxe: “Eu vim para que tenham vida e a tenham em abundância” (*Jo* 10, 10). Com esta vida se desenvolve também em plenitude a existência humana, em sua dimensão pessoal, familiar, social e cultural.

Para formar o discípulo e sustentar o missionário em sua grande tarefa, a Igreja lhes oferece, além do Pão da Palavra, o Pão da Eucaristia. A respeito disso, inspira-nos e ilumina a página do evangelho sobre os discípulos de Emaús. Quando estes se sentam à mesa e recebem de Jesus Cristo o pão abençoado e partido, seus olhos se abrem, descobrem o rosto do Ressuscitado, sentem em seu coração que é verdade tudo o que ele disse e fez, e que já começou a redenção do mundo. Cada domingo e cada Eucaristia é um encontro pessoal com Cristo. Ao escutar a Palavra divina, o

coração arde porque é ele quem a explica e proclama. Quando na Eucaristia se parte o pão, é a ele a quem se recebe pessoalmente. A Eucaristia é o alimento indispensável para a vida do discípulo e missionário de Cristo.

A Missa Dominical, centro da vida cristã

Daí a necessidade de dar prioridade, nos programas pastorais, à valorização da Missa dominical. Temos de motivar os cristãos para que participem dela ativamente e, se é possível, melhor ainda com a família. A assistência dos pais com seus filhos à celebração eucarística dominical é uma pedagogia eficaz para comunicar a fé e um estreito vínculo que mantém a unidade entre eles. O domingo significou, ao longo da vida da Igreja, o momento privilegiado do encontro das comunidades com o Senhor ressuscitado.

É necessário que os cristãos experimentem que não seguem um personagem da história passada, senão o Cristo vivo, presente no hoje e no agora de suas vidas. Ele é o Vivente que caminha ao nosso lado, descobrindo-nos o sentido dos acontecimentos, da dor e da morte, da alegria e da festa, entrando em nossas casas e permanecendo nelas, alimentando-nos com o Pão que dá a vida. A Eucaristia deve ser o centro da vida cristã.

O encontro com Cristo na Eucaristia suscita o compromisso da evangelização e o impulso à solidariedade; desperta no cristão o forte desejo de anunciar o Evangelho e testemunhá-lo na sociedade para que ela seja mais justa e humana. Da Eucaristia brotou ao longo dos séculos um imenso caudal de caridade, de participação nas dificuldades dos outros, de amor e de justiça. Só da Eucaristia brotará a civilização do amor, que transformará a América Latina e o Caribe para que, além de ser o continente da Esperança, seja também o continente do Amor!

Os problemas sociais e políticos

Chegados a este ponto podemos nos perguntar como pode a Igreja contribuir para a solução dos urgentes problemas sociais

e políticos, e responder ao grande desafio da pobreza e da miséria? Os problemas da América latina e do Caribe, assim como do mundo de hoje, são múltiplos e complexos, e não podem ser enfrentados com programas gerais. Contudo, a questão fundamental sobre o modo como a Igreja, iluminada pela fé em Cristo, deva reagir diante desses desafios, concerne a todos. Neste contexto é inevitável falar do problema das estruturas, sobretudo das que criam injustiça. Na verdade, as estruturas justas são uma condição sem a qual não é possível uma ordem justa na sociedade. Mas, como nascem? Como funcionam?

Tanto o capitalismo como o marxismo prometeram encontrar o caminho para a criação de estruturas justas e afirmaram que estas, uma vez estabelecidas, funcionariam por si mesmas; afirmaram que não só não haviam tido a necessidade de uma precedente moralidade individual, mas elas fomentariam a moralidade comum. E esta promessa ideológica se demonstrou que é falsa. Os fatos o colocam manifesto. O sistema marxista, onde governou, não só deixou uma triste herança de destruições econômicas e ecológicas, mas também uma dolorosa destruição do espírito. E o mesmo vemos também no ocidente, onde cresce constantemente a distância entre pobres e ricos e se produz uma inquietante degradação da dignidade pessoal com a droga, o álcool e as sutis miragens de felicidade.

As estruturas justas são, como disse, uma condição indispensável para uma sociedade justa, mas não nascem nem funcionam sem um consenso moral da sociedade sobre os valores fundamentais e sobre a necessidade de viver estes valores com as necessárias renúncias, inclusive o interesse pessoal.

Onde Deus está ausente – o Deus do rosto humano de Jesus Cristo – estes valores não se mostram com toda sua força, nem se produz um consenso sobre eles. Não quero dizer que os não crentes não possam viver uma moralidade elevada e exemplar; digo somente que uma sociedade na qual Deus está ausente não encontra o consenso necessário sobre os valores morais e a

força para viver segundo a pauta destes valores, mesmo contra os próprios interesses.

Por outro lado, as estruturas justas hão de ser buscadas e elaboradas à luz dos valores fundamentais, com todo o empenho da razão política, econômica e social. São uma questão da *reta ratio* e não provém de ideologias nem de promessas. Certamente existe um tesouro de experiências políticas e de conhecimentos sobre os problemas sociais e econômicos, que evidenciam elementos fundamentais de um estado justo e os caminhos que se tem de evitar. Mas em situações culturais e políticas diversas, e em transformação progressiva das tecnologias e da realidade histórica mundial, há que se buscar, de maneira racional, as respostas adequadas e deve-se criar – com os compromissos indispensáveis – o consenso sobre as estruturas que hão de se estabelecer.

Este trabalho político não é competência imediata da Igreja. O respeito de uma sã laicidade – até mesmo com a pluralidade das posições políticas – é essencial na tradição cristã autêntica. Se a Igreja começasse a se transformar diretamente em sujeito político, não faria mais pelos pobres e pela justiça, mas faria menos, porque perderia sua independência e sua autoridade moral, identificando-se com uma única via política e com posições parciais opináveis. A Igreja é advogada da justiça e dos pobres, precisamente ao não identificar-se com os políticos nem com os interesses de partido. Só sendo independente pode ensinar os grandes critérios e os valores irrevogáveis, orientar as consciências e oferecer uma opção de vida que vai além do âmbito político. Formar as consciências, ser advogada da justiça e da verdade, educar nas virtudes individuais e políticas, é a vocação fundamental da Igreja neste setor. E os leigos católicos devem ser conscientes de sua responsabilidade na vida pública; devem estar presentes na formação dos consensos necessários e na oposição contra as injustiças.

As estruturas justas jamais serão completas de modo definitivo; pela constante evolução da história, hão de ser sempre

renovadas e atualizadas; não de estar animadas sempre por um “ethos” político e humano, por cuja presença e eficiência se há de trabalhar sempre. Com outras palavras, a presença de Deus, a amizade com o Filho de Deus encarnado, a luz de sua Palavra, são sempre condições fundamentais para a presença e eficiência da justiça e do amor em nossas sociedades.

Por tratar-se de um Continente de batizados, convém preencher a notável ausência, no âmbito político, comunicativo e universitário, de vozes e iniciativas de líderes católicos de forte personalidade e de vocação abnegada, que sejam coerentes com suas convicções éticas e religiosas. Os movimentos eclesiais têm aqui um amplo campo para recordar aos leigos sua responsabilidade e sua missão de levar a luz do Evangelho à vida pública, cultural, econômica e política.

5. Outros campos prioritários

Para levar a cabo a renovação da Igreja a vós confiada nestas terras, eu gostaria de fixar a atenção convosco sobre alguns campos que considero prioritários nesta nova etapa.

A família

A família, “patrimônio da humanidade”, constitui um dos tesouros mais importantes dos povos latino-americanos. Ela foi e é escola da fé, palestra de valores humanos e cívicos, lar em que a vida humana nasce e é acolhida generosa e responsabilmente. No entanto, na atualidade sofre situações provocadas pelo secularismo e pelo relativismo ético, pelos diversos fluxos migratórios internos e externos, pela pobreza, pela instabilidade social e por legislações civis contrárias ao matrimônio que, ao favorecer os anticoncepcionais e o aborto, ameaçam o futuro dos povos.

Em algumas famílias da América Latina, persiste ainda, infelizmente, uma mentalidade machista, ignorando a novidade do cristianismo que reconhece e proclama a igual dignidade e responsabilidade da mulher com relação ao homem.

A família é insubstituível para a serenidade pessoal e para a educação dos filhos. As mães que querem dedicar-se plenamente à educação de seus filhos e ao serviço da família devem ter as condições necessárias para poder fazê-lo, e para isso têm direito de contar com o apoio do Estado. De fato, o papel da mãe é fundamental para o futuro da sociedade.

O pai, por sua parte, tem o dever de ser verdadeiramente pai, que exerce sua indispensável responsabilidade e colaboração na educação de seus filhos. Os filhos, para seu crescimento integral, têm o direito de poder contar com o pai e com a mãe, para que cuidem deles e os acompanhem rumo à plenitude de sua vida. É necessária, pois, uma pastoral familiar intensa e vigorosa. É indispensável também promover políticas familiares autênticas que respondam aos direitos da família como sujeito social imprescindível. A família faz parte do bem dos povos e da humanidade inteira.

Os sacerdotes

Os primeiros promotores do discipulado e da missão são aqueles que foram chamados “para estar com Jesus e ser enviados a pregar” (cf. *Mc* 3,14), ou seja, os sacerdotes. Eles devem receber de modo preferencial a atenção e o cuidado paterno dos seus Bispos, pois são os primeiros agentes de uma autêntica renovação da vida cristã no povo de Deus. A eles quero dirigir uma palavra de afeto paterno desejando “que o Senhor seja parte da sua herança e do seu cálice” (cf. *Sl* 16,5). Se o sacerdote fizer de Deus o fundamento e o centro de sua vida, então experimentará a alegria e a fecundidade da sua vocação. O sacerdote deve ser antes de tudo um “homem de Deus” (*1Tim* 6,11); um homem que conhece a Deus “em primeira mão”, que cultiva uma profunda amizade pessoal com Jesus, que compartilha os “sentimentos de Jesus” (cf. *Fil* 2,5). Somente assim o sacerdote será capaz de levar Deus – o Deus encarnado em Jesus Cristo – aos homens, e de ser representante do seu amor. Para cumprir a sua altíssima missão deve possuir uma sólida estrutura espiritual e viver toda

a existência animado pela fé, a esperança e a caridade. Tem de ser, como Jesus, um homem que procure, através da oração, o rosto e a vontade de Deus, cultivando igualmente sua preparação cultural e intelectual.

Queridos sacerdotes deste Continente e quantos que, como missionários, nele viestes a trabalhar: o Papa acompanha vossa atividade pastoral e deseja que estejais repletos de consolações e de esperança, e reza por vós.

Religiosos, religiosas e consagrados

Quero dirigir-me também aos religiosos, às religiosas e aos leigos e leigas consagrados. A sociedade latino-americana e caribenha tem necessidade do vosso testemunho: em um mundo que tantas vezes busca, sobretudo, o bem-estar, a riqueza e o prazer como finalidade da vida, e que exalta a liberdade prescindindo da verdade do homem criado por Deus, vós sois testemunhas de que existe outra forma de viver com sentido; lembrai aos vossos irmãos e irmãs que o Reino de Deus chegou; que a justiça e a verdade são possíveis se nos abrimos à presença amorosa de Deus nosso Pai, de Cristo nosso irmão e Senhor, do Espírito Santo nosso Consolador. Com generosidade e até ao heroísmo, continuai trabalhando para que na sociedade reine o amor, a justiça, a bondade, o serviço, a solidariedade conforme o carisma dos vossos fundadores. Abraçai com profunda alegria vossa consagração, que é instrumento de santificação para vós e de redenção para vossos irmãos.

A Igreja da América Latina vos agradece pelo grande trabalho que vindes realizando ao longo dos séculos pelo Evangelho de Cristo a favor de vossos irmãos, principalmente pelos mais pobres e marginalizados. Convido a todos para que colaborem sempre com os bispos, trabalhando unidos a eles que são os responsáveis pela pastoral. Exorto-vos também a uma obediência sincera à autoridade da Igreja. Não tenham outro ideal que não seja a santidade conforme os ensinamentos de vossos fundadores.

Os leigos

Nesta hora em que a Igreja deste Continente se entrega plenamente à sua vocação missionária, lembro aos leigos que são também Igreja, assembléia convocada por Cristo para levar seu testemunho ao mundo inteiro. Todos os homens e mulheres batizados devem tomar consciência de que foram configurados com Cristo Sacerdote, Profeta e Pastor, através do sacerdócio comum do Povo de Deus. Devem sentir-se co-responsáveis na construção da sociedade segundo os critérios do Evangelho, com entusiasmo e audácia, em comunhão com os seus Pastores.

São muitos os fiéis que pertencem a movimentos eclesiais, nos quais podemos ver os sinais da multiforme presença e ação santificadora do Espírito Santo na Igreja e na sociedade atual. Eles são chamados para levar ao mundo o testemunho de Jesus Cristo e ser fermento do amor de Deus na sociedade.

Os jovens e a pastoral vocacional

Na América Latina a maioria da população está formada por jovens. A este respeito, devemos recordar-lhes que sua vocação é ser amigos de Cristo, discípulos, sentinelas do amanhã, como costumava dizer o meu predecessor João Paulo II. Os jovens não temem o sacrifício, mas, sim, uma vida sem sentido. São sensíveis à chamada de Cristo que os convida a segui-lo. Podem responder a essa chamada como sacerdotes, como consagrados e consagradas, ou ainda como pais e mães de família, dedicados totalmente a servir aos seus irmãos com todo o seu tempo, sua capacidade de entrega e com a vida inteira. Os jovens encaram a existência como uma constante descoberta, não se limitando às modas e tendências comuns, indo mais além com uma curiosidade radical acerca do sentido da vida, e de Deus Pai-Criador e Deus-Filho Redentor no seio da família humana. Eles devem se comprometer por uma constante renovação do mundo à luz de Deus. Mais ainda: cabe-lhes a tarefa de opor-se às fáceis ilusões da felicidade imediata e dos paraísos enganosos da droga, do prazer, do álcool, junto com todas as formas de violência.

6. "Fica conosco"

Os trabalhos desta V Conferência nos levam a fazer nossa a súplica dos discípulos de Emaús: "Fica conosco, pois já é tarde e a noite vem chegando" (Lc 24, 29).

Ficai conosco, Senhor, acompanhai-nos, ainda que nem sempre tenhamos sabido reconhecer-vos. Ficai conosco, porque as sombras vão se tornando densas ao nosso redor, e vós sois a Luz; em nossos corações se insinua a desesperança, e vós nos fazeis arder com a certeza da Páscoa. Estamos cansados do caminho, mas vós nos confortais na fração do pão para anunciar aos nossos irmãos que na verdade vós ressuscitastes e nos destes a missão de ser testemunhas da vossa ressurreição.

Ficai conosco, Senhor, quando ao redor da nossa fé católica surgem as névoas da dúvida, do cansaço ou da dificuldade; vós, que sois a própria Verdade como revelador do Pai, iluminai nossas mentes com a vossa Palavra; ajudai-nos a sentir a beleza de crer em vós.

Ficai em nossas famílias, iluminai-as em suas dúvidas, sustentai-as em suas dificuldades, consolai-as em seus sofrimentos e na fadiga de cada dia, quando ao redor delas se acumulam sombras que ameaçam sua unidade e sua natureza. Vós que sois a Vida, permaneci em nossos lares, para que continuem sendo ninhos onde nasça a vida humana abundante e generosamente, onde se acolha, se ame, se respeite a vida desde a sua concepção até o seu término natural.

Ficai, Senhor, com aqueles que em nossas sociedades são mais vulneráveis; ficai com os pobres, com os indígenas e com os afro-americanos, que nem sempre encontraram espaços e apoio para expressar a riqueza de sua cultura e a sabedoria de sua identidade. Ficai, Senhor, com nossas crianças e com nossos jovens, que são a esperança e a riqueza de nosso Continente; protegei-os de tantas insídias que atentam contra a sua inocência e contra suas legítimas esperanças. Ó bom Pastor, ficai com nossos an-

ciãos e com nossos doentes. Fortalecei todos em sua fé, para que sejam vossos discípulos e missionários!

Conclusão

Ao concluir minha permanência entre vós, desejo invocar a proteção da Mãe de Deus e Mãe da Igreja sobre vossas pessoas e sobre toda a América Latina e o Caribe. Imploro de forma especial a Nossa Senhora – sob a invocação de Guadalupe, Padroeira da América, e de Aparecida, Padroeira do Brasil – que vos acompanhe em vossa bela e exigente tarefa pastoral. A ela confio o Povo de Deus nesta etapa do terceiro milênio cristão. A ela peço também que guie os trabalhos e reflexões desta Conferência Geral, e que abençoe com abundantes dons os queridos povos deste continente.

Antes de voltar para Roma quero deixar à V Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano e do Caribe uma lembrança que possa acompanhá-la e inspirá-la. Relaciona-se à maravilhosa e típica arte, proveniente do povo cuzquenho do Peru. Nela está representado o Senhor, pouco antes de subir ao céu, dando aos que o seguiam a missão de fazer discípulos todos os povos. As imagens evocam a estreita relação de Jesus Cristo com seus discípulos e missionários para a vida do mundo. O último quadro representa São João Diego, evangelizando com a imagem da Virgem Maria, com seu típico traje e com a Bíblia na mão. A história da Igreja nos ensina que a verdade do evangelho, quando assumida com sua beleza e com os nossos olhos e acolhida com fé pela inteligência e coração, nos ajudam a contemplar as dimensões do mistério que provocam nossa admiração e nossa adesão.

Despeço-me cordialmente de todos vós com esta firme esperança no Senhor.

Muito obrigado.

ÍNDICE ANALÍTICO

- Acompanhamento 79, 100c, 100e, 212, 282, 306, 317, 337, 394, 411, 421, 422, 437g, 437j, 437m, 446c, 489, 518k
- Acompanhar 200, 205, 261, 280a, 282, 397, 402, 413, 414, 426, 437j, 448, 457, 458c, 469g, 483, 486, 508
- Acontecimento 4, 13, 145, 156, 243, 269, 388, 389, 447, 156, 243, 269, 388, 389, 447
- Afetividade 196, 321, 441d, 518g
- Afro-descendente 56, 65, 75, 88, 89, 91, 94, 96, 97, 99b, 128, 402, 454, 529, 532, 533,
- Alegria 2, 7, 14, 16, 17, 26, 28, 29, 42, 101, 103, 114, 117, 128, 145, 167, 175a, 177, 196, 254, 261, 270, 278e, 280d, 315, 336, 356, 362, 364, 379, 382, 478, 513, 514, 517h, 534, 548, 549, 552
- América Latina 8, 11, 13, 15, 18, 20, 25, 33, 48, 56, 64, 66, 78, 82, 83, 95, 98, 100a, 105, 114, 128, 142, 148, 157, 170, 178, 213, 220, 221, 247, 258, 276, 297, 309, 315, 328, 344, 345, 361, 363, 364, 381, 406, 408, 411, 419, 423, 443, 453, 454, 461, 471, 473, 476, 490, 499, 520, 521, 524, 525, 527, 529, 537, 541, 545, 548, 550
- Amizade 15, 255, 299, 319, 355, 398, 442, 528, 535, 539
- Amor 2, 7, 61, 64, 99a, 117, 118, 127, 128, 133, 138, 139, 141, 143, 146, 158, 159, 160, 161, 175g, 177, 186, 210, 219, 259, 262, 271, 275, 278c, 278d, 278e, 291, 292, 300, 303, 318, 319, 320, 321, 350, 353, 358, 368, 382, 384, 385, 386, 388, 396, 416, 422, 433, 437e, 437j, 449, 450, 457, 459, 469f, 472, 491, 522, 537, 543, 548, 553
- Amor de Deus 6, 7, 13, 14, 17, 22, 25, 27, 29, 35, 102, 106, 107, 109, 115, 125, 134, 136, 137, 143, 147, 149, 241, 242, 253, 254, 256, 261, 263, 265, 273, 348, 356, 357, 388, 405, 419, 420, 434, 494, 532, 543, 548, 550
- Antropologia 100b, 451, 463d
- Aparecida 1, 3, 7, 247, 265, 270, 477, 526, 537, 547
- Apóstolos 31, 156, 158, 178, 186, 208, 214, 256, 267, 273, 275, 276, 308, 417, 552
- Ardor 100c, 167, 201, 275, 284, 362, 370
- Arte 7, 35, 106, 174, 210, 255, 283, 478, 480, 496, 499, 518m
- Ascese 321
- Associação 128, 169, 179, 182, 214, 281, 311, 437a, 458c, 513, 518j
- Audácia 11, 251, 273, 549, 552
- Batismo 10, 100e, 127, 149, 153, 157, 160, 175b, 184, 186, 205, 209, 211, 213, 228, 278b, 288, 349, 350, 357, 377, 382

- Batizado 7, 12, 127, 157, 162, 167, 168, 186, 214, 227, 276, 288, 293, 307, 349, 460, 549
- Bem comum 44, 69, 122, 239, 256, 391, 404, 406b, 406c, 406e, 445, 473, 475, 504, 518j
- Bem estar 29, 50, 73, 122, 404
- Bem terreno, 109
- Biodiversidade 66, 83, 84, 125, 473
- Bispo 1, 9, 99e, 165, 166, 169, 177, 179, 181, 182, 186, 187, 188, 189, 190, 195, 199, 206, 218, 222, 248, 256, 281, 282, 291, 297, 313, 324, 366, 371, 469a, 486, 508, 544, 550
- Busca 47, 52, 56, 88, 99g, 156, 168, 234, 266, 278a, 291, 344, 371, 385, 442, 443
- Caminho 1, 6, 7, 9, 13, 19, 20, 21, 22, 23, 29, 44, 101, 118, 119, 136, 137, 143, 149, 169, 176, 177, 180, 196, 203, 216, 220, 226c, 227, 228, 234, 239, 242, 246, 248, 249, 259, 262, 270, 273, 275, 276, 278, 280b, 280d, 281, 300, 302, 315, 316, 321, 328, 336, 344, 350, 351, 353, 354, 358, 369, 371, 396, 400, 405, 406d, 409, 413, 470, 517j, 525, 534, 535, 537, 544, 553, 554
- Caribe 1, 8, 13, 18, 20, 25, 33, 48, 56, 64, 78, 82, 98, 100a, 105, 114, 128, 142, 157, 170, 178, 213, 220, 221, 247, 276, 297, 315, 328, 344, 345, 361, 363, 364, 369, 376, 381, 406, 408, 411, 423, 443, 453, 454, 461, 471, 473, 476, 490, 499, 524, 537, 541, 545, 547, 548, 550
- Caridade 5, 7, 26, 98, 99f, 100h, 138, 151, 162, 175, 176, 186, 187, 190, 195, 196, 198, 199, 205, 229, 237, 305, 316, 337, 380, 382, 385, 386, 394, 399, 411, 420, 437l, 491, 537, 550
- Carisma/s, 220, 311, 327
- Catequese 99a, 100d, 175, 231, 278c, 286, 290, 294, 295, 297, 298, 299, 300, 303, 338, 385, 446d, 463a, 485, 499, 505
- Celebração 25, 67, 100e, 142, 151, 170, 173, 175, 191, 252, 253, 262, 290, 299, 350, 379, 399, 516
- Celibato 195, 196, 317, 321
- Cidadão 77, 79, 97, 286, 340, 384, 385, 518g
- Cidade 58, 78, 126, 128, 173, 473, 505, 509, 510, 511, 512, 513, 514, 515, 516, 517d, 517i, 517k, 518b, 518e, 518g, 518h, 518i, 518j, 518m, 548
- Ciência 34, 35, 41, 45, 103, 123, 124, 174, 210, 280c, 283, 323, 423, 437j, 465, 466, 479, 480, 494, 495
- Colegialidade 181, 189
- Competência 39, 62, 280c, 281, 463c, 488
- Compromisso 5, 46, 85, 175d, 176, 178, 179, 211, 226b, 226d, 228, 238, 247, 249, 257, 276, 286, 299, 308, 318, 342, 352, 358, 362, 363, 373, 374b, 376, 379, 400, 433, 446d, 457, 461, 491, 501, 526
- Comunhão 1, 3, 13, 99b, 99e, 100b, 100e, 109, 110, 128, 129, 153, 154, 155, 156, 157, 158, 159, 160, 161, 162, 163, 164, 165, 166, 167, 169, 170, 172, 179, 181, 182, 183, 186, 188, 189, 195, 199, 202, 203, 206, 213, 215, 217, 218, 223, 227, 228, 233, 240, 245, 248, 249, 266, 268, 272, 273, 278d, 302, 304, 307, 309, 316, 317, 324, 326, 330, 336, 338, 359, 368, 369
- Comunicação 38, 39, 41, 45, 48, 57, 60, 99f, 100d, 128, 174, 318, 445, 484, 485, 486^a, 486b, 486d, 486e, 486f, 486h, 486i, 487, 488, 489, 495, 497b, 497c, 517i, 528, 530
- Comunidade 59, 65, 90, 95, 97, 99e, 99g, 100e, 100h, 108, 121, 128, 132, 138, 142, 145, 150, 159, 162,

- 164, 170, 171, 172, 175, 175a, 175e, 178, 179, 180, 184, 188, 193, 202, 207, 208, 211, 213, 226d, 228, 252, 253, 256, 266, 269, 272, 275, 276, 278a, 278d, 280d, 281, 289, 291, 303, 305, 309, 310, 311, 312, 313, 316, 334, 335, 336, 338, 342, 343, 365, 368, 370, 371, 372, 374d, 415, 426, 427, 443, 449, 451, 455, 457, 469e, 475, 490, 496, 504, 513, 517e, 517f, 518b, 531, 547, 548, 550
- Comunidade cristã 158, 168, 169, 175, 226b, 272, 273, 282, 314, 338, 362, 368, 369, 379, 401, 517k, 545, 550
- Comunidade de discípulos 201, 203, 278d, 297, 349, 364
- Comunidade eclesial 99c, 99e, 100g, 119, 156, 170, 178, 179, 180, 204, 205, 214, 226b, 227, 236, 275, 286, 289, 292, 307, 338, 368, 370, 374c, 446a, 545
- Conferência Episcopal 181, 183, 200, 232, 298, 306, 401, 412, 430, 431, 469^a, 469e, 551
- Conferência Geral 1, 9, 10, 16, 19, 88, 99e, 100b, 100h, 170, 173, 183, 208, 247, 315, 346, 369, 379, 386, 396, 402, 421, 446a, 477, 486, 505, 508, 517, 526, 547, 548
- Confiança, 8, 31, 98, 269, 363, 488
- Confirmação 153, 175c, 211, 213, 288, 377
- Continente 6, 10, 13, 19, 62, 64, 83, 87, 88, 97, 99a, 99d, 100g, 127, 128, 173, 176, 182, 183, 197, 213, 217, 219, 220, 238, 245, 252, 264, 269, 270, 273, 294, 310, 328, 344, 362, 372, 376, 378, 379, 391, 403, 410, 444, 477, 478, 502, 505, 521, 522, 525, 527, 532, 537, 542, 543, 548, 554
- Continuidade 9, 16, 19, 220, 402, 446a, 541
- Conversão 14, 100h, 175d, 226a, 228, 230, 232, 234, 245, 248, 260, 278b, 278c, 289, 351, 366, 368, 382
- Conversão Pastoral 365, 366, 368, 370
- Crescimento 60, 78, 99e, 100a, 203, 222, 226c, 249, 300, 339, 442, 444, 496
- Crianças 50, 65, 81, 127, 135, 210, 293, 302, 303, 304, 314, 334, 336, 402, 409, 410, 417, 422, 424, 437f, 437l, 438, 439, 447, 457, 467, 468, 469g, 481, 482, 486h, 491, 499, 554
- Criatividade 99c, 100a, 173, 287, 345, 403, 492
- Crise 37, 304, 437h, 444, 479
- Critério 19, 36, 45, 47, 75, 99e, 99f, 123, 210, 279, 281, 331, 387, 412, 421, 474c, 486h, 499
- Cultura 4, 6, 7, 8, 10, 13, 22, 35, 37, 39, 41, 43, 45, 46, 51, 52, 56, 57, 58, 59, 61, 82, 96, 98, 99f, 100d, 121, 156, 174, 177, 185, 192, 194, 199, 210, 258, 262, 263, 280c, 283, 315, 318, 321, 329, 330, 341, 342, 346, 358, 371, 380, 387, 406b, 419, 435, 459, 461, 462, 464, 476, 477, 478, 479, 480, 484, 486a, 486h, 490, 491, 493, 498, 500, 506, 509, 512, 513, 518o, 525, 526, 533, 540, 542, 543, 554
- Deficiência 95, 98
- Democracia 74, 75, 76, 77, 404, 406a, 504, 541
- Desenvolvimento 60, 66, 67, 69, 71, 73, 99f, 126, 222, 226b, 279, 300, 385, 395, 399, 403, 406a, 406c, 412, 456, 457, 463c, 473, 474b, 474c, 475, 491, 507, 510, 519, 533, 542, 549
- Desigualdade/Iniquidade 48, 61, 62, 358, 384, 395, 527, 528, 537
- Despersonalização 110, 512

- Deus-Pai 28, 129, 241
- Diálogo 13, 39, 56, 95, 97, 99g, 100g, 124, 188, 206, 223, 227, 228, 231, 232, 233, 235, 237, 238, 239, 248, 280c, 283,, 284, 324, 344, 341, 342, 344, 345, 363, 368, 377, 384, 413, 437d, 458d, 465, 466, 469a, 495, 497b, 498, 532, 533
- Dignidade 6, 7, 32, 37, 40, 41, 42, 44, 47, 48, 61, 65, 78, 82, 98, 104, 115, 120, 121, 122, 184, 239, 257, 265, 372, 382, 388, 389, 390, 391, 398, 406b, 441d, 422, 451, 453, 467, 468, 479, 480, 525, 534, 536, 537, 546
- Dignidade, humana 43, 85, 103, 104, 105, 112, 217, 341, 342, 380, 387, 389, 391, 422, 436, 446c, 533
- Dinamismo 63, 100a, 151, 251, 280c, 330, 359, 378, 528, 533, 534, 539
- Diocese 164, 168, 169, 182, 190, 195, 200, 281, 282, 306, 313, 314, 346, 365, 371, 412, 430, 435, 446a, 469a, 483, 518b, 551
- Direitos Humanos 64, 74, 79, 80, 81, 82, 98, 429, 467, 541
- Discernimento 19, 42, 99b, 181, 187, 214, 222, 237, 238, 275, 280c, 294, 313, 314, 371, 486h
- Discípulo/missionário 1, 3, 10, 11, 13, 14, 19, 20, 23, 25, 28, 30, 31, 33, 95, 101, 121, 125, 127, 129, 134, 144, 146, 147, 152, 153, 154, 156, 160, 164, 170, 172, 177, 178, 181, 184, 186, 190, 191, 201, 203, 204, 205, 209, 213, 216, 217, 223, 227, 229, 232, 233, 240, 245, 250, 252, 255, 262, 269, 270, 271, 276, 278, 278c, 279, 280d, 283, 284, 301, 302, 307, 311, 314, 315, 316, 318, 320, 338, 349, 362, 364, 368, 374, 376, 377, 382, 384, 386, 393, 400, 409, 412, 415, 426, 432, 443, 449, 460, 463b, 469, 486, 491, 501, 506, 518, 524, 530, 532, 538, 540, 542, 548, 554
- Discípulo 1, 21, 28, 29, 33, 41, 101, 103, 110, 112, 131, 132, 133, 136, 138, 143, 144, 146, 148, 152, 154, 155, 158, 159, 161, 167, 175, 184, 185, 186, 199, 201, 202, 243, 244, 248, 250, 251, 255, 256, 266, 267, 272, 273, 277, 278a, 278d, 278e, 282, 284, 291, 292, 297, 303, 319, 320, 324, 347, 350, 353, 361, 363, 377, 379, 381, 420, 443, 451, 465, 470, 518d, 529, 548, 549
- Discriminação 533
- Diversidade 42, 43, 56, 59, 83, 90, 97, 100f, 100g, 125, 162, 170, 202, 311, 324, 478, 522, 525, 543
- Docilidade 100h, 284, 316
- Eclesial 19, 22, 91, 94, 99c, 99e, 99g, 100a, 100e, 100g, 119, 128, 156, 164, 170, 175c, 178, 179, 180, 183, 200, 204, 205, 214, 226b, 227, 232, 236, 275, 280c, 281, 286, 289, 292, 307, 311, 313, 314, 337, 338, 365, 367, 368, 370, 374c, 378, 394, 400, 411, 437j, 446a, 446b, 454, 458a, 463a, 497a, 518k, 518n, 544, 545, 550
- Ecologia, 83, 125, 126, 472, 474c, 491
- Economia, 35, 41, 48, 60, 63, 65, 66, 67, 69, 70, 71, 76, 83, 97, 98, 174, 210, 283, 406a, 406c, 419, 506
- Ecumenismo 99g, 228, 230, 231, 232, 234
- Educação 35, 39, 65, 76, 98, 114, 117, 118, 170, 174, 178, 210, 298, 303, 321, 328, 329, 330, 331, 332, 334, 335, 337, 338, 339, 340, 341, 346, 421, 422, 437e, 441d, 441f, 445, 446d, 453, 456, 463c, 471, 481, 482, 507, 530, 533
- Educador 300, 339
- Encontro 4, 91, 99g, 168, 183, 226d, 270, 278d, 326, 329, 334, 370, 394, 412, 447, 477, 514, 537, 540
- Encontro com Jesus Cristo 11, 12, 13, 14, 21, 28, 29, 95, 99, 99e, 145, 147, 154, 167, 175a, 181, 226a,

- 240, 241, 242, 243, 246, 248, 249, 250, 251, 257, 258, 259, 263, 270, 273, 278a, 280c, 289, 290, 297, 305, 312, 319, 336, 343, 350, 364, 417, 446c, 500, 548, 549
- Episcopado 1, 3, 9, 19, 88, 369, 526, 544, 547
- Época 34, 37, 44, 76, 173, 397, 451
- Equipe 281, 372, 429
- Escola Católica 335, 336, 337
- Escritura – Bíblia, 27, 94, 262
- Escutar, 79, 103, 158, 279, 308, 348, 366, 397, 454
- Esperança 7, 13, 14, 15, 16, 17, 21, 22, 26, 30, 42, 64, 75, 94, 97, 99c, 99f, 106, 119, 127, 128, 146, 158, 186, 187, 189, 237, 259, 267, 280d, 320, 333, 336, 362, 395, 514, 522, 536, 543, 548, 549, 554
- Espírito Santo 1, 14, 19, 23, 33, 100h, 106, 137, 149, 151, 152, 153, 155, 157, 171, 222, 230, 231, 232, 236, 241, 246, 247, 251, 262, 267, 311, 336, 347, 348, 363, 367, 374, 447, 547, 551
- Espiritualidade 99g, 100b, 100c, 179, 181, 189, 198, 200, 203, 220, 240, 259, 261, 263, 273, 284, 285, 307, 309, 316, 319, 368, 412, 517
- Estado 63, 66, 76, 77, 80, 334, 340, 385, 403, 410, 423, 425, 426, 428, 438, 441c, 481, 539
- Estrutura 11, 92, 95, 100c, 100e, 112, 121, 168, 172, 173, 210, 223, 358, 365, 384, 385, 396, 412, 446, 450, 454, 501, 517h, 518a, 518j, 532, 537, 538, 539, 543, 546
- Eucaristia 7, 25, 99b, 100e, 106, 128, 142, 153, 158, 165, 175, 175a, 176, 177, 180, 191, 199, 228, 251, 252, 253, 255, 262, 286, 288, 292, 305, 316, 354, 363, 446c, 446d
- Evangelho 4, 5, 8, 11, 28, 30, 31, 41, 95, 98, 100h, 101, 103, 106, 133, 139, 143, 144, 173, 178, 186, 194, 210, 217, 243, 249, 265, 266, 269, 275, 331, 333, 335, 356, 358, 360, 370, 382, 390, 391, 398, 400, 413, 435, 438, 465, 466, 474c, 475, 480, 485, 491, 501, 517d, 518g, 520, 530, 550, 552
- Evangelização 1, 5, 9, 13, 16, 25, 26, 93, 99e, 99f, 100c, 100d, 146, 150, 157, 171, 173, 176, 178, 180, 183, 207, 210, 211, 213, 217, 237, 248, 252, 280d, 283, 287, 307, 308, 338, 344, 346, 377, 383, 398, 418, 419, 446b, 476, 477, 488, 492, 500, 513, 526, 530, 543
- Experiência 37, 39, 52, 55, 118, 129, 145, 156, 164, 167, 170, 178, 181, 190, 195, 199, 204, 225, 226a, 226c, 240, 244, 247, 249, 259, 260, 263, 279, 280b, 284, 290, 304, 308, 312, 313, 380, 398, 420, 442, 447, 517f, 525, 529, 547
- Família 39, 40, 44, 49, 57, 60, 65, 93, 100d, 103, 114, 115, 118, 119, 121, 126, 127, 156, 174, 204, 207, 210, 252, 259, 260, 267, 268, 285, 286, 302, 303, 305, 314, 328, 329, 337, 338, 340, 426, 429, 431, 432, 433, 434, 435, 436, 437, 437d, 437e, 437f, 437l, 438, 444, 446a, 448, 449, 453, 456, 458d, 459, 462, 463a, 463b, 463e, 466, 468, 469a, 469h, 479, 489, 525
- Fé 2, 4, 7, 10, 12, 13, 16, 18, 19, 21, 25, 26, 29, 32, 39, 55, 92, 95, 98, 99b, 100d, 101, 103, 104, 105, 114, 118, 134, 151, 156, 157, 158, 159, 160, 164, 170, 178, 184, 186, 187, 189, 204, 210, 226c, 229, 234, 235, 237, 242, 243, 246, 251, 252, 256, 257, 258, 259, 262, 264, 265, 266, 269, 270, 273, 275, 280b, 280c, 287, 288, 289, 293, 294, 297, 298, 300, 302, 303, 304, 305, 308, 313, 323, 331, 336, 338, 341, 342, 345, 349, 359, 365, 372, 377, 379, 380, 383, 392, 393, 394, 395, 398, 415, 436, 437c, 440, 441f, 442, 446d, 453, 455, 456, 461, 463c, 465, 466, 477, 478, 479,

- 480, 483, 485, 494, 495, 496, 497b, 498, 505, 514, 518d, 525, 526, 529, 531, 533, 549, 550, 554
- Fé católica 12, 187, 258, 359, 531, 554
- Fé, cristã 13, 95, 99b, 264, 372, 377, 480, 525, 533
- Felicidade 6, 45, 50, 69, 246, 328, 350, 354, 355, 380, 443, 468, 549
- Fidelidade 9, 11, 139, 181, 191, 257, 342, 367, 372, 390, 469e, 501
- Filho 1, 19, 22, 25, 28, 29, 30, 100h, 101, 102, 103, 106, 107, 130, 132, 134, 143, 155, 157, 176, 241, 242, 249, 261, 267, 269, 315, 321, 336, 347, 348, 349, 373
- Filosofia 323
- Formação 69, 77, 96, 99a, 99c, 99f, 100e, 118, 174, 191, 194, 200, 202, 205, 207, 212, 214, 222, 226c, 231, 238, 276, 278, 278e, 279, 280, 280a, 281, 282, 283, 284, 295, 296, 299, 301, 303, 305, 306, 308, 310, 313, 314, 316, 318, 319, 320, 321, 322, 323, 325, 326, 327, 329, 335, 337, 338, 341, 342, 344, 345, 371, 413, 428, 437g, 437i, 441a, 456, 469f, 469h, 475, 481, 483, 486b, 486f, 489, 492, 497a, 499, 505, 508, 517h, 518d, 518g, 518k, 518o
- Formação centros de 327, 335, 345
- Fraternidade, 32, 181, 183, 187, 200, 228, 272, 308, 433, 468, 514, 520, 525
- Gênero 40, 60, 155, 523
- Globalização 34, 43, 60, 61, 62, 64, 65, 67, 82, 90, 185, 402, 406, 444, 465, 484, 523
- Governo 68, 404, 406b, 408, 414, 421, 423, 437d
- Grupo 43, 59, 75, 78, 81, 88, 97, 99f, 100f, 100g, 172, 179, 180, 185, 214, 225, 232, 280d, 325, 372, 401, 402, 471, 498, 513, 526, 531
- Habilidades 328
- Hedonismo 99g
- Humildade 36, 324, 363
- Identidade 8, 13, 40, 49, 58, 88, 90, 91, 92, 96, 97, 100c, 110, 144, 191, 192, 193, 214, 238, 251, 279, 286, 291, 297, 312, 318, 319, 337, 345, 373, 442, 444, 451, 457, 459, 463d, 479, 520, 528, 530, 533, 544, 549, 554
- Identidade cristã 144, 214, 286, 291
- Identidade eclesial 337, 544
- Idolatria 78, 109
- Impulso 16, 208, 251, 252, 284, 285, 337, 347, 374b, 446a, 548
- Inculturação/Inculturar, 4, 94, 99b, 479, 491
- Indígenas 4, 56, 65, 75, 88, 89, 90, 91, 92, 94, 95, 96, 99b, 128, 325, 402, 454, 472, 473, 529, 530, 531, 554
- Individualismo 44, 51, 110, 148, 479, 514
- Injustiça, 26, 121, 185, 522
- Inserção, 19, 96, 192, 206, 326, 359, 407, 427
- Inspiração 247, 269, 486i
- Integração Latino-Americana 521
- Intelectual 67, 83, 194, 248, 280, 280c, 318, 319, 323
- Interdisciplinar 465
- Interpretação 248
- Itinerário 31, 100c, 214, 240, 255, 277, 280d, 281, 290, 298, 322, 437c
- Jesus Cristo / Cristo 1, 4, 6, 7, 8, 10, 11, 12, 13, 14, 15, 16, 17, 18, 19, 20, 21, 22, 23, 25, 26, 27, 28, 29, 30, 32, 33, 35, 41, 43, 95, 98, 99, 99b, 99e, 99f, 101, 103, 104, 107, 110, 115, 117, 119, 126, 127, 128, 129, 131, 132, 134, 136, 138, 139,

- 140, 141, 143, 145, 146, 151, 152, 153, 155, 156, 158, 159, 160, 161, 162, 167, 168, 170, 171, 172, 173, 175, 175a, 175b, 176, 177, 180, 181, 184, 185, 186, 187, 189, 193, 196, 201, 207, 209, 211, 213, 216, 220, 222, 224, 226a, 227, 228, 229, 232, 236, 237, 238, 240, 242, 243, 244, 246, 247, 248, 249, 250, 251, 254, 255, 256, 257, 258, 259, 265, 266, 267, 270, 271, 273, 275, 276, 277, 278a, 278b, 278d, 278e, 279, 280b, 280c, 280d, 281, 287, 288, 289, 290, 291, 292, 297, 298, 299, 300, 303, 304, 305, 307, 312, 314, 316, 318, 319, 321, 332, 333, 335, 336, 337, 341, 343, 347, 348, 349, 350, 351, 352, 354, 355, 356, 357, 358, 359, 361, 362, 368, 371, 374, 374d, 376, 377, 380, 381, 382, 384, 386, 392, 393, 394, 398, 399, 417, 419, 432, 433, 443, 446c, 446d, 450, 459, 460, 461, 477, 479, 480, 486e, 491, 500, 501, 506, 515, 516, 518, 523, 529, 535, 540, 542, 543, 547, 548, 552, 549, 554
- Jovens 50, 65, 77, 85, 100d, 127, 194, 303, 304, 314, 315, 318, 325, 326, 328, 334, 335, 336, 338, 406b, 410, 422, 424, 442, 443, 444, 445, 446a, 446b, 446c, 446d, 446e, 446f, 446h, 463c, 468, 481, 486h, 554
- Latino-americano, povo 13, 88, 114, 224, 258, 302, 359, 432, 520, 544
- Latino-americano 1, 3, 9, 14, 19, 88, 99a, 100f, 100h, 127, 245, 252, 270, 275, 369, 391, 406d, 416, 479, 507, 525, 526, 544, 547
- Leigos 99c, 99d, 99f, 100c, 174, 195, 199, 202, 209, 211, 212, 213, 215, 232, 248, 280d, 281, 282, 283, 306, 307, 313, 324, 345, 346, 366, 371, 400, 403, 406, 413, 419, 458b, 469b, 469h, 475, 505, 508, 517h, 518f, 518k, 550
- Liberdade 27, 32, 42, 44, 51, 53, 69, 80, 111, 120, 136, 141, 219, 239, 280a, 322, 330, 334, 335, 336, 339, 340, 351, 360, 429, 462, 479, 514, 541
- Libertação 26, 146, 359, 385, 399, 491
- Linguagem 7, 35, 45, 55, 100d, 183, 341, 480, 484, 510, 512, 517d, 518, 528
- Maria 1, 141, 261, 262, 265, 266, 267, 268, 269, 270, 271, 272, 274, 280b, 320, 364, 451, 524, 553, 554
- Matrimônio 40, 117, 175g, 205, 432, 433, 437c, 437d, 446, 463a, 469f
- Maturidade 175c, 175g, 196, 249, 278, 280d, 292, 317, 318, 321, 547
- Mentalidade 96, 100c, 213, 336, 412, 453, 463e, 510
- Mercado 45, 50, 60, 61, 63, 65, 82, 219, 328, 539
- Mestre 103, 110, 112, 131, 136, 138, 152, 161, 177, 186, 187, 245, 249, 255, 274, 276, 277, 278c, 280b, 282, 332, 336, 363, 364, 368, 372
- Método 19, 99e, 100c, 244, 276, 296, 371, 465, 469f, 513, 547
- Metodologia 307, 446g
- Migrantes 56, 59, 65, 88, 100e, 207, 377, 402, 411, 412, 414, 415, 416
- Ministério 94, 99c, 100e, 143, 150, 151, 154, 162, 169, 170, 175f, 179, 184, 188, 191, 192, 193, 194, 195, 198, 200, 202, 207, 211, 282, 316, 318, 322, 325, 457, 458b, 513
- Missão 11, 13, 19, 30, 31, 99d, 131, 139, 144, 145, 146, 148, 151, 153, 154, 158, 163, 164, 169, 176, 188, 191, 195, 202, 203, 208, 209, 210, 212, 213, 214, 216, 218, 223, 233, 237, 267, 269, 270, 272, 273, 278c, 278e, 279, 280d, 281, 284, 286, 287, 289, 302, 317, 331, 338, 341, 346, 347, 348, 360, 361, 362, 363, 367, 373, 374, 375, 376, 379, 380, 381, 386, 389, 390, 401, 418, 432, 440, 441a, 441f, 444, 450, 456, 460, 463d, 481, 486i, 491,

- 518n, 532, 533, 545, 548, 550, 551, 554
- Missão Continental 551
- Missionário 1, 3, 4, 10, 11, 13, 14, 19, 20, 23, 25, 28, 30, 31, 33, 41, 95, 99c, 99d, 99f, 100e, 101, 103, 121, 125, 127, 129, 134, 140, 144, 147, 150, 152, 153, 154, 156, 160, 167, 169, 170, 172, 174, 177, 178, 179, 181, 184, 186, 190, 191, 199, 201, 203, 204, 205, 208, 209, 213, 214, 216, 217, 223, 226d, 227, 229, 232, 240, 245, 247, 250, 251, 252, 253, 255, 262, 264, 269, 270, 271, 275, 276, 278, 278c, 279, 280d, 283, 284, 285, 291, 292, 301, 302, 307, 311, 314, 315, 316, 318, 320, 327, 337, 338, 347, 349, 362, 364, 368, 370, 372, 374, 376, 377, 378, 379, 382, 384, 386, 393, 400, 409, 412, 415, 426, 432, 443, 446d, 449, 460, 463b, 469, 486, 491, 493, 501, 506, 518, 524, 530, 532, 538, 540, 542, 548, 550, 551, 554,
- Mistério pascal 17, 27, 99b, 143, 250, 251, 253, 549
- Modelo 59, 155, 191, 268, 331, 369, 434, 438, 436d, 473, 474c, 475, 480, 524
- Morte 6, 13, 17, 21, 29, 31, 44, 81, 95, 98, 102, 106, 109, 112, 117, 129, 143, 144, 175e, 185, 242, 276, 326, 350, 351, 356, 358, 388, 418, 419, 464, 469c, 473, 480, 515, 523, 548
- Movimento 53, 97, 99c, 99e, 100e, 128, 169, 170, 179, 180, 214, 215, 230, 231, 278d, 281, 311, 312, 313, 365, 406c, 437a, 446a, 446b, 463a, 513, 518b
- Mudança de época 44
- Mulher 6, 11, 14, 27, 29, 32, 48, 49, 65, 75, 97, 105, 116, 117, 120, 122, 128, 135, 147, 151, 159, 171, 194, 241, 242, 266, 275, 335, 353, 361, 374b, 382, 387, 388, 402, 406b, 406e, 422, 433, 451, 452, 453, 454, 455, 456, 457, 458a, 458b, 458d, 459, 460, 468, 469g, 470, 491, 494, 503, 537, 538
- Mundo 16, 18, 22, 27, 28, 29, 30, 31, 34, 37, 38, 44, 50, 51, 66, 87, 88, 99f, 100d, 101, 104, 109, 110, 111, 126, 145, 146, 148, 159, 162, 173, 174, 175, 185, 188, 209, 210, 215, 216, 220, 221, 227, 231, 236, 256, 265, 266, 269, 278c, 278e, 279, 280a, 280d, 282, 283, 285, 286, 290, 306, 312, 316, 330, 341, 348, 357, 362, 371, 373, 376, 390, 419, 438, 443, 446f, 446g, 463d, 469e, 471, 479, 480, 484, 487, 491, 492, 510, 511, 517j, 521, 522, 523, 549, 552, 441a, 441b, 441d, 441f, 441g, 442
- Núcleo 39, 393
- Objetivo 61, 338, 371, 413, 480, 499, 518b,
- Olhar 30, 32, 33, 96, 136, 192, 259, 261, 364, 388, 402, 490
- Opção 100b, 128, 146, 179, 196, 257, 276, 322, 337, 391, 392, 393, 395, 396, 397, 398, 399, 409, 417, 437l, 446a, 446c, 446e, 491, 501
- Opção pelos pobres 128, 397, 398, 399
- Originalidade 8, 111, 264, 313
- Pai 6, 7, 14, 17, 19, 21, 23, 28, 32, 100b, 101, 102, 103, 107, 108, 113, 126, 129, 131, 132, 133, 134, 137, 139, 143, 144, 147, 149, 151, 152, 155, 158, 177, 187, 193, 216, 220, 227, 241, 248, 249, 255, 258, 266, 267, 336, 347, 348, 350, 351, 356, 358, 361, 373, 382, 383, 395, 470, 478, 523, 532, 246, 550, 554
- Palavra 19, 21, 25, 27, 41, 102, 131, 133, 142, 146, 151, 152, 165, 167, 172, 175, 205, 211, 235, 242, 247, 248, 249, 253, 255, 266, 271, 279, 280c, 292, 319, 323, 348, 350, 354, 377, 382, 386, 399, 420, 516, 517g, 518l, 554

- Palavra de Deus 99a, 121, 158, 178, 179, 180, 189, 191, 199, 226c, 232, 247, 248, 271, 289, 298, 300, 308, 309, 316, 323, 331, 437n, 448, 485, 517h
- Paróquia 99e, 128, 169, 170, 172, 173, 174, 175, 175a, 176, 179, 182, 197, 201, 202, 203, 204, 206, 278d, 293, 294, 296, 302, 304, 305, 306, 309, 314, 365, 372, 437f, 446a, 483, 490, 513, 517e, 517k, 518b, 518c
- Pastoral 19, 95, 99a, 99c, 99d, 99e, 99f, 175f, 177, 179, 181, 183, 185, 194, 195, 196, 197, 198, 199, 200, 207, 211, 212, 214, 225, 231, 232, 238, 248, 252, 253, 280, 280d, 291, 296, 313, 314, 319, 334, 337, 338, 344, 345, 365, 366, 367, 368, 370, 371, 393, 394, 399, 403, 411, 412, 413, 414, 418, 419, 421, 429, 430, 431, 437f, , 437j, 437n, 442, 458a, 461, 462, 474b, 475, 484, 493, 501, 517i, 517k, 518, 518a, 518b, 518i, 518n, 518o, 519, 533, 547
- Pastoral da Infância, 99e
- Pastoral da Juventude 99e, 463c, 446a, 446d
- Pastoral Educativa 337
- Pastoral Familiar 99e, 302, 435, 437, 437i, 463a
- Pastoral Orgânica 99g, 169, 198, 371, 401
- Pastoral Social 99f, 281, 399, 401, 402
- Pastoral Universitária 343
- Pastoral Urbana 509, 513, 517
- Pastoral Vocacional 314
- Pecado 5, 6, 8, 27, 29, 92, 95, 102, 104, 175d, 177, 227, 254, 278b, 351, 479, 523, 532
- Pedagogia 4, 272, 280d, 322, 446b, 469f
- Pentecostes 91, 150, 171, 269, 362, 548
- Peregrino 109, 127, 259, 260
- Pessoa 29, 36, 42, 44, 52, 118, 126, 131, 136, 145, 172, 277, 278c, 278e, 280b, 322, 331, 337, 339, 359, 380, 399, 496, 517i, 539, 550
- Pessoa de Jesus Cristo 23, 136, 243, 244, 292
- Pessoa humana 6, 42, 60, 66, 104, 105, 112, 123, 217, 334, 335, 340, 341, 387, 389, 390, 468, 480
- Plano 137, 365, 400, 443, 446c, 456, 457, 497, 517b
- Pluralidade 340, 372, 520
- Pluralismo cultural e religioso 100d, 100g, 479
- Pobreza 62, 72, 73, 89, 90, 99c, 176, 185, 219, 379, 392, 405, 409, 439, 444, 501, 503, 514, 517g, 528, 540, 550
- Política 36, 48, 51, 63, 75, 76, 77, 78, 96, 212, 403, 408, 410, 411, 414, 422, 430, 437d, 446e, 449, 458d, 486i, 504, 463e, 474d, 511, 517b, 528, 537
- Povo 2, 4, 6, 8, 9, 13, 16, 21, 33, 43, 56, 74, 77, 83, 85, 88, 90, 92, 93, 95, 96, 98, 99b, 114, 125, 128, 129, 143, 155, 159, 164, 178, 189, 198, 209, 224, 235, 238, 239, 247, 258, 262, 264, 271, 298, 302, 311, 325, 353, 364, 375, 380, 382, 389, 391, 406, 432, 447, 448, 473, 476, 477, 478, 482, 491, 504, 515, 520, 524, 525, 528, 529, 530, 532, 534, 538, 542, 544, 548, 549, 550
- Povo de Deus 7, 10, 127, 155, 157, 163, 165, 181, 182, 186, 187, 188, 190, 199, 206, 209, 252, 259, 282, 312, 314, 320, 375, 491, 550
- Povos nossos 1, 3, 7, 10, 13, 14, 18, 19, 22, 25, 26, 30, 32, 35, 88, 99c, 99d, 99g, 106, 127, 128, 140, 162, 176, 250, 256, 262, 264, 265, 269, 274, 329, 346, 347, 348, 350, 359, 361, 381, 384, 386, 389, 396, 401, 402,

- 403, 435, 436, 443, 474a, 476, 520, 521, 524, 526, 535, 536, 543, 549
- Presbitério 165, 198, 326
- Presença 21, 65, 75, 88, 99c, 99e, 100d, 119, 151, 215, 217, 237, 244, 257, 269, 272, 279, 280c, 281, 312, 343, 374, 383, 405, 438, 458b, 474b, 491, 504, 517k, 518i, 518j, 524, 549
- Processo 45, 61, 69, 73, 74, 94, 96, 204, 245, 249, 276, 278, 278a, 279, 281, 288, 289, 293, 294, 298, 300, 314, 319, 334, 337, 338, 356, 365, 399, 427, 429, 430, 441c, 446c, 446d, 473, 484, 518d, 523, 528, 539, 541
- Processo de formação 276, 278, 279, 280, 280a, 308, 310, 318, 319, 321, 322, 326, 338, 518g
- Profeta 30, 209, 471
- Programa 11, 46, 145, 207, 252, 370, 372, 427, 437g, 458d, 469d, 469f
- Projeto 66, 90, 122, 141, 145, 153, 169, 170, 179, 202, 213, 266, 280d, 281, 314, 318, 319, 326, 332, 335, 337, 340, 356, 361, 371, 407, 431, 437b, 457, 505, 515, 518b, 533, 534
- Projeto de vida 129, 294, 302, 321
- Projeto do Pai, 266, 358
- Projeto do Reino, 520
- Promoção humana 26, 98, 99d, 146, 338, 346, 399, 401, 429, 550
- Protagonismo 128, 214, 458a
- Proximidade 139, 257, 259, 363, 398, 517i, 518c
- Qualidade 65, 96, 123, 329, 334, 360, 445, 499
- Querigmático 226a
- Reconciliação 7, 98, 142, 162, 175, 175d, 177, 199, 202, 228, 254, 267, 278b, 350, 353, 359, 363, 430, 446c, 518e, 524, 534, 535, 542, 546
- Reino 11, 17, 30, 33, 139, 144, 152, 154, 190, 212, 219, 224, 250, 358, 361, 383, 384, 441a, 516, 518j, 520, 548
- Reino de Deus 19, 29, 95, 121, 184, 196, 223, 276, 278e, 280d, 282, 315, 367, 374a, 380, 382, 417, 438, 518i, 552
- Reino de vida 24, 143, 353, 358, 361, 366
- Relação 44, 58, 104, 131, 132, 193, 227, 235, 255, 331, 358, 385, 452, 476, 518i, 544
- Religiosidade Popular 37, 43, 93, 99b, 258, 300, 549
- Renovação 9, 99a, 99b, 99e, 100b, 100h, 172, 173, 201, 294, 337, 365, 367, 369, 443, 513
- Respeito 44, 64, 74, 89, 96, 233, 238, 258, 441a, 448, 469c, 469e, 472, 473, 479, 546
- Rosto 22, 32, 35, 65, 100h, 107, 188, 224, 257, 265, 271, 392, 393, 402, 407, 445, 529
- Sacramento 19, 25, 117, 142, 155, 175f, 177, 187, 195, 199, 202, 237, 251, 254, 278b, 350, 396, 420, 433, 437c, 518e, 523, 424, 535, 542
- Sagrado 93, 108, 112, 195, 388, 398, 482
- Salvação 19, 129, 134, 137, 143, 146, 151, 158, 172, 236, 237, 266, 267, 273, 331, 437j, 477, 480
- Santidade 5, 99c, 129, 148, 163, 184, 187, 220, 230, 262, 275, 315, 316, 352, 368, 374d, 505
- Santo 1, 3, 7, 9, 14, 17, 19, 23, 33, 98, 100h, 106, 127, 130, 137, 149, 151, 152, 153, 155, 157, 160, 171, 222, 230, 231, 232, 236, 241, 246, 260, 251, 259, 262, 267, 273, 290,

- 311, 336, 347, 348, 363, 367, 374, 395, 447, 547, 551
- Santuário 3, 259, 260, 264, 265, 268, 269, 537
- Seguimento 41, 129, 139, 147, 167, 179, 216, 232, 250, 266, 270, 276, 277, 278c, 282, 287, 289, 291, 305, 371, 446c, 450, 506, 532, 543, 549
- Seminário 99c, 183, 314, 316, 317, 318, 319, 322, 323, 326, 413, 469c, 475
- Ser humano 13, 27, 36, 37, 44, 98, 105, 108, 112, 116, 141, 176, 330, 332, 333, 356, 384, 387, 388, 390, 446c, 464, 467, 469c, 470, 480, 503, 514
- Serviço 9, 13, 14, 24, 32, 33, 45, 60, 63, 66, 68, 69, 75, 82, 95, 98, 99c, 99d, 100c, 106, 111, 119, 120, 128, 151, 158, 162, 169, 170, 175f, 178, 179, 181, 183, 184, 188, 190, 193, 201, 202, 205, 206, 216, 220, 223, 224, 240, 262, 272, 278e, 279, 280b, 280c, 280d, 281, 282, 284, 285, 289, 296, 299, 303, 313, 315, 316, 322, 324, 336, 338, 341, 344, 345, 346, 347, 353, 358, 366, 372, 387, 394, 399, 406c, 412, 440, 446b, 450, 457, 463f, 473, 485, 490, 504, 516, 517g, 518c, 518e, 518m, 518n, 520, 530, 537, 544, 545, 553
- Sexualidade 44, 196, 321, 328, 356, 437e, 441d
- Sinal 4, 14, 125, 155, 161, 162, 176, 179, 196, 214, 255, 261, 290, 316, 356, 374, 380, 433, 438, 536
- Sinal dos tempos, 33, 99g, 366
- Sociedade civil 75, 372, 406a, 414, 426
- Solidariedade 7, 26, 39, 57, 64, 65, 93, 99g, 100e, 103, 126, 167, 199, 245, 248, 337, 363, 372, 394, 396, 398, 400, 404, 406e, 437m, 441d, 469g, 474c, 480, 514, 517c, 522, 525, 528, 534, 544, 545, 550
- Subjetividade 44, 479
- Tarefa 7, 10, 14, 100c, 104, 120, 144, 146, 171, 189, 195, 197, 200, 236, 276, 285, 287, 293, 297, 304, 337, 381, 384, 385, 386, 403, 414, 464, 483, 492, 500, 507, 546, 552
- Técnica 45, 479, 487
- Tecnologia 34, 42, 60, 62, 123
- Teologia 124, 323, 344, 437j, 490
- Testemunho 16, 55, 98, 99c, 99f, 105, 138, 140, 144, 172, 187, 189, 207, 208, 210, 211, 212, 219, 221, 224, 226, 228, 233, 236, 237, 239, 249, 256, 257, 262, 273, 274, 275, 278a, 281, 290, 303, 315, 317, 341, 352, 362, 363, 368, 371, 374d, 378, 385, 386, 449, 451, 460, 483, 496, 532548, 554
- Trabalho 19, 48, 62, 65, 71, 93, 98, 99c, 103, 120, 121, 122, 174, 185, 210, 284, 371, 402, 404, 407, 414, 426, 437j, 446f, 450, 475, 492, 517, 518m, 539
- Transcendência 52, 57, 126, 260, 263, 339, 481
- Transformação 44, 90, 151, 210, 283, 336, 351, 394, 397, 486c
- Trindade 117, 141, 155, 157, 240, 304, 347, 451, 543
- Unidade 8, 36, 37, 60, 155, 159, 162, 176, 188, 189, 202, 206, 227, 230, 231, 232, 234, 240, 279, 282, 288, 303, 313, 324, 335, 336, 362, 520, 523, 524, 525, 527, 528, 544, 554
- Universidade 343, 346
- Universidade Católica 341, 342, 463d, 469d, 498
- Urbano 60, 173, 474b, 511, 514, 517, 517j, 518
- Valor 22, 43, 51, 52, 57, 58, 61, 66, 74, 91, 92, 93, 95, 96, 99g, 106, 108, 109, 114, 123, 204, 212, 215, 219, 221, 224, 262, 279, 302, 321, 328, 329, 330, 331, 332, 334, 335, 339, 340, 341, 358, 371, 374, 385, 387, 388, 398, 404, 422, 423, 428, 435,

- 444, 451, 463c, 468, 479, 482, 486c, 486h, 491, 497, 506, 518i, 518j, 530, 532, 537, 552,
- Verdade 1, 2, 5, 6, 13, 19, 22, 42, 61, 100h, 101, 108, 116, 123, 129, 136, 137, 152, 186, 220, 229, 242, 246, 249, 276, 280c, 336, 350, 380, 390, 428, 477, 480, 494, 496, 507, 508, 535, 542, 548, 550, 554
- Vida consagrada/contemplativa 99c, 100b, 100e, 169, 216, 218, 219, 220, 221, 222, 224, 232, 278d, 314, 315, 446c, 518b
- Vida cristã 100b, 110, 158, 168, 175, 175a, 204, 263, 278c, 278d, 280d, 286, 289, 293, 294, 312, 314, 348, 394, 505, 517g, 535
- Vida digna 35, 71, 112, 125, 358, 359, 361, 363, 425, 467
- Vida em Cristo, 13, 128, 175, 229, 250, 281, 348, 349, 355, 356, 357, 359, 361, 362, 399
- Vida nova 11, 220, 250, 281, 332, 348, 349, 350, 351, 356, 357, 399, 536
- Vida social 35, 78, 212, 453, 480, 501, 480, 501
- Vida Trinitária 347, 348
- Vida, estilo de 7, 51, 58, 66, 100h, 131, 139, 196, 272, 273, 280d, 387, 461, 474a, 540
- Vida, sentido da 38, 52, 143, 291, 314, 380, 443
- Violência, 8, 29, 48, 65, 73, 78, 95, 185, 197, 207, 239, 328, 402, 409, 410, 411, 414, 427, 439, 443, 446f, 454, 461, 468, 514, 542, 543
- Vocação 6, 14, 19, 31, 32, 36, 39, 41, 42, 43, 107, 111, 129, 144, 156, 164, 167, 181, 185, 186, 250, 251, 264, 276, 278e, 282, 285, 303, 315, 317, 319, 321, 443, 449, 457, 460, 463a, 480, 502, 505, 508, 523, 534
- Vulnerabilidade 83, 438, 458c

ÍNDICE GERAL

| | |
|----|---|
| 5 | SIGLAS |
| 7 | Carta de SS. Bento XVI |
| 9 | INTRODUÇÃO |
| 19 | PRIMEIRA PARTE |
| | A VIDA DE NOSSOS POVOS HOJE |
| 21 | I. Os discípulos missionários |
| 22 | 1.1. Ação de graças a Deus |
| 24 | 1.2. A alegria de ser discípulos e missionários de Jesus Cristo |
| 24 | 1.3. A missão da Igreja é evangelizar |
| 27 | II. Olhar dos discípulos missionários sobre a realidade |
| 27 | 2.1 A realidade que nos desafia como discípulos e missionários |
| 31 | 2.1.1 Situação sócio-cultural |
| 37 | 2.1.2 Situação econômica |
| 43 | 2.1.3 Dimensão sócio-política |
| 46 | 2.1.4 Biodiversidade, ecologia, Amazônia e Antártida |
| 48 | 2.1.5 Presença dos povos indígenas e afro-americanos na Igreja |
| 51 | 2.2 Situação de nossa Igreja nesta hora histórica de desafios |
| 59 | SEGUNDA PARTE |
| | A VIDA DE JESUS CRISTO |
| | NOS DISCÍPULOS MISSIONÁRIOS |
| 61 | III. A alegria de sermos discípulos missionários para anunciar o evangelho de Jesus Cristo |
| 62 | 3.1. A boa nova da dignidade humana |
| 63 | 3.2 A boa nova da vida |
| 65 | 3.3 A boa nova da família |
| 66 | 3.4 A boa nova da atividade humana |
| 66 | 3.4.1 O trabalho |
| 67 | 3.4.2 A ciência e a tecnologia |

- 68 3.5. A boa nova do destino universal dos bens e da ecologia
 69 3.6. O Continente da esperança e do amor

71 **IV. A vocação dos discípulos missionários à santidade**

- 71 4.1 Chamados ao seguimento de Jesus Cristo
 73 4.2 Parecidos com o Mestre
 75 4.3 Enviados a anunciar o Evangelho do Reino da vida
 77 4.4 Animados pelo Espírito Santo

81 **V. A comunhão dos discípulos missionários na Igreja**

- 81 5.1 Chamados a viver em comunhão
 84 5.2 Lugares eclesiais para a comunhão
 84 5.2.1 A diocese, lugar privilegiado da comunhão
 86 5.2.2 A paróquia, comunidade de comunidades
 90 5.2.3 Comunidades Eclesiais de Base e Pequenas Comunidades
 92 5.2.4 As Conferências Episcopais
 e a comunhão entre as Igrejas
 93 5.3. Discípulos missionários com vocações específicas
 94 5.3.1 Os bispos, discípulos missionários
 de Jesus Sumo Sacerdote
 95 5.3.2 Os presbíteros, discípulos missionários
 de Jesus Bom Pastor
 95 5.3.2.1 Identidade e missão dos presbíteros
 99 5.3.2.2 Os párocos, animadores de uma comunidade
 de discípulos missionários
 100 5.3.3 Os diáconos permanentes, discípulos de Jesus Servidor
 101 5.3.4 Os fiéis leigos e leigas, discípulos e missionários de Jesus
 Luz do Mundo
 104 5.3.5 Os consagrados e consagradas,
 discípulos missionários de Jesus Testemunha do Pai
 106 5.4 Os que deixaram a Igreja para se unir a outros grupos religiosos
 108 5.5 Diálogo ecumênico e interreligioso
 108 5.5.1 Diálogo ecumênico para que o mundo creia
 108 5.5.2 Relação com o judaísmo e diálogo interreligioso

113 **VI. O caminho de formação dos discípulos missionários**

- 113 6.1 Uma espiritualidade trinitária do encontro com Jesus Cristo
 114 6.1.1 O encontro com Jesus Cristo
 115 6.1.2 Lugares de encontro com Jesus Cristo
 120 6.1.3 A piedade popular como lugar de encontro
 com Jesus Cristo
 123 6.1.4 Maria, discípula e missionária
 127 6.1.5 Os apóstolos e os santos

- 128 6.2. O processo de formação dos discípulos missionários
128 6.2.1 Aspectos do processo
130 6.2.2 Critérios gerais
130 6.2.2.1 Uma formação integral,
querigmática e permanente
131 6.2.2.2 Uma formação atenta a dimensões diversas
132 6.2.2.3 Uma formação respeitosa dos processos
133 6.2.2.4 Uma formação que contempla
o acompanhamento dos discípulos
133 6.2.2.5 Uma formação na espiritualidade
da ação missionária
- 134 6.3 Iniciação à vida cristã e catequese permanente
134 6.3.1 Iniciação à vida cristã
135 6.3.2 Proposta para a iniciação cristã
137 6.3.3 Catequese permanente
- 139 6.4 Lugares de formação para os discípulos missionários
139 6.4.1 A Família, primeira escola da fé
140 6.4.2 As Paróquias
141 6.4.3 Pequenas comunidades eclesiais
142 6.4.4 Os movimentos eclesiais e novas comunidades
143 6.4.5 Os Seminários e Casas de formação religiosa
149 6.4.6 A Educação Católica
150 6.4.6.1 Os centros educativos católicos
155 6.4.6.2 As universidades e centros superiores
de educação católica

159

TERCEIRA PARTE
A VIDA DE JESUS CRISTO
PARA NOSSOS POVOS

- 161 **VII. A missão dos discípulos a serviço da vida plena**
161 7.1 Viver e comunicar a vida nova em Cristo a nossos povos
163 7.1.1 Jesus a serviço da vida
163 7.1.2 Várias dimensões da vida em Cristo
165 7.1.3 A serviço da vida plena para todos
166 7.1.4 Uma missão para comunicar vida
168 7.2 Conversão pastoral e renovação missionária das comunidades
170 7.3. Nosso compromisso com a missão *ad gentes*
- 173 **VIII. Reino de Deus e promoção da dignidade humana**
173 8.1 Reino de Deus, justiça social e caridade cristã
176 8.2 A dignidade humana
177 8.3 A opção preferencial pelos pobres e excluídos
180 8.4 Uma renovada pastoral social para a promoção humana integral

- 183 8.5 Globalização da solidariedade e justiça internacional
- 184 8.6 Rostos sofredores que doem em nós
- 184 8.6.1 Pessoas que vivem na rua nas grandes cidades
- 185 8.6.2 Migrantes
- 187 8.6.3 Enfermos
- 188 8.6.4 Dependentes de drogas
- 190 8.6.5 Detidos em prisões
- 193 **IX. Família, pessoas e vida**
- 193 9.1 O matrimônio e a família
- 196 9.2 As crianças
- 198 9.3 Os adolescentes e jovens
- 201 9.4 O bem-estar dos idosos
- 202 9.5 A dignidade e participação das mulheres
- 205 9.6 A responsabilidade do homem e pai de família
- 207 9.7 A cultura da vida: sua proclamação e sua defesa
- 211 9.8 O cuidado com o meio-ambiente
- 215 **X. Nossos povos e nossa cultura**
- 215 10.1 A cultura e sua evangelização
- 217 10.2 A educação como bem público
- 218 10.3 Pastoral da Comunicação Social
- 221 10.4 Novos areópagos e centros de decisão
- 224 10.5 Discípulos e missionários na vida pública
- 226 10.6 A Pastoral Urbana
- 232 10.7 A serviço da unidade e fraternidade de nossos povos
- 235 10.8 A integração dos indígenas e afro-americanos
- 237 10.9 Caminhos de reconciliação e solidariedade
- 243 **Conclusão**
- 249 **Santa Missa de inauguração da V Conferência Geral
do Episcopado da América Latina e do Caribe,
na praça em frente ao santuário de Aparecida
– Homilia (13 de maio de 2007)**
- 255 **Oração do Santo Rosário e encontro com os sacerdotes,
os religiosos, as religiosas, os seminaristas e os diáconos
na basílica do Santuário de Aparecida
– Discurso (12 maio de 2007)**
- 263 **Oração do Regina Coeli - Saudação (13 de maio de 2007)**
- 267 **Sessão inaugural dos trabalhos da V Conferência Geral
do Episcopado da América Latina e do Caribe,
na sala de conferência do Santuário de Aparecida
– Discurso (13 de maio de 2007)**
- 267 1. A fé cristã na América Latina

| | |
|-----|--|
| 270 | 2. Continuidade com as outras Conferências |
| 271 | 3. Discípulos e missionários |
| 275 | 4. “Para que nele tenham vida” |
| 276 | A Missa Dominical, centro da vida cristã |
| 276 | Os problemas sociais e políticos |
| 279 | 5. Outros campos prioritários |
| 279 | A família |
| 280 | Os sacerdotes |
| 281 | Religiosos, religiosas e consagrados |
| 282 | Os leigos |
| 282 | Os jovens e a pastoral vocacional |
| 283 | 6. “Fica conosco” |
| 284 | Conclusão |
| 285 | Índice analítico |